



OS OSSOS DE
DEUS

LEONARDO GORI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LEONARDO GORI

Os Ossos DE DEUS

Tradução
Marcos Marcionilo

Planeta

2007

SUMÁRIO

Os macacos de Livorno

A cova do Arno

A autópsia

A corda esticada

O mar de ossos

A fuga

A conspiração

A amazona

Interrogatórios

O refúgio dos mortos

O príncipe

Primeiro interlúdio

Inferno no lixão

Morte na água

Vias de fato

A armadilha

Máquinas e luzes

Segundo interlúdio

Fuga pelo Arno

Revelações

Algumas conclusões

O concílio secreto

Os ossos de Deus

Aquele que decide

O adeus

Nota do autor e agradecimentos

A moldura histórica:

A situação florentina e italiana no cenário internacional

OS MACACOS DE LIVORNO

Com um barulho assustador, a besta saltou sobre a mulher que, como todos, fugia do horror inesperado. Era um diabo de pelagem dura, mais alto que um homem, com o focinho terrível arreganhado a mostrar os dentes pontiagudos, mãos negras parecidas com artelhos. A mulher deixou cair o vaso com água e berrou, mas ninguém veio em seu socorro, porque todos já estavam refugiados nas casas e tinham até mesmo trancado as portas. No pequeno porto de Livorno, tudo o que se ouvia era um sinistro bater de tambores, como em um cortejo de um condenado ao patíbulo: eram os soldados procurando afugentar aquelas horríveis bestas, para afastá-las da área urbana ou mandá-las de volta para o mar. Mas eram muitas, uma verdadeira invasão, como embaixadoras do demônio.

A mulher caiu de joelhos, desistiu de tirar o animal de cima de si e cobriu o rosto. O vaso de cobre rolou descida abaixo, com um som quase harmonioso. O macaco enorme rasgou as roupas dela, arranhou sua pele, entre berros selvagens sempre mais agudos, depois afundou as presas em seu pescoço branco.

Ao longe, na estrada, apareceu um soldado, com o rifle no ombro. Hesitou por alguns momentos diante daquele espetáculo atroz. Apontou a arma e acendeu a mecha, que logo ardeu, fazendo o tiro ser disparado. A besta foi arremessada a cinco passos de distância, lançou seus dois últimos berros e depois caiu na poça do próprio sangue. Mas agora era a vida do guarda que estava em perigo: para recarregar a arma, ele precisava de alguns minutos, e a pólvora negra, no chifre de osso pendente do casaco, estava quase no fim. Ouviu os passos frenéticos das bestas e se sentiu perdido. Quando as viu aparecerem na outra extremidade do beco, abandonou o rifle pesado, que seria inútil, e correu com todas as forças.

No cais não havia ninguém; os macacos vagavam pelas ruas e os poucos soldados não conseguiam detê-los. Conseguiram matar apenas uma dezena deles, e muitos de seus companheiros caíram sob as garras daqueles diabos. As bestas escureciam as ruas como uma humanidade

esquecida: não houve quem tentasse contá-las, mas deviam ser milhares. E pareciam tomadas de fúria e de crueldade conscientes, porque cada qual pensava nos próprios pecados e em uma medonha punição de Deus.

Mas os macacos não eram as únicas criaturas a vagar sem destino pelas ruas de Livorno na madrugada cinzenta de um dia de abril do ano do Senhor de 1504. Havia também um homem que corria desesperado, e não era um soldado, nem um habitante de Livorno. Tinha as feições de um estrangeiro e não estava fugindo dos macacos, parecia até estar agindo em conluio com eles, animado pelo mesmo furor cego. De vez em quando, errava o passo, desequilibrado por um grosso códice amarrado por dois pesados pratos de madeira e coberto pela pele de ovelha que levava debaixo do braço. Qualquer um que o tivesse visto de perto teria notado, além do livro, também os estranhos calçados altos com bordas viradas, o casaco amarrado na cintura e um corpete vermelho singular de tecido precioso, talvez cetim. E se alguém tivesse chegado mais perto ainda teria visto os olhos claros e os cabelos amarrados, lisos e longos, na altura do pescoço. Mas o realmente notável era que os macacos enlouquecidos, alguns gigantescos, maiores que um homem, não apenas não o agrediam, como pareciam manter uma distância respeitosa dele.

Aquele estrangeiro estava fugindo de outra coisa qualquer, ou, para melhor dizer, de alguém. Outros homens, travestidos de soldados de Livorno, percorriam a cidade, o cais e a praia próxima, mantendo-se protegidos da fúria dos macacos com habilidade. Três desses homens tinham o rosto e as mãos cobertos e empunhavam armas curtas e eficientes; contudo, tratavam de não usá-las. Mesmo quando passavam perto de uma criança em poder de uma das bestas maiores e negras, que pedia socorro desesperadamente, seguiam em frente, deixando-a morrer. Procuravam apenas a própria presa e a avistaram em uma praça onde alguns macacos corriam em círculos, em volta de um poço, animados por seu furor inesgotável, como se fossem bruxas horrendas em um sabá infernal. O homem de casaco vermelho percebeu os soldados com o rosto coberto e entendeu que estava perdido. Levava consigo apenas um curto punhal, enquanto seus inimigos dispunham de carabinas sofisticadas. E

havia apenas um beco estreito, útil para a fuga, por onde ele enveredou em desespero. Se seu destino estivesse selado, precisava ao menos alcançar a meta e entregar o códice, evitando que os perseguidores o vissem.

Conseguiu se distanciar e, finalmente, avistou a casa com dois diabretes de pedra afixados acima das bem fechadas janelas: era ali que o esperavam e talvez, em nome da caridade cristã, lá o escondessem e salvassem da morte. Bateu com toda força, berrando em uma língua estranha, de som semelhante ao melodioso idioma genovês. Só uma fresta se abriu, e ele distinguiu na sombra o perfil de um velho e, depois, aquela mão que avançava para ele, sinalizando-lhe para entregar o grande códice. O homem entregou o livro sem demora, e aquele gesto selou-lhe a sorte, porque a porta se fechou em um só golpe. Esmurrou-a com os punhos, voltou a gritar por socorro em sua língua incompreensível; tudo em vão. Só então entendeu que sua vida estava mesmo perdida: dirigiu-se para o mar, dali por diante vítima só do instinto, justamente como suas condenadas companheiras de viagem. Os três homens de rosto coberto voltaram a avistá-lo, agora sem seu livro, enquanto corria pela beira do cais. E o seguiram, evitando as feras enfurecidas, sem dar sinal de usar as armas. Alcançaram-no em uma descida que levava ao arsenal. O homem arrancou a jaqueta, tentou arrancar as botas, mas seus inimigos continuavam em seu encalço. Foi quando se jogou no mar e começou a nadar em meio às espumas frias. Um dos soldados lhe apontou a carabina, mas foi detido por um gesto imperioso daquele que parecia o chefe: queriam-no vivo, tinha de lhes dizer para quem trouxera o livro. O terceiro perseguidor já estava nu e lançou-se às águas com o punhal preso aos dentes. O fugitivo começava a sentir o peso das roupas, que o puxavam para o fundo, enquanto o outro encurtava a distância. Lutaram na água desesperadamente. Depois, o perseguidor conseguiu entontecê-lo com um murro, agarrá-lo pelo pescoço e trazê-lo para a margem.

Estenderam-no sobre as pedras brancas do cais. Aparentemente, parara de respirar, e o perseguidor nu inclinou-se sobre ele, justo no instante em que o forasteiro sacou o punhal e o enterrou no ventre do

perseguidor. Foi quando o terceiro soldado acendeu a mecha, e antes que seu chefe pudesse detê-lo, fez um disparo que abriu no casaco do estrangeiro um redemoinho vermelho de sangue. Mas, para sua completa desgraça, o homem não morreu. Os perseguidores, então, submeteram-no aos piores suplícios imagináveis de se praticar com os meios de que dispunham: eram artistas no campo particular da tortura, e antes de render a alma, o homem de casaco vermelho teve a fraqueza de falar.

Os dois de rosto coberto aumentaram com pedras o peso do corpo de seu companheiro e o lançaram na água, tiraram os trajes roubados dos guardas de Livorno e, vestidos com túnicas simples, esconderam-se em um refúgio que já estava preparado havia tempos, levando consigo o corpo do forasteiro. Tinham uma importante missão a concluir naquela noite e tinham de estar muito atentos, porque outros estrangeiros hostis rondavam pela cidade.

Livorno viveu uma noite de terror, mas tudo se aquietara quando veio a aurora. Os macacos tinham sido mortos ou se dispersado pelos campos. Enquanto o sol subia por trás do monte de Pisa, os dois homens mascarados, por fim, descobriram o rosto e saíram tranquilamente dos muros da cidade. Partiram com pressa, por estradas secretas, rumo ao Norte.

A COVA DO ARNO

Duas carroças cobertas avançavam lentamente pela estreita estrada ao longo do rio, rumo à cova do Arno. A pequena caravana era precedida e seguida por duas duplas de soldados da guarda especial montada do Palácio dos Priores. Era uma defesa necessária, porque na primeira carroça viajava o primeiro-secretário da República de Florença, que brotara como flor de liberdade da arrogância de Carlos de França e da submissão de Pedro de Medici, expulso para o exílio havia tempo pela revolta do povo. O primeiro-secretário era um homem muito poderoso, porque dependia exclusivamente do gonfaloneiro^[1] Piero Soderini. Com ele viajavam o cavaleiro Durante Rucellai e a jovem que o acompanhava,

conhecida apenas como Ginevra. Na segunda carroça, seguiam os servos e as bagagens pessoais.

Durante era um homem de 30 anos, alto, loiro e de aspecto muito atraente. Estudara Letras e Medicina em Bolonha e em Nápoles; nos círculos mais influentes de Florença, dizia-se que ambicionava altos cargos da República, talvez até mesmo a posição de gonfaloneiro. Estavam viajando havia quase dez horas, e a belíssima Ginevra, cujos cabelos negros contrastavam com o róseo da pele e os olhos celestes, pediu para dar uma parada. As carroças estacionaram perto de um regato que corria entre duas altas fileiras de ciprestes. Uma jovem criada desceu do segundo veículo. Tendo preparado diante de si uma grande toalha de tecido verde, correu para sua senhora e a ajudou a pisar em terra; depois desceram juntas para a beira do riacho e foram para um canto reservado. Da estrada, só se via um pedacinho do pano, que a criada mantinha bem esticado entre dois arbustos como uma cortina bastante eficaz.

Os homens aproveitaram aquela pausa para caminhar um pouco e esticar as pernas, enquanto o primeiro-secretário, que ficara na carroça, escrevia copiosamente em um pequeno caderno encadernado em couro vermelho. Ele tinha assuntos de Estado urgentes para resolver, e naquele livro escarlate, pequeno e terrível, registrava os nomes dos *palleschi*, como eram chamados pelo povo os partidários dos Médicis que se batiam para restaurar a tirania. Mas seu lápis também se detinha em alguns dos nomes dos chefes dos *chorões*, seguidores do falecido Savonarola; homens de ideais opostos, mas igualmente perigosos, porque sua grande fé em Deus superava as raias do fanatismo. Na época em que o frade dominicano ditava as leis, tinham queimado nas praças imagens profanas e livros mundanos, e o secretário sabia que o teriam até queimado para fazê-lo sofrer a mesma tribulação que seu líder padecera.

A viagem foi retomada logo depois, e já era meio-dia quando avistaram a escavação. Como estavam perto dos limites com Pisa, os soldados engatilharam e puseram os fuzis nos ombros; eram frequentes as incursões dos inimigos, que tinha ânsia de perturbar a titânica obra em curso.

O enorme canteiro de maneira nenhuma revelava sua natureza a quem chegasse a pé ou a cavalo. Olhando-o de perto, dir-se-ia que se tratava apenas de um desmesurado trabalho de arado, como uma lavragem para plantar uma vinha de gigantes. Desde agosto do ano anterior, cinquenta esquadras de vinte homens cada uma trabalhavam no destorroamento, em turnos de quatro horas, de maneira que o trabalho nunca fosse interrompido. Escavava-se também à noite, à luz de grandes tochas a óleo, e duas fileiras de arqueiros e de soldados de infantaria, armados de colubrina e de alabarda, vigiavam de ambos os lados a imensa trincheira. No meio da escavação, sob comando de um mestre de obras, homens selecionados manobravam uma enorme máquina de madeira e ferro. Suas partes metálicas cintilavam sob o sol, como se fossem de prata. Parecia uma enorme grua, mesmo desproporcional, mas estava montada sobre rodas e se movia para a frente e para trás. Uma colher dentada levantava a terra e o pedrisco com força e eficácia nunca vistas antes, elevava bem alto sua carga, revirando-a depois, mais adiante, com um barulho colossal. Um grupo de soldados, ao lado do aparelho, parecia defendê-lo não só dos inimigos, mas também dos olhos super curiosos dos próprios escavadores.

A carroça seguiu por uma estrada sinuosa, subiu uma modesta colina e finalmente estacionou em uma minúscula clareira, a partir da qual se dominava boa extensão da planície do Arno. Primeiro desceu o jovem Durante, que ajudou Ginevra a fazer o mesmo, mas quando ele ofereceu o braço ao primeiro-secretário, este o recusou com um sorriso polido. De fato, seu rosto não demonstrava a intrepidez de um nobre florentino; ele parecia mais, pelo menos à primeira vista, um astuto cidadão comum, um dos argutos camponeses das colinas em volta da Gran Villa do Arno. Tinha cabelos negros e curtos, rosto magro e maxilares proeminentes, olhos pequenos e vivazes. Seu olhar, mesmo nos momentos de maior seriedade ou solenidade, tinha um quê de gozador, embora sem a mínima sombra de soberba ou hostilidade.

Nicolau de Bernardo Maquiavel, o primeiro-secretário da República de Florença, desceu com um pulo da carroça, caindo seguro sobre pernas

ágeis, e foi ele quem explicou a imensa obra a seus hóspedes. Aproximou--se da escarpa e indicou a escavação, que partia de uma curva do Arno e seguia direto para o mar. Só daquele ponto em que estavam o trabalho de destorroamento revelava sua verdadeira natureza de canal artificial.

- Desviará o Arno de Pisa, mas não servirá apenas a esse propósito. Durante estava estupefato e admirado.

- Pretendem aumentá-lo por sete - disse, indicando por sua vez a Ginevra a frágil barreira de terra que separava o canal em construção da água do rio. O secretário sorriu mais uma vez e concordou.

- Uma cidade sem seu curso de água está morta, Durante, e a orgulhosa Pisa sofrerá especialmente, a ponto de baixar finalmente as armas e de pôr fim a essa guerra absurda.

- Mas *vocês dois* têm outra coisa em mente, não é, senhor Nicolau?

Durante se referia ao homem extraordinário que tão cuidadosamente projetara aquela obra ambiciosa e até meio louca, inclusive a revolucionária escavadeira móvel. O primeiro-secretário sorriu a seu modo, estirando os lábios finos sobre o rosto magro e anguloso.

- A guerra é, por natureza, um fato transitório, Durante. A paz, ou melhor, a ausência de batalha, tem vida mais longa. O canal que tomará de Pisa o curso do Arno será uma via navegável; ao longo de seu curso, surgirão moinhos, burgos e, quem sabe, novas cidades. *Ele* desenvolveu a ideia enquanto era hóspede do doge Contarini, para quem construiu canais para nadadores que agora ligam sua vila de Piazzola a Veneza. Um dia, a Toscana será um só principado, regido por leis e não por despotismos, e parecerá até ridícula a recordação de quando cidades tão próximas pegavam em armas umas contra as outras.

- Um principado como o senhor imagina - observou o jovem louro - se assemelha a uma fábula, ou no máximo a um piedoso desejo.

- Houve um tempo em que um único império regia o mundo todo, Durante. E também quem tenha buscado trazê-lo de novo à vida.

E ficaram admirando o sugestivo panorama. O eco longínquo das vozes dos escavadores sobrepunha-se ao rangido sofrido que a grande

máquina fazia quando erguia a terra e a tirava do leito do rio, puxada por quatro juntas de bois. Depois, voltaram a subir na carroça e voltaram para o plano, alcançando finalmente as barracas onde se acomodava o pessoal.

- Foram encontrados dois dias atrás, ao alvorecer, logo depois da mudança do último turno da noite. - O chefe de obras da escavação do Arno, Michele Almieri, um homem robusto de uns 30 anos, cabelos curtos já parcialmente grisalhos, estava sentado diante de Nicolau Maquiavel, Durante Rucellai e Ginevra. Mandara servir água e vinho, pedindo desculpas pelas jarras grosseiras e pelos copos de barro. - Os corpos estavam no fundo de uma trincheira aberta peia máquina. E o senhor, certamente, já está sabendo de que tipo de cadáveres se trata, meu senhor Nicolau.

O secretário fez sinal afirmativo. Encarara aquela longa e desconfortável viagem exatamente por causa daquela notícia extraordinária, tendo preferido não delegar a investigação, pelo menos por enquanto, ao Capitão de Justiça. Mestre Michele Almieri começou a mexer em um baú.

- Esse é o cartaz que pintaram diante dos corpos. Agentes de Pisa, sem dúvida, especializados em se infiltrar. A noite, arriscam-se para entrar em nossas fileiras e degolar as sentinelas. - Mostrou ao secretário, procurando ao mesmo tempo escondê-la da jovem, uma tábua alvejada com cal, na qual se via uma escrita grosseira em tinta preta:

As armas secretas do diabo no cu de Maquiavel!

O primeiro-secretário sorriu, o que deixou mestre Michele um pouco desconcertado.

- Gosto disso. Vai direto ao ponto. Um dia vou querer escrever algo com essa mesma linguagem, sem fingimentos, floreios ou outros vergonhosos rodeios. Não acha bonito, Durante?

A longa viagem fizera o jovem aristocrata conhecer mais o mestre Nicolau, de modo que não se admirou com aquela tirada estranha. Decidiu entrar no jogo e também sorriu, abraçando demoradamente a magnífica Ginevra, que, todavia, se levantou e foi para um canto, fazendo

sibilar a seda de seu vestido precioso contra a indumentária de veludo do jovem. Ela também sorriu, de modo aberto e cristalino.

- É realmente singular! E talvez o senhor tenha razão, mestre Nicolau: à sua maneira, também é bonito. Mas de que armas secretas os homens de Pisa estão falando? E o que é que foi encontrado nessa escavação? Pode dizer?

Maquiavel cruzou com o olhar alarmado de Almieri e fez sinal de positivo com a cabeça, tranquilizando-o. O mestre de obras guardou o cartaz, hesitou um pouco, depois se voltou para Ginevra com ligeira inclinação.

- Ninguém sabe a que os homens de Pisa estão se referindo, pensando ser realmente eles que puseram esse cartaz junto aos corpos. Não existem armas secretas florentinas, pelo menos que eu e o secretário saibamos...

- É necessário ver em que grau são secretas; talvez haja alguém acima dos senhores?

Mestre Michele decididamente não estava habituado a ser esquadrinhado daquela maneira por uma mulher, mesmo em se tratando de pessoa, a julgar pelas vestes ricas e vistosas, tão instruída e de alta linhagem. Ficou embaraçado e um pouco confuso.

- Não existem armas secretas, minha senhora, e ninguém está acima do primeiro-secretário.

A mulher não se rendeu.

- Talvez mestre Piero Soderini, o gonfaloneiro da República...

Durante apertou de modo afetuoso a mão de Ginevra, que estava ficando quente, como ocorria sempre que entabulava discussões com homens de poder.

- Mestre Piero confia em seus colaboradores, minha cara, e entre eles o colaborador máximo é mestre Nicolau.

Maquiavel concordou, sorrindo a seu modo. Michele Almieri, que enrubescera levemente, retomou a narrativa.

- O que encontramos ao lado do cartaz, portanto, não parece ter relação alguma com armas de qualquer modelo ou tipo; são cinco

cadáveres, muito estranhos...

- Gostaria de vê-los agora mesmo. - Nicolau já se pusera de pé, gibão sobre os ombros. O frio pungente se infiltrava pelas aberturas da barraca com sopros gélidos. À distância, ouvia-se o estridulo estranho da grande máquina escavadeira. O mestre de obras vestiu um casaco negro de pele e dirigiu-se para a entrada.

- A senhora Ginevra nos perdoará, espero, porque aqui no canteiro não temos mulheres que lhe possam fazer companhia. Sua criada poderá adaptar meu alojamento pessoal para a senhora, caso queira descansar enquanto arrumam suas acomodações...

Ginevra já estava na soleira da barraca, com a estola de pele às costas, os cabelos negros, longos e ondulados, soltos, os olhos azuis magníficos e alegres, mas a boca séria.

- Nem pense nisso; estou aqui com mestre Durante e verei tudo o que ele vir.

- Esse não é um espetáculo para uma...

- Veja bem, mestre, se tentar me tratar como uma dama que vê a vida pela janela, sofrerá as consequências. O senhor não me conhece, mas Durante e mestre Nicolau poderão lhe dizer quais são os meus costumes e como me comporto. Trate-me como trataria um homem, ou teremos péssimas consequências.

Michele Almieri não sabia mais o que fazer com aquela gente; conhecia bem Nicolau Maquiavel, digno da fama de um homem estranho e cínico, às vezes cruel, mas aquela linda mulher, espinhosa e intratável, e aquele jovem alto, muito belo e não menos misterioso o desconcertavam muito mais.

- Como queira. Venham, então, comigo, e atenção ao lugar onde pisam.

Ao lado da imensa escavação, fora aberta uma estrada bem batida, percorrida por carros cheios de terra e pedregulhos. O solo, amarelo e branco, completamente despojado, e a estreiteza de horizonte, fechado pelo alto talude do destorroamento, davam a ilusão de que não se estava na florescente planície toscana, mas em alguma garganta alpina, ou no

leito de alguma antiga geleira extinta, como as tantas que havia nos vales de Trento. Ainda fazia frio, e o terreno, mesmo todo remexido, era duro como pedra. Mas a falta de vento naquela estranha depressão artificial tornava o ar muito pesado, o que fazia com que Nicolau, Durante e Ginevra caminhassem com respiração pesada e bastante dificuldade. O primeiro-secretário concentrava a atenção na parede em aclave a seu lado, no colorido da escavação talhado pelas picaretas e pela máquina milagrosa; notava, curioso, a sucessão de estratos de cores diversas, onduladas, semelhantes às rugas das rochas nas montanhas, que pareciam dobradas e amontoadas por uma força bem mais que sobre-humana. Mestre Durante, caminhando ao lado dele, se deu conta de todo aquele interesse.

- São os sinais do passar do tempo; ciclos muito extensos, que vêm desde a Criação.

- Mas se passaram apenas cinco mil anos...

- É o que as Escrituras dizem.

- E aquelas rugas, segundo o senhor, têm algum significado?

- Pense nelas como páginas de um livro: aluviões, terremotos, erupções de vulcões antiquíssimos foram sobrepondo estrato sobre estrato, e essa inesperada escavação os traz à luz, como uma foice que corta o ramo de uma árvore, da cortiça à seiva profunda, revelando seus anéis de crescimento.

Almieri ia adiante deles; de vez em quando, parava brevemente para conversar com os outros mestres de obras, enquanto grupos de escavadores, cobertos por um pó uniforme que os fazia parecer estátuas de terra, trabalhavam sem descanso. De vez em quando, ainda se ouvia o ruído remoto da máquina. Por fim, chegaram ao início de uma trincheira mais funda, onde a escavadeira encontrara um rochedo e tivera de ranger para extraí-lo. Em todo o derredor, fora construída uma cerca, e dois soldados montavam guarda. Mestre Michele abriu uma portinhola e pediu atenção a seus hóspedes que se aproximavam do buraco. No fundo, de um lado, via-se uma terra esquisita, de uma cor singularmente branca. Almieri deu ordem a um operário que, com uma vassoura, removesse o

estrato superficial. O homem pôs-se a trabalhar com surpreendente delicadeza, até que apareceram formas negras.

Ginevra, mesmo consumida pela curiosidade, teve de desviar o olhar, com uma expressão de dor atônita. Maquiavel e Durante, ao contrário, mantiveram os olhos fixos em um espetáculo que sabiam seria singular, mas não àquele ponto.

A AUTÓPSIA

No fundo do buraco, ocultos aos olhares estranhos, jaziam os cadáveres nus de quatro retintos mouros africanos, parcialmente esmagados. Mas o mais desconcertante era o quinto corpo, que parecia um monstro proveniente de retalhos dos livros de viagens imaginárias. Maior e mais escuro que os mouros, era coberto por um pelo muito escuro e espetado, e o queixo pronunciado e semiaberto mostrava terríveis presas brancas. Parecia um homem, mas em desmesuradas proporções, com pernas e braços excessivamente longos.

Mestre Durante sentiu-se particularmente atraído. Desceu, arriscando-se, até o fundo da escavação para observá-lo melhor, mantendo sempre um lenço tampando o nariz. Depois, subiu, e seu rosto manifestava uma excitação que todos classificaram como decididamente fora de lugar.

- É um macaco! Um daqueles tão grandes quanto os homens, os chamados *gorilas*, que Annone nomeia em seu antigo périplo, confundindo-os com homens de cabelo denso e longo, e que os portugueses, às vezes, vendiam aos circos de antigamente.

Almieri concordou.

- Nós os cobrimos de salitre para conservá-los.

- São mouros infiéis?

- Não, meus senhores, conheço bem as feições deles. São pagãos da África mais remota. Começaram a apodrecer logo, não obstante o frio, talvez porque *ele* lhes tenha aberto...

- Muito admiraria se o Homem de Vinci não o tivesse feito - disse Maquiavel. Ele também descera ao buraco e observava com horror, e ao mesmo tempo fascinado, o animal enorme. Viu feridas de arma de fogo, no peito e na barriga, mas também sinais de pauladas brutais no pescoço. Percorria o corpo uma imensa cicatriz em forma de Y, remendada com um barbante grosso. O mesmo fora feito aos mouros africanos: abertos e, depois, costurados. Também eles tinham morrido de golpes de carabina, exceto um, que tinha terríveis cortes no pescoço e no rosto. Michele Almieri pareceu adivinhar os pensamentos do secretário, assentiu e lhe mostrou aquelas feridas impressionantes.

- O mestre passou uma noite toda trabalhando a partir delas. - Mestre Michele fez mecanicamente o sinal da cruz. - E preencheu muitos cadernos de notas. Depois abandonou os corpos como cascas vazias, como se não se importasse mais com eles. Por ordem do capitão dos guardas, nós os trouxemos para cá para que os senhores pudessem vê-los.

- Onde está Leonardo? Quero falar com ele imediatamente. O mestre de obras abriu os braços, desconsolado.

- Esse é mais um mistério, senhor primeiro-secretário.

- O que o senhor está dizendo?

- Ele foi embora esta noite, levando consigo Salai e seus livros.

Nicolau deixou escapar um palavrão que soava como uma sonora e complicada blasfêmia, que fez o pobre mestre de obras se arrepiar.

- Mas para onde ele foi, pelo amor de Deus? O dever dele, dever pelo qual foi pago pela República, é supervisionar a escavação do canal!

Almieri balançou tristemente a cabeça.

- Nos primeiros tempos, depois de ter construído aquela máquina diabólica, ele seguiu os trabalhos com diligência e grande interesse. Mas logo depois, a extraordinária capacidade de sua invenção de ir muito fundo na escavação tirou sua atenção do trabalho. - Abriu os braços. - Ele é volúvel, como o senhor bem sabe.

- Distraiu? - era Ginevra fazendo-lhe eco. A mulher parecia muito interessada nas palavras do mestre de obras, mais que Nicolau e Durante.

- Sim, senhora. Ele começou a juntar estranhas pedras e muitas conchas. Recolheu muitas delas e começou a passar até as noites nos buracos mais profundos, tomando notas com sua mão esquerda, a mão do diabo... - Almieri fez mais um sinal da cruz, rapidamente. - Depois convocou dois operários e lhes ordenou que o ajudassem.

O secretário deixara de rir, olhava ao redor e observava, ao longe, a grande máquina escavadeira, rebocada por duas juntas de bois.

- Onde estão esses homens?

- Levou-os consigo. E não sabemos para onde ele foi.

- Voltemos ao alojamento, mestre de obras, é melhor descansar. Depois de tudo o que o senhor me disse, amanhã cedo terei de organizar uma busca.

Já tinham se afastado em direção às barracas, contentes por não precisar respirar o mau cheiro que subia do buraco, quando se deram conta de que Durante ficara para trás. Chamaram-no de longe, mas o jovem médico lhes fez sinal para não o esperarem. O mestre Michele aproximou-se dele.

- Venha conosco, senhor Durante, daqui a pouco vai esfriar demais.

- Quero examinar esses corpos. O senhor pode deixar uma barraca a minha disposição, e um homem para me ajudar?

O mestre de obras deu sinais de surpresa e de desgosto ao mesmo tempo.

- Até o senhor, como o senhor Leonardo, se ocupa dessas práticas do demônio?

Durante riu.

- Não posso ser comparado em nada a tão grande gênio, o senhor me concede uma grande honra. Mas fui seu discípulo, entre os pouquíssimos que ele acolheu, e sim, também pratico a dissecação dos cadáveres. Esses, que já foram abertos por ele, me interessam de maneira muito particular.

- Como queira, senhor. Eu os farei transportar para a barraca de madeira mais distante. Difícil será encontrar um homem que o ajude em sua obra, mas alguém há de se apresentar, por dedicação ou à força.

Estavam mortalmente esgotados da viagem e cearam sem apetite nos aposentos do senhor Michele. Durante levantou-se antes de todos, pediu licença e saiu na noite, sozinho. Ginevra estava silenciosa, irritada por algum motivo. Meia hora depois, despediu-se e saiu, aparentemente para encontrar Durante. Brigas de namorados, pensaram todos. Naquele momento, o secretário também se levantou. Era sua vez de retirar-se. Almieri fez o mesmo.

- Quando essa guerra acabará, senhor Nicolau?

- Se eu tivesse essa informação, prezado Almieri, seria capaz de eu mesmo mandar nos príncipes, em vez de ter de me contentar em explicar as ações deles com meus escritos. Diga-me o senhor agora: é verdade que não sabe explicar essa história das armas secretas? Como o mestre reagiu diante daquele cartaz deixado pelos homens de Pisa?

- Não sei de nada, não recebi notícia alguma. Ele se limitou a olhar, perplexo, aquela mensagem...

- Perplexo? Ou, deveríamos dizer, maravilhado, como nós? Almieri pensou um pouco.

- Irritado. Todas essas coisas juntas e talvez até mesmo desiludido. Isso! Parecia especialmente desiludido.

Maquiavel gostaria de poder dar um significado a essas palavras, mas balançou a cabeça. Por sua vez, Almieri, que nem todos os dias tinha um homem como aquele com quem conversar, insistiu em pedir notícias sobre a guerra, que tantas vítimas fazia até mesmo nas fileiras de seus escavadores durante as incursões noturnas. Nicolau procurou tranquilizá-lo.

- Mais cedo ou mais tarde, os homens de Pisa vão se render, não se inquiete. Essa nossa guerrinha entre potências decadentes se reacendeu porque estamos vivendo um momento de estagnação nas demandas de quem realmente manda; aproveitemos o momento para desferir um golpe decisivo, fato pelo qual...

O mestre de obras parecia não estar entendendo.

- Servirá de pouco, senhor secretário? Pisa continuará poderosa?

- Não, não! Pisa praticamente desaparecerá. Pistoia também, cujas facções em conflito permanente me fazem sofrer. Mas tudo isso não terá sentido algum, enquanto as grandes potências seguirem usando nossas terras como campos de batalha para seus embates. Temos de tentar influenciar suas ações, o máximo que pudermos, de modo a extrair delas a maior vantagem. Tentar a paz entre o papa e os venezianos, por exemplo, ou, ao contrário, fazê-los se chocarem, se isso servir melhor aos interesses da República...

- O papa? Mas é o santo padre... Ele não protege toda a cristandade? Não é amigo dos florentinos?

Maquiavel se deu conta de que mestre Michele estava falando sério, e olhou para ele com comiseração.

- Esse novo papa é mais duro que Borgia, amigo meu. Sinto falta dele e de seu filho, Valentino, homem de grande inteligência e de ação imediata.

Almieri se arrepiou, pensando no jovem César Borgia, caído em desgraça imediatamente depois da morte de seu pai, o papa. Valentino era conhecido pela vida dissoluta e por uma crueldade inesperada.

- Mas, secretário, o duque ordenou matar esses príncipes por traição, em Senigallia, enquanto se banquetavam com ele, e dizem que ele dormia com sua irmã Lucrecia!

- Valentino é um político sério. Todas suas ações, longe de serem inutilmente cruéis, são eficazes, se o bem último, como creio firmemente, é a saúde do Estado. Estive com ele, coletei suas confidências. E não interessa com quem dormia.

- Mas é incesto, é pecado grave!

Almieri parecia confuso e fez várias vezes o sinal da cruz. Nicolau perdera a vontade de discorrer com alguém que lhe parecia tão ignorante da vida política. Pediu-lhe o cartaz com as injúrias deixado pelos homens de Pisa, depois retirou-se para a barraca na qual lhe haviam preparado um quarto confortável para passar a noite.

Enquanto o servo o despia e guardava as roupas no baú, o primeiro-secretário tentou refletir. Por que os homens de Pisa falavam de armas

ocultas se elas não existiam nem ao menos em projeto? Talvez Leonardo guardasse segredos muito graves para dividi-los com alguém? Era preciso admitir que essa não era uma hipótese implausível, e se arrepiou; aquele homem misterioso e genial, um pouco inquietante, estava tão preso a suas ideias e a seus inventos, era de tal modo *artista*, até quando atuava como cientista e técnico, mas não entendia absolutamente nada de política. Podia ser presa fácil de alguém que pretendesse utilizar sua capacidade e engenho contra a própria Florença! Pensou na grande máquina escavadeira que ele concebera e a imaginou, com poucas modificações, em um campo de batalha. Os homens de Pisa sabiam de algo que ele, Nicolau Maquiavel, o primeiro-secretário da República de Florença, ignorava?

Releu mais uma vez o cartaz encontrado ao lado dos corpos:

As armas secretas do diabo no cu de Maquiavel!

Era uma frase de desafio, sarcástica e arrogante; queria dizer que eles, os homens de Pisa assediados pelos florentinos, haveriam de resistir e de vencer, apesar das armas secretas, fossem elas quais fossem. E de quem eram? Do diabo... inevitavelmente Nicolau pensou na *mão do diabo*, a sinistra. Então eles tinham sabido algo de vago, talvez apenas rumores, e o haviam associado a Leonardo e àqueles corpos que haviam lançado com escárnio na escavação. Mas onde teriam encontrado o gorila e os mouros? De onde provinham eles? Que ele lhes tivesse feito a *autópsia*, como a chamava, era uma coisa um tanto natural, conhecendo-o, o que lhe parecia óbvio. Mas talvez se tratasse de homens de uma força inusitada, soldados de um exército invencível e letal, que ele mandara vir de ultramar? E tudo isso sem falar com ninguém, especialmente sem falar com o primeiro-secretário da República? Devia então encontrá-lo, aquele ingênuo cientista, bajulá-lo ou ameaçá-lo, submetê-lo até à ferros, para que lhe revelasse o mistério.

Ouviu baterem à porta, delicadamente. Entrou a belíssima Ginevra, com uma roupa de dormir imaculada, presa na cintura. Uma veste tão

singular e provocante que nem mesmo ele, que tinha tanta experiência com mulheres de todas as condições, vira antes. Mas não se admirou, porque a misteriosa mulher de Durante era imprevisível.

- A senhora não dorme, Ginevra?

- Sono não me falta, senhor Nicolau, mas estou angustiada por Durante.

Aquela mulher estupenda se aproximou e sentou-se à beira da cama. Maquiavel sentiu seu perfume de lavanda e seguiu com os olhos o suave arfar de seus seios, cujas formas exatas adivinhava sob os véus daquela roupa extraordinária.

- O que houve?

- Ele não voltou para o alojamento. Está lá fora, exposto ao frio, e acho que foi para a barraca para onde levaram aqueles cadáveres imundos.

- Ele levou os instrumentos médicos consigo; certamente quer examinar o trabalho feito pelo mestre. Talvez seja seu mais destacado aluno nessa arte. Não corre perigo, pois temos os guardas e estamos longe de onde os homens de Pisa costumam fazer suas incursões noturnas.

- Na verdade, não é esta noite que me preocupa. Tenho Florença o tempo todo em minha cabeça.

- Por causa da carreira política que prepara para ele, senhora Ginevra? Durante está bem protegido, fique tranquila. Poderá se tornar Prior dentro de poucos meses, e a estrada para o cargo de gonfaloneiro está aberta.

A mulher ficou por um momento em silêncio. Aproximou-se ainda mais de Nicolau; quando voltou a lhe falar, seus rostos quase se tocavam, e o secretário sentiu o perfume de seu hálito.

- Há inimigos internos e externos, muito perigosos.

- Os inimigos externos representam o mesmo risco para todos. Mesmo eu me arrisco cotidianamente. É a própria República que deve conquistar sua independência, todo dia, como se fosse o primeiro.

- E os partidários dos Medici são mesmo poderosos?

- Os tiranos querem voltar a Florença e buscarão fazê-lo por todos os meios. Entre eles, há gente que não é nada estúpida, senhora, e que conta com poderosos aliados dentro da cidade, tanto os declarados, ou seja, os *palleschi*, seus partidários, como os não declarados, às vezes, infiltrados nas fileiras da República.

Ginevra se agitou, indignada.

- Traidores e velhacos!

- Não! Eles são espertos e inteligentes; eu faria o mesmo.

- O senhor dá razão a eles? Às vezes, não consigo entendê-lo... Quer dizer que se prendesse esses traidores não lhes daria a justa punição, não os submeteria a um júri popular?

Maquiavel riu.

- Já os conheço quase todos, senhora. Mas, quanto a agir, isso depende de muitas coisas. Certamente, se fosse conveniente para o Estado, eu os mandaria matar o quanto antes. Se fosse o caso, também os submeteria a um algum tipo de processo, ou ordenaria que fossem enforcados em segredo.

- Não entendo...

- Quando os inimigos são inteligentes - explicou, paciente, o secretário - eu os aprecio, chego até a estudar seu comportamento e, se possível, os imito. Se estão a meu alcance, decido se mandar matá-los é ou não útil a meus objetivos e ajo do modo que julgo mais adequado.

Ginevra tremeu.

- O senhor tem a moralidade de uma serpente e tem uma pedra no lugar do coração.

- Engana-se a senhora. Tenho em meu coração o bem civil, não ambiciono riquezas ou mais poder, não tenho ideias ou paixões que me induzam a mover guerras de religião. Tenho como meta o bem da República, sua independência, o equilíbrio de seus negócios, a incolumidade de seus cidadãos. Um dia, teremos a certeza do Direito... - o secretário suspirou. - E para alcançar tudo isso, trato a política como uma ciência e a aplico sem emoções. Outros se queimaram, e não apenas em sentido metafórico.

- Como aquele frade?

- Exatamente, como frei Girolamo. A senhora sabe que fim ele teve. Usava bem a cabeça, mas se deixava levar pelo coração.

- Durante não está preparado para enfrentar um mundo tão desumano.

- Não se preocupe demais; ele é um jovem corajoso e impulsivo, mas tem raciocínio, não arriscará a própria vida. Não por acaso foi aluno de tão grande mestre.

Ginevra acariciou um braço de Nicolau, que mesmo não sendo muito alto e bem magro, tinha músculos bem flexíveis e treinados.

- Não é forte nem inteligente como o senhor...

O secretário sorriu.

- ...mas é certamente muito mais bonito e, sobretudo, muito mais jovem que eu, senhora.

Ginevra começou a se despir, dando a ver seu seio magnífico, que se cobriu de arrepios em contato com o ar frio. Tomou a mão de Nicolau e o convidou a tocar os mamilos.

- Quero bem a Durante, senhor Nicolau, mas esta noite necessito de um homem.

- A senhora pertence a outro, que neste momento está lá fora, exposto ao frio, e a senhora disse que tinha sentimentos por ele...

Ginevra arrancou a roupa toda, ficou completamente nua, enfiou-se sob as cobertas e puxou Nicolau para si.

- *Pertenço* a um homem? O senhor vem me dizer isso, justo o senhor que, pelo que me dizem, defende a legitimidade da liberdade do amor físico para homens e mulheres?

Nicolau sentiu o desejo se tornando irresistível e abraçou aquela mulher esplêndida, mas ela se afastou dele, protegeu com o lençol as costas, para se abrigar do frio, e começou a cavalgá-lo, decidida a conduzir o jogo. "Como um homem", pensou o primeiro- secretário.

Na cabana remota, diante da qual montava guarda um dos homens de mestre Michele, os cadáveres encontrados no fosso jaziam sobre uma mesa, um ao lado do outro. Durante acabara de lavá-los e de examiná-los

externamente, segundo o procedimento que aprendera com seu mestre. O gorila tinha um tamanho impressionante: as pernas e os braços eram quase quatro vezes os de um homem de grande força; a prova está ali, na comparação com os membros análogos dos mouros. Os mouros, mesmo muito altos, não pareciam exatamente gigantes assassinos. Correspondiam às descrições dos viajantes que foram às regiões mais remotas, que tinham ido para além do grande deserto líbio, perto de onde o sol atinge exatamente o zênite. Os homens de Pisa enganavam-se redondamente ao considerá-los como armas secretas; os soldados florentinos, bem equipados e treinados, poderiam massacrá-los com facilidade. Talvez achassem que os mouros dispunham de instrumentos mortíferos desconhecidos, elaborados por seu próprio mestre, ou que talvez fossem animados por algum espírito maligno e sobre-humano. A seu ver, essas superstições eram ridículas, mas elas tinham muito crédito, e não apenas entre o populacho. Aliás, ouvira falar de exércitos inteiros postos em fuga por homens fanáticos que algum chefe, hábil com as palavras e dotado de grande poder de sugestão, convencera de que possuíam imensos poderes. Talvez os homens de Pisa estivessem pensando em algo desse tipo. Claro que não conheciam a terrível realidade da arma secreta, da qual só Leonardo estava a par.

Ateve-se a olhar aquilo que a pele daqueles corpos escondia. O trabalho que seu mestre fizera, como era de se esperar, era pura arte; os cortes praticados foram perfeitamente fechados com uma costura muito bem feita. De uma bacia que mandara encher de vinagre, tirou um lenço de linho que pertencia a Genevra, dobrou-o duas vezes, espremeu-o e com ele tampou o nariz. Pegou da bolsa uma corrente de prata com duas mãozinhas nas extremidades, que se fechavam pela ação de uma mola. Ele a pôs atrás da nuca e prendeu aquele dispositivo ao tecido, que ficou assim bem firme, protegendo-o do terrível odor dos corpos. Depois, com um bisturi afiado e curto, cortou as costuras dos cortes do macaco. O corpo, por conta da podridão-mole já desencadeada, abriu-se como um livro desencadernado, e de nada valia o aroma pungente e forte do vinagre. Durante quase sufocou com o fedor. Se a natureza dos órgãos

internos do corpo humano ainda era misteriosa, apesar dos estudos de seu mestre, as vísceras daquele monstro horrendo eram ainda mais enigmáticas. Nas massas desfeitas, ele pode entrever os cortes anteriores. Retirou o coração, que os profanos consideravam a sede da alma e das emoções, e removeu o estômago e os pulmões. Os intestinos, os primeiros a apodrecer, já tinham sido eliminados. O coração da fera parecia ter sido mais recortado porque seu mestre privilegiava o estudo daquele órgão maravilhoso. Talvez por isso tivesse atraído sobre si a fama obscura de bruxo. Estava para fechar o cadáver, quando percebeu que os cortes tinham ido muito além do habitual; de fato, eles prosseguiram através das pernas e dos braços longuíssimos. Cortou também naqueles pontos e, dentro da coxa do gigante, descobriu algo que o deixou estarecido: o osso mais comprido, que de todo modo estava preso à articulação da bacia, não alcançava a articulação do joelho; Durante o mediu e se deu conta de que era muito mais curto. Por sinal, essa não era a única coisa anômala. Nos braços, os dois frágeis ossos conjuntos pareciam, ao mesmo tempo, muito finos e muito longos, tanto que a pele estava estirada além do limite, e só por causa do denso pelo ele não se dera conta disso antes. Pegou uma navalha afiada e, com grande cuidado, raspou todos os pelos da grande besta. Mesmo assim, precisou de mais de uma hora, por conta do esmagamento infligido ao animal, para raspar os pelos todos. Quando conseguiu raspar tudo, viu outros sinais inquietantes nos cortes muito bem costurados das mãos e do crânio. Foi grande sua admiração ao perceber que até a mandíbula parecia diferenciada, muito pequenina e encaixada sob a articulação do maxilar. Daria qualquer coisa para consultar as notas feitas por seu mestre durante a autópsia daqueles corpos, escritas da esquerda para a direita e certamente ilustradas com desenhos de beleza extraordinária.

Mas para onde fora Leonardo, para qual esconderijo fugira? Lavou-se cuidadosamente em uma bacia d'água, pensando naquela história inexplicável e, enquanto se enxugava, com o tecido áspero raspando sua pele rósea e delicada, ocorreu-lhe a ideia de tentar refazer por conta própria todo o raciocínio do mestre, partindo da grande descoberta.

Chamou o guarda e pegou sua tocha a óleo, depois mandou-o embora e retomou o rumo do caminho que, horas antes, havia percorrido com Nicolau e Ginevra. A noite sem luar era pontilhada por miríades de luzes; os escavadores trabalhavam ininterruptamente, em turnos forçados, e a grande máquina rangia e revirava montanhas de terra. Viu alguns operários curvados à luz das tochas, ocupados no trabalho de terraplenagem. Eram vigiados por um jovem mestre de obras, cujo rosto era mal iluminado pelas reverberações do fogo.

- Vocês viram o mestre indo embora?

- Não, senhor. Ele desapareceu entre o anoitecer e o amanhecer, sem falar conosco.

- Mas não disse nada mesmo, nem ao senhor Michele Almieri?

O jovem mestre de obras balançou a cabeça.

- Ninguém sabe de nada. Talvez tenha embarcado. Deus é quem sabe. Ao ouvir essas palavras, Durante foi tomado por grande agitação.

- Por que você está dizendo isso? Ele foi na direção do mar? Então, algum de vocês o viu...

- Não, senhor. Sabemos apenas que soldados o escoltaram pela estrada velha de Livorno. Estava a cavalo e andava a galope. Salai o seguia de perto, mas com dificuldade, e o carro com as bagagens seguia mais atrás.

Durante agradeceu com um aceno de cabeça por aquela preciosa informação e seguiu apressado para a escavação. O caminho que levava ao buraco protegido, onde os corpos tinham sido encontrados, estava mergulhado em uma escuridão absoluta, e o lume clareava um círculo de poucas braçadas. Ele não teve dificuldade para encontrar a cerca de proteção. Abriu a cancela e baixou a chama crepitante da tocha no abismo negro; não via nada além do declive do qual subira poucas horas antes, arriscando-se a escorregar e a quebrar o pescoço. Equilibrou a tocha e conseguiu chegar ao fundo. O terreno era duro; o ar, pesado e fétido. Explorou à luz do lume trêmulo a parede da escavação, nitidamente cortada pela máquina, e viu, inseridas na terra e no barro verde e azul, velhos ossos e miríades de conchas opalescentes. Ouviu um

barulho e ergueu a cabeça, mas acima dele havia apenas as estrelas, puras e firmes. Continuou procurando com a chama, até que, bem no fundo do buraco, percebeu algumas pedras douradas grandes e singulares, levemente luminescentes. Tocou nelas, e elas lhe pareceram mornas, no gelo noturno. Talvez aquele mineral específico, que ele desconhecia, retivesse, mais que outros, o calor do sol. Durante ficou por um bom tempo olhando fascinado a parede escavada por aquela máquina diabólica, pensando em seu mestre e nos desenhos de anatomia de seus códices, nos cadáveres seccionados, no terrível focinho do grande macaco e no rosto dos pobres mouros massacrados e remontados como fantoches. A chama da tocha se consumia, e ele voltou a si. Ajoelhado, tentou escavar o barro com as mãos, quebrando as unhas. Lembrou-se dos instrumentos de seu laboratório e se ergueu para subir, quando voltou a perceber um barulho sobre sua cabeça. Olhou rápido para cima e, dessa vez, viu uma sombra estranha, clara, que se destacava contra o negrume da noite. Só no último instante, percebeu a pedra imensa que vinha caindo para cima de si. Berrou, mas ninguém podia ouvi-lo.

Nicolau Maquiavel acordou em sobressalto. Ginevra não estava mais ao lado dele, mas ele não se impressionou; ela certamente voltara para a cama com Durante. Mesmo assim, não se tranquilizava. Aquele jovem médico precisava saber que sua Ginevra se dedicava com tamanho entusiasmo aos prazeres da carne, e isso com todos os cavalheiros aptos que encontrasse. Ocorre que não detectara no olhar de Durante a menor sombra daquele ciúme que, por mais irracional que fosse, ele considerava como um inevitável patrimônio humano.

Balançou a cabeça, aquele assunto não lhe dizia respeito. Lembrou-se de que tivera um sonho muito desagradável; os déspotas haviam voltado ao poder em sua Florença, iniciara-se uma caçada aos republicanos por todos os lugares e ele mesmo sofrera a prisão, a tortura, o confisco dos bens e, por fim, haviam sido condenados ao exílio ele e sua família... Mesmo não sendo inclinado a dar crédito a premonições, aquelas visões noturnas representavam para ele muito mais que medo. Representavam um futuro pelo menos provável, se as ameaças

dos *palleschi*, os partidários da linhagem deposta dos Medici, alcançassem seus objetivos.

Viera à escavação do Arno atraído pela estranha descoberta daqueles cadáveres, mas com a ideia de regressar tão logo lhe fosse possível à cidade, para dar início a uma nova série de prisões. Mas agora via-se obrigado a investigar a fuga inesperada do genial, mas inconfiável artífice da escavação do Arno, aquele que todos tinham medo até de chamar pelo nome. E essa era uma complicação que não o alegrava nada porque, mesmo que o mestre não fosse mais jovem, ele era tão forte quanto um homem de 30 anos, capaz de percorrer a cavalo meia Toscana, sem paradas, o que tornava impossível seguir seu rastro. E ele estava ainda mais incomodado com aqueles rumores inquietantes sobre armas secretas. Conhecia seus refúgios e laboratórios secretos espalhados pela Lombardia e pela Toscana, e eram de conhecimento geral as proteções de que ele dispunha, desde Milão até as portas de Roma. Levantou-se, vestiu a camisa e dirigiu-se para a janelinha. No escuro da noite, viu as miríades de luzes, como um campo de trigo recém-amadurecido invadido pelos vagalumes. Mas em vez de vagalumes, sob cada tocha, havia um trabalhador em ação, empenhado em uma obra desumana e, talvez, sem esperança. Foi quando lhe veio à mente uma visão dantesca, a dos sodomitas, que corriam no escuro de uma noite eterna atormentados pelas chamas caídas do céu; uma imagem que ele sempre considerara uma deliciosa e irreverente transposição do Pentecostes cristão.

O senhor Durante Rucellai estremeceu, observando o volume imenso que caíra a um palmo de distância de si, roçando-lhes as vestes, e isso apenas porque ele se jogara num grande impulso para o lado. Ergueu a cabeça e viu o vulto de uma sombra fugidia. Subiu o mais rápido que pôde e, em um átimo, alcançou o dique do imenso canal, ainda seco, que tomava o rumo do horizonte. Correu na velocidade que sua respiração lhe permitiu. As milhares de luzinhas destacaram de repente uma silhueta diante de seus olhos, sem que ele pudesse dizer se se tratava de um homem. Poderia ser um vulto de mulher ou de macaco. Sacudiu a cabeça, a imaginação e o medo o estavam desencaminhando. Logo se viu

sozinho, perseguindo o nada. Parou para retomar o fôlego. Um orvalho frio lhe ensopara as roupas. Tinha de voltar logo para sua barraca, se não quisesse contrair uma tosse maligna. Mas tinha uma informação preciosa e tinha de comunicá-la ao senhor Nicolau; sozinho, não tinha esperanças de encontrar as pegadas do mestre. Aliás, se tivesse ido procurá-lo sozinho, cairia sob a suspeita de todos.

Na soleira da barraca estava o secretário, que olhava para ele, atônito. Realmente, pensou Durante, ele devia estar representando um espetáculo bem estranho. Imundo de lama, com as vestes desabotoadas e rasgadas. Mas não queria falar do risco mortal que correria. Aliás, a curiosidade de Maquiavel logo se desviou, quando Durante lhe disse que Leonardo fora visto saindo a galope pela estrada velha que levava a Livorno, juntamente com Salai, e com o carro das bagagens seguindo bastante atrás. Decidiram não regressar a Florença no dia seguinte, e se dirigirem direto ao pequeno porto. Desejaram-se boa noite, e Durante finalmente voltou a seu alojamento, antegozando o conforto da cama que o esperava.

Viu Ginevra, que dormia placidamente, coberta até os olhos. O jovem médico pegou seu livro de Horas, um pequeno e antigo códice que levava sempre consigo e no qual escondia seu tesouro mais precioso. Tentou acalmar o coração, mas a agitação não lhe dava paz. Tinham tentado matá-lo! A fuga misteriosa de seu mestre, àquela altura, assumia um tom sinistro. Será que Leonardo, juntamente com seu servo e com os operários que levara consigo, também acabara sob a mira de um assassino? Da cabeça dele surgira um armamento mais destrutivo do que qualquer dispositivo mortal, mais letal que o fogo grego, que dera vigor aos últimos séculos do esgotado Império do Oriente e que, depois de gerações, caíra em mãos de infiéis. Durante pensou no enorme carrossel de horrores no qual se encontrara girando de má vontade. Talvez devesse ter dividido esse peso com o senhor Nicolau, mas a mente lúcida e astuta do secretário, por vezes cortante como uma lâmina, resistia a se ocupar de especulações filosóficas sobre a origem do espírito humano e da alma.

Não o entenderia, ou não o aprovaria. E se a ideia da arma tivesse chegado aos inimigos de Maquiavel, como seria fácil para eles destruí-lo!

Durante sabia que sua vida, a partir dali, corria perigo. Precisava fazer uma cópia liei do tesouro que carregava consigo e esconder o original entre seus pertences, por segurança. Ainda faltava muito tempo para o sol nascer e, na mesinha daquela humilde barraca, deu início a um trabalho que o ocuparia pelo resto da noite. Ginevra se descobrira, e o olhar de Durante caiu sobre aquela nudez. Ele teve a impressão que seu peito, protegido pelos negros cabelos soltos, movia-se mais rapidamente, como se estivesse desperta, certamente por causa do frio daquela noite. Era uma mulher de beleza extraordinária, plena de fascínio e de vivacidade, mas ele não podia lhe dar a felicidade a que tinha direito. Não a condenava por se sentir atraída pelo senhor Nicolau, que correspondia plenamente ao interesse dela. Durante percebera como os dois se olhavam durante o jantar, cheios de desejo. Naquele momento, decidiu que tentaria encontrar o mestre por conta própria, se ele ainda estivesse vivo, e que não revelaria a ninguém o que pretendia fazer. Viera procurá-lo até na escavação do Arno, valendo-se de mestre Maquiavel para completar sua missão. Mas, a partir de agora, precisava assegurar-se de que não virava alvo de algum inimigo poderoso.

De fato, mais importante do que qualquer outra coisa era a vida do escultor, do pintor, do arquiteto, do cientista, do anatomista, do maior homem de seu tempo: Leonardo di ser Piero da Vinci.

A CORDA ESTICADA

Pouco depois da alvorada, Nicolau comunicou ao mestre de obras, Michele Almieri, a intenção de partir imediatamente rumo ao porto de Livorno, sem explicar o motivo da viagem. Os dois carros deixaram a escavação do Arno em uma nuvem de poeira, e a última imagem que tiveram daquele trabalho imenso foi a mesma que os acolhera: a escavadeira móvel com sua caçamba era ação, erguendo grandes quantidades de detrito e transportando-os para longe, puxada pelas juntas

de bois. Nicolau sorria, contente com aquela manifestação da força do puro intelecto e feliz com o fato de que o génio de Leonardo, ao menos até aquele ponto, estivesse a serviço da República. Durante, por seu lado, com seu segredo encerrado no coração, não estava nada sereno.

Viajaram numa proximidade perigosa com a fronteira do território de Pisa, e os guardas mantiveram o tempo todo as armas empunhadas e engatilhadas. Livorno era um pequeno atracadouro, mas depois do aterramento do porto de Pisa, passara a ser o melhor cais da República a norte da Maremma e um recurso precioso para a guerra. Dispunha de um modesto armazém, um farol, uma praça, poucas ruas, algumas torres erguidas pelos florentinos e muitas habitações pobres. Oito anos antes, resistira heroicamente, sob o comando do florentino Andrea de' Pazzi, ao assédio dos aliados de Pisa, e o imperador Maximiliano chegou a arriscar a própria vida a bordo da *Grimalda*, a almiranta genovesa. Pela conduta heróica, Florença acrescentara a inscrição *Fides* ao brasão da cidade, e foi ele, em pedra bruta pintada, que Nicolau Maquiavel viu acima do arco das muralhas, removendo a cortina do carro.

Entraram no vilarejo e o encontraram estranhamente silencioso, como se tivesse sido varrido por alguma força sobre-humana, ou visitado por um exército inimigo que tivesse trazido a hecatombe sobre os habitantes. Mas não havia sinal algum de destruição, e nas ruas o vento levantava poeira como nos desertos de Sirte, transportando um odor estranho e indefinível. A carroça estacionou diante do monumento de um aldeão com pés de cachorro, símbolo da fidelidade. Primeiro, desceram Durante e os soldados, que, vendo o vazio total e inexplicável, começaram a gritar a plenos pulmões.

- Alô! Há alguém aqui? Estão todos mortos?

Maquiavel também desceu, trazendo Ginevra pela mão. Em meio àquele silêncio nada natural, ouvia-se o leve barulho das armaduras dos soldados, enviados para explorar as ruelas que desembocavam na praça. Finalmente, anunciados por um pisoteio frenético, despontaram na via principal da aldeia três homens a pé; dois soldados e um homem magro e grisalho, que se apresentou como mensageiro da Comuna e se aproximou

de cabeça erguida, gesticulando, com modos arrogantes. Mas quando se viu diante do primeiro-secretário certamente reconheceu seu rosto magro e inconfundível, porque mudou imediatamente de registro. Fez sinal aos soldados para se deterem e se inclinou repetidas vezes, com um sorriso que Nicolau classificaria de idiota.

- Ilustríssimo senhor, ninguém avisou...

- De fato. Considere esta visita uma viagem a lazer, minha, da senhora Ginevra e do senhor Durante Rucellai.

Ao ouvir esse nome, o mensageiro se dobrou ainda mais, em uma reverência excessiva que, em Florença, não se usava nem mesmo diante do gonfaloneiro Pier Soderini e era mais indicado a quem estivesse diante de um governante estrangeiro ou de Sua Santidade.

- Mandarei preparar imediatamente as melhores acomodações para os senhores. Perdoem-me se nem tudo estiver a contento, mas depois do que ocorreu... - o homem olhou Nicolau e Durante nos olhos e percebeu que não sabiam de nada. - Mas ninguém os informou?

Maquiavel já estava perdendo a paciência e respondeu bruscamente.

- Em resumo, que diabos aconteceu? Onde estão todos? Diga, pelo amor de Deus.

- Os macacos!

O mensageiro pronunciara aquelas duas palavras arregalando olhos e boca em uma máscara bizarra. Para ele, provavelmente depois de ter vivido horas horríveis, dizer apenas o nome dos animais negros que invadiram a aldeia era mais que suficiente, mas sua expressão de ilimitado desconcerto e terror teve como resultado irritar ainda mais o primeiro-secretário.

- Os macacos? O que você está dizendo? Fale agora ou falará sob tortura...

Durante não fez mais que tocar o braço de Nicolau e sentiu seus músculos contraídos, como se estivesse para explodir e esmurrar aquele pobre velho e aterrorizado habitante de Livorno. Falou em tom calmo e tranquilizador, e sua voz tinha urna esfumatura de doçura quase feminina.

- Que macacos? Gigantes negros, mais altos que um homem? De braços compridos e pernas curtas?

O mensageiro fez repetidamente um gesto positivo com a cabeça, sem alterar sua cômica expressão de assombro.

- Quantos eram? Mais de dez?

O habitante de Livorno deu um pulo engraçado, de pés juntos.

- Dez? Mil, mais de mil, um verdadeiro exército! Mataram a mordidas mais de vinte mulheres e crianças, alguns homens e até mesmo soldados.

- E mouros? Havia mouros também?

O homem fitou o jovem loiro com uma expressão ainda mais estupefata. Durante tentou explicar-se melhor.

- Quero dizer, homens negros africanos: altos e imberbes, às vezes, muito bonitos...

- Não, não, não sei de mouros, só daqueles peludos dos diabos, esfomeados e enfurecidos, que tingiram a cidade de negro, como se tivessem sido enviados pelo demônio!

- De onde vinham?

- Do navio, ora! Que pergunta!

Nicolau levantou a cabeça. Alguma das janelas das habitações adjacentes estava aberta, e cabeças de mulheres e de crianças despontavam timidamente, revelando que a cidade estava viva, apesar de todos estarem trancados nas casas.

- Basta, leve-nos aos aposentos. Dentro de uma hora, quero ver o podestade.

Lorenzino Degli Albizzi, podestade de Livorno, 50 anos, alto e forte, com um passado militar, teve com seus inesperados hóspedes uma atitude cordial, mas de absoluta paridade, que Maquiavel apreciou muito. A sala na qual os recebeu era completamente rústica, sem nenhuma das comodidades próprias de Florença, nem de Sena, nem de Grosseto. As paredes de pedras nuas, que tinham perdido o reboco, estavam sujas da fumaça que uma chaminé não conseguia vencer; nas janelas estreitas, não se via as vidraças valiosas e transparentes a que os hóspedes estavam

habituaados, mas pedaços de alabastro velho e, onde não havia alabastro, simples tábuas pregadas. Degli Albizzi, de maneira claramente mais pacata em comparação com o mensageiro da comuna e com muitos pormenores preciosos, voltou a narrar a Nicolau e aos demais o drama que o pequeno porto de Livorno sofrera. Falou do navio que atracara à noite, inesperadamente, dos diabos negros que vomitara e de como a grande embarcação fora embora de repente.

- Os tambores não foram bastante para espantá-los, nem as armas. Só depois de um dia inteiro, à custa de muitos mortos e feridos e graças às espingardas, os guardas os mataram. Mas houve os que conseguiram fugir, e não sabemos quantos são.

O podestade balançou a cabeça, desconsolado.

- Somos muito poucos nesse porto desgraçado. Há quem jure também ter visto, no momento de maior confusão, um homem que corria com aquela massa de bestas horríveis; era um soldado, mas não dos nossos. Nós o seguimos durante bom tempo, mas ao final só encontramos feras, bestas negras por todos os cantos, vivas ou mortas.

Durante o interrompe.

- Apenas um homem branco?

- Sim. Devia haver outros?

- Mouros africanos.

O podestade achou algo de que rir.

- Mouros? Não, ninguém os viu. Havia apenas esses macacos imundos. Já estava anoitecendo, por isso toda a Livorno estava abrigada em casa, e pelas ruas, só nossos soldados circulavam.

- O senhor disse que o navio foi embora de repente?

- Quando a aldeia despertou com as feras enfurecidas, o navio já havia levantado âncoras.

- Nenhum marinheiro desembarcou?

- Eles só encostaram, senhor, literalmente, e fugiram; tocaram a margem só o tempo necessário para liberar sua carga mortífera.

- E o que os senhores fizeram com as carcaças? - perguntou Durante, hesitante entre o horror e uma fascinação profunda.

- Nós as lançamos ao mar e nas fossas.

- Foi isso o que Leonardo lhes pediu? Foi por isso, então, que fugiu da escavação e...

Durante se calou de repente, porque Maquiavel lhe apertara o braço com força. O secretário deu um passo avante e se pôs diante do jovem.

- O senhor Leonardo veio para cá a mando nosso. Não sabíamos dos macacos, mas apenas de um perigo mortal que rondava o porto de Livorno. Leonardo veio investigar em nome de República, naturalmente...

O podestade concordou e esboçou um sorriso melancólico; entendera que o senhor Nicolau o estava enganando, mas conhecia as regras da política e se enquadrou.

- Chegou em fúria, senhor primeiro-secretário; montava seu cavalo em pelo, como um juvenzinho. Acompanhavam - no apenas um jovem servo de rosto maligno e dois homens, com um carro ligeiro. Não ficou muito surpreso com a invasão dos macacos...

- E que fez ele?

- Nunca se viu tanta raiva; gritava e corria em círculos neste quarto como se lhe houvessem roubado um tesouro, quem sabe. Chegou a esbofetear o pobre mensageiro da comuna, que caiu por terra e bateu a cabeça, desmaiando. Depois, foi para a fossa onde havíamos enterrado os macacos, pediu uma pá, mandou os homens cavarem, por fim, começou a cavar com as próprias mãos, mas quando viu que só encontraria carne dilacerada, desistiu.

- Por Deus! E onde está agora?

- Não sabemos!

- Filho de um cão!

Maquiavel golpeou a parede, e esse golpe ressoou como um murro na cara de seu anfitrião, fazendo todos estremecerem.

Nicolau estava desesperado, e Leonardo parecia fugir deles como uma enguia. Pensamentos lúgubres começavam a atormentá-lo.

- Como assim? Ele não está aqui em Livorno?

- Esteve conosco só por uma noite - respondeu o podestade -, mas nem chegou a dormir. Seu jovem servo descarregou do carro uma caixa pesada e passaram o tempo todo na casa de Filippo Del Sarto. Ofereci ao mestre meus aposentos pessoais, senhor Nicolau, mas ele os recusou com desdém. Foi embora antes do nascer do sol. Mandeí que o seguissem por um bom trecho de caminho, viram-no tomar a estrada para...

Maquiavel levantou imperiosamente a mão direita.

- Não quero que diga mais nada! O senhor me dirá depois, quando estivermos a sós. Quem é esse senhor Filippo de Livorno?

- Ele não é daqui, senhor. Parece que é um estrangeiro, um filósofo, professor da Universidade de Pádua. Viram-no desembarcar de um navio veneziano, dez dias atrás...

- Tragam-no aqui imediatamente.

O podestade suspirou bem fundo.

- Será melhor eu levá-lo à casa onde ele se hospedou. Há algo que eu ainda não lhe disse e que talvez seja mais extraordinário que a invasão dos macacos.

O MAR DE OSSOS

A casa em que se hospedara o senhor Filippo Del Sarto, docente de filosofia de 60 anos, proveniente de Pádua, estava fechada; as janelas, encimadas por dois diabretes de pedra, pareciam paredes. Um guarda fora postado nos degraus. Ao ver o podestade, levantou-se imediatamente, deixando cair o escudo e a alabarda. Os pombos que estavam pousados nos peitoris das janelas bateram as asas ruidosamente sobre a pracinha e voaram para longe. Lorenzino Degli Albizzi fez o sinal da cruz, no que foi seguido por seus guardas, e ordenou que fosse aberta a porta. A casa estava às escuras, porque todas as venezianas estavam pregadas por dentro. O soldado de guarda acendeu com dificuldade uma tocha a óleo, e a luz fraca mal conseguia clarear um grande ambiente. Nicolau teve a impressão de estar na cripta de uma igreja muito antiga, como algumas veneráveis basílicas de Roma, dotadas de títulos da época imperial. Sobre

os bancos e prateleiras, havia grandes recipientes de vidro, que vagamente lhe lembravam os cofres de cristal nos quais eram conservados os corpos dos mártires. Quando se aproximou, entendeu a razão daquela impressão. Ao encontrar o olhar vítreo de uma cabeça humana, deu um pulo para trás.

- Que bruxaria é essa? Que diabo...

- Se o senhor conhece bem o senhor Leonardo - disse o podestade - não vai se impressionar com isso que encontra na casa de um amigo dele, nem invocaria em vão o senhor dos Infernos.

- Mas o senhor havia dito que esse senhor Filippo era filósofo!

- Filósofo, cientista, médico e naturalista. E quem sabe outras coisas!

Durante se aproximou dos vasos. Viu corações, talvez humanos. Um deles era tão grande que lhe lembrou o que extraíra do corpo do terrível gorila na noite anterior. E ficou imaginando Leonardo a manipular aquelas pobres carnes, talvez extraídas por ele mesmo de quem sabe quais cadáveres, e depois depositadas em seu líquido milagroso, que tinha o poder de preservá-los da putrefação.

- Não dá para não pensar em bruxaria - disse o senhor Lorenzino, com um vago tremor na voz. - E, com efeito, nessa pequena aldeia, é possível esconder-se de olhares curiosos.

- Foi aqui que o encontraram? - perguntou o jovem médico. O podestade fez um sinal negativo, indicando uma porta próxima da escada que levava ao andar de cima.

- Os senhores ainda não viram nada. Subamos.

Entraram no quarto do canto que abrigara o estúdio do senhor Filippo Del Sarto durante sua breve estada no pequeno burgo marítimo de Livorno. A porta se abriu facilmente, porque não tinha fechadura. Das paredes, pendiam muitas tochas apagadas, e as duas janelas tinham sido cobertas com dois panos negros pesados, semelhantes a paramentos fúnebres, de modo que nenhuma luz externa penetrava ali. A lâmpada trazida pelo podestade clareou a cena, projetando uma sombra grande e sinistra na parede. E se tratava de uma visão de amolecer as pernas e de sufocar qualquer um, porque da viga mestra do teto pendia uma corda,

que terminava num laço, do qual estava pendurado por um dos pés, pendendo de cabeça para baixo, um homem idoso totalmente vestido de preto. Sua cabeça, muito rubra, tornava-o parecido com um estranho demônio, ou com um monstruoso morcego adormecido.

Mesmo assim, nem Durante Rucellai, nem a belíssima Ginevra, nem Maquiavel o notaram de imediato, porque toda sua capacidade de se surpreender e de sentir horror fora absorvida pelo espetáculo ainda mais monstruoso oferecido pelas paredes e pelo próprio piso de pedra.

Uma enorme quantidade de ossos humanos, especialmente crânios e tíbias, mas também esqueletos completos, empilhados ordenadamente, como nas catacumbas, ocupava todo o espaço disponível daquele quarto, inclusive uma grande mesa, a estante e as cadeiras. Eram de várias conformações, algumas esbranquiçadas como se tivessem sido calcinadas pelo sol dos desertos, outras escuras e quase negras, semelhantes a relíquias de grande antiguidade; outras eram amareladas e recentes, aparentemente recém-descarnadas e dispostas em vários estratos. Todos tinham a impressão de que, em vez de estarem em uma casa pobre de Livorno, estavam no mais profundo recesso de um subterrâneo de Paris, onde, até poucos anos antes, eram depositadas, em várias levas, as vítimas da peste negra. Nicolau e Ginevra, por poucos instantes, permaneceram petrificados na soleira, enquanto o jovem Durante examinava alguns crânios e, usando um bastão retrátil, media tíbias e úmeros, demorando-se mais em alguns ossos que, por algum motivo misterioso, estimulavam particularmente sua curiosidade.

Maquiavel dominou a emoção e indicou ao podestade, que, suspeitava ele, preparara aquele espetáculo para surpreendê-los, a longa corda que mantinha o homem pendente da viga do teto.

- Desde quando ele está pendurado lá de cima?

- Ele estava vivo na noite anterior à invasão dos macacos, morto na manhã em que nos demos conta de que o senhor Leonardo partira a toda pressa, com seu servo e outros dois homens de fisionomia muito suspeita.

- O senhor está insinuando algo, podestade?

O senhor Lorenzino revirou os olhos, mas o fez com tanta malícia que fez Nicolau sorrir.

- Deus me defenda! Como poderia eu me permitir uma idéia dessas?

- Exatamente como eu estou fazendo neste momento. Mas considero desnecessário recordar-lhe que os serviços de Leonardo são absolutamente essenciais para a República e que, se o senhor comentar isso com o capitão de Justiça, eu o desautorizarei e negarei qualquer coisa por todos os meios. Estou certo de que o senhor me entende perfeitamente...

- Não há necessidade de me ameaçar, primeiro-secretário. Tanto mais quando estou convicto de que o senhor Filippo Del Sarto, se é que era esse seu nome, tirou a própria vida.

Durante, que observava fascinado um longo osso quase negro, levantou o olhar ao ouvir essas palavras.

- Por que o senhor afirma isso com tanta certeza?

- Porque fui várias vezes magistrado, senhor. Precisei lidar com autoridades públicas e policiais e enfrentar mais assassinatos do que os senhores podem imaginar. É por estar habituado a mortes violentas que evitei avisar o Capitão de Justiça, e a chegada inesperada de vocês me possibilita passar-lhes diretamente a responsabilidade de tudo o que aconteceu. - Depois de dizer isso, virou-se para Maquiavel, olhando-o fixamente. - Mantive segredo justamente porque o nome de Leonardo estava envolvido; se a guerra contra Pisa e o bem-estar da senhoria^[2] têm absoluta prioridade nas coisas públicas, essa é também a posição de meu coração. Assim como, estou certo disso, é a mesma posição dos corações de vocês.

Maquiavel concordou, impressionado com a retidão de caráter daquele homem. Voltou a erguer os olhos e observou o morto, pendente pela perna esquerda, com a direita arreganhada de modo quase obsceno e os braços revirados em uma espécie estranha de saudação. Agora parecia estar balançando levemente, talvez pelo sopro dos presentes.

- Se ele realmente se enforcou, escolheu um jeito muito estranho. Por outro lado, quem é que mataria alguém de um modo tão particular,

com o risco de a vítima permanecer viva?

O jovem Durante aproximara-se de Nicolau e também estava observando aquela estranha cena, pensativo.

- Pode haver duas explicações.

- O senhor é médico, logo, sabe mais que nós. Por favor, fale.

- A morte por enforcamento é imediata se o golpe quebrar o osso do pescoço. Do contrário, a corda estrangula o condenado por causa do peso de seu corpo e inflige um suplício penoso, que pode durar vários minutos. Em ambos os casos, trata-se de eficiente modo de provocar a morte, especialmente quando se amarram, como às vezes fazem os algozes, as pernas do condenado para facilitar o estrangulamento.

A essas palavras, o podestade Degli Albizzi estremeceu e desviou o olhar. Nicolau limitou-se a piscar, enquanto dona Ginevra manteve-se perfeitamente imóvel. Durante apontou para o pé esquerdo de Filippo Del Sarto.

- De fato, se uma pessoa permanece pendurada desse modo por um tempo considerável, o sangue coagula na cabeça, como estamos vendo pelo rubro do rosto, e a morte acontece inevitavelmente, em especial se se tratar de um homem idoso e quiçá doente. Talvez depois de muitas horas, mas acontece.

Maquiavel balançou a cabeça, pouco convicto.

- E que sentido teria matar um homem utilizando tanto tempo?

- Para fazê-lo sofrer o máximo possível, senhor primeiro-secretário, e talvez porque ele tivesse como ver, no decorrer das horas de agonia, esse terrível espetáculo.

Durante apontou para o tapete de ossos e de esqueletos que Del Sarto, de cabeça para baixo, devia ter, por assim dizer, visto e revisto nos espasmos de sua agonia terrível, como se se tratasse de um comitê de boas-vindas ao Inferno, que talvez o esperasse.

- Mas ele deverá ter gritado, santo Deus, na esperança de ser ouvido por alguém!

O podestade fez sinal de que não.

- Mesmo que alguém esteja aqui dentro aos berros, lá de fora não se ouve nada além de um sussurro. Fizemos a experiência quando entramos pela primeira vez no quarto. Esse homem encontrou o modo perfeito de abafar os sons, além de ter impedido a luz de entrar. Além disso, estamos em uma rua bem pouco frequentada, na qual raramente se ouvem gritos...

- Mas o senhor nos disse estar convencido de que esse infeliz tirou a própria vida.

O podestade percorreu um caminho liberado de ossos e se posicionou exatamente sob o enforcado, indicando-o com o indicador ossudo apontado para o alto.

- Ele não tem nem pés, nem mãos amarrados, nem marca alguma.

- Isso não significa muito, bastam dois homens para enforcar um terceiro, mesmo que ele seja forte.

- O senhor está certo, mas há um pormenor que ainda não conhece. Esse quarto horrendo estava fechado por dentro, com a chave grande e pesada enfiada na fechadura. Tivemos de chamar um ferreiro para abri-la. E ele precisou de muito tempo para isso. E... - Degli Albizzi apontou para as pesadas tábuas negras que obscureciam as duas janelas. - O modo pelo qual o senhor Filippo mandara fechar toda e qualquer abertura impedia a passagem até do ar, imaginem de um ou dois assassinos.

Nicolau balançou outra vez a cabeça.

- E mesmo que ele tenha se enforcado, por que procurar uma morte que o fizesse sofrer o mais possível?

- Talvez para punir-se de alguma culpa terrível - disse Durante com ar grave. - Mas também pode ser que a morte tenha acontecido por infelicidade. O melhor modo de alguém se enforcar é subir em um banquinho alto, com a corda bem esticada e firme em redor do pescoço, depois pular e empurrar para longe o suporte. Mas aqui a viga está alta demais, talvez Del Sarto tenha feito de um jeito diferente.

O jovem médico fez sinal ao guarda para ele pegar uma longa escada portátil que estava por terra. O soldado a trouxe para o centro do quarto, apoiando-a na viga central, e Durante subiu por ela agilmente, sob os

olhares admirados de Nicolau, de Ginevra e do senhor Lorenzino. Entre a grande viga e o teto, havia um bom espaço, e Durante sentou-se ali, na madeira.

- Ele amarrou a corda na viga. Depois, teria de ter posto logo o nó no pescoço imediatamente... - As palavras de Durante chegavam embaixo enfraquecidas e deformadas por uma espécie de eco. Maquiavel falou bem alto, para se fazer ouvir perfeitamente:

- Você está dizendo que ele não se matou?

- Seguramente não. Se quisesse sofrer para purgar a alma, faria o nó no pé e se jogaria para o vazio. Se, ao contrário, tinha outras ideias, mais apressadas e menos prenunciadoras de tormentos, cometeu um erro que alguns fazem. Policial, traga-me uma corda aqui para cima!

O guarda obedeceu prontamente; saiu do quarto e voltou pouco depois com uma corda, subiu pela escada e a entregou a Durante. O jovem médico deu um nó às pressas e o pousou na viga. Depois, ajoelhado sobre a grande peça de madeira, prendeu a outra ponta da corda. Pôs-se de pé e, aparentemente, tropeçou no laço, desabando de cabeça para baixo no vazio, ao lado do enforcado.

Ginevra deu um grito agudo, o podestade cobriu o rosto com as mãos e Maquiavel arregalou seus olhinhos escuros. Mas o jovem Durante, depois do puxão dado pelo nó, que lhe prendeu o tornozelo, fez uma grande força sobre a região lombar, agarrou-se à corda e, em um segundo, estava novamente sentado na viga.

- Sou jovem e forte, mas esse infeliz já ultrapassara os 60 anos.

Tinha a voz ofegante, mas estava visivelmente satisfeito. Soltou-se da corda e desceu pela escada. Quando pisou o chão, Nicolau apoiou a mão em seu ombro, coisa que não fazia com ninguém. Mas ainda não parecia estar convencido.

- Por que a escada não ficou apoiada na viga?

- Ele a terá derrubado, para não ter como desistir.

- Então, você está certo de que ele se matou?

- Claro que não! Eu disse antes que há duas possibilidades e descrevi apenas uma. É bem possível que o tenham enforcado com requintes de

crueldade, como castigo.

- O senhor está esquecendo que o quarto estava fechado por dentro - observou o podestade, em um tom levemente aborrecido.

O jovem médico não respondeu e se concentrou em observar a porta arrombada pelo ferreiro e as grandes janelas lacradas. Nicolau, por sua vez, mantinha no rosto um riso mordaz e estranho, em uma expressão de complacência misturada com uma ponta de cólera.

- Existem instrumentos que podem simular com grande facilidade uma coisa dessas.

- Para isso, há necessidade de uma mente superior, secretário...

- O senhor quer dizer um *gênio*?

Ao ouvirem essas palavras, todos os presentes gelaram, e a voz de Nicolau pareceu ressoar em uma caverna.

- Não, não é preciso ser gênio, um homem inteligente basta. - Avaliou a robustez da escada, depois subiu, quase com a mesma agilidade de Durante, enquanto Ginevra o acompanhava, com seus profundos olhos azuis, admirada. Nicolau permaneceu por alguns momentos preso pelas mãos à grande viga, como se algo tivesse atraído sua atenção, depois subiu nela. Havia muitas cordas, casualmente enroladas, caixas, livros empoeirados e objetos de todo tipo. Procurou a outra ponta da corda que enforcara Del Sarto e viu que, de fato, ela não estava amarrada à viga, mas corria livre até o ângulo entre um prego e uma trave, onde um nó a prendera casualmente. Quando ficou de pé, levantou as mãos e apalpou as telhas do teto, até encontrar uma que não estava encaixada e presa. Forçou-a, e apareceu um pedaço de céu. Veio-lhe à mente uma cena completamente diferente daquela que acabara de ser exposta; imaginou o velho abrindo a porta a seus assassinos por vontade própria, içava a escada para pegar alguma coisa escondida no alto, mas depois tentava uma fuga desajeitada pela abertura do teto. Imaginou os homens, muito mais jovens e ágeis, subindo e bloqueando o pobrezinho, que, durante a luta, enroscava o pé no cordame e, por infelicidade, permanecia pendente no vazio, onde o deixaram entregue à morte lenta... Recompôs-se e chamou Durante.

- Aquela telha era um fácil caminho de fuga para os assassinos. Mas não acho que ainda haja interesse em discutir essa morte. Você quer vir aqui em cima?

O jovem médico obedeceu sem discutir. Subiu pela escada e, quando estava sobre a viga, Maquiavel o tomou firme por um braço, fixando-o com um olhar aterrorizante. Em silêncio, mostrou-lhe uma irregularidade na madeira, ao lado de uma pilha de livros, onde havia uma pequena área livre da poeira, como se algo tivesse sido retirado dali recentemente. Eles dois se ajoelharam, enquanto o podestade e Ginevra, de baixo, perguntavam-se o que estavam fazendo. Viam-se marcas recentes na superfície negra da viga. Maquiavel disse a Durante, com um fio de voz:

- Leia!

Só então o médico entendeu que não se tratavam de sinais casuais, mas de letras riscadas talvez com um prego, certamente com muita pressa, e o autor só podia ser o desgraçado que ainda pendia da extremidade da corda. Eram poucas palavras, que exigiram certo tempo para ser entendidas, mas no fim ele permaneceu petrificado.

Ingenium terribile ex Inferis.

Não tiveram necessidade de dizer nada.

- Um terrível mecanismo do inferno - murmurou Durante. Desceram pela escada, e Maquiavel ordenou ao senhor Lorenzino que mandasse retirar o cadáver e sepultá-lo por conta da República. Depois, ordenou-se silêncio, sob juramento, e ameaçou diretamente de morte o soldado que viera com ele.

A FUGA

Depois de uma ceia frugal, Nicolau retirou-se para falar em segredo com o podestade. Durante ficou esperando-o do lado de fora, e quando se

encontraram percorreram juntos o longo corredor que levava aos quartos de dormir.

- *Ingenium terribile ex Inferis*. Então existe mesmo uma arma secreta, senhor Nicolau? E foi o mestre quem a construiu?

O jovem médico conhecia bem a natureza do segredo de Leonardo, mas não podia abrir-se com Maquiavel. Preferia, ao contrário, tentar adivinhar seus pensamentos. Mas o secretário guardava para si suas suspeitas, se é que as tinha.

- Não acredito que ele tenha feito algo contra a República. Mas não encontro nenhuma lógica nessa sequência de estranhezas e de mortes.

- Será que o mestre fez algo *em favor* de Florença, sem dizer nada ao senhor?

Nicolau fez um gesto com a mão, como para afastar uma hipótese boba e incômoda.

- É difícil de acreditar nisso. Para suas máquinas e instrumentos, Leonardo sempre teve necessidade de dinheiro e, para tê-lo, precisa me procurar, obrigatoriamente. Você foi aluno dele e o conhece bem; ele não é do tipo de recusar financiamentos, mas também não costuma sair procurando-os. Só lhe interessa sua ciência; no fundo, ele não está nem aí para Florença ou Milão, Deus ou o maligno.

- O senhor acha que foi o mestre quem mandou matar aquele velho?

- Por qual motivo Leonardo teria querido vê-lo morto, Durante?

- Talvez por ele ter descoberto seu segredo...

- Você quer dizer a arma?

- Aquela da qual zombavam os homens de Pisa no cartaz do fosso do Arno. Em suma, diga-me, o senhor acha possível que o mestre seja um assassino?

- Não acho nada. Mas você está certo; é verdade que existe um segredo.

- O senhor faz idéia do motivo pelo qual o senhor Filippo paduano tinha tantos ossos humanos naquela casa infernal? - Durante perguntava, mesmo já sabendo a resposta, tentando entender se alguma suspeita a respeito daquilo também já ocorrera a Maquiavel

- Não sei dizer exatamente. Tudo é muito estranho; a invasão dos macacos a esse vilarejo fétido, o navio fantasma, aquele velho filósofo e seus ossos, as alusões a armas secretas... O macaco que encontramos na escavação do Arno certamente estava entre os que invadiram o burgo. E não há dúvida de que foram os homens de Pisa que o mataram, ou que o recolheram morto, e o levaram como um presente com aquele cartaz zombeteiro.

- Então, eles conhecem o segredo das tais armas!

O secretário suspirou.

- Sabem ou ouviram falar, ou talvez apenas imaginem. E certamente acham que eu também sei, e no fundo isso é bom. Não temos certeza de que Leonardo tenha se bandeado para o lado dos homens de Pisa, isso não teria sentido algum. Mas é óbvio que ele mantinha alguma relação importante com o miserável senhor Filippo Del Sarto.

- E os cadáveres dos mouros? E por que...

Durante se deu conta de que, com suas perguntas, estava para revelar coisas que deviam permanecer em segredo, e as palavras morreram em sua boca. Nicolau deu a impressão de que, por um momento, aceitou perder tempo com aquele interrogatório, mas se limitou a balançar a cabeça.

- Não pensemos nos porquês, tentemos reagir ao que descobrimos do melhor modo que possamos. A coisa mais importante é impedir que se saiba por aí da fuga de Leonardo, quem sabe com qual terrível segredo. Uma notícia dessas ofereceria a nossos inimigos, grandes oportunidades de enfraquecer a República. Esteja certo de que saberiam aproveitar imediatamente um presente precioso desses. Para além daí, se há um mistério, eu não posso perguntar a ele. E agora não tenho mais tempo, preciso voltar a Florença, porque o cerco está para se fechar em torno das manobras dos *palleschi*. Sem minha presença, o risco de um golpe de Estado dos Médicis se transforma em certeza.

Durante se sentiu morrer; para ele, era absolutamente necessário encontrar Leonardo, e o mais rápido possível, sob pena de arruinar meses de trabalho extenuante. Seria preciso convencer Nicolau a seguir as

pegadas dele, mas o secretário parecia estar pensando exclusivamente nos negócios de Estado internos à República e nos riscos das repetidas conspirações.

- Por outro lado, meu jovem amigo, não podemos nem mesmo fingir ignorar que Leonardo fugiu... Por isso, voltarei a Florença para cuidar de assuntos urgentes, enquanto alguém o procurará.

O rosto de Durante se iluminou.

- Farei isso! Dê-me soldados. O senhor Lorenzino chegou a lhe dizer que estrada ele tomou?

- Sim, mas não lhe direi. Você é muito precioso, sua carreira política é importante, para você mesmo e, sobretudo, para a República. Claro que não o deixarei sair por aí entre pântanos e miasmas...

- Posso perfeitamente ir atrás dele. Bastam-me dois homens hábeis e de experiência.

Maquiavel levantou de repente a voz, com um gesto de raiva que atemorizou Durante.

- Não, eu o proíbo. Encontraremos em Florença alguém que seja de confiança para uma missão secreta. - Ao perceber que entristecera o jovem, que era muito tímido e sensível, baixou o tom de voz: - E, depois, você tem Ginevra. É bom que se ocupem mais um do outro, creia em mim. Já sei quem poderá descobrir nosso amigo.

Durante deu a entender que se conformara logo.

- Onde terá se escondido? Seu mensageiro terá de percorrer toda a Toscana...

Nicolau riu, vagamente sarcástico.

- Se, com a idade, Leonardo não perdeu a esperteza, nos fará comer muita poeira; a Etrúria será pequena para ele, Durante.

- Então, o senhor sabe para onde ele poderia ter ido.

Maquiavel fez um gesto com a mão, como se quisesse afugentar a tentação de fazer confidências ao médico, provavelmente próximo Prior e, talvez, gonfaloneiro da República Florentina.

- Pode ser, dada a estrada que tomou. Mas não me julgue tão ingênuo a ponto de lhe dizer, jovem Durante. Você será muito útil de

outra maneira.

- Como?

- Procure saber tudo sobre o defunto Filippo Del Sarto paduano. Utilize seus conhecimentos nas cortes italianas o mais discretamente possível. Porei à sua disposição correios rápidos do Palácio dos Priores. De resto, não preciso lhe dizer o que nem como fazer, porque, além de belo, você é muito inteligente.

Durante ficou roxo, coisa que deixou Maquiavel perplexo e um pouco incomodado. Tinham chegado aos quartos onde estavam hospedados.

- Agora, descansemos. Temos de partir para Florença amanhã cedo, com a primeira luz do sol.

Durante se enfiou na cama. Não encontrou Ginevra esperando por ele e, como de costume, não se preocupou com isso. Fechou os olhos, mas não conseguiu adormecer. Pensou na frase gravada na viga em que Del Sarto se enforcara: *Ingenium terribile ex Inferis*. Sim. Do Inferno, mas também *das profundezas*. Essa segunda interpretação, não havia dúvida, era mais válida. Não podia resignar-se com a volta para Florença, era imperioso para ele encontrar seu mestre, até mesmo para salvá-lo dos perigos terríveis a que estava exposto. Leonardo nunca daria atenção a um espião anônimo do Palácio dos Priores. Só ele poderia convencê-lo a interromper aquilo que estava fazendo se isso pusesse em risco sua vida de valor inestimável. E, sobretudo, tinha de ir sozinho, para levar a termo a incumbência secreta, que falhara pelo desencontro ocorrido no fosso do Arno. Por outro lado, o secretário, pelo menos uma vez, falara muito, talvez sem perceber. Levantou-se em silêncio, arrumou a cama de maneira a não perceberem sua ausência e saiu do quarto com as roupas debaixo do braço. O frio fazia-o tremer. Vestiu-se rapidamente, desceu as escadarias e foi procurar o alojamento de seu servo, nos fundos do pátio do Palácio. Ao despertá-lo, deu-lhe poucas ordens, mas muito precisas.

Maquiavel despertou pouco depois. Ficou olhando as vigas do teto, pensando também no mistério de Leonardo, nos macacos, nos mouros, no cadáver do cientista paduano. Mas também pensava na pele macia de

dona Ginevra, nos seus cabelos negros e nos olhos azuis, e o desejo de tê-la o atormentava. Sentiu raiva de si mesmo, não pelo remorso de estar traindo o jovem Durante, visto que, para dizer a verdade, não acreditava naquela forma hipócrita de lealdade. Estava sentindo raiva da própria fraqueza, porque não podia se permitir ser débil, logo naqueles dias. Decidiu deixar-se acalmar no frio. Desceu da cama, vestiu-se e saiu para o passadiço do profundo pátio central. Quase sem se dar conta, passou ao lado dos aposentos do podestade e de sua mulher e parou no pequeno pórtico do quarto onde dormiam Durante e Ginevra. Foi até a saída que levava ao grande terraço. Abriu a veneziana e tremeu por causa do vento gélido. Lá de cima, podia entrever o mar negro, que se movia lento, refletindo a lua como a pele translúcida de uma serpente exótica. Do lado oposto, destacava-se o perfil das montanhas longínquas. Procurou acalmar-se e refletir, mas notou ali perto uma sombra ao lado da balaustrada, deslizando a seu encontro. Instintivamente, buscou sob as vestes o cabo do punhal, depois sorriu e pensou que os mercenários de seus inimigos certamente não estariam ali, onde quase ninguém sabia que ele estava.

A expressão de assomo em seu rosto se transformou em sorriso, quando se deu conta de que era Ginevra. Usava a mesma veste singular e quase transparente que usara na escavação do Arno. A mulher o acariciou com muita ousadia, e Nicolau sentiu um irresistível arrepio de prazer, que o sacudia como o golpe de um chicote.

- Senhora, não podemos. Os quartos são colados, podem nos ver entrar, e tenho certeza de que Durante ainda está acordado.

- Não precisamos de uma cama, não acha?

Ginevra se livrou de todo entrave supérfluo e o puxou para si, mas Nicolau hesitava.

- Uma cama é o lugar mais cômodo para certas coisas, dona Ginevra. Podemos esperar melhor ocasião.

- Quer dizer que o senhor não tem mais condições de desfrutar plenamente uma mulher sem colchão, cobertas e, talvez, sem a cômoda ao lado da cama? O senhor é tão velho assim?

Nicolau enfiou as mãos por sob suas vestes e a puxou para si. Ela enroscou as pernas nele e gozaram muito tempo um com o outro, sem se preocupar com o frio.

Durante Rucellai estava atravessando o jardimzinho sob o pequeno palácio do podestade com seu servo. Levantou os olhos, atraído pelo reflexo da lua, e os viu. Por um momento, sentiu-se sem poder respirar mais, e um frio inesperado agrediu seu coração. Ficou durante certo tempo imóvel naquela posição, depois se recompôs e retomou o caminho, com um sorriso triste. No final das contas, Ginevra conseguiu alguém para protegê-la. Chegou ao estábulo, onde estavam abrigados os soldados. Acordou um deles, que sabia ser-lhe fiel, e, com a ajuda do servo, selaram três cavalos. *Não o deixarei sair por aí entre pântanos e miasmas*, dissera pouco antes o secretário; havia apenas um lugar, entre as terras de Sena e o limite com o Estado da Igreja, que correspondia àquela descrição e ocultava um refúgio de seu mestre que todos os demais ignoravam. Conduziram os cavalos pela mão até a estrada, depois partiram a galope, sob o clarão puro e gentil da lua.

A CONSPIRAÇÃO

A luz do sol que acabara de surgir inflamou o rosto enfurecido de Nicolau, que tirou a cinta e golpeou violentamente os soldados que tinham permitido a fuga de Durante Rucellai e de seu servo. Os homens estavam aterrorizados, sabiam que iriam ser entregues ao Oficial de Justiça, à tortura, à prisão, quem sabe à morte. Mas não podiam falar senão a verdade, ou seja, que um guarda devia estar combinado com o jovem médico e com seu servo, que haviam feito tudo em completo silêncio e que não sabiam para onde tinham ido. Nicolau os amaldiçoou e amaldiçoou todo o gênero humano, incluindo Leonardo e a si mesmo. Lembrou que, descuidadamente, dera uma informação preciosa àquele jovem louro e belo e se autoinfligiu uma chicotada, sob os olhares apavorados dos soldados. Dos três guardas que ficaram massageando o corpo golpeado por suas chibatadas, enviou um, a toda pressa, na inútil

tentativa de capturar os fujões, que já se encontravam várias horas à frente; os outros dois eram indispensáveis para seu próprio retorno a Florença, que não podia mais ser adiado. Genevra, a seu lado, parecia petrificada; aquela linda mulher, que gozara com ele tanto na escavação do Arno quanto em cima da torre daquele mísero palacete, parecia aflita ao pensar nos perigos que Durante poderia estar correndo naquele momento. Maquiavel não conseguia entender isso; era claro que ela não agia como amante, e sim como uma irmã que sofria, mas ele sabia que ela não era irmã de Durante. Ou se tratava de um sofrimento bem distinto? E também procurou discernir, tanto quanto lhe permitia a terrível angústia, se realmente estava apaixonado por ela. Não, não sofria diante da idéia de que a tirassem dele ou de ela fugir, em especial porque tinha a impressão de que, em matéria de amor, aquela mulher misteriosa defendia os mesmos posicionamentos seus. Então, qual era a forma singular de afeição que ela nutria por Durante?

Genevra pegou seu braço com força, como se quisesse se apoiar para não desmaiar.

- Senhor Nicolau, Durante corre realmente perigo mortal?

- Ao longo do caminho, há muitos mercenários e pântanos enfermiços, mas a senhora verá que o homem que mandei atrás dele será capaz de assegurar a salvação de seu jovem. - Nicolau pronunciou aquelas palavras sem acreditar muito nelas, e não se entristeceu por isso. - Em todo caso, a senhora está sob minha proteção...

- O senhor sabe que não admito que falem assim comigo - Genevra o interrompeu. - Espero ter sua amizade, confio em sua ajuda, mas não estou sob o poder de ninguém...

- A senhora fala como uma princesa de sangue, ou como uma rainha, senhora minha... Posso lhe perguntar quem a senhora realmente é? Tenho apenas as vagas palavras de Durante...

Genevra gelou.

- Quando partimos para Florença?

- Imediatamente, senhora.

- O senhor mandará alguém em busca de Durante? Suplico-lhe.

- Esteja certa disso. Eu o farei com a máxima discrição, com meus melhores homens.

O secretário já mandara seus servos prepararem, depois de lhes ter aplicado um corretivo, carroças e bagagens. Antes de partir, despediu-se do podestade, senhor Lorenzino Degli Albizzi, apertando-lhe as duas mãos, gesto que não costumava fazer.

- Ordeno que o corpo do senhor Filippo Del Sarto desapareça o mais rápido possível, e que aquela montanha de ossos seja sepultada com ele, mas de maneira que, se houver necessidade, possam ser prontamente exumados.

- Temos um cemitério bastante seco, senhor secretário.

- Está bem. E ordeno-lhe o mais total segredo, ou responderá com a vida se essa notícia infeliz se espalhar.

- Somos uma pequena localidade, senhor Nicolau, mas muito fiel à República, como o senhor bem sabe. A notícia dos macacos já se espalhou por todos os cantos, mas do senhor Filippo ninguém tomará conhecimento; eu mesmo tenho métodos convincentes para impor o silêncio.

Maquiavel ordenou que os carros saíssem a toda, sem levar muito em conta o conforto dos passageiros, para que Florença despontasse logo no horizonte. Por isso, a viagem foi mais curta que o previsto, mas penosamente incômoda, com raras paradas nas hospedarias e rápidas trocas de cavalo. Genevra ficou quase o tempo todo em silêncio, assistida por sua jovem criada, que lhe secava continuamente o suor e lhe limpava a poeira do rosto com a ajuda de cremes estranhos. Nicolau não podia fazer outra coisa, exceto ficar olhando para aquela face de admirável regularidade, os olhos azuis contrastando com os longos cabelos negros, e se perguntar quem ela era de fato: cortesã, amante, ou talvez uma princesa de verdade? O jovem Durante, ao voltar de seus estudos em Bolonha, a apresentou a ele como uma mulher tomada em Ferrara, mas dando a entender que se tratava de uma aristocrata que dividia o leito com ele. Aceitara aquela história sem refletir, e só agora que o jovem estava longe, à procura de seu mestre, fora invadido pela dúvida e

pensava que mulheres como ela eram pérolas raras nos mares do extremo Oriente. Mas, ao fugir na noite, Durante implicitamente a confiara a ele, e ele a teria protegido como uma mulher, *more uxório*, pensou sorrindo, e nem mesmo agora sentiu o menor remorso por aquilo que haviam feito em duas noites consecutivas. Só naquele momento se deu conta de que, enquanto a carroça arrancava pela estreita e pedregosa estrada para Pisa, Durante era muito importante para ele como amigo e, em certo sentido, como discípulo e protegido, mas não como um verdadeiro homem, um rival naquilo que as almas puras chamavam os *assuntos do coração*. De fato, mesmo que quisesse, não sentia remorso de tê-lo traído.

Aquela viagem interminável, que durou um dia inteiro, e o silêncio de dona Ginevra levaram-no a retomar o que acontecera nas horas anteriores, que, de tão extraordinárias, podiam ser consideradas como meses de acontecimentos convulsos. Continuava a pensar no cartaz ingênuo escrito a cal que fora encontrado no fosso do Arno, com a frase zombeteira dos homens de Pisa. Mas, acima de tudo, ele se inquietava com a incisão feita pelo miserável Del Sarto, talvez com as unhas, seguramente em desespero, enquanto tentava fugir de seus assassinos. Que Leonardo pudesse estar entre eles era um pensamento tão incômodo que chegava a ser insuportável. A linguagem das duas frases denunciava a estranhíssima instrução dos respectivos redatores e era, a seu ver, indício de autenticidade:

As armas secretas do diabo no cu de Maquiavel!
Ingenium terribile ex Inferis.

O autor da primeira era um popular ou um militar, ao passo que a segunda era obra de um homem de letras. Isso estava de acordo com o fato de que o cartaz teria sido concebido por algum capitão ignorante do exército de Pisa e a segunda frase tivesse sido concebida, ao contrário, pela mente do misterioso senhor Filippo, o paduano. Havia apenas uma hipótese alternativa, isto é, que alguém tivesse imitado intencionalmente dois modos de expressão tão distintos, mas não entendia por que e,

sobretudo, quem teria uma inteligência tão sutil. Talvez ele mesmo, Nicolau Maquiavel, secretário florentino, teria podido cogitar um engano desse tipo. Mas, em vez disso, e isso o desorientava muito naquele momento, era ele quem estava seduzido pelo mistério.

Os carros, protegidos por cortinas pesadas, entraram em Florença a toda velocidade pela Porta de San Frediano. Eles foram precedidos por um soldado a cavalo, com o estandarte de viagem do primeiro-secretário, de modo que encontraram a estrada completamente livre e sem curiosos. O pequeno comboio atravessou, sem pelo menos desacelerar, a anteporta e o arco da imensa torre, erguida no século XIV para a defesa da cidade. Para além da porta, estendia-se a povoação, que seguia por uma via romana e, antes ainda, etrusca, que terminava na cabeça da Ponte Velha. Atravessaram o Arno entre as duas fileiras de bodegas de açougueiros, em meio ao rebuliço de pessoas que olhavam curiosas as cortinas abaixadas, provavelmente intuindo quem estava a bordo. Nicolau sabia perfeitamente que para um príncipe, assim como para um alto funcionário do Estado como ele, aquelas passagens pela cidade podiam ser perigosas e até mesmo fatais. As praças cheias, as igrejas - todos recordavam o assassinato de Giuliano de Medici no domo -, as vias estreitas como aquela antiga ponte eram todos lugares fáceis para emboscada, para o lampear de um punhal ou até mesmo para o disparo de uma escopeta. Seria preciso mandar construir uma estrada subterrânea e secreta, imaginou o primeiro-secretário, ou, melhor ainda, uma estrada aérea e coberta, suspensa sobre os tetos de Florença, imune aos tumultos do povo e à mão rápida dos mercenários.

Ginevra e seus servos desceram na via delle Terme, diante da casa que Durante Rucellai escolhera para sua residência. Maquiavel, por sua vez, ordenou que o levassem para o Palácio dos Priores e, uma hora depois, cansado e com as roupas ainda cheias de poeira, tomava assento em seu escritório na chancelaria, às voltas com a investigação sobre as tramóias dos *palleschi*, defensores do retorno dos Medici. Precisou interrompê-la duas vezes, por mandato dos Dez: primeiro, para acompanhar, em Roma, a eleição do papa, que o Espírito Santo

finalmente inspirara aos padres na pessoa de Júlio II; depois, para uma importante embaixada na França, na corte de Luís XII. Agora, precisava recuperar o tempo perdido e tinha máxima urgência em falar com sua *longa manus* nos negócios secretos e reservados da República.

Mandara chamá-lo no momento em que atravessou o portão que dá para a praça e, pouco depois, foi-lhe anunciado sua chegada. Era um homem de aspecto nada diabólico; poderia ser definido como triste e modesto. De baixa estatura, um pouco corcunda, tinha cabeça grande e olhar perenemente estupefato, sob duas cerradas sobrelanceiras negras que quase se uniam sobre a junção do nariz. Sua veste era lisa e ele sempre carregava uma papelada debaixo do braço; parecia um escrivão de baixo nível, e certamente era essa a impressão que queria dar. Ao ver Maquiavel, que lhe fez um sinal para se aproximar, não se inclinou inteiramente, mas depositou seus papéis sobre a mesa e levantou a cabeça, à espera. Com outro sinal, o secretário convidou-o a sentar.

- Vai bem, Violante?

O homem fez que sim.

- Graças a Deus, senhor. Sua aparência está magnífica. Foi bem de viagem?

- Foi interessante. Novidades de Roma?

- O papa deu provas da têmpera de que é feito. Mostrou-se de novo contra Veneza... Tenta unir pelos vínculos do matrimônio sua linhagem com os Colonna e os Orsini, achando que assim porá ordem na urbe.

- E, desse modo, criar mais inimigos do que pode em São Marcos. Você tem novidades do duque?

- Valentino enfrenta gravíssimas dificuldades. Tem poucos soldados fiéis a ele, a caminho de Nápoles, onde provavelmente pretende refugiar-se junto a seus parentes. Estava convicto de que poderia manter o poder sobre as Romagne, mesmo sob o novo papa.

- Ele é que tinha de se ter feito eleger papa! Agora, está acabado. Nicolau pegou um livro da mesa, folheou-o com o polegar e o indicador, depois o arremessou de má vontade sobre uma cadeira.

- Valentino parecia imbatível. E realmente era enquanto permaneceu fiel a si mesmo.

Violante estremeceu, pensando nas inacreditáveis crueldades daquele príncipe, e o secretário parecia estar lendo seus pensamentos.

- Agiu com absoluta impiedade e ferina coragem, mas sempre pelo bem do Estado. Ouvi coisas extraordinárias dele. Até escrevi um breve tratado inspirando-me em suas ações. - Vasculhou a mesa, em meio aos papéis, mas não encontrou aquele que buscava. Então, pegou outro manuscrito, *As palavras a serem ditas sobre a provisão do dinheiro e sobre o modo de tratar os povos rebelados do Vale do Chiana*, que, de todo modo, tinha algo a ver com o duque Valentino. - E tenho muitas outras ideias. Já defendi uma delas com sucesso diante de Soderini; é preciso que Florença tenha exércitos próprios.

- Temos ótimos capitães, senhor.

- Não. O tempo dos mercenários acabou. Precisamos criar uma milícia civil ordenada, como fizeram os suíços.

Violante sinalizava negativamente, e Maquiavel deu de ombros, desestimulado, pois não encontrava ninguém que apoiasse seus pensamentos.

- Está bem. Ponha-me a par dos desenvolvimentos da conspiração dos *palleschi*.

O chefe da guarda secreta abriu um caderninho de capa vermelha, fechado por um pequeno laço e por um minúsculo fecho.

- Os agentes dos Medici infiltrados na cidade são sete, senhor; além daqueles de quem o senhor suspeitava, há outro, que só descobri ontem.

O secretário concordou, satisfeito.

- Quem é sua presa, senhor Violante?

- Um vendedor de livros antigos de Prato, que viaja sob o nome de Girolamo Bartolomei. É o contato de um dos mais perigosos dos *palleschi*.

- Você acredita que não haja mais deles?

- Não estou bem certo, mesmo porque os sete agentes ainda não contaram aos *palleschi* florentinos o objetivo e os modos da conspiração.

Só na cidade eles tiveram refúgio, cobertura, dinheiro, mão de obra... Sabem perfeitamente que nem todos os nobres são capazes de guardar um segredo tão grave...

Ao ouvir essas palavras, Maquiavel voltou a pensar no duque Valentino, que até o último momento conseguia manter em absoluto segredo os planos de morte, feitos para o bem do Estado. Mas ele conhecia como eram falastrões seus concidadãos, fossem eles *palleschi* ou inconformados.

- Também acho; apenas os sete agentes e nós dois sabemos o que acontecerá. E isso nos traz vantagem.

- Os mercenários também o sabem, senhor; trata-se de alguns *chorões* que, dentro de uma semana, tentarão matar o gonfaloneiro Soderini na praça do domo. Eles acham que foram pagos e treinados por nobres bajuladores, mas morrerão imediatamente. - Violante se alegrava com a estima de seu chefe e continuou falando, demonstrando muita satisfação - Ao grito de *Liberdade!* E *Savonarola!* tentarão golpear vossas senhorias.

- Até eu?

- Até o senhor, claro; eles o odeiam e temem. Entre os objetivos dos conspiradores, deveria ocorrer em seguida um golpe de Estado para... *salvar* a cidade com a ajuda de um homem forte, que, obviamente, seria um Medici.

- Mas os criminosos são *chorões* autênticos?

Violante sorriu, ao mesmo tempo em que balançava a cabeça.

- Verdade: são uns imbecis, completamente idiotizados pelas palavras daquele louco...

- Que louco que nada. Era mais esperto que nós dois juntos. Sabia usar tão bem suas monstruosidades que conseguiu derrubar esquemas extraordinários. Mas dentro de pouco tempo Girolamo estará morto, se Deus quiser.

O secretário pensou no grito que deveria ressoar: *Liberdade!* Houve um tempo em que teria jurado que aquela palavra tinha apenas um significado, límpido e desprovido de qualquer ambiguidade. Agora,

precisava mudar de opinião. *Liberdade!*, gritavam os *chorões*, invocando o retorno à licença religiosa de fanáticos, em oposição à liberdade civil em que ele acreditava firmemente. *Liberdade!*, gritavam os homens de Pisa diante do rei da França, e sua liberdade era o oposto da liberdade da República florentina...

- Você chegou a arquitetar algum plano, Violante?

- Seguindo sua sugestão, com a qual concordo, o atentado acontecerá regularmente, mas será imediatamente desbaratado e os mercenários serão punidos depois de uma condenação pública. Eles não sabem quem são seus financiadores, mas isso não importa, dado que nós sabemos.

Nicolau riu.

- Muito bem; o atentado malogrado abalará os corações dos florentinos e acabará fazendo bem à República. Falta decidir o que fazer com os *palleschi* florentinos, os nobres que apoiam e estão envolvidos nessa ação e, sobretudo, com os sete agentes infiltrados enviados pelos Medici.

- Estarão todos mortos antes desse mesmo dia anoitecer, secretário, naturalmente, no maior segredo.

- Não. - Nicolau levantou-se e, desde as grandes janelas, olhava a praça fervilhando de gente, homens, mulheres e jovens. Viu também um padre e dois frades, mercadores, alguns cavaleiros e um grupo de soldados; ali estava representada toda a Florença, em seu grande bem e em seu não pouco mal. - Seria um erro grave. A República é frágil, temos de usar uma forma de terror mais sutil.

- Que faremos, então?

- Os nobres *palleschi* florentinos não serão molestados.

Violante arregalou os olhos.

- Mas isso é contra a lógica...

- Não, não é. São inofensivos, visto que sabemos quem são, e inócuos, se mantivermos os olhos neles. Perigosos são os agentes infiltrados no meio deles pelos Medici. São eles que devemos golpear, mas de maneira que, fora de Florença, não se ouça falar nada do ocorrido. Desse modo, os Medici não poderão tirar vantagem dessa experiência.

Criaremos o mistério e, com isso, o medo. - Ao dizer isso, Maquiavel fatalmente pensou em Leonardo, nos macacos de Livorno, na escavação do Arno. Mas afastou aquelas imagens incômodas, que não considerava importantes naquele momento. O chefe da guarda secreta olhava para ele com ar de interrogação, mas sorriu e concordou. - Sim, senhor Violante; acontecerá que os agentes dos Medici, começando por esse Girolamo Bartolomei que o senhor descobriu, desaparecerão no nada. Ao mesmo tempo, o senhor poderia, com um pouco de imaginação, simular acidentes fatais com suas mulheres, irmãos, filhos crescidos de todos eles, onde quer que estejam.

- Em Prato, Sena, Roma...

- Melhor, para evitar falatório. E para não termos parentes falando em nosso pé de ouvido.

- O senhor pode sugerir o modo para eu fazer isso?

- Isso cabe ao senhor! Agora, eu é que tenho de lhe ensinar como fazê-los desaparecer? Afogue-os no rio, sufoque-os no leito, arranque-lhes os pés, faça o que quiser, desde que sem estardalhaço. Os sete agentes não devem chegar a Florença de maneira nenhuma, entendeu? Tem de parecer que foram engolidos pelo nada. - Violante concordava e tomava notas. - Por outro lado - prosseguiu Nicolau -, o atentado dos *chorões*, os asseclas de Savonarola, acontecerá como dissemos, mas será desbaratado no último momento.

Violante sorriu, confiante em seu chefe e em si mesmo.

O senhor Nicolau Maquiavel fez-se conduzir em segredo à casa onde Ginevra estava hospedada para jantar com ela. Os outros criados já tinham se retirado para seus quartos, restando apenas a criada, quando adentraram juntos o quarto em que aquela mulher magnífica passara suas noites florentinas com Durante. Despiram-se um ao outro, rindo felizes, e por mais de uma hora não pensaram em assuntos de Estado, nem em perdas vistas e sofridas, nem na incerteza do futuro.

Ginevra estava em cima dele, toda úmida de suor; seus cabelos negros e longos soltos cobria os dois como um lençol. Ela mantinha os

olhos abertos e o olhar sério. Nicolau percebeu que ela queria lhe dizer algo importante.

- Você acha que já descobriu que tipo de mulher sou eu?

- Sim, Ginevra, e me agrada muito.

- Todavia, perturba-lhe um pouco o fato de eu ter ido tão rapidamente para a cama com você, de agora estarmos na cama de Durante e de ter a intenção de continuar a fazê-lo, mesmo me entristecendo tanto com a sorte dele, não é mesmo?

- Não me importo, mas se houver algo que possa aliviar o peso de seu coração, por favor, diga-me.

Ginevra levantou-se com um salto e montou no secretário, que a viu bela e selvagem como uma amazona dos tempos antigos.

- Não carrego a menor culpa. Sou amiga de Durante e o ajudo em sua carreira, porque ele tem necessidade não dos conselhos de vocês, mas de uma mulher que esteja a seu lado e que, aos olhos do mundo... Durante não é como você... Não é um *homem* na acepção em que vocês, machos, usam o termo.

Nicolau já sabia disso havia tempos, mas ficou feliz que as coisas finalmente tivessem sido postas a claro. Gozaram ainda mais um com o outro, até se sentirem exaustos. Mas depois o secretário não dormiu. Pensou que estava descuidando de uma mulher doce e bela, de filhos amorosos, e que, ele sim, carregava graves culpas aos olhos do mundo. A veneziana fechada filtrava os raios brancos da lua, que vinham desenhar no quarto geometrias singulares. O corpo nu de Ginevra, encostado no dele, parecia emitir um brilho próprio, como se o fogo inapagável que animava aquela mulher extraordinária tivesse forma e calor de chama viva e aflorasse em sua pele. Seu seio subia e descia tranquilo, no ritmo mais lento do sono profundo. Cobriu-a com um lençol, porque era abril e ainda fazia frio. Levantou-se, mas evitou chamar o servo. Preferia vestir-se sozinho. Estava com vontade de nadar nas águas claras de um rio, mas teria se contentado também com um banho rápido de tina. Pensou em Catulo, em Horácio e nos outros poetas antigos, em suas descrições da vida feliz no Império dos Césares, quando o povo frequentava

esplêndidas termas públicas e os patrícios dispunham até de termas particulares. Talvez, se o mundo recuperasse o saber clássico, retomaria também algumas comodidades dos tempos imperiais que se haviam perdido.

Chegou ao passadiço, sobre o pátio, que era profundo como um poço, e na metade da escadaria viu subir correndo, apressado e descomposto, o corcunda Violante. Só podia estar ali por motivos graves. E teve certeza disso quando o chefe de sua guarda secreta postou-se diante dele, ofegante e com a testa banhada de suor.

- O senhor Durante, meu senhor...

Maquiavel compreendeu imediatamente. Seu primeiro pensamento foi para Ginevra, que dormia tranquila no quarto superior, protegida dos olhares indiscretos de todos os intrometidos de Florença. Depois, pensou no jovem médico louro, com grandes e sacrossantas ambições políticas, que ele mesmo apoiava, tão generoso e impulsivo. Por fim, pensou no próprio futuro, porque aquilo que certamente acontecera implicava consequências terríveis.

- Onde?

- Em um fosso, certamente além da Porta de San Pier Gattolini. Encontraram-no esta noite, à luz de tochas.

- E o soldado e o servo que estavam com ele?

Violante abriu os braços.

- Havia só o corpo dele, as vestes intactas e limpas, as preciosas botas bem calçadas, a bolsa bem fechada, o manto e o capuz recobrando a frente, as luvas de veludo... Só um corte entre a cabeça e o pescoço, que lhe tirou a vida.

- Então não foi um assalto.

Violante confirmou que não e ficou de cabeça baixa, fugindo dos pequenos olhos negros do primeiro-secretário, como se não conseguisse encará-los.

Maquiavel pensou com rapidez. Por aquilo que acabara de saber, Durante não fora assassinado no esconderijo de Leonardo, mas na volta, já às portas de Florença; se andavam por ali mercenários que o atacaram,

então era possível que os mistérios de Livorno não estivessem em questão. Talvez ele tivesse sido vítima do acaso; ao encontrá-lo só, à noite, os *palleschi* aproveitaram para eliminar um inimigo da linhagem dos Medici.

- Onde está o corpo?

- Na prisão.

Sem dizer mais nada, desceram a escadaria até o piso térreo e saíram para a rua deserta e escura. Caminharam um ao lado do outro, à luz das tochas, sem guardas que os protegessem. Florença dormia e, pelas ruas, passavam furtivos apenas os gatunos, as raras rondas dos Oito e alguns casais clandestinos. O Mercado Velho, em volta da coluna que apoiara, nos tempos felizes dos romanos, a estátua da abundância, também estava vazio.

Com o rosto coberto por mantos, atravessaram a praça e, pouco depois, já estavam diante da alta torre de pedra do antigo palácio. Deixaram--se reconhecer, e os guardas abriram caminho, amedrontados. Deram a volta no pátio, e Violante abriu a porta que levava às estreitas celas sob a torre. Tão logo entraram, abriu-se para eles um mundo triste e infernal; ouviam-se os lamentos dos prisioneiros e alguns gritos, logo sufocados, de quem naquele momento estava sendo torturado. Uma cela estava aberta, vigiada por um guarda. Apenas quatro tochas, nos cantos, iluminavam o antro, parecido com uma gruta, e o piso de terra batida parecia empapado do sangue de mil vítimas. Sobre um modesto estrado, Nicolau viu o corpo de Durante, completamente vestido, exatamente como Violante o descrevera. Mas a roupa que estava usando era excessivamente rica e de aparência estranha, vagamente oriental. Nicolau não lembrava de tê-lo visto usando aquilo. Aproximou-se para olhar melhor o rosto cadavérico do jovem desgraçado. Tinha os olhos fechados e boca semiaberta, como se a morte o tivesse colhido em completa surpresa, e isso era bem provável, visto o nítido corte, sem dúvida um golpe de espada que quase lhe separara a cabeça do pescoço. Aquela observação, antes de qualquer outro raciocínio, levou Nicolau a pensar que havia algo de muito estranho naquele homicídio. Não era médico,

mas tinha experiência suficiente para saber que um corte daquele tipo provocava sempre uma enorme hemorragia, capaz de sujar a vítima, o assassino e quem mais estivesse por perto... Mas as roupas de Durante estavam completamente limpas. Só havia uma explicação: o jovem não fora assassinado de um só golpe. Havia sido capturado arditamente, levado para alguma prisão, despido, talvez torturado e só em seguida suprimido. Mas depois fora lavado, vestido com outras roupas e lançado ao fosso onde os guardas o encontraram. Isso não fazia sentido. Pensou, horrorizado, nas torturas a que o jovem certamente teria sido submetido; queria comover-se e chorar, mas sua mente, tomada por um furor particular, só fazia calcular o risco que corriam seus planos e as consequências que aquela morte comportava para a República. Ordenou ao carrasco que despojasse o corpo de Durante com a máxima delicadeza possível. O homem lhe tirou as botas, o colete, a camisa e os calções e, só quando ele estava completamente desnudo, Nicolau percebeu que sobre toda a pele havia um véu oleoso imperceptível. Pensou que fosse um sinal de decomposição, mesmo que o corpo ainda não exalasse o cheiro da morte e tivesse até um quê de aromático. À parte isso, o cadáver não apresentava contusões, e isso levantou-lhe o ânimo. Todavia, percebeu estranhas cicatrizes, quase invisíveis, mas muito longas, que atravessavam o corpo em altura e largura. Não podiam ser antigas feridas de guerra, porque Durante, pelo menos que se soubesse, não era militar e nunca combatera. Então, aproximou o rosto da pele rosada.

Quando entendeu, retraiu-se imediatamente. O jovem médico fora retalhado, com cortes sutis, mas profundos, provocados por um bisturi afiadíssimo que ele bem conhecia; suas vísceras, exploradas e, posteriormente, a pele costurada com todo o cuidado. O trabalho de costura fora feito com arte refinada, como se não se tratasse da pele de um morto, mas de um precioso tecido de seda ou de uma renda de San Gallo, e era evidente a quem pertenciam as mãos que haviam tocado pela última vez o corpo de Durante. Mãos admiráveis pela delicadeza quase diabólica de quem vinha sempre mais aparecendo no centro de uma intriga terrível: Leonardo! Então Durante o encontrara, fora assassinado e

seccionado por ele! Será que o mestre estava em Florença? Impossível, alguém é que devia ter transportado o corpo por quilômetros e quilômetros... Recolheu com o dedo um pouco da essência oleosa que o recobria, levando-a ao nariz, e sentiu que tinha um cheiro forte. De repente, vieram-lhe à mente os vasos que vira em Livorno, na casa do senhor Filippo del Sarto, com as partes anatómicas perfeitamente conservadas...

Maquiavel pensou ser ele o primeiro a se dar conta daquele trabalho de dissecação, feito com tamanha delicadeza. Mas agora Violante, o carcereiro e o vigia olhavam para ele, enquanto estudava aquelas suturas e podia surgir neles a mesma dúvida que o animava. Ordenou, então, que o corpo fosse imediatamente revestido com os ricos trajes e arrumado no caixão, que deveria ser lacrado imediatamente. Enquanto cumpria a ordem, o vigia notou algo de diferente: um sinal em torno do pulso direito, que parecia ter sido deixado por uma pulseirinha de ouro arrancada com violência. Não se lembrava de ter visto Durante usar uma pulseirinha. Além disso, não era natural que lhe tivessem roubado um simples adorno, deixando todos os outros objetos de valor e as ricas roupas. Aproximou-se o mais que pôde e, maravilhado, percebeu que não se tratava de um sinal qualquer, mas de uma curta frase, escrita com tinta preta por baixo da pele, como uma tatuagem. Eram duas palavras sem sentido:

ahca arucorp

Pensou em grego, em latim, em provençal, em castelhano e em outras línguas cujos rudimentos conhecia, mas nada lhe sugeriu um significado possível. Pediu papel e lápis e tentou escrever várias vezes aquelas duas palavras. Depois, por uma iluminação inesperada, viu com os olhos da mente de Leonardo enquanto compilava os códices com a mão esquerda. Fez o mesmo, e a mão o guiou com naturalidade pela grafia ao contrário. Desse modo, a última linha da folha lhe revelou o significado das palavras, como se fossem lidas diante de um espelho:

Procura Acha

Então era mesmo Leonardo o responsável por tudo aquilo? E se ele escrevera aquelas palavras sobre o corpo de Durante, como uma mensagem cifrada, a quem elas se destinavam? Procurar o quê? Encontrar quem?

Saiu para a rua com Violante com a lua ainda alta no céu. Cumprimentaram-se num gesto de silêncio, e o secretário voltou à casa onde Ginevra estava hospedada. Fez o porteiro lhe abrir a porta. Olhou-o espantado, sem dizer uma única palavra. Nicolau subiu correndo a escadaria, esperando que a dama ainda estivesse dormindo. Não sabia como lhe dar a notícia da morte de Durante. Já entendera qual era a afeição que ligava os dois, mas não sabia qual era sua profundidade. Como Ginevra reagiria à notícia de que o jovem médico louro, tão delicado, a ponto de dormir em lençóis de seda, mas corajoso como um leão, encontrava-se agora estendido em uma chapa de pedra fria?

Encontrou-a em pé, na soleira, envolvida em sua estranha veste branca, com os raios brancos da lua brincando em seu corpo e em seu rosto. Parecia ter chorado longamente. Quem lhe dera a notícia? E como? Poucas horas se passaram desde quando a deixara exausta na cama, coberta apenas por um lençol.

Não teve tempo de lhe dizer uma só palavra. Ginevra perdeu todo o controle, e com suas mãos pequenas e fortes agarrou-se às vestes de Nicolau. Implorou, ameaçou, esmurrou-o, até que todos os servos viessem para diante da porta do quarto. Nicolau precisou tranquilizá-los e mandá-los de volta com toda a firmeza. Ginevra implorava que lhe dissesse o nome do assassino, imaginava traições e enganos mortais, maldizia a humanidade inteira e chegou quase a blasfemar, mordendo a língua, mas, em momento algum, derramou uma só lágrima. Palavras não serviam para acalmá-la e, não vendo outro modo, Nicolau precisou dar-lhe uns tapas, dosando a força. A mulher arregalou os olhos e enfiou a mão sob as vestes, talvez procurando uma arma, mas caiu estendida na

cama. Aproveitou para revistá-la e encontrou um curto punhal de forma oriental, semelhante àqueles que os Cruzados traziam da Terra Santa. Escondeu-o em um bolso, depois a abraçou bem forte, buscando aplacar os frêmitos convulsos que a sacudiam.

Ficou com ela assim, por alguns minutos, depois tentou falar-lhe mansamente, sussurrando-lhe ao ouvido frases afetuosas. Ginevra tranquilizou-se um pouco, e a ansiedade de saber de Nicolau se desencadeou.

- Onde estão as roupas de Durante? - perguntou-lhe imediatamente. A mulher pareceu ter sido pega de surpresa por aquela estranha pergunta.

- Não sei lhe dizer... minha criada deve saber responder... Maquiavel dirigiu-se para a prateleira da parede onde estavam os baús.

Encontrou o do jovem médico e o esvaziou de todo o conteúdo. Nele havia ali várias vestes preciosas, mas nenhuma se parecia com aquela com que o cadáver fora vestido.

- Há mais roupas?

- Que eu saiba, não.

- Pense bem! Isso é muito importante.

Ginevra olhou ao redor, depois fez sinal negativo, convicta. Nicolau continuou a revirar roupas no baú, mas Ginevra o deteve.

- Espere, deixe-me fazer isso.

Enquanto dobrava apressadamente a roupa de dormir de Durante, um livreto vermelho caiu de seu bolso. Ginevra se inclinou para recolhê-lo rapidamente, mas Nicolau ficou curioso e o pegou antes dela.

- Que livro é esse?

- É o livro de Horas de Durante, um pequeno e antigo breviário que ele sempre carregava consigo.

A atenção de Maquiavel foi atraída pela capa de marasquino, levemente gasta pelo longo uso. Era um livro em língua francesa, enriquecido de muitas miniaturas preciosas, e a lombada parecia muito maior do que seria necessário para conter as folhas. Na borda inferior da

última página, notou uma frase que Durante escrevera a mão muito recentemente:

Para Leonardo: a filosofia pode realmente ter a força das armas se em nome do positivo se opõe ao Verdadeiro.

Segue A transformação do sêmen.

Que significado tinha esse escrito de Durante? Parecia o título de uma dissertação filosófica ou religiosa. Olhou os olhos celestes de Ginevra.

- Você entende o que isso quer dizer?

A mulher negou com um gesto de cabeça, decidida, mas estendeu a mão para pegar o volume.

- Durante queria que este livro de orações fosse usado nos ritos exequiais no dia de seus funerais; uma tradição de sua família.

- E assim o será. Eu o darei ao padre. Mas, por enquanto, ele ficará em meu bolso.

- Você não tem esse direito, Nicolau.

- Fico com ele e assumo a responsabilidade.

Depois, ainda calçado, ele se deitou e finalmente fechou os olhos enquanto a alvorada banhava de doce luz rosada os últimos andares dos palácios.

Nicolau cavalgava ao lado de um jovem moreno, magro e alto, com uma barba curta que lhe desenhava elegantemente o belo rosto afilado. Os prados e os campos estavam muito verdes e vívidos, como nos quadros de Botticelli quando jovem, e camponesas adolescentes, envoltas em véus, dançavam em torno deles como fadas. O jovem príncipe o estava levando ao castelo, para ele rever a obra de arte da qual era o autor. Enquanto seus cavalos avançavam, lentos, apenas tocando o solo, as cores do campo mudavam, faziam-se mais densas e escuras e, ao final, distintas da realidade; os verdes se transmutavam em tons marrons, o céu se descoloria, passando do azul para o branco, dos prados, despontavam florestas que não eram naturais. Fendas profundas e vales estreitos

marcavam o horizonte, e as camponesas agora tinham as faces mais lindas e delicadas que alguém poderia imaginar, mas no olhar delas havia uma inquietação profunda e perturbadora. Só quando chegaram diante das portas do castelo, que se parecia com o castelo de Artur nas miniaturas nórdicas, enquanto a ponte levadiça era abaixada, Nicolau compreendeu que aquele campo fora pintado por Leonardo e que tudo gritava um segredo terrível. Ao lado dele, o jovem príncipe ria. Chegados ao pátio, Nicolau apeou do cavalo e o acompanhou na visita à obra de arte que realizara e que lhe apresentara dias antes, suscitando sua admiração. O belo jovem abria a boca e pronunciava palavras, mas não se ouvia som nenhum. Em seus lábios, o secretário lia, ou achava que lia, uma espécie de conselho: *Nenhuma beleza é maior do que a beleza que mata*. Nicolau não entendia o que ele queria dizer, mas o príncipe abriu uma porta depois e mostrou orgulhoso sua obra-prima: dez corpos envoltos em preciosas vestes, virados para a terra e decompostos, com os rostos arroxeados e cada um deles com o nó ainda firme em volta do pescoço. As jovens camponesas, que tinham entrado no castelo, agora formavam um círculo em volta do príncipe e de Nicolau, que as via como feias, sujas, com a pele cheia de feridas. Acima dos baluartes do castelo, os soldados começavam a fazer soar os tambores, com cada vez mais força. No final, era preciso tapar os ouvidos com as mãos.

O sonho de Maquiavel foi bruscamente interrompido; havia algo sacudindo Florença, como um terremoto. Acordou com as mãos suadas, apertou entre os dedos o lindo lençol e viu que estava ensopado. O rumor insistente parecia um tambor de guerra, e o quarto vibrava como se estivesse sendo golpeado por um aríete. Finalmente abriu os olhos, viu o sol já alto e entendeu que alguém batia à porta com violência. Onde estava seu servo? Quem, àquela hora, se atrevia a acordar o primeiro-secretário da República, ainda por cima em uma casa que não era a sua? Olhou para o lado, e viu que Ginevra também arregalara os olhos e puxara o lençol até o queixo, para cobrir a própria nudez. Nicolau desceu do leito, procurou o punhal escondido no bolso, vestiu sobre a veste o colete de couro e foi abrir.

Na soleira, um mensageiro da Comuna, acompanhado de dois soldados, e atrás deles todos os servos da casa, amedrontados e curiosos.

- O que querem? Como ousam invadir a casa de uma dama, a ponto de quase violar seu quarto?

O mensageiro do Palácio dos Priores meteu a cabeça dentro da porta e olhou para o leito onde estava Ginevra completamente aterrorizada. Pela expressão de satisfação, Maquiavel entendeu que o espião havia confirmado suas suspeitas. Eles tinham encenado aquele drama apenas para flagrá-lo com a mulher.

- Aquela senhora é Ginevra dei Rucellai?

- Como ousa me fazer semelhante pergunta?

- Responda, secretário. O motivo que me faz provocar-lhe tamanho incômodo é muito grave.

Nicolau percebeu que não fazia sentido mentir numa situação daquelas. Tinha de entender quem estava guerreando contra ele e com qual motivo, e achar uma linha eficiente de defesa. Concordou com um gesto de cabeça. O mensageiro da Comuna recitou algo evidentemente decorado.

- A senhora Ginevra de Ferrara é a esposa legítima do senhor Sandro Rucellai, encontrado morto por razões desconhecidas fora da Porta de San Pier Gattolini, na via romana.

Então já sabiam todos os pormenores. Maquiavel lembrou-se de quando, poucas horas antes, no breu da noite, examinou o cadáver de seu pobre amigo e protegido. Além do insuspeitável Violante, estavam lá o carcereiro e o algoz. Com quantas pessoas aqueles dois esbirros teriam falado, apesar de todas as recomendações, fazendo o rumor se espalhar por Florença como uma inundação, enquanto ele dormia e o sol surgia e subia alto no céu?! Fora ingênuo e incauto; um pecado mortal.

- O senhor está sendo acusado de adultério.

- Dona Ginevra não é mais a esposa do senhor Durante, o marido dela morreu.

- Em todo caso, o senhor foi flagrado em concubinato.

- Em concubinato não. Não pela lei civil e, além do mais, isso não compete a seu ofício.

- O senhor é casado, portanto, adúltero. Vista-se, secretário. Está sendo aguardado.

- A uma hora dessas? Por quem?

- No Palácio dos Priores, pelo gonfaloneiro, o senhor Piero Soderini.

Aquele nome teve sobre Maquiavel o efeito de uma chibatada, pior que a menção de um inimigo jurado.

A AMAZONA

Não acreditara que o estivessem levando mesmo ao Palácio dos Priores; pensava em uma excursão muito menos agradável, à prisão de Stinche ou ao Bargello. Subiu as escadarias ladeado por dois soldados, que bateram em uma das primeiras portas do longo corredor que Maquiavel percorrera tantas vezes. Um servo apressou-se a abrir, e os dois guardas o deixaram só. Parou na soleira. No quarto, quase completamente às escuras, um homem de pé, ao lado de uma cama com baldaquim. Havia ainda uma cadeira de espaldar alto, uma estante com um grosso volume aberto e, contra a parede, um assento para várias pessoas, no qual fora pintada, com cores vivas, uma cena de casamento.

- Bom dia, Nicolau. Desagrada-me tê-lo feito se levantar de modo tão brusco, mas o assunto é de fato muito delicado e tenho necessidade de explicações urgentes.

Pier di Tommaso Soderini, detentor do cargo máximo da República de Florença, era um homem de 54 anos, com olhos grandes e inteligentes, que comunicavam bondade de ânimo, certa ou equivocadamente. Mas mais de um florentino, acendendo assim a própria ferocidade, pensava que ele era até bom demais, ou bobo. Por sua vez, Maquiavel o classificava como um pouco débil, mas nada estúpido, e sabia que uma convocação vinda dele àquela hora não podia ser casual e significava algo muito grave. Entrou no aposento e fez uma rápida inclinação.

- Sou para sempre humilíssimo servo da República.

- Deixemos as formas frias para as cortes dos reinantes, Nicolau. Você é o primeiro-secretário, servo de Florença tanto quanto eu. Não deveria haver segredos entre nós...

- Nem todos os assuntos de que um secretário se ocupa, especialmente as miudezas, são dignos de serem levados à seus ouvidos, senhor Piero.

O gonfaloneiro apagou o sorriso e fixou Maquiavel de modo inquisidor.

- A morte de Durante não é miudeza! Esse fato me põe em uma grande enrascada, como você bem pode imaginar. Aquele jovem voltou para Florença acompanhado de uma carta de seu pai, seu futuro era importante e era apoiado por nós, homens aos quais ele se confiava.

- E eu me mostrei digno de toda essa confiança.

Soderini levantou as duas sobrancelhas e apontou o dedo para Nicolau.

- Despudorado! Você se deitou com a mulher dele, a esposa que ele tomou em Ferrara!

- Ela não é mulher dele. Durante não é... Não era homem.

O senhor Piero se transfigurou; ficou roxo, ergueu os braços aos céus e berrou tão forte que quase chegou a amedrontar Maquiavel.

- Não é um homem? Que diabos você está dizendo, seu libertino maldito! Para você homem é só quem copula a qualquer hora com as fêmeas, como você faz sem descanso?

Nicolau baixou o olhar, arrependido do que dissera.

- Não, meu senhor, não era isso que eu queria...

Mas o gonfaloneiro parecia não ouvi-lo.

- E me contam que você até, às vezes, não dispensa os jovens rapazes se não houver mulheres! Mas, está certo, se você tem orgulho da turgidez de seu cacete, isso é bem diferente!

Nicolau ergueu rapidamente a cabeça. Seus olhos voltaram a ser dois pontos negros e firmes.

- Isso não permito nem mesmo ao senhor! O senhor tem razão, errei no que disse, mas isso acaba aqui, é o que lhe peço.

O senhor Piero pareceu acalmar-se.

- Durante era mais homem que eu e você. Morrer daquele modo, e com o corpo... profanado!

- Então o senhor já sabe de tudo.

- Sei aquilo que meus colaboradores mais próximos me contam, senhor Nicolau, e do senhor, devo dizer, me vem pouca coisa, para não dizer nada.

- Meu senhor, eu...

- Coisas muito estranhas e terríveis ocorreram. Então, quero saber quantas armas secretas o senhor está montando com Leonardo.

- Nenhuma, meu senhor. Se ele estiver fazendo algo não é de meu conhecimento.

- Difícil acreditar. Recebi um relatório completo sobre os macacos de Livorno e sobre os corpos encontrados na escavação do Arno, aquele expediente diabólico que você e Leonardo, só os dois, quiseram tanto...

- Com a autorização do Conselho supremo...

- Certo, quem pode dizer não a Leonardo? Mas ura macaco e quatro mouros, com corpos profanados de modo tão repugnante em um fosso escavado por sua máquina infernal. E os habitantes de Pisa, ao que parece, não sabem mais que nós. Mais que eu, certamente... Aparentemente, esses mouros eram guerreiros secretos e enfeitiçados, mandados pelo maligno... Nem me atrevo a imaginar que diabo Leonardo pode ter combinado, mas eu o conheço bem e tenho medo de sua imaginação e de seu cinismo. E também sei muito bem que vocês dois estão o tempo todo em combinação, que não sabem o que é ter escrúpulos e, certamente, é óbvio, pelo bem de Florença, pelo menos é o que espero, são capazes de montar qualquer ardil. Isso sem dizer nada a ninguém, muito menos a mim. Mas isso que aconteceu é muito grave, Nicolau, e tudo o que tolerei até aqui não é mais admissível. Por isso lhe pergunto de novo: o que são essas tais armas secretas?

Nicolau tomou as mãos dele, apertou-as e respondeu com toda a sinceridade:

- Não sei, senhor Piero. Por minha honra.

Soderini ficou pensando por um momento, enquanto com a mão direita massageava o queixo e olhava seu primeiro-secretário em uma apreensão mesclada de afeto. Nicolau sustentava o olhar dele, aparentemente sereno, e o gonfaloneiro, por fim, fez um sinal de concordância.

- Muito bem, vou acreditar em você, visto que não é sempre que jura por sua honra. Passemos agora ao senhor Filippo Del Sarto, proveniente de Pádua...

- Ele também é um denso mistério para mim.

- Mas ele também está morto, enforcado de modo horrendo em seu imundo estúdio, atulhado de todos os tipos de ossos, na mesma época em que Leonardo esteve com ele.

- O mais grave é que, em vez de você mesmo sair atrás do mestre, mandou o jovem e inexperiente Durante sozinho, que, na tentativa, como qualquer pessoa poderia prever, perdeu a vida.

- Isso não, meu senhor! Foi ele quem quis ir sozinho, fugiu na calada da noite! E foi assassinado em Florença, não... - Estava para dizer onde, mas se deteve a tempo. Levantara a voz sem se dar conta, e Pier Soderini subia o tom com igual veemência.

- Há quem diga o contrário, afirmando que você o encorajou a ir embora para se deitar mais comodamente com sua Ginevra!

Nicolau perdeu o controle. Fechou os punhos até sentir dor e, no ímpeto de se defender, as veias de seu pescoço se incharam, como se não estivesse nos aposentos do gonfaloneiro, e sim num campo de batalha.

- Já lhe disse que ela não é mulher dele! Diga-me quem lhe contou essa falsidade, quem...

- Não importa muito se são verdades ou mentiras, senhor Nicolau. Tanto você como eu estamos enrascados. Aos olhos de todos, você mandou Durante Rucellai ao encontro da morte para poder deitar-se

mais comodamente com sua mulher, Ginevra. E fez isso debaixo do nariz de toda Florença, cedendo como um... animal à safadeza.

O secretário levantou o queixo em um ímpeto de orgulho.

- Quem vai acreditar que Nicolau Maquiavel seja tão estúpido a ponto de se arruinar para se deitar com uma mulher?

- Esse é o ponto. Os mais astutos pensarão que seu objetivo era, na realidade, frear a ascensão de Durante ao priorado. Detê-lo para sempre deixaria aquele posto livre para...

Nicolau se transfigurou em uma máscara de ira.

- Para quem, gonfaloneiro, para quem?

Soderini apontou-lhe o dedo, como se fosse uma espada.

- Para você! E sua ficha já está suja com adultério, concubinato, traição, cumplicidade em práticas ilícitas e, talvez, até mesmo bruxaria com o doido do Leonardo. E se, como parece evidente, foi ele quem matou Durante, o senhor Filippo dei Sarto e quem saberá quantos outros, você também é cúmplice de homicídio.

Soderini fez uma pausa, depois suspirou, como se estivesse para dizer algo que gostaria até de ter esquecido.

- E, ainda por cima, há caluniadores que chegam a ponto de insinuar uma cumplicidade sua com os *palleschi*, para arruinar a senhoria e possibilitar o retorno dos Medici, justamente por meio dessas misteriosas armas secretas...

Ao ouvir estas palavras, Maquiavel ficou realmente espantado. Contra o poder insinuante da calúnia, erva daninha que infestava todos os palácios de Florença, de pouco serviam as armas com as quais era possível defender-se. Para eliminar a mais remota dúvida da cabeça do gonfaloneiro, teria de lhe contar sobre a conspiração que ameaçava sua vida e lhe explicar o plano que ele e Violante tinham preparado para contê-la e favorecer a República. Mas o plano fatalmente ultrapassaria os limites do Palácio dos Priores, jogando por terra todos os esforços. Limitou-se a murmurar:

- Mas isso é loucura...

- Se você estivesse de cabeça fria e se esses rumores se referissem a outra pessoa, julgaria os fatos do modo como os exponho a você. Você está em uma imensa enrascada, Nicolau.

- Por que o senhor me convocou, então? Por que não ordenou que me prendessem e me lançassem nas celas imundas do Bargello?

Pier Soderini riu, inesperadamente.

- Porque, apesar de tudo, não acho que realmente tenha culpa. Você tem suas ideias e seus métodos, claramente controversos, mas acredito que seja firme nos princípios e fiel à República. Mas necessito que encontre Leonardo o mais rapidamente possível e o traga à minha presença, em grande segredo e no menor tempo possível. De outra maneira, e sei que não preciso explicar melhor, nem repetir, será instalada uma investigação secreta contra você.

No corredor, os guardas que o haviam prendido já não estavam mais lá. Nicolau foi acompanhado por um servo até os portões do palácio, de onde saiu para a luz do dia. Estava com a cabeça cheia de pensamentos contraditórios. Talvez o gonfaloneiro não lhe tivesse mentido. Nicolau considerava Soderini uma pessoa honesta e, em todo caso, não achava que fosse capaz de, pessoalmente, urdir intrigas. Mas havia em Florença pessoas que podiam enganá-lo, passando-lhe informações reservadas e misturando com habilidade o falso e o verdadeiro, tentando transformá-lo em fantoche dos poderes ocultos.

Enquanto atravessava, circunspecto, o centro antigo da cidade, de regresso à casa de Ginevra, concentrou-se nas possíveis implicações de tudo o que acontecera. Por fim, concluiu que os *palleschi*, de algum modo, tinham tido conhecimento das tramas que ele e Violante tinham montado para deter as deles. Precisava impedir esse golpe eventual e, ao mesmo tempo, obedecer à ordem peremptória de Soderini. Não seria fácil, mas com um pouco de sorte e a ajuda de sua grande inventividade, conseguiria conciliar a busca do esconderijo de Leonardo com a urgência de levar à falência as manobras dos *palleschi*. Entre outras coisas, se conseguisse encontrar o mestre, ainda conseguiria resolver o mistério das armas secretas, que não cessava de atormentá-lo.

Ainda estava na Praça do Mercado Velho quando, em vez de voltar ao encontro de Ginevra, decidiu ir ao escritório de Violante. Encontrou-o em sua mesa, concentrado em papéis com códigos, e deu-lhe algumas preciosas instruções. Cinco mercenários profissionais de grande habilidade que, no decorrer dos anos, ele selecionara pessoalmente em meio à pior ralé dos assassinos toscanos, tinham de partir imediatamente para Pisa, infiltrar-se em meio à soldadesca que fazia as incursões de que tanto se queixava o mestre de obras Michele Almieri e identificar um oficial que estivesse à par da história dos mouros e do cartaz zombeteiro contra os florentinos. Teriam, então, de sequestrá-lo e de trazê-lo ao Bargello, sem lhe infligir nenhum mal. Enquanto isso, e de maneira ainda mais secreta, deviam fazer o mesmo com um dos jovens mestres florentinos do fosso do Arno, escolhido entre os mais próximos de Leonardo, que sempre se cercava de colaboradores quase imberbes. O bom senso sugeria a Nicolau interrogar pessoalmente e a fundo o próprio mestre Michele, mas isso liquidaria o absoluto segredo de que tanto precisava. Por isso sugeriu a Violante simular uma desgraça, diante da qual ninguém pudesse suspeitar do sequestro. Tratava-se de uma expedição quase desesperada, porque os espiões tinham poucas horas para fazer tudo isso.

Antes de sair dali, Nicolau ordenou a Violante que convocasse o filósofo Giovanni Bardini, do estúdio florentino, republicano fiel e seu amigo pessoal. Violante devia incumbi-lo da busca de toda informação possível sobre Filippo dei Sarto, o filósofo e cientista proveniente de Pádua assassinado em Livorno; queria saber de suas pesquisas, das amizades e, sobretudo, se fora convocado pessoalmente por Leonardo ou por meio de algum intermediário. Apenas o senhor Giovanni podia saber essas coisas, porque mantinha correspondência com as universidades de Nápoles, de Bolonha e algumas outras do Norte. Violante garantiu que poria imediatamente à disposição do senhor Giovanni um correio rápido a cavalo que fosse pela estrada de Bolonha, com um salvo-conduto válido para os ex-domínios do duque Valentino. Se Deus permitisse, ele conseguiria tudo o que pedia dentro de poucos dias.

O mais que precisava ser feito, Nicolau tinha de realizar sozinho. Ao chegar à casa de Ginevra, dispensou com um gesto de impaciência o servo que viera a seu encontro e se retirou para o quarto. A cama estava desarrumada, mas a mulher não estava ali. Abriu um pouco as venezianas, e o sol invadiu o aposento. As paredes, pintadas de vermelho com os lírios florentinos em ouro, pareciam mover-se com um leve tremular, como se fossem mesmo paramentos de seda, movimentados por um vento tépido de primavera, que tentavam imitar. Abriu um de seus baús e escolheu cuidadosamente roupas adequadas para as missões em terra inimiga, como eram as missões na corte de Valentino. Pegou a cota de malha de aço, uma indumentária de grande valor que lhe fora presenteada pelo embaixador da França. Vestiu-a por cima da camisa. Não era muito pesada, não travava seus movimentos e lhe oferecia uma boa proteção contra cortes de espada. Pensou que gostaria de ter também uma cota de malha de aço contra os golpes de escopeta, mas talvez nem mesmo Leonardo seria capaz de inventar uma dessas. Pegou seu punhal curto, apertou o precioso cabo de madrepérola e o sopesou: era perfeitamente equilibrado, um amigo fiel e sincero, sempre pronto a livrá-lo de perigosos incômodos.

Voltou-se para procurar suas luvas de couro para cavalgar, mas inesperadamente viu-se diante de Ginevra parecendo uma torre sobre ele, com as mãos nos quadris, de punhos fechados. Aquela visão o deixou desconcertado. Nunca, fosse caçando nos bosques, na guerra ou em qualquer outra de suas aventuras, se deixara surpreender daquela maneira.

- Você veio me espionar?

- Claro que sim. Está se preparando para alguma excursão nos campos além de Fiesole?

Nicolau levantou-se e sorriu para ela.

- Vou atrás de Leonardo. Só eu posso fazer isso, não confio em ninguém mais. Além disso, nenhum outro teria condições de voltar vivo.

- Você terá o mesmo fim de Durante.

- Não, Ginevra. Ele era muito jovem, excessivamente corajoso e impulsivo; foi presa fácil de quem tem uma experiência que vale dez vidas de homens normais.

- Então, pensa que foi realmente o senhor Leonardo quem o matou! Nicolau sabia que Durante realmente passara pelas mãos do mestre, de um modo que por enquanto ainda era inexplicável, mas evitou falar disso com ela.

- Não sei, mas meu objetivo é explicar tudo isso.

- Quando você vai partir?

- Assim que tiver interrogado algumas pessoas que me darão certas informações que não tenho como obter aqui em Florença. Espero que estejam à minha disposição até amanhã por volta das nove horas.

- Irei com você.

- Não posso permitir isso. Estaria traindo a confiança de Durante, que, implicitamente, a confiou...

Não conseguiu concluir a frase; a respiração lhe faltou subitamente e sua vista se ofuscou por um segundo. Quando recuperou a luz dos olhos, viu o punho de Ginevra, que segurava um diabólico instrumento confeccionado com ferro. Ela o golpeara com aquilo na barriga, com uma rapidez e uma precisão dignas da lendária Hipólita.

- Por que isso... minha senhora Ginevra? - as palavras lhe vinham com dificuldade e a dor no estômago o impedia de manter-se de pé.

- Para lhe provar que estou habituada a fazer aquilo que quero e a agir como um homem. Estou cansada de repetir isso a você e a todos os demais, e agora achei necessário passar à ação. Mas ficarei ainda mais decepcionada se você não reagir, como sei que faria com qualquer outro.

Nicolau virou o rosto para a porta, como se alguém tivesse entrado, e aproveitou o instante de distração para dar-lhe um tapa no rosto com a mão espalmada. A mulher arregalou, estupefata, os grandes olhos azuis e caiu para trás, mas rolou pelo chão e se agarrou ao secretário pelas pernas, fazendo-o cair. Montou sobre ele e lhe deu dois murros no rosto, tão violentos que um homem de compleição normal certamente não poderia ter feito melhor. Depois, fechou as mãos em torno de seu

pescoço, lançou-se sobre ele, cara a cara, e com os dentes lhe agarrou a língua, apertando-a sem exagerar. Aquele ato tão surpreendente para Nicolau transformou-se, de repente, em um beijo ferino, que mudou a dor em paixão. Ginevra ficou ali em cima dele, submetendo-o no amor como o submetera na luta.

- Quem é você, Ginevra? De que terra você vem? Fizeram de você uma guerreira...

- Você não precisa saber. Vou com você atrás de Leonardo; quero vingar a morte de Durante e desvelar esse mistério.

- Está bem, você virá comigo; tenho necessidade de um homem que tenha sua força e sua astúcia.

Nicolau não disse nada além disso. Levantou-se, vestiu-se, voltou a pegar seu punhal, escondeu-o no gibão e devolveu ao baú as roupas que não lhe serviam. Ginevra também se levantou, fazendo farfalhar o vestido, que não tirara completamente. Depois se aproximou do secretário pelas costas e abraçou-o pelo pescoço. Nicolau sorriu e ia corresponder com uma carícia, quando ela o apertou e ele revirou os olhos nas órbitas e ficou sem fôlego.

- Devolva a arma que me tomou!

Nicolau obedeceu imediatamente. Pegou o punhal pelo lado da lâmina e o devolveu à mulher, que agradeceu com leve inclinação.

INTERROGATÓRIOS

Os mercenários de Violante regressaram a Florença depois de poucas horas, num intervalo bastante curto, imprevisto e surpreendente. Traziam consigo um capitão do exército de Pisa e um jovem mestre, ajudante de Leonardo na escavação do fosso de Arno. O jovem mestre não era florentino, mas da área rural, e assim o segredo era ainda maior.

Nicolau foi avisado por um homem de Violante pouco depois do nascer do sol, enquanto ainda estava na casa da senhora Ginevra. Foi rapidamente, a cavalo, ao palácio do Bargello e entrou exatamente no momento em que o relógio da torre batia a décima quarta

hora *aboccasu*. Na porta do corredor úmido e fúnebre dos cárceres, veio a seu encontro Violante em pessoa. Suas vestes negras quase o faziam se confundir, pela falta de contraste, com as paredes sujas daquele inferno.

Haviam separado os dois prisioneiros. O secretário foi levado primeiro à presença do capitão de Pisa, que estava seminu, preso pelos pés e pelas mãos a um dos mais tristemente célebres instrumentos de tortura. Nicolau olhou para aquele corpo enxuto e musculoso, brilhante de suor, que não devia ter mais de 30 anos. O rosto era pontudo, os olhos negros, e as maçãs do rosto bem pronunciadas. Tinha barba curta, com o cavanhaque e o bigode apenas desenhados.

- Era necessária a corda?

O carcereiro empinou o nariz, um gesto tão vulgar que Nicolau teve a impressão de estar diante de um animal de circo. Veio-lhe à mente justamente a imagem de um daqueles enormes macacos de Livorno.

- Ele é orgulhoso. Acha que é um grande guerreiro, mas nós o fizemos baixar a crista, esse galinho...

Maquiavel fulminou o carcereiro com um olhar tão eloquente que o homem se apressou a desamarrar o prisioneiro, antes mesmo que o berro raivoso da ordem ecoasse pelas amplas instalações.

Quando a corda diminuiu a pressão, o capitão soltou um lamento. O carcereiro o pegou por baixo dos braços e o fez sentar no catre, depois deu ordem a um vigia que lhe desse água para beber. O agente de Pisa se agarrou à taça, bebeu de um gole só e pediu mais água, num gesto imperioso. Não era nada servil. Bem ao contrário, as torturas não pareciam tê-lo dobrado. Nicolau também tinha a impressão, depois de terem cruzado várias vezes os olhares, de que ele não o reconheceria. Em seu íntimo, isso não o desagradava porque, nesse caso, talvez não fosse necessário matá-lo. Apressou-se a proibir o carcereiro, com rápidas palavras sussurradas em seu ouvido, de pronunciar seu nome.

- Para que você me dê as informações de que necessito, tenho à minha disposição dois métodos. O primeiro, que já experimentou, mas lhe juro que não por minha vontade, é entregá-lo às mãos desse carcereiro durante um dia e uma noite inteiros. Ele é um mestre em sua

arte, conhece todas as mais modernas torturas e, se soubesse ler e escrever, poderia publicar um tratado sobre isso. Minha experiência me diz que ninguém consegue manter um segredo quando se aproxima do limiar de sua capacidade de resistência à dor.

- Então, ponha-me à prova, maldito esbirro em vestes curiais.

O carcereiro ia golpeá-lo com o dorso da mão, mas o secretário deteve seu braço em pleno ar.

- Minha real intenção não é submetê-lo à mortificação de ser forçado a falar, porque você vai fazê-lo. Isso lhe garanto. Pense na maneira como foi capturado e trazido até aqui, por agentes dissimulados nas suas próprias fileiras. São mercenários que podem chegar até sua mulher, até seus filhos, se é que os tem...

O capitão tensionou cada músculo do corpo e fez sinal de que ia saltar, mas o carcereiro foi ágil para bloqueá-lo e golpeá-lo com um murro potente. Dessa vez, Maquiavel deixou-o agir, e o agente de Pisa caiu, tomado por dores, sobre o banco.

- Não me interessa fazer-lhe mal. Queria apenas consultá-lo sobre o modo mais tranquilo, se você assim desejar, de fazê-lo dizer tudo aquilo que sabe. Essa guerra é longa e sanguinolenta, precisamos encerrá-la. É para isso que nos servirão os segredos militares de Pisa.

- Sou um mero capitão e não sei nada. E não direi nada do que queira saber, meu senhor.

Em seu íntimo, Maquiavel admirou o ingênuo amor pela pátria daquele soldado de Pisa desprovido de malícia, sua coragem viril, o senso de lealdade e de respeito por si mesmo e pelos seus, típico dos soldados, mas apenas de uns poucos. O destino geralmente reservava para pessoas como ele um fim miserável, pela lâmina do punhal traiçoeiro de um mercenário contratado pelo próprio senhor, ou talvez pela lâmina de um amigo no qual confiavam. Mas Nicolau lutava contra aquela admiração, porque avaliava que devia ser tanto mais firme em querer o bem da Pátria, mas sabia usar inteligência e experiência sem hesitar, no exercício do engano contra quem fazia o mesmo. Por que, perguntou-se, o capitão de Pisa não entendia que era melhor fingir que se dobrava, para poupar-

se a torturas e tentar se ver livre do próprio algoz? Não merecia nada daquilo, porque era um justo, mas Nicolau seria capaz de enfiar as unhas em sua carne.

- Ainda não lhe expliquei qual é o segundo método de que disponho para você me contar o que sabe. Você é um militar de carreira e ama sua Pátria e sua liberdade. Estas são palavras novas que você certamente sabe valorizar. Mas, enquanto soldado, acho que odeia, tanto quanto eu, determinada categoria de pessoas...

Fez um longa pausa e deteve-se nos olhos negros do capitão. Achou que estava vendo uma luz de interesse. Se estivesse certo, pensou, já o vencera.

- As pessoas às quais me refiro são os homens de Estado, aqueles que fazem intriga nos palácios, jogando com as vidas dos humildes, enquanto vocês combatem gloriosamente nos campos de batalha; mas ainda há os chefes de obra, os arquitetos, os cientistas que dão ordens para vocês assumirem missões perigosas e absurdas, como, por exemplo, escavar estúpidos fossos...

O capitão encontrou forças para rir.

- O fosso do Arno se tornará o túmulo dos seus compatriotas, visto que podemos golpeá-los quando quisermos. Vocês não saberão de mim nada que possa impedi-lo...

- Não! Você vai me dizer o que é que seus mestres estão preparando para inutilizar nossa escavação. Porque seu coração está lhe dizendo que se é loucura os florentinos tentarem mudar o curso natural do rio, é tanto mais loucura arquitetar na Praça dos Milagres máquinas diabólicas para impedi-lo; máquinas que provocarão especialmente mortes de habitantes de Pisa.

O prisioneiro não estava entendendo o sentido daquele discurso, completamente desprovido de significado, mas sentia fundo no coração o mesmo desprezo por mestres de obras e artistas.

Maquiavel sorriu para ele e continuou.

- Trata-se de uma informação vital e você vai dá-la a mim, por bem ou por mal.

- Não sei de nada e se soubesse de algo não diria.

- Temos meios de liquidar todos vocês, a qualquer momento, com nossas armas secretas. Para que resistir? Mas necessito saber quais são os maquinados de vocês, que se opõem aos de Leonardo.

O agente de Pisa riu outra vez, sarcástico, porque dessa vez entendera algo daquele estranho discurso, pois havia realmente ouvido falar das armas secretas dos florentinos às margens do Arno e vira cadáveres sendo levados para o fosso, à noite, e vira ser escrito o cartaz zombador. Os espiões que haviam interceptado o navio contavam vantagens de sua empreitada e todos comentavam isso.

- As feitiçarias de vocês não nos dão medo.

Maquiavel passou a usar um tom de voz ainda mais manso, quase paternal, podia-se dizer.

- Aceite os fatos. Capturamos os macacos em fuga, em Livorno. O poder da arma não foi prejudicado. Conte-me quais são as forças de Pisa e quais são as máquinas da Praça dos Milagres; diga-me o número de seus canhões e de seus soldados de infantaria.

O soldado de Pisa se retesou e desviou o olhar. Nicolau leu naquele gesto medo e resolveu insistir.

- A terrível fama de Leonardo atravessa mares e montes, todos sabem do que é capaz.

E o governo da República florentina o apóia em tudo. Ele obteve todos os meios que pediu e os recursos para pagar mais de três carregamentos de animais. Faremos vocês desaparecerem da face da terra.

O capitão riu de novo. Parecia ter retomado a coragem, porque, no meio de todos aqueles mistérios incompreensíveis, ao menos uma coisa achava que sabia mais que o estranho algoz que o interrogava. Então começou a falar, pelo menos para não passar por bobo.

- Cuidem bem de seu dinheiro, então. Veio apenas um navio da África, perdeu todos os macacos e mouros que trazia.

- Leonardo recebeu a tempo recursos para muitas remessas. Chegarão dentro de poucos dias.

O homem de Pisa riu.

- O restante do dinheiro que lhe deram, Leonardo terá gastado consigo mesmo, porque todos sabem que ele fugiu! Vocês foram enganados. Vocês não têm mais macacos para fazer bruxarias.

Maquiavel fingiu estar indignado, mesmo porque para isso não precisava fazer grande esforço. Tirou o chapéu e o jogou no chão.

- Leonardo é fiel à República! Vocês, de Pisa, não sabem de nada, são ignorantes e rudes, a cidade de vocês acabou, Florença reina soberana, Leonardo nos trará milhares e milhares de macacos endemoniados.

O agente de Pisa, em cima do laço, encheu o peito e replicou com grande orgulho.

- Florentinos falsos e malditos, dessa vez vocês tomaram no cu! Leonardo encomendou apenas uma carga no golfo da África. Os portugueses revelaram isso a nossos espões no porto de Ceuta, justamente onde foram comprados os macacos. Mas quando o navio chegou a Livorno, os marinheiros devem ter enlouquecido, porque os soltaram! Você não sabe, seu florentino metido a besta, o prazer que tivemos em trucidar ura por um seus mouros, bem pouco diabólicos, mas muito velhacos.

Nicolau exultou em silêncio. Ali estava a verdade, espontânea e bela como uma flor do campo. Podia ir embora naquele mesmo instante, mas, em deferência a tanto orgulho e coragem, concedeu ao capitão um breve prolongamento, que o pouparia da humilhação mais crua.

- Agora chega dessas suas tolices! Fale-me das máquinas de Pisa.

- Não arrancará nada de mim, meu senhor.

Depois de algumas tentativas brandas, Nicolau se dirigiu ao carcereiro.

- Já basta! Nada de torturas. Enfie-o na cela e que não veja ninguém. O soldado de Pisa olhou para ele, bestificado.

- Espere!

- O que deseja, capitão?

- Não lhe contei nada de Pisa! Qual era seu segundo método para me fazer falar? De que o senhor estava falando?

- Daquele que acabei de usar, meu amigo: o engano.

Diferentemente do capitão de Pisa, o muito jovem mestre dos florentinos era tudo, menos orgulhoso. Parecia um menino, rosado e quase imberbe. Com ele, Nicolau podia se permitir não arquitetar enganos, por saber o que lhe servia. Decidiu procurar um modo de evitar a obrigação de suprimi-lo, mas agora o interrogatório era a coisa mais premente. O rapaz já tinha sido amaciado pelo carcereiro, tinha os olhos roxos e reduzidos a duas fissuras estreitas, mas quando viu Maquiavel chegando, encontrou força para abri-los e arreganhou a boca.

- Senhor primeiro-secretário...

- Como você se chama?

- Lapo di Goro da Empoli, meu senhor.

- Sinto muito por tudo o que lhe ocorreu, Lapo. Foi um engano de pessoa. Amanhã mesmo você será reconduzido ao campo...

- Mas lá todos acham que estou morto! Os homens de Pisa fizeram uma de suas incursões, lançaram flechas contra mim, derrubando-me da escarpa, como se tivesse sido ferido. Depois me atordoaram, me fecharam em um saco e agora vejo o senhor. Não consigo entender...

- Não pense mais nisso. Preciso de algumas informações importantes. Você é mestre de obras e trabalhava ao lado de Leonardo.

- Sim, meu senhor. E também sou médico e anatomista.

- Seu chefe, mestre Michele, me disse que Leonardo seguiu com toda a atenção a escavação, até que sua escavadeira milagrosa chegou ao fundo, desenterrando um rochedo...

- Chegou tão fundo que não acreditamos. E foi ali, entre conchas, pedras luminosas e velhos ossos que o mestre deixou de se ocupar da escavação e mandou todos embora. Estudava a Terra como um livro de história, com suas páginas sobrepostas. Sou um daqueles que indignamente assumiram seu lugar na direção da escavação.

- Leonardo escolheu dois operários para acompanhá-lo e mandou fechar a escavação.

- Sim, exato!

- Imagino que ele tenha encontrado algo, talvez um tesouro.

- Acho isso também.
- Você sabe do que se trata?
- Dos ossos, meu senhor.

Maquiavel ficou estupefato.

- Mas não são pedras estranhas e velhas conchas?
- Ele também as encontrou, as estudou, mas depois concentrou-se nos velhos ossos que estavam embaixo do rochedo.

Para Nicolau, foi inevitável pensar em Filippo, enforcado em Livorno sobre um tapete de esqueletos.

- Ossos humanos?

- Era o que pareciam. Mas só pude vê-los de relance, porque o mestre os recolheu rapidamente e os levou para seu estúdio, uma barraca bem guardada por aquele demônio do Salai, seu servo, e por dois operários bem parrudos, que ele devia estar pagando muito bem e de seu próprio bolso.

- Quem mais soube dessa descoberta?

- Além de Almieri, apenas os homens que trabalhavam com Leonardo. Os mesmos que passaram a trabalhar diretamente com ele.

- O que aconteceu depois disso?

Lapo abriu os braços.

- Nada, secretário. Michele ia todos os dias procurá-lo, tentando convencê-lo a retomar os trabalhos, até se ver obrigado a nomear alguém para substituí-lo. Escolheu um grupo de jovens mestres, um dos quais sou eu.

- E você não ouviu falar nada de navios, macacos e mouros?

O jovem concordou com um gesto de cabeça, várias vezes, com força.

- Os que foram encontrados no fosso, meu senhor! Com o cartaz dos agentes de Pisa! Mas isso aconteceu muito tempo depois...

Maquiavel deixou a imaginação voar, e as imagens vistas e as imagens evocadas pelo jovem Lapo vieram à sua mente, recompondo-se em uma sequência que, de repente lhe pareceu coerente. Um pouco como os azulejos pintados por Giotto e pelos mestres antigos, que,

tomados em momentos ligeiramente sucessivos, narravam uma história sem necessidade das palavras.

- O tempo necessário para providenciar uma remessa de animais da África e mandar vir a Livorno um cientista de Pádua, enquanto os agentes de Pisa espiavam... - disse a si mesmo, em voz alta.

- Que disse, secretário?

- Nada. Ordenarei que o mandem de volta para casa, mas você terá de se esconder por uns dias.

- Mas não fiz nada! Fui sequestrado...

- Eu sei, meu jovem Lapo, não se angustie.

Maquiavel imaginou que a busca de Leonardo lhe tomaria tempo, mas comportaria, sobretudo, graves riscos. Deu ordens a um dos homens de maior confiança de levar sua mulher, Marietta, e seus filhos para fora de Florença, para uma casa de campo bem retirada, onde ficariam seguros. Decidiu que, por enquanto, não usaria sua casa nem seus aposentos no Palácio dos Priores, porque eram vulneráveis a ciladas internas. Voltou para a casa de Ginevra. Assim que o viu atravessar a soleira, ela o abraçou e beijou com grande paixão, sem mais se importar com os olhares curiosos dos servos. Nicolau tinha necessidade de conversar com alguém e, ao mesmo tempo, não havia ninguém que tivesse conhecido Durante mais profundamente, assim como os eventuais segredos que o falecido médico louro guardava. Portanto, contou a Ginevra tudo o que sabia, como se ela não fosse uma mulher e uma amante, mas um aliado vital em uma guerra decisiva. Ela escutou cada coisa com a máxima atenção, olhar fixo nele.

- Então, disseram-lhe tudo o que realmente aconteceu em Livorno.

- Pouca coisa, mas se trata de uma confirmação essencial. Leonardo obteve financiamento para mandar trazer um carregamento de macacos da costa da África do Oceano Ocidental, para lá do Hespérico e da Guiné, uma região intocada, onde apenas alguns navegantes portugueses ousam se aventurar. Os habitantes de Livorno não sabiam de nada, porque no tempo decorrido entre a aproximação do navio do largo do cais e a chegada de Leonardo, mataram ou dispersaram todas as feras, para

defenderem-se de sua fúria. Os homens de Pisa tiveram notícia do navio em Ceuta, graças à sua rede de espionagem, que vai das Ilhas Canárias até a linha equinocial, mas não entenderam nada do motivo do carregamento, exatamente como nós. Parece que, em Livorno, os marinheiros soltaram os macacos por iniciativa própria, ou obrigados por alguém. Mas não pelos agentes de Pisa, que trucidaram os mouros e um dos macacos por mero desprezo, achando que eram uma arma dos florentinos. Lorenzino Degli Albizzi, o podestade de Livorno, também nos contou que um homem corria junto às bestas, seguido por soldados misteriosos, que claramente não eram moradores de Livorno nem soldados de Pisa. Mas, para além desses simples fatos, resta o mistério profundo.

- Que faremos agora?

- Antes de mais nada, descobrir quem são os financiadores de Leonardo. Eles nos levarão forçosamente a seu segredo e, portanto, a ele. Temos algumas evidências, porque os ossos que ele encontrou na escavação do Arno estão seguramente vinculados aos ossos que vimos na funesta casa de Livorno, onde Filippo Del Sarto foi morto. Desses ossos e do cientista e filósofo de Pádua, brevemente saberei algo mais. Mas, sobretudo, temos uma pista, as mensagens que os defuntos deixaram, inclusive a frase que Durante escreveu de próprio punho no livro de orações. Se é que, como acredito, ela esteja ligada a esse mistério.

Mostrou um papel onde anotara as frases misteriosas recolhidas até aquele momento:

As armas secretas do diabo no cu de Maquiavel!

Ingenium terribile ex Inferis.

Ahca Arucorp, ou Procura Acha

Para Leonardo: a filosofia pode realmente ter a força das armas se em nome do positivo se opõe ao Verdadeiro.

Segue A transformação do sêmen.

- O significado da primeira frase está claro; exprime apenas a ignorância e o medo dos homens de Pisa, que tinham ouvido notícias vagas. A segunda, por sua vez, é obra de quem sabia exatamente que arma Leonardo estava arquitetando e morreu por causa disso. Talvez tenha se suicidado por arrependimento, mas é mais provável que tenha sido assassinado. A terceira mensagem foi claramente deixada por Leonardo; é uma espécie de enigma, mas não se sabe a quem se dirige. A mim, talvez? Não se tem certeza se, realmente, Leonardo arquitetou uma arma sem que eu soubesse, talvez para atacar a própria Florença. A realidade é que fugiu, e ninguém sabe onde se esconde. Então o *Procura Acha* se dirige a outros? Mas por que foi feito a bisturi no corpo de nosso desgraçado amigo? Não tenho a mínima idéia.

- E que dizer da quarta frase, escrita por Durante em seu precioso livro?

- Inicialmente, pensei em uma instrução cifrada para Leonardo. Mas depois notei uma singularidade.

Nicolau pegou no bolso de seu casaco o livro de Floras de Durante, que não abandonara mais. A encadernação parecia ter sido feita para conter um fascículo muito mais volumoso. A lombada, depois da última página com o apontamento de Durante, mostrava de fato o vazio do interior pela espessura de mais de dois dedos. Examinou com muita atenção o objeto, passando com prazer as pontas dos dedos pela rugosidade do papel e sobre a costura dos cadernos, depois, num movimento brusco, arrancou com força a capa, deixando Ginevra lívida.

- O que está fazendo? É um livro raro...

Maquiavel lhe mostrou, triunfante, o dorso do livro, nu.

- Está vendo? Não há nenhum corte nem costura, nem rasgo. O livro de orações original está inteiramente conservado. Mas há sinais de outro fascículo, simplesmente justaposto a ele, preso apenas com um fio de cola. Um livro duplo, em resumo, coberto com uma única capa nova.

- E daí?

- A palavra "segue", no fim da última página do breviário, refere-se claramente ao segundo livro, que estava escondido sob a última capa. Em

outras palavras, a segunda metade da frase de Durante é o título de um texto longo, e que foi subtraído, que continha o desenvolvimento da idéia por ele indicada. A idéia de que, do contraste de dois pensamentos de certo modo opostos, um fundamentado nos sentidos e outro, na Verdade, pode se desencadear uma força terrível qualquer. Durante era médico, mas também filósofo, devia conhecer bem o conteúdo do livro secreto e compreendia o significado profundo e terrível da *transformação do sêmen*.

- Não consigo entender nada...

- Nem eu, para ser franco, mas Durante evidentemente sim. Até parece que ele sabia qual é a arma secreta.

- Então, por que não nos disse?

- Por alguma razão certamente grave, mas que por ora ignoramos. Durante certamente não foi morto por acaso, por algum assaltante. Se não foi Leonardo, então Durante foi eliminado por alguém que necessita que a arma continue a ser um mistério. Algo importante também para aquele que retirou o livro escondido nessa capa, sem se dar conta da frase reveladora, que restou na última página do livro religioso.

Ginevra parecia desconcertada.

- Quando isso aconteceu? Durante sempre carregava o livro consigo.

- Parece que nem sempre, porque o livro de Horas estava em seu pijama, cuidadosamente guardado no baú. Mas para onde quer que o tenha levado, para a escavação do Arno, para Livorno ou Florença, muitos poderiam meter a mão nele, graças talvez à distração de sua serva, Ginevra, ou de algum outro servo.

Ginevra coçou a cabeça, nada convencida, mas depois sorriu, pegou as mãos de Nicolau e as apertou fortemente.

- Então, vamos partir logo. Qual é nossa meta?

- Quero guardar segredo, por enquanto.

Ginevra ergueu a cabeça e arregalou os olhos.

- Você vai voltar a me tratar como uma menina ignorante?

- Não, porque finalmente entendi o que você quer e me adaptarei a isso. Mas não direi para onde vamos a ninguém, pelo menos até a metade

do caminho. Nesses dias, temos em redor muitos ouvidos e olhos atentos. Talvez Durante tenha sido morto por causa disso.

- Pode, pelo menos, dizer quando partiremos?

- Dentro de poucas horas, depois do pôr do sol. Prepare pouca bagagem, porque não vamos de carruagem. Espero que você saiba cavalgar decentemente.

- Disso você vai se admirar, Nicolau.

O REFÚGIO DOS MORTOS

Logo depois das vésperas, Maquiavel e Ginevra desceram a escadaria e chegaram ao pátio. Eram aguardados por dois soldados, que conduziam belos cavalos árabes de pelagem tordilha, com crinas eriçadas. Os cavaleiros haviam preparado uma sela adaptada para mulher, mas Ginevra, vestida de trajes masculinos, com calças negras colantes, um gibão de couro curto e com o cabelo amarrado, mandou-os embora, ameaçando-os com o chicote, e mandou preparar seu cavalo para uso militar, igualmente ao do secretário. Então montaram, enquanto os soldados, a pé, conduziam os quatro cavalos a trote rumo à saída do pátio, que dava para a rua de trás. Os cavaleiros haviam enfaixado os cascos, de modo que os cavalos praticamente não faziam barulho. Finalmente, fora da Porta de San Pier Gattolini, partiram a galope pela estrada velha de Volterra.

Cavalgaram durante a noite, aproveitando a lua cheia, e dormiram poucas horas, acampados perto de Montegufoni. Ao amanhecer, retomaram a estrada a galope, rumo a Valdelsa, atravessando Castelfiorentino e Certaldo. Quando se aproximaram dos limites com Siena, mudaram de estrada, para evitar confrontos perigosos. Só quando avistaram Colle decidiram ficar em uma parada. Fizeram uma troca de cavalos, uma refeição decente e descansaram durante poucas horas. Ginevra não apenas evitou se lamentar, como se demonstrou mais homem que todos os outros, talvez mais que dois duros soldados, mercenários de origem oriental. Durante a refeição, Maquiavel a

observou, admirado. Ela ergueu os olhos da tigela em que comia aquela gororoba mal cozida e o fitou com ar severo.

- Será que agora posso saber para onde estamos indo?

- Você já percebeu que nossa meta está no sul, muito além dos limites da República. É uma região muito perigosa. É muito arriscado atravessar os domínios de Sena sem alguém nos reconhecer. E será ainda mais duro superar as montanhas que nos separam do mar e encarar as planícies insalubres ao longo da costa. Mas esses soldados são também guias muito hábeis, conhecem todos os truques porque já os experimentaram pessoalmente. Chegaremos a nosso destino, e no menor tempo possível.

- Então, o esconderijo de Leonardo fica em Maremma?

Nicolau tomou duas colheradas de sua sopa malcheirosa para ganhar um pouco de tempo e pensar em uma resposta que não revelasse muito de seus segredos com Leonardo, mas que, ao mesmo tempo, não fosse falsa e ofensiva para a inteligência daquela mulher misteriosa.

- Iremos a um de seus estúdios secretos. Ele preparou muitos, espalhados pela Itália, em Milão, Mântua, Veneza, Roma, na própria Florença, e onde quer que tenha oferecido seus serviços. E os usa para ficar só, às vezes, para desaparecer, se estiver sendo procurado. Em muitos lugares, aparentemente murados pessoalmente por ele, guarda pinturas nunca vistas, estátuas, máquinas e muitos códices, alguns aparentemente antiquíssimos, junto a montanhas de livros impressos.

- E como Durante fez para saber onde Leonardo fora se esconder?

Maquiavel se lembrou das palavras que lhe haviam escapado em Livorno. Agora tinha a certeza de que fora justamente ele, ao subestimar a obstinação e a coragem de Durante, que causara a morte do jovem.

- Acho que fui eu quem disse, sem refletir.

- E você? Como sabe?

- O que posso lhe dizer é que Leonardo muda de esconderijo segundo as estações e as diversas necessidades. O podestade de Livorno me indicou a estrada que ele tomou, abandonando, enfurecido, aquele vilarejo. Isso me bastou para intuir qual era seu destino. Estivemos juntos

muito tempo, a serviço do duque Valentino. Quando estudei o pensamento e o modo de agir do jovem Borgia, arrancando-lhe segredos, procurei ler também o pensamento de Leonardo. Foi bem mais difícil, mas às vezes, quando sua mente está ocupada arquitetando loucuras ou maravilhas, ele se torna ingênuo como uma menina. Então é possível, para quem cultivava desde sempre a arte do engano, saber muitas coisas sem que ele nem ao menos perceba que as revelou. Nesses momentos, ele pode se tornar presa de qualquer um, até mesmo do mais desprovido salteador ou corruptor.

- Você está dizendo que Leonardo passou para o lado adversário?

- É uma hipótese que, a cada dia, acho mais provável.

Ginevra afastou de si a tigela e se serviu de um copo de vinho. Os soldados estavam sentados apoiados no muro e dormiam, o hospedeiro e sua mulher estavam entocados na cozinha. Nicolau admirou Ginevra, admirou quanto ela era desejável e bela, por aquele contraste singular entre os olhos azuis e os cabelos negros, e, vestida como homem, voltou a lhe lembrar de uma amazona. Voltou em pensamento à sua pele branca e macia, ao seu hálito quente e perfumado, à junção de suas pernas. Quis pegá-la pela mão e levá-la lá para cima, para o único quarto imundo daquela estalagem, e deitar com ela durante uma noite e um dia inteiros, mas logo voltou a si, porque não havia maneira nem tempo, e a necessidade de encontrar Leonardo urgia. Ginevra o fitava com a mesma intensidade, mas, naquele momento, seu olhar exprimia sobretudo curiosidade:

- O corpo de Durante foi encontrado às portas de Florença, não tão longe assim. Por que ele o teria matado nesses pântanos, para transportá-lo depois por quilômetros e quilômetros?

- De um jeito ou de outro, Durante encontrou Leonardo. Isso é certo. E seu corpo foi preparado para resistir à putrefação por um tempo muito maior...

Nicolau se arrependeu daquilo que acabara de dizer, porque Ginevra parecia perturbada. Mas a mulher, obstinada e forte, recuperou-se logo.

- Como você sabe disso?

Maquiavel evitou responder. Era melhor que o fato de Leonardo também ter profanado o corpo de Durante, um de seus mais preciosos alunos, ficasse em completo segredo.

Partiram de novo, porque o sol já estava alto e, depois de percorrerem uma estrada solitária e magnífica, o horizonte se fechou em um vale coberto de bosques, úmido e tétrico. Logo depois, a estrada pela qual seguiam transformou-se em pouco mais que uma trilha em brusca subida, tanto que foi necessário deixar os cavalos descansarem em intervalos menores, dado que a possibilidade de uma troca parecia longínqua. Acamparam para dormir sonos breves, com frequentes trocas de guarda. Em dois dias de duro caminho, atravessaram bosques de faias e de carvalhos, passando por estradas no fundo de vales acima dos quais pairavam castelos ameaçadores, construídos em íngremes escarpas e que pareciam desertos de almas. Por sinal, não encontraram ninguém, até que, finalmente, a estrada, superada a última depressão, abriu-se para uma planura sem fim, esplêndida de ver desde cima, mas que todos sabiam esconder a morte sob as formas mais insidiosas. Genevra ficou um bom tempo admirando o lindo verde-esmeralda que se perdia na direção da linha mais clara do horizonte, onde estava o mar.

- Quem diria que essa maravilha é um Inferno disfarçado de Paraíso.

Nicolau concordou gravemente, tomado pela beleza que se desdobrava à claríssima luz do sol. Aquela era a planície fatal rumo à qual tantos viajantes partiram sem conseguir voltar e que, quase sempre, era a última meta daqueles que, hipocritamente mandados para o exílio, na realidade, estavam condenados à morte quase certa.

- Iremos por caminhos pouco batidos. O verão ainda está longe, e os habitantes das aldeias na costa ainda não ocuparam os refúgios que protegem contra as pestes.

Depois de muitas horas de marcha, deixado para trás o monte, a estrada se alongou em uma planície maçante, ladeada por duas fileiras de arbustos baixos. O sol estava alto, não se viam pássaros voando, e o silêncio só era interrompido pelo casco dos cavalos. De repente, sentiram

no ar um cheiro desagradável, parecido com o de ovo podre. Ginevra tapou o nariz.

- É o sinal de que estamos perto, não é?

Maquiavel concordou e, de fato, nos dois lados da estrada, os baixos arbustos deram lugar a fileiras de bambus palustres, que um vento tênue fazia vibrar. Era um som que evocava numerosas almas mortas. Nos poucos trechos em que podiam olhar para o horizonte, manchado de modo irregular pelos arbustos altos, descortinaram o reflexo do sol, que se espelhava em poças isoladas e pútridas.

Depois, vieram os insetos, inicialmente raros, mas incômodos. Pernilongos e moscas carnívoras, grandes e esverdeadas, punham os cavalos nervosos. Maquiavel ordenou que todos cobrissem o rosto e vestissem luvas.

Marcharam sem parada durante muitas horas mais, atrelados e enfaixados de uma maneira tal que quem os visse, naquele deserto singular, talvez os tomasse por sabe-se lá quais guerreiros infiéis ou talvez pelo rei leproso, balduíno de Jerusalém, ressurgido do sepulcro com todo o cortejo e projetado por magia para aqueles pântanos. Um grande pássaro negro de pescoço branco, pelas dimensões, parecido com uma águia, mas de aspecto repugnante, desceu quase até a terra e roçou neles; depois retomou altitude no céu branco, como um mensageiro diabólico vindo trazer um agouro de infelicidade. Mas Nicolau entendeu que era, ao contrário, um sinal muito terreno e mandou apertar o passo da marcha. Pouco depois, olhando para a selva de bambus à sua esquerda, viu outros pássaros malignos, similares àquele que os visitara. Giravam em círculos, bem alto, sobre um ponto invisível da planície encharcada. De vez em quando, um deles se destacava do círculo aéreo e mergulhava fundo. Ouviam-se seus cantos obscenos e o grasnar dos corvos e até mesmo um remoto zumbido, semelhante ao de uma colmeia. O secretário ordenou ao grupo que parasse, deixou um soldado com Ginevra e, seguido pelo outro, atravessou o muro de bambus e encarou a passo lento o campo pantanoso, em direção àquele carrossel infernal. Ao se aproximar, notou que o terreno se alteava, de modo quase imperceptível,

e os pássaros negros estavam posicionados na vertical de uma construção singular, uma torre quadrada, parecida com aquelas que os homens de Pisa haviam construído nas ilhas baixas de seu mar. O edifício alicerçava-se em quatro pilastras altas, que terminavam em um arco cruzado. Quando chegou mais perto, Nicolau viu que os corvos e os outros pássaros tinham pousado e formado como que um tapete vivo no terreno, enquanto um bando deles escurecera o cume da torre. Deu ordem ao soldado de preparar o gatilho; talvez um tiro de escopeta bastasse para assustar aquelas bestas imundas. O soldado obedeceu prontamente e, em pouco tempo, estava pronto para disparar a arma que trazia nas costas. Apoiou o longo cano de ferro em uma haste bífida, apoiou-a sobre um suporte da sela, apontou para o alto da torre e, por fim, fez fogo.

O golpe terrível e talvez nunca ouvido naquela planície deserta deu a impressão de fazer tremer a terra, os bambus, a própria torre, e reboou ao longe. Um bater de asas ensurdecedor obrigou os dois homens a baixarem a cabeça. Mesmo assim, os pássaros não se afastaram e ficaram volteando pelos ares, quase a ponto de obscurecer o sol doente. Avançaram com cautela, ao mesmo tempo em que o odor da morte lhes fechava a garganta.

E o que viram lhes tirou o fôlego. Em volta da torre, tinham sido cavadas trincheiras profundas, dentro das quais dezenas de corpos foram amontoados. Alguns deles tinham sido lançados no fosso como andrajos; já estavam putrefatos, inchados e da cor da terra. Outros pareciam mais frescos. Os corvos negros e os abutres tinham, evidentemente, se nutrido de todos eles, e toda uma progénie de insetos verdes e pretos estava fazendo o mesmo. O soldado da escolta afastou-se de repente, cobrindo o rosto com as mãos, enquanto Maquiavel viu algo diferente no ápice da torre. Tirou as faixas do rosto e banhou-o com um pouco da água de reserva, depois voltou a envolver a boca e o nariz e, tossindo por causa do cheiro fétido, escalou as pilastras. Quando chegou ao ponto mais alto, viu caixas de madeira de pinho, bem ordenadas em várias fileiras. Contou pelo menos vinte delas. Pareciam ataúdes rústicos, mas ali o fedor era menos agressivo. Com a ajuda da espada, abriu uma tampa. Ficou lívido.

Havia ali um corpo de mulher nu, mas, apesar do calor e do abandono, parecia quase intacto. A pele estava toda recoberta por uma patina oleosa e translúcida, igual à que vira sobre o corpo de Durante.

Voltaram ao ponto onde haviam deixado Ginevra e o outro soldado, sem nada dizer. A marcha prosseguiu por cerca de mais dez quilômetros, enquanto o cheiro de morte pouco a pouco desvanecia, dando lugar ao cheiro de sal, ao eflúvio da murta e do pinho marítimo. Finalmente, Maquiavel indicou uma pequena elevação em meio a duas colinas baixas. No meio, havia uma construção à primeira vista modesta, térrea, coberta por frondes de árvores sempre verdes. Não parecia nem um estábulo nem um forte. Talvez tivesse sido erguida sobre antigos vestígios romanos, porque ainda se podiam ver arcos de pedra esplendidamente construídos e trechos de parede em construção quadrada, típicos dos arquitetos antigos.

O rosto de Nicolau se fechou.

- Aquele é o refúgio de Leonardo. Foi para cá que mandei Durante e, por minha culpa, ele morreu.

Ginevra apeou e se aproximou dos muros antigos. Uma trilha bem batida levava a um pequeno pórtico, sobre o qual se viam apenas uma porta e uma janela, ambas bem fechadas. O madeiramento parecia novo e estava reforçado por lâminas de ferro pregadas com muitos e muitos pregos, da mesma maneira como eram feitos os cofres. Na porta não havia maçaneta, mas apenas um pequeno furo de formato estranho, onde se inseria sabe-se lá que tipo de chave. Adiante havia uma longa cobertura que parecia um abrigo para cavalos, mas estava vazia e nada sugeria uso recente. Tudo parecia em condições de funcionar perfeitamente, mas estava abandonado.

Deram a volta à construção, mas não viram nenhum sinal de vida, nem pegadas de cavalo. Até parecia que o mato crescera entre as pedras das trilhas que levavam ao pórtico chegando quase à soleira.

- Aqui não passa viva alma faz muito tempo.

Maquiavel fez sinal que sim, mas não parecia convencido. Aproximou o ouvido do ferro da porta, depois olhou em volta, retirou as

faixas e despiu as luvas.

Dois soldados surgiram de repente diante deles. Outro três os rodearam, vindos das laterais, e outro os surpreendeu por trás. O primeiro a desembainhar a espada foi Nicolau, que pareceu aos olhos de todos, mas especialmente aos de Genevra, um homem completamente diferente daquele que conheciam. Viram-no, de um salto, montar a cavalo e puxar as rédeas com força, obrigando seu forte árabe a empinar-se e a voltar-se ameaçadoramente para a direita e para a esquerda. O animal relinchava e bufava, e Maquiavel girava a longa espada, retalhando o ar. Ouviram-no lançar um grito de guerra, com a boca arreganhada e os olhos lançando chamas, transfigurados nos olhos de um gigante. Parecia um comandante de mercenários pintado em um afresco de antigas batalhas. Genevra e os dois soldados da escolta fizeram o mesmo que ele, e o golpe de batalha foi terrível, semelhante ao de dois exércitos que se chocam. Talvez com menor clamor, mas com igual ferocidade. Conseguiram se defender bem, mesmo estando em menor número, e Maquiavel passou ao fio da espada um dos cavaleiros negros, que caiu do cavalo, mas ficou preso com um pé no estribo e foi arrastado pelo animal enlouquecido de medo. Depois, ouviram o som de uma trombeta e viram vir das alturas outros cavaleiros. Eram mais de vinte, e entenderam que seu fim estava próximo. O capitão que precedia os recém-chegados era negro como os outros, mas mais alto e com um chapéu coroadado por uma pluma branca. Nicolau apontou-lhe a espada, emitiu com todo o fôlego o grito de guerra dos florentinos e chicoteou o cavalo para lançá-lo em galope.

O cavaleiro negro se preparava para fazer o mesmo, mas de repente pareceu mudar de intento. Deteve o cavalo, levantou a espada e impôs a seus homens um potente: "Parados!".

Maquiavel não se deu conta de nada e continuou correndo, gritando de raiva e desespero. O cavaleiro negro teve de se desviar no último momento e golpear o cavalo do florentino com a lâmina da espada para desequilibrado. Depois, virou de repente, tirou o chapéu e balançou acima da cabeça a grande pluma branca contra o céu azul.

- Nicolau, o que você está fazendo aqui?

Era um jovem alto, de rosto afilado e nariz regular. Podia ser definido como um homem muito bonito. Finalmente Maquiavel o reconheceu e, enquanto os outros soldados se dispunham em círculo em volta dos dois, quase perfeitamente imóveis, mas com as armas prontas para agir, aproximou-se, fazendo corcovear seu belo cavalo árabe banhado de suor.

- Diga-me o senhor o que veio fazer aqui! Quase nos mata!

- Quase - disse o duque César Borgia, conhecido como Valentino, enquanto embainhava a espada. - E talvez eu tenha de levar a obra a cabo.

O PRÍNCIPE

Alguém que por acaso tivesse se aproximado deles, mas a uma distância suficiente para abarcar toda a cena, acharia especialmente cômica aquela saudação entre os dois cavaleiros. Mas os soldados da escolta, que não haviam reconhecido o duque, estavam petrificados pelo horror e, inicialmente, de fato não entenderam o que estava acontecendo. Ninguém ousava se mexer. Apenas Ginevra parecia quase em êxtase e, várias vezes, tentou fazer contato visual com aquele príncipe jovem e tão belo, mas as faixas e o chapéu lhe impediam os movimentos, e o receio de causar alguma perturbação fez com que não fosse adiante. Depois, apesar de não ouvirem com clareza o que falavam, pelos gestos dos dois cavaleiros todos compreenderam que a discussão era cordial, até mesmo amigável. Nicolau sorria e mexia a cabeça, enquanto seu cavalo corcoveava nervoso. O príncipe mantinha na mão o chapéu com a grande pluma, que balançava como um estandarte, acompanhando os gestos de seu braço. Depois de certo tempo, que ninguém foi capaz de medir, sob o sol que cozinhou aquela terra doente, o príncipe deu um seco comando e dois capitães foram rapidamente ao encontro de Ginevra e dos soldados, para escoltá-los até o pórtico daquela baixa construção. Os outros soldados trouxeram de dentro de um carro tendas militares,

móveis, cestos de pão e outros alimentos envoltos em panos. Mas, para supremo espanto de Nicolau e dos seus, ninguém abriu a porta reforçada, e a mesa foi disposta no piso de pedra, exatamente diante da única janela trancada.

Comeram enquanto o céu escurecia. Valentino olhava para Ginevra e lhe sorria, e ela correspondia com um ardor em seus grandes olhos celestes que Nicolau nunca vira. Por fim, escureceu, eles ficaram imersos no negrume profundo de uma noite em Maremma, mas os soldados do duque já haviam preparado uma grande fogueira, em volta da qual todos se postaram em círculo. Valentino bebeu do vinho que um dos soldados lhe servia e ordenou que todos fossem servidos.

- Conheci Nicolau de Florença dois anos atrás...

O príncipe ria, mas todos viam que se tratava de uma falsa alegria. Por outro lado, os olhares de seus homens não podiam ser mais graves. Apesar das fisionomias serem um pouco duras, tinham olhos inteligentes, e Nicolau lia neles uma preocupação funda.

- Um tempo muito breve, meu senhor, mas denso de acontecimentos.

- Para mim, é um tempo encerrado, meu amigo.

Ginevra parecia impressionada e totalmente emocionada com a presença do Borgia, e ainda não ousava lhe dirigir a palavra. Preferia desviar o olhar daquele lindo rosto de jovem homem de armas, que a perturbava profundamente, e dirigir-se a Nicolau:

- Você foi legado na corte do duque a mando da República... Maquiavel concordou.

- Parti de Florença no início de outubro de 1502. Precisava descobrir quais eram as intenções do duque acerca de minha cidade...

Valentino apagou com o pé uma brasa acesa.

- Gostaria de tê-los esmagado, assim. Nicolau riu.

- Quando lhe perguntava, duque, você sempre saía pela tangente. Mas eu não estava viajando só para isso. Queria entender também as

intenções do rei da França e que acordos teriam firmado. Uma aliança entre vocês talvez beneficiasse Florença.

- Sempre fiz aquilo que considerei útil para o bem-estar de minha senhoria.

- Isso ficou imediatamente claro para mim - Nicolau piscou para Valentino e depois olhou para Ginevra, sorrindo. - Acompanhei o duque em todas as campanhas. Três dias depois de minha chegada à sua corte, já estávamos dentro das muralhas de Fano conquistada.

- Foi uma maravilhosa campanha, econômica e sem sangue. Cumulei-os de presentes.

A voz de César Borgia era forte e grave e ecoava na planície de Maremma envolta na escuridão da noite. A fogueira reverberava no rosto de todos, mas o do príncipe e o de Ginevra davam a Maquiavel a impressão de brilhar mais que o dos outros, assumindo de vez em quando um colorido infernal.

- O maior de todos foi o castelo de Montefelcino, meu duque, desde o qual o senhor podia perfeitamente controlar toda a Romagna...

- Um presente interessante, como sempre se deve fazer.

Maquiavel sorriu de novo, imitado por fim por Valentino, e algo pareceu se liberar entre as fileiras de seus poucos soldados, que se animaram um pouco e deixaram de dar a impressão de que eram estátuas de bronze.

- Do senhor, duque, admirei principalmente a coragem sobre-humana, que lhe possibilitava fazer tudo o que queria. E entendi que, na Itália, o senhor tinha de ser aceito como um novo potentado, talvez como o mais temível.

- Sem exageros, Nicolau, mesmo que meu objetivo fosse justamente esse.

Maquiavel fitou a chama viva e teve a impressão de ver os castelos ardendo, os berros dos soldados e das mulheres violentadas, os campos incendiados e os camponeses trepados nas árvores. Mas tinha a impressão de que, pelo menos, se tratava de um fogo vivo, que mudava o mundo e que, sobre as ruínas das muralhas derrubadas, imaginava novas cidades

que surgiam e um mundo novo que se anunciava. Voltou o olhar para os olhos azuis de Ginevra.

- Estamos de acordo sobre várias questões. Consegui convencer os Dez a custodiar Borgo San Sepolcro, o que servia para agilizar os deslocamentos das tropas do duque, mas também para tornar mais resistentes os limites da República.

Valentino levantou-se num salto; seus homens ergueram a cabeça e, por instinto, puseram a mão na empunhadura da espada, em atitude de defesa. Maquiavel teve certeza de que algo o tornava muito nervoso e inseguro, mas o duque, percebendo, lhe sorriu, demonstrando uma alegria que, de todo modo, parecia forçada.

- Nós nos entendemos e gostamos um do outro mutuamente, e minha estima por você perdura. E a sua por mim?

Nicolau, pego de surpresa, não respondeu. Ginevra logo entendeu, por seu olhar, que naquele momento uma resposta sincera poderia ser perigosa e que, por outro lado, uma resposta diferente teria quebrado o encanto que se criara em torno daquela fogueira. Aqueles dois homens odiavam a falsidade inútil dos cortesãos.

- O senhor agiu de modo a me permitir manter meu cargo, duque, e a permanecer com o senhor. Foi, parece-me, nos primeiros dias de novembro daquele ano que marchamos sobre Rimini.

Valentino fez um sinal positivo, enquanto reavivava as chamas com uma vara.

- Piero Soderini tratou com o rei da França - prosseguiu Maquiavel -, a aliança de Florença com o duque se fortaleceu, mesmo que muitos me tenham escrito para não me iludir quanto a suas reais intenções...

- Eu lia sua correspondência, Nicolau, e eles tinham razão.

Aquela tirada provocou uma hilaridade geral e, finalmente, a atmosfera perdeu o peso que tivera desde o início. Até Nicolau pareceu se transfigurar, como se estivesse contando o período mais belo de sua vida, e talvez fosse isso mesmo. A grande fogueira perdera todo o colorido infernal e era apenas uma fonte de calor e de alegria. A voz de todos foi se tornando mais suave, e Nicolau discorria, voltando-se ora para César

Borgia, ora para Ginevra, como se estivesse em sua bela residência florentina, diante do grande caminho de pedra, com as mulheres costurando nas janelas e as crianças sendo levadas para a cama pelas servas.

- Mandou-me naquele tempo as *Vidas* de Plutarco, porque a personalidade do duque me parece digna de um estudo aprofundado.

- Acho que Nicolau me tomou como modelo de príncipe ideal, não é?

- Busquei entender quais são e como funcionam os vários tipos de principado...

Ginevra, que estava de novo encantada em admirar o belo César Borgia, virou-se para Nicolau:

- E quais seriam essas categorias?

- Antes de mais nada, há os principados hereditários. Esses não se discutem: são, e é o suficiente.

- E aqueles sobre os quais se pode raciocinar?

- São os novos principados. Pode-se dizer que são de duas espécies diferentes: a primeira é representada pelos domínios anexados àqueles que um príncipe já possui...

- Por direito hereditário?

- Exatamente. Eu os defino como *mistos*. Mas existem também os principados completamente novos. Nosso duque teve principados dessa última espécie.

Valentino se entristeceu. Movia os braços com a ponta de sua espada, como um mago antigo que tentava adivinhar um futuro que já se sabia obscuro.

- Perdi todos eles, unicamente pelos golpes adversos da fortuna.

- Os domínios que o duque possuiu eram fruto da fortuna e dos exércitos de outros: de fato, foram-lhe atribuídos pelo pai. Outra espécie de principados são, ao contrário, aqueles conquistados pela virtude e com exércitos próprios.

O duque deu um golpe violento, com o fio da espada, no monte de brasas acesas que estava diante dele. Ergueu-se uma infinidade de

fagulhas, como vagalumes em um campo de trigo, e seu rosto se iluminou com um rubor amarelado. "Olha aí, outra vez, o fogo infernal", pensou Maquiavel.

- Foi como se eu os tivesse conquistado com esta espada, e você sabe perfeitamente disso.

Todos baixaram a cabeça, atemorizados, exceto Ginevra e Nicolau, que olhava o duque diretamente no rosto, sem sombra de medo.

- O que importa é tomar o poder e importam mais ainda os meios que permitem ao príncipe mantê-lo forte e estável.

- Algo que verdadeiramente tentei fazer.

- Você chegou ao poder mediante ações que os demais julgam malvadas e cruéis. Mas aqui é preciso fazer uma distinção...

Ginevra olhou Valentino nos olhos e sorriu, de um modo que Nicolau achou misterioso.

- Você é um verdadeiro sofista, Nicolau.

- O que busco é explicar a política como uma ciência. Existe uma crueldade mal usada e uma crueldade usada para fins bons.

Ginevra contestou.

- Mas é sempre crueldade!

Maquiavel sorriu.

- É isso o que tenho sempre mais dificuldade em entender; se houver necessidade absoluta, e se a crueldade desencadeada der como fruto a maior felicidade possível dos súditos, então é bem usada. Nesse caso, a crueldade se esgota quando se alcança o bom propósito.

- E quando a crueldade é má?

- Quando serve apenas à vantagem exclusiva do tirano. Nesse caso, é mal usada e não cessa realmente, antes aumenta com o tempo. Esse não é o caso de nosso duque Valentino.

O jovem príncipe tirou o chapéu com a grande pluma e fez uma inclinação cerimoniosa e bufada, que serviu para dissipar mais uma vez a tensão em volta daquela fogueira. Ginevra olhava para ele sempre com maior ardor, no decorrer das eruditas e perturbadoras argumentações do secretário.

- A crueldade praticada com vistas ao bem nasce do poder bem exercido, como sua inevitável consequência. Se não nos escondermos por trás da hipocrisia dos cortesãos e se amarmos a verdade, deveremos admitir que os homens são maus por natureza, ávidos e violentos e não cumprem a palavra empenhada. Um príncipe não pode seguir ponto a ponto as leis morais, mas também deve aprender a não ser bom, quando as circunstâncias o exigirem. Ele deve ter em mente o fim, que é vencer e preservar o Estado.

Houve um curto silêncio. Todos, até mesmo os soldados, refletiam sobre essas palavras, tão duras, mas inegavelmente verdadeiras. Nicolau também empunhou a espada e, brincando distraidamente com a ponta no fogo, isolara um pouco de ramos incandescentes, semelhantes a uma pira em miniatura.

- O ano de 1494 foi o da derrocada da liberdade italiana. A causa foi a indolência dos príncipes, que, na tranquilidade, não tiveram olhos para distinguir a chegada das tempestades e não providenciaram remédios eficazes. Apenas frei Girolamo teve essa intuição, mas ele se enganava em outros aspectos. O príncipe deve ter a capacidade de impor obstáculos às variações da fortuna... - e aqui seus olhos caíram sobre o duque, que desviou o olhar, como se ele soubesse perfeitamente em que ponto havia realmente pecado. - Ele deve saber equilibrar-se entre a virtude e a fortuna.

- Mas enquanto a fortuna me sorriu - protestou o duque -, minhas ações foram sempre marcadas pela verdade.

- Isso é sagrado; admirei cada ato que o senhor realizou durante aqueles meses inesquecíveis. O caso mais interessante foi o de Vitellozzo Vitelli...

César Borgia esboçou um sorriso, mas este era triste e amargo. Maquiavel agora dirigia-se diretamente a Ginevra, que a partir de então oscilava entre aqueles dois homens, indecisa sobre qual deles admirar.

- Houve uma reunião convocada pelo duque em um castelo dos Orsini, em Trasimeno. Também estavam lá os Bentivoglio, os Baglioni, Pandolfo Petrucci e Oliverotto da Fermo.

- Queriam mover uma guerra contra mim, tirar-me o título de duque de Romagna, obrigar-me a restituir os territórios conquistados... - Agitou a espada como se precisasse se defender de fantasmas inimigos. - Estimularam a sublevação, queriam fazer-me ser visto como inimigo do povo e levar meus capitães e soldados a desertarem. Que faz um bom filho nesses casos?

Valentino agora demonstrava muito temor nos olhos, que pareciam os de um filhote de cervo. Sabia representar como um verdadeiro ator. Nicolau veio logo em seu auxílio.

- Pede ajuda a seu pai.

- Foi o que fiz. O santo padre vendeu um pouco de indulgências e me enviou cinquenta mil ducados, que me permitiram contratar seis mil soldados. Vitellozo então veio com conselhos moderados, não foi, Nicolau?

- Ele teve medo e fez a única coisa justa, de seu ponto de vista. Em fins de outubro se chegou a um projeto de paz. O duque decidiu convocar todos a Ancona, em Senigallia. Aproximava-se o fim do ano...

- E eu tinha em mente um modo digno de festejar. - Valentino pôs-se outra vez de pé, poliu a lâmina de sua espada da fuligem e voltou a embainhá-la. - Reunimo-nos todos em San Silvestro para festejar a última noite do ano com um grande banquete. Eu tinha as melhores mulheres da Romagna: deliciosas prostitutas de carnes branquíssimas e camponesas virgens para os paladares exigentes. Quem não sentisse atração por fêmeas também tinha como gozar. Vieram Vitellozzo, Oliverotto e os dois Orsini... Você já havia intuído alguma coisa, certo, Nicolau?

- Que haveria uma surpresa no final, sim. O senhor realmente me disse, mas só vim a entender depois.

- Estávamos para assinar o Pacto de Federação, uma pequena obra-prima de enroscos. Quando fiz um sinal, os guardas da corte, que eu havia escolhido um por um, entraram e prenderam todos. Oliverotto e Vitellozzo foram imediatamente estrangulados.

- Eu estava nu, na cama, quando vieram me chamar. Entrei imediatamente em ação.

Nicolau parecia extasiado, enquanto revivia com o duque aquela noite terrível. Todos os outros ouviam, tentando dissimular o horror. Só Ginevra entendia que não se tratava realmente de maldade. César Borgia, de pé diante do fogo e com as mãos na cintura, parecia ter retornado ao ápice de seu poder e de sua fama.

- Fiz com que os dois Orsini fossem condenados à morte com a máxima pompa, e os enforcamos no dia 18 de janeiro.

- Iniciativa rara e admirável, que contei em minha *Descrição do modo de que se serve o duque Valentino ao trucidar Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Ferno, o senhor Pagolo e o duque de Gravina Orsini*. O senhor retomou os domínios no Lácio, conquistou a República de San Marino e ocupou Urbino. Sua estrela estava no ponto máximo de esplendor.

- Até aquela maldita cena em Roma. Maldita cena dos diabos. - Valentino começou a mexer nas brasas com tanta raiva que seu primeiro capitão o pegou pelo braço e levou-o embora.

- Mas agora chega, não quero falar disso. Os soldados farão turnos de guarda de quatro horas e iremos todos repousar.

Ginevra não podia resistir. Levantou-se e correu para o duque. Fitou seu belo rosto, que o reflexo amarelo e vermelho do fogo, iluminando-o a partir de baixo e criando sombras tristes, tornava semelhante à face de algum demônio de beleza particular, como Belfagor ou outro arqui-diabo. Alongou o braço e, com sua mão pequena, mas forte, acariciou-lhe a barba negra e os cabelos. Sorriu. A chama da grande fogueira também conferia a ela uma beleza diabólica de fada maligna, deixando Nicolau e todos os outros sem fôlego. Valentino deteve-a pelo pulso.

- Achei que a senhora estivesse com Nicolau.

- De fato, durmo com ele quando me dá vontade.

O duque riu, o que deu a Nicolau a impressão de uma alegria quase cúmplice.

- Você é pior que uma meretriz da corte papal, pior que uma hetera do Oriente!

- Então você conhece bem que tipo de mulher sou eu!

Valentino riu de novo, dessa vez rumorosamente, um riso de estalagem, enquanto acariciava o belo rosto de Ginevra.

- Como não conheceria, senhora... É um tipo que me chama muito a atenção. Já me deitei com mais mulheres do que qualquer outro homem da minha idade. E de todo tipo, condição e idade...

A mão de Ginevra desceu por seu corpo e o abraçou demoradamente.

- Você as tomou como presa de caça, e as fez suas com maravilhoso orgulho e ímpeto...

- Nenhuma delas precisou lamentar o tratamento que recebeu!

Enquanto dizia isso, o duque Valentino olhou ao redor de si, e todos os homens, até Nicolau, riram em cumplicidade, como membros de um bando atávico em presença de um macho dominante. Mas foi Ginevra quem pegou Valentino pelos laços da casaca e, com uma força que o pegou de surpresa, puxou-o para si e o beijou na boca, como um homem que toma para si uma mocinha tímida.

César Borgia, apesar de toda sua ilimitada experiência, que, se fosse contada com franqueza, teria feito fugir amedrontados e horrorizados os piores mercenários da Itália e da Europa, ficou bobo como um rapazinho sendo beijado por aquela mulher. Depois Ginevra se afastou e, antes que o duque conseguisse retomar o fôlego, pegou-o pelos cabelos.

- Quero me deitar com você esta noite, agora.

O duque encontrou o olhar de Nicolau, que lhe respondeu abrindo os braços, em sinal de despojamento e resignação. Em seguida, o casal desapareceu pelo rumo do pavilhão de comando que os soldados tinham acabado de montar.

Ginevra voltou para a tenda de Nicolau Maquiavel quando o sol já se preparava para subir e o horizonte estava apenas banhado em uma luz rósea, ainda subjugada pelo escuro. Enfiou-se no saco de dormir e se estendeu em cima dele, fazendo-o sentir o calor de seu corpo. Mas o secretário não estava com vontade de ficar com ela. Mesmo que não pudesse confessar nem a si mesmo, a cena com o duque o incomodara profundamente. Ginevra percebeu e se esticou a seu lado.

- Que faremos agora?

- Devemos nos preparar para ir embora antes de o sol nascer; não temos tempo a perder.

- O que pode acontecer?

- O duque pode mudar de humor a qualquer momento. A desventura animou sua prontidão e ofuscou sua inteligência. Quando nos confrontamos, disse que deveria ter-nos matado...

- Fique tranquilo, ele não nos fará nenhum mal.

Nicolau apoiou-se em um lado do corpo e se ergueu um pouco, apoiando-se no cotovelo. Olhou para os olhos azuis daquela mulher misteriosa, e eles lhe pareceram muito artificialmente serenos.

- O que a faz se sentir tão segura? Só por que ele gozou com você esta noite? Não se tem certeza alguma do destino que Valentino tem em mente para nós. Precisamos ir embora e descobrir onde está Leonardo...

- Você acha que o príncipe tem conhecimento disso?

- Vi os cadáveres resultantes de seus ataques e como ele e seus homens nos atacaram. Estou seguro de que estão a serviço de Leonardo. A História faz das suas, às vezes, inverte os papéis...

Mas Ginevra parecia não estar escutando. Mantinha os olhos abertos, fixos no pano que funcionava como teto e através do qual já se filtravam os raios de sol.

- Você sabe o que se sucedeu realmente naquela cena?

- Do que você está falando?

- Da cena maldita de Valentino, daquela que acabou com sua fortuna. Nicolau fechou os olhos, tentando acalmar a raiva que sentia crescer.

Sofria com o comportamento de Ginevra, mas não queria admitir isso. A recordação do que aconteceu com Valentino o distraía.

- Ele estava em Roma, em uma vila perto do Vaticano. O santo padre e seu filho, o duque, eram hóspedes do cardeal de Corneto. Era agosto, um verão de calor terrível, as águas apodreciam e nem mesmo os lugares mais frios resistiam à quentura. Mesmo nas vilas mais ricas, os alimentos se estragavam logo. Foi uma cena suntuosa, o papa Alexandre

amava banquetes. Depois de dois dias, ambos os Borgia, o pai e o filho, foram acometidos por febre e dores violentas...

A mulher o interrompeu.

- Disso eu sei. Mas você acha que eles foram envenenados? Nicolau abriu os braços.

- Quem pode saber? Houve quem dissesse que foram eles que envenenaram o alimento para envenenar os outros hóspedes, mas que o comeram por engano...

Ginevra ergueu o rosto, e seus olhos azuis estavam furiosos.

- Isso é uma baixeza, jamais teriam cometido uma estupidez dessas!

- Talvez tenha sido simplesmente culpa da terrível praga que assolava Roma naqueles dias... Fato é que o papa morreu no dia 18 de agosto. Valentino estava muito mal, a febre não o deixava e, mesmo assim, teve de combater seus inimigos. Ao saberem da novidade, eles justamente tentaram se aproveitar dela com a ajuda dos venezianos que, nesse meio tempo, já tinham descido para a Romagna. Além disso, estava para se iniciar o conclave, e Valentino tinha de lutar para que não subisse ao poder um inimigo seu, especialmente Della Rovere. Até eu fui chamado a Roma. E essa é a história desses últimos meses: no ano passado, no dia 2 de setembro, graças aos cardeais espanhóis, o eleito foi Piccolomini...

- Pio III. Que durou bem pouco.

- Vinte e sete dias. Teve apenas o tempo de confirmar o duque como Capitão Geral da Igreja. Depois, pela intervenção do Espírito Santo ou de algum outro espírito, voltou para os braços de seu Criador.

- E Della Rovere venceu o jogo...

Nicolau concordou, sempre de olhos fechados.

- Na segunda tentativa. Foi eleito papa no dia 1º de novembro e agora é Júlio II.

- Em sua opinião, o duque errou o alvo de todas as ações que fez depois disso?

- No início, ele agiu bem. Eu seguia seus movimentos de perto, aprovei sua decisão de tentar um acordo com seu poderosíssimo inimigo.

Ele tentou manter o título de duque da Romagna e, especialmente, o comando do exército pontifício. Veja, Ginevra, Valentino agia com coragem e inteligência, mas lhe faltava a força necessária para manter a integridade de seus domínios. Falei esta noite de vários tipos de principado, mas, por delicadeza com o duque, deixei de falar de um, o mais importante.

- Qual?

- Aquele que chamo de civil, no qual o príncipe recebe o poder dos próprios cidadãos...

- Como em Florença?

- Apenas em parte...

- Como em Roma, nos tempos da República? Ou era Atenas, nos tempos de Péricles?

- De maneira bastante diferente. Mas quando existirem principados tais como os vejo, e haverá um tempo em que existirão, eles deverão defender sua liberdade. Em nosso mundo, os exércitos estão confiados às milícias mercenárias, como fez o duque. Isso é um mal, porque os soldados combatem apenas por dinheiro, quase sempre são inconfiáveis e, com isso, agravam a vulnerabilidade dos Estados.

- Mas em Barletta, Ettore Fieramosca, Giovanni Capoccio e os outros cavaleiros defenderam a Itália, vencendo em uma batalha os arrogantes franceses.

- Não está em discussão a coragem daqueles cavaleiros; também eu os admiro e exalto, mas a verdade é que defenderam a coroa da Espanha, a qual combatiam. Itália é só uma palavra e uma longa faixa de terra entre dois mares... Por enquanto, podemos confiar em principados menores, mas *civis*... A meu ver, a força de um Estado está em poder contar com o próprio exército, no qual seus cidadãos combatam para defender seus bens e sua vida.

- O duque Valentino perdeu porque foi traído por seus mercenários? Maquiavel pensou durante um momento, antes de responder.

- O que faltou nele foi a união entre virtude e fortuna. Depois da catástrofe da morte de seu pai, o papa, ele errou em todos os movimentos, e a tentativa de entrar em acordo com Júlio se transformou em uma série de súplicas inúteis. No final, o papa rejeitou o acordo, ordenou que ele renunciasse ao título de duque e que devolvesse a Romagna a seu poder direto. A fortuna dele se ofuscava, e era natural que os florentinos mudassem de opinião. Mas me dói que, no Conselho dos Oitenta, tenha prevalecido o partido daqueles que queriam negar-lhe um salvo-conduto que lhe permitisse passar pelos territórios da República. Isso me desagradou muito mais do que quando o duque se recusou a obedecer ao papa e foi preso. Na prisão, ele renunciou a tudo o que pôde para poder ser solto. Agora, com esses poucos homens, ronda por terras ermas, à procura de uma improvável saída...

O pano da tenda se rasgou com o corte de uma longa espada e, pela abertura, apareceu o rosto barbado de Valentino. Tinha os cabelos em pé e os olhos transtornados.

- Você tem coragem, meu amigo Nicolau! Mas não lhe contou tudo...

Ginevra permaneceu imóvel como uma estátua. Maquiavel não teve tempo de pegar sua espada, porque dois soldados entraram na tenda e o obrigaram a ficar deitado no saco de dormir. Teve medo de ser traspassado como um faisão, mas Valentino esgotou a raiva de repente. Acocorou-se ao lado do saco de dormir de Ginevra, acariciando-lhe mansamente os longos cabelos negros, e lhe falou num tom de quem queria se justificar.

- Meus bens na Romagna foram todos confiscados pelos venezianos, e o papa está rompido com São Marcos, ao qual ameaçou de excomunhão. A guerra está às portas, e é uma das piores porque transtorna qualquer equilíbrio... Eu poderia ser seu protagonista principal, mas sou um odiado Borgia e, por isso, excluíram-me! Gostaria de ter ido a La Spezia e até disso fui impedido. Então, preciso chegar a Nápoles, minha única esperança.

Nicolau, preso ao saco de dormir pelos braços fortes dos soldados, ergueu a cabeça para protestar.

- Por que, então, perder tempo nesse pântano, duque? O caminho para Nápoles não é esse, o que o prende aqui?

Ginevra tomou a mão do jovem príncipe, levando-a ao peito.

- Sim, meu amor. Por que você adia a partida, arriscando a própria vida?

A voz dela soava preocupada, como a de uma mãe para o filho. Valentino correspondeu a seu abraço com amor.

- Assumi uma missão confiada por um homem, enquanto fugia... De príncipe que era, tornei-me um mercenário. - Depois se virou para Nicolau, com o olhar enfurecido outra vez: - Você me admirava, meu amigo. Talvez fosse o único, os demais apenas me temiam.

- Eu o entendia. Os outros simplesmente não compreendiam.

- E agora que vivo em desgraça, você continua a me estimar?

O olhar do jovem Borgia era suplicante. Nicolau olhou primeiro para ele, depois para seus homens. Eram guerreiros cruéis; dispostos a tudo, tinham seguido Valentino na desgraça e certamente lhe eram fiéis. Se respondesse com sinceridade àquela pergunta, não sabia qual seria sua reação. O duque de seis meses atrás, no ápice da fortuna e da glória, certamente teria entendido, mas esse novo Valentino, humilhado e perseguido...

- E então, Nicolau? Ainda gozo de sua estima?

- Como amigo, sim. Como príncipe, não. O senhor perdeu, e isso o situa na coluna de erros da História.

César Borgia se levantou. Manteve-se bem firme, mas seu corpo parecia vibrar, enquanto mantinha a mão direita aberta, pronta para agarrar de novo o punho da espada. Depois, dobrou a cabeça e voltou a se acocorar.

- Você tem razão.

- Ao que parece, aquele que o contratou, duque, precisa de muitos cadáveres...

- E de ossos. Quem melhor que nós para abastecê-lo?

- O senhor os enviou para Livorno?

- Os antigos, sim; para a casa do velho louco. Alguns deles, aqueles que meu contratante mais queria, desfaziam-se ao simples toque. Aos poucos, fui recolhendo um por um em todos os cemitérios abandonados que se encontram nessas terras mortas. Alguns esquecidos e remotos, do tempo dos romanos, do rei Porsenna, talvez de antes. Sabe que vi os antigos demônios? Para lá de Corneto, à luz das tochas, pintados nas paredes dos túmulos, vi cabeças de cabra, línguas enroladas, olhos em brasa... Às vezes, eu tocava aquelas pinturas e elas se desfaziam. Muitas vezes, diante daqueles monstros do Inferno, pensei em meu destino ingrato e estranho. Fui chamado de diabo, por conta de minhas ações, quando tinha todo o poder. Será que o maligno estava mesmo conosco, Maquiavel, naqueles dias felizes? Será que não era realmente eu, e sim algum outro aparentemente à meu serviço?

Nicolau entendeu imediatamente a quem o duque se referia. Se tivesse fé no sobrenatural, ele teria a tentação de dar razão ao duque. César olhou para ele com olhos que, pela primeira vez, deram-lhe uma verdadeira impressão de espanto.

- Porque *ele* não pensa como você ou como eu, Nicolau. Matei, mas nunca me faltou coração. Já *ele* é frio como os ossos dos mortos antigos que recolhi...

- E o que o senhor tem a me dizer de todos esses cadáveres recentes que vimos apodrecendo nas fossas?

O sorriso de Valentino era triste e sarcástico ao mesmo tempo.

- Alguns deles, nós os encontramos já prontos em nossas andanças, por causa da peste que impera e que matou até mesmo muitos dos meus. Outros, nós os criamos!

- E para que servem?

- Para as loucuras de quem me pagou.

- Que loucuras são essas? Diga-me, duque!

Valentino balançou a cabeça.

- Você nem suspeita, Nicolau, qual é o terrível segredo que está guardando aquele que financia e protege minha fuga desesperada. É um

segredo tão bem guardado que, para saber qual é, não me foram suficientes os enganos e as ameaças. Só pude vir a conhecer sua verdade íntima porque tive em minhas mãos pessoas que eu podia fazer falar por bem ou por mal. Você sabe que sou mestre nessas coisas. Esse segredo infernal me alegrou muito, porque me oferecia a possibilidade de contribuir com uma obra grandiosa, que haveria de aplacar um pouco minha aridez.

- Que sede o atormenta, príncipe?

- A sede de vingança, que nada mais consegue aplacar!

- A vingança, sem uma razão de Estado, não tem sentido, é estéril.

- Quem lhe disse que a minha não tem um fim? Eu a considerava muito justificada. Agi por ódio ao papa e também aos venezianos, ladrões de minhas terras...

- Diga-me qual é esse segredo, duque!

Valentino fez um sinal para seus soldados e, finalmente, Maquiavel pôde mover-se livremente. O secretário massageou os braços e as pernas, que ficaram doendo pelos apertos daqueles guerreiros fortes como montanhas.

- Meu bom Nicolau, tenho ordens de matar todos vocês. Aquilo que você disse esta noite me confortou: a crueldade, quando tem um objetivo importante, não é um mal...

- Então, o senhor vai nos matar?

- Não, embora o mensageiro que veio dar-me a dispensa tenha recomendado justamente isso. Mas Ginevra deve viver obrigatoriamente e você me traz recordações do passado feliz, então que vá tomar no cu quem quer vê-los mortos.

Valentino fez um gesto com a mão, como quem expulsa um inseto importuno, e sorriu para o florentino com simpatia, talvez até mesmo com afeto. Nicolau o acompanhara nos dias de glória, exaltando seus sucessos e lamentando as mortes que provocara sem hesitar. Mas se tivesse tomado conhecimento de quantas vidas eliminara, até ele não acreditaria. Por meio de mercenários e, muitas vezes, com suas próprias mãos, matara inimigos e amigos. Muitos deles mereciam morrer, outros

eram inocentes, mas para sua infelicidade mais úteis para o Estado mortos que vivos. Muitos fantasmas vinham atormentá-lo à noite, e o rosto magro e esperto de Nicolau Maquiavel era o único que o divertia e o confortava um pouco.

- Agora tenho de correr para chegar a Nápoles e encontrar asilo junto a meus Borgias. Junto a Consalvo de Cordova, poderei formar meu próprio exército e tentar uma desforra. E ainda me resta Forlì. Partindo daquele castelo, posso salvar o que ainda resta de meus domínios. Mas não me pergunte nada mais, Nicolau, a respeito dos segredos terríveis que correm por essas terras e as cidades de Livorno e de Florença, porque se eu os contasse, teria de depois obedecer a contragosto às ordens que recebi e fazê-los findar nas fossas que viu.

- Onde está Leonardo?

O príncipe pareceu estupefato.

- Não sei! E prefiro não saber. Se o vir, Nicolau, diga-lhe que fique bem escondido e que se previna de amigos e de inimigos, porque ele corre mais risco que vocês. Mas, por outro lado, se tiver recebido minha mensagem, já terá entendido tudo.

- Que mensagem?

A risada do duque, alta e sonora, provocou o riso de seus soldados sujos.

- Você não se dá por vencido! Aceite um conselho: modere sua curiosidade, ao menos dessa vez, porque não é só você quem corre grave risco, mas também essa belíssima mulher, a única que eu poderia vir a amar. Enviei a Leonardo uma coisa muito significativa para ele, mais que os livros do *herófilo* que lhe foram prometidos antes e depois, negados.

Maquiavel não teve tempo nem de abrir a boca, e a longa espada de Valentino já lhe roçava o pescoço.

- E agora nem tente me perguntar de quais livros se trata, Nicolau, porque não sei mesmo. Peguem suas coisas e fujam daqui. Agora! Antes que eu raciocine e mude de idéia. Se me esforçar para pensar, voltarei a ser o sábio Valentino dos tempos em que eu, você e Leonardo éramos felizes juntos, arquitetando máquinas e tramando saborosas intrigas. Se

renascer o duque que pratica as coisas mais nefandas em nome da Razão, então, de nada terão valido as ternuras e as melancolias que agora, na desgraça, levam-me a mantê-los vivos. Escapem, imediatamente!

O duque abraçou Ginevra demoradamente e lhe beijou a boca com tal força e paixão que a fizeram se calar. Depois, saiu da tenda.

Foram embora escoltados por dois soldados, à luz incerta da alvorada. Devolveram-lhes os cavalos e um dos esbirros que viera com eles, o único que restou vivo. Depois os escoltaram até a antiga estrada por onde tinham vindo no dia anterior. Assim que montaram, os soldados de Valentino chicotearam os cavalos. Poucos minutos depois, já iam além das pequenas colinas que escondiam o refúgio inviolado de Leonardo Da Vinci.

Cavalgaram durante horas sem parar, no deserto de bambus e palhas, e voltaram a atravessar os pântanos malsãos, os fedores e os bandos de pássaros negros do mau agouro que os seguiram por quilômetros. Nicolau parecia tomado por uma fúria cega; chicoteava sem dó seu cavalo árabe, que já estava espumando de sede e cansaço. Ginevra e o soldado esforçavam-se para acompanhá-lo, até que a mulher esporeou seu cavalo e emparelhou-se com o secretário. Postando-se a seu lado, viu seu rosto nublado de raiva. Então, tomou-lhe as rédeas e o forçou a parar. Nicolau levou a mão à espada, como se tivesse sido atacado por inimigos, mas Ginevra foi mais rápida que ele e apontou a lâmina na direção de seu peito.

- Não sei por que você se agita tanto, Nicolau. Se é pelo fracasso de nossa vinda, não faz sentido arriscar-se a esgotar os cavalos e morrer debaixo do sol dessa terra doente. Se, por outro lado, você está incomodado com a noite que passei com Valentino, isso é ainda menos honroso porque, sinceramente, não lhe diz respeito.

Maquiavel pareceu se acalmar, ordenou ao esbirro que preparasse um modesto abrigo com bambus e palha e se sentaram à beira da estrada, onde um modesto desnível de terreno os protegia um pouco da terrível poeira branca. Dividiram a água e um pouco de pão seco, quase impossível de comer, mas não havia tempo para dormir.

- Preciso estar amanhã em Florença. Esse é o único motivo dessa minha corrida desenfreada.

- O que você tem de fazer?

- Vai acontecer uma representação especial, à qual não posso faltar, pelo bem da República e de nosso gonfaloneiro. Foi o próprio senhor Piero quem me mandou para cá, e não poderei lhe levar notícias certas sobre a morte de Durante e absolutamente nada sobre o esconderijo de Leonardo.

- Se o duque está a serviço dele, a razão nos leva a pensar que foi ele quem mandou matar Durante. Não acha?

Nicolau ficou bastante admirado. Se Ginevra estava realmente pensando aquilo que acabara de dizer, conclui-se que se deitara com o duque sabendo que estava se deitando com o assassino de Durante. Então, para ela, valia mais a carne que o coração, ou era talvez exclusivamente o frio intelecto que movia suas ações? Nesse caso, os dois eram mais parecidos do que ele supusera até aquele momento.

- Também achava, mas depois de ouvir as palavras do duque, hoje de manhã, mudei de opinião.

- O que o levou a entrever uma lógica diferente por trás da aparência das coisas?

- Valentino falou muito, deu-me muitas indicações preciosas. E não acredito que o tenha feito sem se dar conta, pois caiu em desgraça, não tem mais reino nem exército e, para sobreviver, precisou atuar como mercenário. Mas ainda mantém intacta sua antiga lucidez, e posso lhe garantir que jamais, na época em que eu e Leonardo estivemos com ele, o duque deixou escapar um segredo que devesse ser guardado. Valentino sabe que está perdido, está fugindo para Nápoles e talvez até deixe a Itália. Tudo o que me revelou não o fez por acaso, mas para me dar pistas. Todavia, sem falar muito, deixando quase tudo para a minha capacidade de raciocínio...

- Por quê?

- Porque está dominado pelo mais forte dos sentimentos, aquele que tem menos conformidade com o raciocínio, que é o medo. E esse é um

indício de vital importância.

- Não estou entendendo.

- Valentino teve medo de poucas pessoas na vida, talvez de nenhuma. Se não me disse tudo, é porque acha que poderia ser alcançado em Nápoles, talvez na Espanha ou em qualquer outro lugar do mundo todo...

- Mas por quem?

- Por mercenários invencíveis. Assassinos contratados por um poder infinitamente superior ao dele. Por outro lado, tudo o que o duque deixou escapar intencionalmente não está em contradição com aquilo que já sabemos. Um capitão dos homens de Pisa, que interroguei pessoalmente, me disse que há alguém que pagou quantias absurdas para enviar a Leonardo, da África mais remota, macacos e mouros.

- Quem seria esse financiador?

- Alguém que dispõe de um poder imenso e que convenceu Leonardo a construir para ele a arma misteriosa. Acho que o segredo de Leonardo vai muito além de uma de suas máquinas, de uma torre para destruir as muralhas ou de algum aríete formidável...

- Do que se trata, então?

- Não tenho a menor idéia. Mas se estivermos falando de uma arma, deve ser algo mais terrível do que tudo o que pudermos imaginar.

Uma névoa branda subia para a planície, e o esbirro pôs lenha verde na fogueira, que estalou e reavivou, mas espalhando uma fumaça acre que fez Ginevra tossir e lacrimejar. Era a primeira vez que Maquiavel via lágrimas descendo por seu rosto. Mesmo quando se desesperou diante da sorte de Durante, ela não derramou uma só lágrima.

- Mas quem soltou os macacos de Livorno e quem matou Durante e Del Sarto?

- Não acredito que tenham sido os pisanos. Tanto quanto nós, não sabem nada da tal arma misteriosa. Nem é possível que tenha sido Leonardo. Por certo foi alguém que, diferentemente de nós todos, sabe muito bem de que arma se trata e pretende destruí-la antes que seja construída. Ou, ao contrário, ele mesmo pretenderia usá-la.

- Algum adversário dos financiadores de Leonardo? Nicolau fez um vigoroso sinal positivo com a cabeça.

- Um adversário igualmente poderoso, talvez mais. E é justamente dos mercenários dessa potência arcana que Valentino, o mais temido dos príncipes italianos, tem medo mortal.

- Confesso que tudo o que você me diz é muito obscuro.

Maquiavel abriu os braços, penalizado, porque não podia rasgar o véu que cobria todos aqueles acontecimentos, mas apenas recolher fragmentos de verdade.

- Todo o segredo em torno de Leonardo continua lacrado. Temos apenas os pontos de partida: os macacos, os mouros, os ossos de Filippo e sua morte, o trabalho de coveiro do duque Borgia, seu medo e o envolvimento de Leonardo em tudo isso, certamente como mente organizadora. Temos ainda as frases obscuras.

Maquiavel pegou seu caderno e releu.

As armas secretas do diabo no cu de Maquiavel!

Ingenium terribile ex Inferis.

Ahca Arucorp, ou Procura Acha

Para Leonardo: a filosofia pode realmente ter a força das armas se em nome do positivo se opõe ao Verdadeiro.

Segue A transformação do sêmen.

A última frase, a que estava escrita no livro de orações de Durante, me faz pensar em outra das indicações cifradas de Valentino. O duque me disse que determinados livros foram, primeiro, prometidos e depois negados a Leonardo. "Livros do *herófilo*", foi o que ele deixou escapar. De que livros se trata? E quem os prometeu e, depois, negou? Estou seguro de que aquele livro cujo *incipit* foi registrado por Durante em seu breviário mutilado seja um desses dois livros misteriosos. Tenho de começar por Durante para elucidar esse mistério.

- Pois é exatamente o ponto de partida que falta. O fascículo que era mantido junto ao livro desapareceu, você tem apenas o título...

- Tenho outra coisa para explorar.
- Que seria?
- O próprio Durante.

Primeiro Interlúdio

O céu de Roma estava tingido por um azul profundo e pontilhado de estrelas, como as abobadas de algumas criptas bizantinas. Fazia muito frio, mas o jovem cardeal decidira aguardar pela audiência secreta de pé, no balcão, exposto ao vento gelado. Estava admirando o perfil marrom dos tetos e dos campanários da urbe do outro lado do Tibre lento, estendido a seus pés como um tapete do Oriente. Não tinha nem 30 anos ainda, era forte, cheio de esperança e de desejo de desforra. Em um frio novembro de dez anos antes, sua família fora expulsada de Florença de maneira tal que qualquer jovem honrado teria se sentido imperiosamente impelido a pegar em armas. Quando proclamaram a República, ele estava em seu palácio e, naquele tempo, teria se entrincheirado de boa vontade com os soldados, correndo de torre em torre, e teria combatido até a morte. Mas seus pais não permitiram que agisse assim, e ele resignou-se a fugir durante a noite, em uma carruagem coberta, escondido em meio a mulheres. Durante anos, errou pelo mundo, vivendo aventuras que não poderia contar a todos, muito menos a seus confrades. Mas não queria pensar em vingança, porque era um homem de Igreja, dispunha de outras armas e, justamente por elas, fora convocado àquela altura da noite.

Um valete afastou a pesada cortina e se inclinou, indicando-lhe o caminho para os aposentos secretos. Percorreu-o com os olhos o tempo todo fixos nas paredes e nos tetos. Eram as obras de seus amigos, especialmente o terno, manso e grande Rafael, e ele chegou quase às lágrimas quando passou ao lado de seus quadros mais lindos. Todos os quadros e todas as estátuas do seu palácio romano não valiam uma só daquelas obras de arte divinas.

O servo foi embora, e o cardeal ficou só no centro da extensa aula, com os mármores, as molduras e os revestimentos que se entrecruzavam

em elaboradas geometrias. Tinha a sensação de ser o único visitante vivo de uma cidade morta, mas intacta, ou talvez alguém que, por um encantamento, tivesse recebido a graça de visitar, em carne e osso, a perspectiva de um quadro. Pensou nas Núpcias da Virgem e em seu templo metafísico, mas especialmente na Escola de Atenas, que o jovem Rafael estava estudando em papel e no qual retratava os grandes de seu tempo.

O homem idoso, grande e imperioso apareceu-lhe de repente, como se tivesse saído de uma passagem secreta. Ou talvez tivesse estado todo o tempo ali, e ele o tivesse confundido com as figuras pintadas. Inclinou-se, conservando o olhar fixo no chão.

- Erga-se, Giovanni. Nós o convocamos porque você deve assumir uma tarefa muito delicada, por mandato da Santa Madre Igreja.

- Estou sempre pronto a obedecer.

- Não tenho dúvida disso. Você continua inchado de orgulho, Giovanni? O cardeal finalmente ergueu os olhos, cheios de dolorido assombro.

- Orgulho? Eu? Não faço nada, estou fechado em meu palácio, subvenciono os artistas e as belas letras...

- Você só poderia ser filho de seu pai, Lorenzo, que os florentinos chamaram de o Magnífico! Mas... e a oração, Giovanni, e as obras?

- Cuido de meu ofício com disciplina...

- Ea espada, Giovanni? Logo, logo, a espada voltará a ser útil. Um príncipe da Igreja tem de saber usá-la. Sou um velho, mas ainda tenho condições de lutar.

O cardeal apenas sorriu, sem se fazer entender.

- Já disse que estou sempre pronto a obedecer. Até com as armas, se necessário for.

- Muito bem. Mas esse momento ainda não chegou. Precisamos de você para outra coisa. Contaram-me que em seu palácio de San Eustachio ainda são promovidas festas licenciosas...

- Falsidade e inveja. Não participo nem de festins nem de banquetes.

- *Mas ama as imagens dos pagãos, os mármore antigos, as velhas pedras sem alma e seus livros falsos e mentirosos. Por outro lado, você é um Medici, nascido às margens do belo rio Arno, cresceu entre preceptores mais pagãos dentre os antigos, que lhe incutiram o amor pelo luxo e pelas artes...*

- QUE SERVEM SEMPRE PARA A MAIOR GLÓRIA DE DEUS. AMO A ARTE E A CIÊNCIA DOS ANTIGOS, MAS SEGURAMENTE NÃO AS CONFUNDO COM A VERDADEIRA SABEDORIA.

O VELHO RIU.

- ESSA SUA RESPOSTA ME CONFORTA, GIOVANNI, PELO PAPEL QUE DEVERÁ DESEMPENHAR EM BREVE. VOCÊ TEM A LÍNGUA CORTANTE E ÁGIL; É POR ISSO QUE ESTÁ AQUI. DESTA VEZ, TEMOS JUSTAMENTE DE COMBATER OS ANTIGOS.

O JOVEM CARDEAL ASSUMIU UM AR SINCERAMENTE PASMO.

- O SENHOR DISSE OS ANTIGOS? E ME ESCOLHEU?

- NINGUÉM MELHOR QUE VOCÊ PARA GUERREAR NA BATALHA QUE TENHO EM MENTE. QUANDO SAIR DESTE APOSENTO, SER-LHE-Á ENTREGUE UM LIVRO VELHO. VOCÊ NÃO PODERÁ LEVÁ-LO CONSIGO, DEVERÁ LÊ-LO AQUI, E ISSO LHE DEMANDARÁ TEMPO, PORQUE É UM LONGO CÓDICE DE PÁGINAS FRÁGEIS. VOCÊ TERÁ DOIS SERVOS À SUA DISPOSIÇÃO, MAS DEVERÁ COMER SOZINHO E, SOBRETUDO, CARO GIOVANNI, DORMIR SÓ...

O CARDEAL ERGUEU A CABEÇA.

- TUDO O QUE DIZEM DE MIM COM AS MULHERES É PURA FALSIDADE, EU...

- SE NÃO LHE FALTA VIGOR, GIOVANNI, É MELHOR PROCURAR MULHERES DO QUE SE ALIVIAR DE OUTRO MODO. MAS NÃO AQUI E NÃO ESTA NOITE, NEM AMANHÃ, NEM NO TEMPO QUE LHE SEJA NECESSÁRIO PARA LER O CÓDICE. MAS NÃO EXAGERE, EU ADVIRTO. MAIS TARDAR NO DIA DEPOIS DE DOMINGO VOCÊ TERÁ DE ENTREGAR O LIVRO E DE VOLTAR A SEU PALÁCIO. HÁ UM OUTRO IRMÃO À ESPERA DE LÊ-LO.

- POSSO PERGUNTAR DE QUE LIVRO SE TRATA, POR QUE TANTO SEGREDO E QUEM É O SEGUNDO LEITOR?

- NÃO. PREPARE-SE PARA A BATALHA, GIOVANNI.

- SEJA FEITA A VONTADE DE DEUS.

- DIZEM QUE VOCÊ TEVE CÉSAR BORGIA COMO COMPANHEIRO.

O CARDEAL INCLINOU A CABEÇA COM RESPEITO.

- EM PISA, DURANTE TRÊS ANOS, QUANDO EU ESTAVA ESTUDANDO DIREITO CANÔNICO.

SEU INTERLOCUTOR RIU, NUM TOM GRAVE.

- IMAGINO O QUE AQUELE DIABO TERÁ ESTUDADO. ESSA É UMA BELA COMBINAÇÃO. MAS VOCÊ TAMBÉM É UM HOMEM DO MUNDO...

- SOU UM SERVO DE CRISTO.

- *É importante que você seja também um homem do Século, porque não pode se deixar distrair, nem surpreender.*

- *Não estou entendendo.*

- *Logo você entenderá. Agora vá, pegue o livro que lhe será dado e dirija-se ao apartamento que lhe prepararam.*

O cardeal Giovanni de Medici inclinou-se, depois recuou sobre os próprios passos e deixou a sala. Tão logo saiu, um homem, também em vestes cardinalícias, avançou de trás de uma cortina. Este deveria ter 60 anos e parecia ser bastante forte. Seus olhos eram plenos de vida e de fogo; e seu sorriso, apesar de aberto, não escondia que se tratava de uma pessoa cheia de astúcia. O velho olhou, sério.

- *Não havia necessidade de o jovem Giovanni saber mais, dado o papel que lhe confiamos.*

- *Meu encargo também não é dos mais leves...*

- *Você há de combater com as mesmas armas.*

- *Admiro sua suprema ironia em usar um Medici, o mais paganizante de todos!*

- *Não estamos brincando, Francesco. O que vai acontecer é muito grave. Que o Espírito Santo esteja sobre você.*

- *Dado o lugar do juízo, não há sede mais adequada para que isso ocorra.*

- *Agora, vá também. E o advirto: não me decepcione.*

O cardeal inclinou-se profundamente na soleira, mas quando reergueu a cabeça, seus olhos cintilavam. Ele piscou.

- *Vencerá o melhor, não duvide.*

- *Quero que vença o verdadeiro, caro Francesco.*

- *Quid est veritas? - murmurou o cardeal, enquanto o servo fechava a porta às suas costas.*

Inferno no Lixão

Nicolau e Ginevra chegaram a Florença tão logo amanheceu. Passaram pela grande Porta de San Frediano justamente quando soava o sino da igreja do Carmine. Maquiavel achou que não era oportuno deixar-se ver por pessoas que certamente o atormentariam com solicitações que de modo algum poderia atender. Por isso, evitou tanto o Palácio dos Priores quanto sua própria casa. Seu pensamento concentrou-se por um momento em sua mulher, Marietta, e nas crianças, e sentiu um aperto no coração, mas tinha fantasmas demais para enfrentar e não podia mais se demorar. A residência de Ginevra também já não era mais segura e certamente estaria sendo vigiada. Mas, por enquanto, não tinha alternativa e ordenou que o carro tomasse aquela direção. Enquanto passavam pelas ruas ainda vazias de povo, iam lentamente para não sofrer outros sobressaltos além dos já sofridos nos dias anteriores. Mas depois, quando entraram no centro antigo da cidade, as ruas ficaram cheias de carroças, de bancas, de mendigos acorados e de gente comum a passeio, e quase todas as janelas estavam abertas com mulheres e rapazes à vista. Então, protegeram de novo a cabeça com as faixas e o carro partiu a galope, para não dar a ninguém o tempo de reconhecê-los.

Os servos se surpreenderam com o retorno deles àquela hora e naquele estado. A poeira, o suor e os imprevistos enfrentados tornaram-nos irreconhecíveis e mais parecidos com peregrinos das regiões

extremas da Europa que iam a Roma do que com os nobres que eram. Descansaram até o meio-dia. A serva de Ginevra esforçou-se, juntamente com o cavaliço e outros servos, para trazer para cima toda a água quente de que a senhora necessitava, e até mesmo Nicolau ficou de molho durante muito tempo na tina, tentando tirar das costas a terrível sujeira e o cheiro dos cadáveres. Deu as vestes rotas ao criado, ordenando que fossem queimadas na estufa.

Às seis da manhã, um jovem servo foi enviado para chamar Violante, que estava descansando em casa. O chefe da guarda secreta a serviço do primeiro-secretário chegou poucos minutos depois, corcunda e obscuro, ignorado pelos demais. Nicolau o recebeu no quarto, deitado, ainda abatido da viagem e dos perigos enfrentados.

- Que notícias temos, Violante?

- Tudo segue de acordo com o estabelecido. Nada transpirou das intenções dos sicários. Aliás, eles não têm a menor idéia de que queremos desbaratar sua conspiração contra o senhor Piero Soderini...

- Chegaram a seus ouvidos pormenores dos planos deles?

- Os *chorões* vão aproveitar a convocação do Conselho dos Dez ao Palácio dos Priores. Depois da cerimônia, o gonfaloneiro irá a pé à Santa Missa, no domo...

- Eles não vão querer fazer o mesmo que foi feito contra Lorenzo!

- Eles têm parca imaginação, meu senhor. Seguirão o pequeno cortejo em meio ao povo: o ponto de encontro deles é o ponto no qual se elevava a fogueira na qual arderam o frade e seus seguidores...

- Até nisso demonstram que são estúpidos. O que me admira é os agentes dos *palleschi* deixarem-nos agir de maneira tão previsível.

- Provavelmente, acham que não têm alternativa. Os *chorões* nada farão no trajeto entre Orsanmichele e o Bigallo, nem na praça. Agirão durante a função religiosa, no domo, e tentarão fugir na multidão.

- E você, o que pensa fazer?

- Gritarão *Liberdade!* Três vezes. Esse será o sinal para eles se lançarem com adagas contra o gonfaloneiro, contra o senhor, secretário, e contra os outros magistrados. Para salvar as aparências, agiremos nesse

mesmo momento. Os conspiradores não terão a vantagem da surpresa e os pegaremos, por assim, dizer, em pleno voo.

- É muito arriscado, Violante. Eles podem ser mais ágeis que vocês e conseguirem pelo menos ferir ou matar alguém.

O chefe dos esbirros secretos riu, como jamais fazia, mas Nicolau viu aquele sorriso como uma contração involuntária do rosto, como os espasmos de certos doentes.

- O senhor Piero terá quatro de nossos agentes para defendê-lo, disfarçados em meio ao povo, dois à frente e dois atrás dele. Mas se, por desgraça, algum outro se machucar, meu senhor, então, agora que sabe como agiremos, me ensine...

Nicolau sentiu um arrepio lhe subir pelas pernas. Ele e os outros notáveis seriam usados como iscas. Alguém poderia até vir a ser sacrificado na refrega. Mas não podia se condoer, porque fora justamente aquilo que recomendara a Violante. A ação deveria ser solucionada tendo em vista o maior bem possível da República: Soderini salvo por milagre, e os PALLESCI golpeados por sua própria arma!

- Vejo que você assimilou perfeitamente minhas doutrinas, alegro-me com isso. É justo. Um ferido ou um morto de segundo escalão pode reforçar o valor da conspiração malograda para a saúde da República. O que importa é que eu não esteja entre as vítimas.

Levantou-se da cama e foi até a escrivaninha sob a janela. Violante, considerando aquele ato como uma despedida, inclinou-se levemente e se virou para ir embora.

- Espere! Ainda não acabei. Quero saber se já retornou o enviado a Pádua, aquele que pus à disposição do filósofo Bardini para levantar dados sobre Filippo del Sarto.

- Sim, senhor. O mestre Giovanni está no estúdio florentino, aguardando que o senhor o convoque.

- Irei eu até ele. Ele já contou a alguém os resultados de sua missão?

- A ninguém, nem mesmo a mim. Seguimos suas ordens ao pé da letra. Nicolau ficou pensativo, com a pena na mão, como se precisasse

escrever algo sem ter se decidido ainda a fazê-lo. Violante tremia na soleira.

- Posso retornar agora a meus afazeres?

- Sim, mas ainda preciso de um último serviço seu, muito reservado.

- Como sempre, meu senhor. Fale.

- Há um jovem mestre de obras e médico no Bargello. Solicitei ao carcereiro que o mantivesse sob custódia para mim. Quero que o faça vir imediatamente a esta casa em completo sigilo.

Violante ergueu as densas sobrancelhas unidas sobre o nariz, formando uma única camada de pelos que pareciam uma viseira.

- Se entendi do que se trata, secretário, não me parece que seja o caso.

- O que você está querendo dizer?

- Eu não sabia que o jovem era seu protegido; os carrascos do Bargello certamente não o pouparam...

Nicolau se ergueu em um salto, furioso, e levantou ambas as mãos com os punhos fechados.

- Dei ordens precisas!

- Eu não sabia de nada - protestou Violante, abrindo os braços. - Se soubesse, teria cuidado disso.

- Pelo menos, ele está vivo? Diga-me logo!

- Quase, meu senhor. Ele não tem resistência física para suportar as torturas, nem mesmo as mais leves, como um pouco de chibata ou espancamento...

O secretário soltou palavrões tão expressivos que até mesmo Violante ficou com medo. Se algo daquele tipo ocorresse em público significaria a prisão e até mesmo a morte. Mas o terror de Violante cresceu ainda mais quando o secretário lhe deu uma ordem que ele jamais esperava que lhe desse, o que o induziu a fazer várias vezes o sinal da Cruz, mesmo sendo pouco crédulo.

Nicolau chegou correndo às celas do Bargello e enfrentou pessoalmente o carcereiro, prometendo infligir-lhe dez vezes as torturas que infligira ao prisioneiro inocente. Depois, mandou que o levassem à

pequena e fétida cela onde haviam encerrado Lapo da Empoli. O jovem médico e arquiteto estava estatelado em um catre, a camisa suja de suor e sangue, as mãos e os pés tomados de pequenas feridas, o rosto inchado. Nicolau voltou a amaldiçoar em seu coração a inépcia daqueles estúpidos carrascos e sentou-se ao lado do infeliz. E o viu abrir os olhos, ainda roxos.

- Senhor secretário!

Sua voz era quase um sopro. O jovem tentou ficar em pé, mas Nicolau o tomou pelo braço, e sentiu nos próprios dedos a magreza do coitado.

- Fique tranquilo. Escute-me: tenho um acordo a lhe propor, um acordo um pouco particular...

- Que coisa? Diga-me, peço-lhe, estou disposto a tudo, eu...

- É um pacto pelo qual você pode optar pela vida ou pela morte.

- Não estou entendendo.

- Vou lhe fazer uma proposta. Se aceitar, não o deixarei morrer e farei com que sua família seja protegida. Se recusar, terei de mandar executá-lo de imediato.

Pelas faces lívidas de Lapo caíram duas longas lágrimas.

- Eu não fiz nada!

- Tenho certeza de que você conhece as leis que governam o uso do poder. E estou ainda mais certo de que você tem em alta conta a saúde da República.

O jovem fez vigoroso sinal de acordo com a cabeça. Maquiavel pensou com saudade nos entusiasmos de sua juventude.

- Você foi aluno de Leonardo.

- Sim, meu senhor, em arquitetura e anatomia.

- Por ora, tenho interesse na segunda disciplina. Com certeza, em várias ocasiões, você o auxiliou na dissecação dos corpos...

O jovem Lapo se agitou.

- Nunca fiz anatomia com cadáveres roubados, senhor secretário! E o que andam dizendo do mestre é pura falsidade...

Nicolau sorriu diante de tanta ingenuidade.

- Não se preocupe, claro que não estou aqui para acusá-lo dessas baixezas. Deixemos isso para os furores delirantes dos inquisidores. O que me importa é você ser capaz de fazer uma honesta e ordenada dissecação de um cadáver, procurar em seus membros aquilo que eu lhe disser e depois esquecer disso para sempre.

- Posso fazer isso agora mesmo!

- Quanto antes, melhor. Mas você precisa ter forças. Realmente não me agrada nada o modo como esses imbecis o torturaram. Providenciarei imediatamente comida e bom vinho e uma tina com água quente para você. Diga-me, Lapo: pode-se seccionar até mesmo um corpo que já foi dissecado?

O jovem olhou para Maquiavel com uma expressão abobalhada.

- Se o anatomista não cortou os órgãos, e isso costuma acontecer, pode-se seguramente repetir tudo o que já foi feito.

- Mesmo se o corpo já estiver putrefato?

- O mestre estudou vários estágios de decomposição. Se os membros ainda estiverem parcialmente elásticos e se o ventre não estiver muito inchado, então, com alguma cautela, uma investigação é sempre possível. Todavia, se o cadáver tiver sido conservado no calor e em um ambiente úmido, então, tudo estará completamente podre, o conteúdo do abdômen terá se transformado em um líquido pútrido e...

Maquiavel sentiu o estômago revirar.

- Nisso não poderei ajudá-lo, a decisão será sua. Há uma última coisa, e só agora percebo tratar-se da mais importante. Leonardo, certa vez, me disse que um bom médico, como todo cientista, não deve permitir que os sentimentos o desencaminhem. Ele deveria ser sempre capaz de praticar uma dissecação, mesmo que o cadáver seja o de um parente de primeiro grau, de um amigo querido, até de um amante...

- Sacrossanta verdade!

- Muito bem! Agora você será levado a uma casa aqui ao lado, onde encontrará um homem vestido de preto, corcunda, que o confiará aos criados. Banhe-se, beba e descanse. Dentro de poucas horas mandarei chamá-lo.

O estúdio florentino, que tinha o mesmo *status* de uma universidade, ficava em uma rua estreita colada ao domo. E ninguém estranhou quando o senhor Nicolau, estudioso e escritor, além de poderoso homem político, adentrou aquele recinto. O senhor Giovanni Bardini era um filósofo que fora obrigado a ensinar ocultamente, depois das suspeitas de heresia levantadas contra ele pela Igreja romana. Ele trabalhava em uma pequena cela, parecida com a de um frade, bem protegido pelo secretário. Todos sabiam onde ele estava e fazendo o quê, mas não ousavam encostar-lhe um dedo. E esse estado equilibrado de coisas era anterior à fogueira de Savonarola, de quem o docente fora ardoroso adversário, mesmo nutrindo uma sincera fé republicana e sendo, portanto, hostil também aos Medici. Por não ter tido a ambição de se ligar a tempo a um partido, pensou Nicolau, um homem desse quilate acabava malvisto por todos e caía em desgraça. Na cidade do futuro, na República ideal, nada disso voltaria a acontecer.

Bardini tinha 50 anos e ainda era forte. Ficou em pé para receber Nicolau e o abraçou. Falou em voz baixa, por costume e com receio de espões e delatores, mas o tom era afetuoso e a palavra, ágil e segura.

- Aguardava ser chamado ao Palácio dos Prioros.

- Aqui é muito melhor. Tenho certeza de que nenhum dos professores ou dos estudantes sairá espalhando por aí o que conversamos.

- Se eu não soubesse que você é Nicolau de Bernardo Maquiavel, diria que é ingênuo como uma virgem. Seja como for, façamos de conta que estamos em uma cidadela do saber e não em um palácio de Florença, cujos aposentos o demônio conhece como as grutas do Inferno. Você quer que eu lhe fale sobre o pobre Filippo, de Pádua...

- Tudo o que você conseguiu descobrir.

O senhor Giovanni, com poucas palavras eficazes e sem se perder em pormenores supérfluos, contou praticamente toda a vida do enforcado de Livorno, seus estudos de juventude em Palermo, até chegar às Universidades de Nápoles e de Bolonha, e o posto de ensino de filosofia em Pádua. Sua vida dava a Nicolau a impressão de uma vida típica de estudioso, sem nada de notável, menos ainda de estranho.

- Quanto àquilo que lhe interessava, isto é, eventuais estudos secretos e contatos com Leonardo, descobri poucas coisas, mas muito interessantes. O senhor Filippo Del Sarto viajou muito nos últimos quinze anos. Esteve duas vezes na Espanha e, em ambas as ocasiões, ficou lá um ano inteiro: em 1485 e em 1491.

- Na corte de Castela?

- Não, e esse é o dado relevante: nas duas vezes, ficou em Granada...

- Na corte do Emir? E justamente no ano que antecedeu a reconquista por parte dos reis católicos?

O senhor Giovanni concordou.

- Não sei se ele esteve exatamente na corte do Emir Boabdil em Alhambra. As pessoas interrogadas por seu mensageiro não sabiam ou não queriam me dizer muita coisa. Mas soube que ele viu coisas decisivas, com todos os incômodos que recaíram sobre mim...

- Livros heréticos?

- ... que são chamados assim por ignorância e maldade. Eles nada têm a ver com a Santa Madre Igreja, com a Doutrina Cristã ou com a religião em geral. Del Sarto visitou as bibliotecas árabes e coletou muitas cópias de livros perdidos.

Nicolau levantou uma mão, e o senhor Giovanni se calou.

- Entre esses livros, podia haver algum que trata do *herófilo*.

- Você quer dizer um livro escrito por Herófilo de Calcedonia... Não sabia que você também se interessava por essas doutrinas, Nicolau. Mas, na verdade, nem os conheço.

- Ele não é um filósofo?

- Em sentido estrito, não. É um médico antigo, e não sei nada dessa ciência. E não acredito que o senhor Filippo se ocupasse da medicina.

- O paduano foi enforcado, em Livorno, em um quarto atulhado de uma incrível quantidade de ossos humanos.

- Acho isso muito estranho.

- Deixou escrita uma frase, que acredito ser uma mensagem: *Ingenium terribile ex Inferis*. E sua morte é parte de uma cadeia de

sangue que, também acredito, ainda não tenha chegado ao fim. Mas, por favor, continue seu relato.

- Não sei muito mais que isso. O senhor Filippo coletou muitos livros dos árabes, aproveitando especialmente a confusão de 1492, e os trouxe para a Itália. Tratados perdidos dos antigos, sobretudo obras poéticas, mas também especulações científicas. Você sabe que grande parte desse conhecimento, especialmente se foi transmitida pelos infiéis, não agrada nada às hierarquias eclesiásticas...

- Você soube de alguma coisa dele com Leonardo?
Bardini riu.

- Todos querem desfrutar Da Vinci... A senhoria espera que ele inicie a *Batalha de Anghiari* no Salão dos Quinhentos, e a comissão que deve decidir onde colocar o *David* de seu pouco amigo Michelangelo já desistiu de esperar por seu encomendado e precioso parecer... Mas Leonardo aparentemente evaporou.

- O que quero saber é quais eram as relações dele com o senhor Filippo.

- Eles se conheceram em Veneza, a serviço do doge. Muitos dos livros tomados dos árabes de Granada foram cair nas mãos de Leonardo, sobretudo os exemplares que tinham a mecânica e a medicina como tema. Por isso, é estranho você ter falado justamente de Herófilo, porque os textos de medicina eram os que ele mais queria para suas anatomias, e é bem provável que o senhor Filippo tenha encontrado exatamente um desses tratados perdidos desse sábio da Calcedônia. Os árabes destruíram a biblioteca de Alexandria na antiguidade, mas provavelmente muitos textos sobreviveram. De acordo com os relatos dos cruzados, cópias de livros gregos circulavam na Terra Santa. Você sabe perfeitamente que Aristóteles foi transmitido pelos árabes, que o veneram quase como se ele fosse um profeta.

Todas essas histórias interessavam pouco ou nada a Nicolau, visto que não traziam vantagem para a política dos principados italianos, nem ele percebia um presumível valor literário nos textos citados. O que o inquietava de verdade era a arma misteriosa.

- Você sabe de algo mais? Leonardo não estabelecera um pacto com o paduano?

- No ano passado, o senhor Filippo deixou de repente o ensino, mas ninguém sabia que ele tinha ido para Livorno. Naturalmente ninguém desconsidera a possibilidade de Leonardo ter-lhe escrito para envolvê-lo em algum projeto.

Estava escurecendo nas ruas de Florença, quando Maquiavel, vestido de preto e com um capuz que lhe cobria quase todo o rosto, encontrou Violante fora do pequeno pórtico do Prato, na desolada faixa de terra que acabava repentinamente no Arno e que durante séculos, por ser tão fora de mão, quase se transformara em um lixão, ao qual chamavam de *Sardigna*. Como obstáculos para a vista, poucas árvores, além dos muros, cobriam montões de sujeira fétida, e a uma pequena distância deles jazia o corpo de um burro - fonte de alimento fácil para os pássaros negros que ali sobrevoavam. Naquele lugar, era difícil encontrar quem os reconhecesse, mas o secretário viu com grande suspeita um jovem a cavalo que ia em direção à ponte que atravessava o fosso, e um soldado que ia a pé na direção oposta, a passo rápido, rumo ao moinho que fica às margens do Arno. Havia ainda garotos, alguns nus, que catavam pedras no leito do rio e brincavam com os pescadores que atiravam as redes, mas estes pareciam inofensivos. E havia também uma barca no meio do Arno que levava passageiros para a margem oposta. Com expressão de espanto, Violante caminhava encurvado ao lado de Nicolau.

- O senhor sabe que quero sempre servir-lhe com o coração, secretário, além de lhe servir nos fatos, mas o senhor me pediu uma coisa tão terrível que tive quase vontade de lhe desobedecer...

- Para acabar trancafiado no Bargello, junto aos desgraçados que padecem suas torturas. Pare de agir como uma mulherzinha. Onde está o caixão?

- Tentei encontrar alguém que o levasse para o lugar que o senhor indicou. Felizmente, dois irmãozinhos dos Humilhados de Santa Luzia...

- Não quero saber os pormenores, Violante. Ninguém percebeu que foi roubado?

- Se Deus quiser, não! - Nicolau podia notar o espanto de Violante até na vibração de seu corpo. - Amanhã serão os funerais, pagos pela senhoria, porque o pai não pôde chegar em tempo... e a pena pelo furto de um cadáver é a morte, secretário!

- Nós não o roubamos, só o tomamos emprestado. E o devolveremos a seu lugar dentro de poucas horas. Você tomou as demais providências que lhe pedi para hoje?

- Seu jovem médico está muito fraco, tiveram quase de carregá-lo, mas ele tem um espírito muito dinâmico e quer ajudar o senhor de todo modo. É curioso como algumas pessoas, quanto mais torturadas, mais se apegam a nós patologicamente...

Encaminharam-se para o triste terreno plano atulhado de pedras e de todo tipo de imundície, atentos aos lugares onde pisavam. Atravessaram a pontezinha sobre o fosso das muralhas e costearam o limite de alguns hortos miseráveis, até chegar a um dos primeiros estábulos do terreno, disfarçado por um alto muro de uma época antiga, que talvez remontasse aos tempos da *Florentia* romana. Ali morava uma família de camponeses, mas na realidade a casa servia especialmente como refúgio seguro para os homens de Violante. Desde as janelas mais altas, alguém devia tê-los visto chegar, porque a porta foi escancarada de repente, sem que precisassem bater. Lá dentro não havia lâmpadas acesas. Um homem com uma tocha veio a seu encontro na grande cozinha que servia de entrada e os conduziu, sem uma palavra, para as adegas.

O corpo nu de Durante estava estendido sobre uma mesa de mármore, no centro do local mais baixo, com quatro tochas montadas sobre altas colunas para iluminá-lo. De longe, Maquiavel notou que mudara de cor. Não estava mais róseo como quando o encontrara e examinara cinco dias antes, mas branco como cera e constelado de manchas azuladas. O ventre também estava um pouco inchado. Quando chegou mais perto, sentiu nitidamente o odor e viu também, pálido, quase tão morto quanto o defunto, o jovem Lapo da Empoli, de pé ao lado de uma das tochas, com um avental de açougueiro, as mangas da camisa dobradas acima dos cotovelos e uma grande bolsa aberta sobre a

mesa, atulhada de ferros estranhos. Era a bolsa do pobre Durante, que Maquiavel recuperara em suas bagagens.

- Estou pronto, senhor secretário.

- Você o reconheceu?

- É Durante Rucellai, meu senhor. Discípulo e amigo íntimo do mestre. - Disse isso com um fio de voz, mas sem uma lágrima sequer, ou um mínimo movimento no rosto.

- Você deve estar se perguntando como foi morto e por quê.

- A causa do decesso, poderei estabelecê-la daqui a pouco, acho até que já é evidente para mim. O motivo não é de minha alçada.

- Muito bem. Você também já percebeu que alguém já...

- Uma costura perfeita, com um fio de seda finíssimo, sem dúvida obra de Leonardo, que depois espalhou sobre a pele um de seus melhores e mais secretos preparados para retardar a decomposição. Notei uma tatuagem *post mortem* no pulso, com as palavras *Ahca Arucorp*, escritas de próprio punho pelo mestre. Mesmo diante de tudo isso, não quero me perguntar o porquê.

O secretário concordou com lentos gestos de cabeça. Depois, ordenou a Violante, que permanecia horrorizado atrás dele, que fosse embora. Quando ficaram sozinhos, Nicolau sorriu para o jovem e exausto Lapo da Empoli, e seus pequenos olhos negros brilharam à luz das tochas.

- Vamos em frente.

Lapo molhou dois lenços em uma bacia, entregou um a Maquiavel e prendeu o outro no nariz com uma estranha correntinha de prata.

- É vinagre, secretário, mantenha-o bem apertado contra o nariz.

Pegou um bisturi afiadíssimo e cortou a carne de Durante apenas abaixo do ombro esquerdo. Não saiu sangue, mas um líquido de uma cor indefinível.

- Resolvi não tentar descosturar a sutura da dissecação anterior, mas fazer uma segunda, seguindo os ensinamentos do mestre. É um procedimento bastante incomum, mas darei o máximo de mim.

A progressão do corte, que avançou até atingir o centro do peito, provocou um barulho parecido com uma série de rápidos turbilhões, e

vapores subiram em golfadas. Maquiavel estava horrorizado.

- O cheiro é insuportável.

- Molhe mais o pano no vinagre. Mas, se o senhor quiser, posso continuar sozinho. Mas, antes, dê alguma indicação sobre o que devo procurar...

- Não sei dizer, Lapo. Temos de procurar juntos. Vou aguentar.

- Então, fique longe, por caridade, para não ser atingido por esguichos de matéria, de sangue ou de algum outro líquido do cadáver.

- Por quê?

- Não existe uma razão exata, mas todos temos certeza de que é muito perigoso. O mestre supôs que venenos e pequeníssimas partículas, algumas delas vivas como insetos invisíveis, alojam-se nos corpos decompostos. No caso infeliz de conseguirem alcançar a linfa vital ou outros líquidos de um organismo vivo, poderiam provocar uma doença grave ou até mesmo a completa ruína. Só nós, os especialistas, sabemos como evitá-lo.

Nicolau não entendeu bem as palavras do jovem anatomista, até mesmo porque sua voz estava sufocada e distorcida pelo lenço, mas, instintivamente, recuou dois passos e desviou o olhar.

Seguiu-se uma série de rumores indecifráveis, de rumorejo de água ou de outro líquido, de sopros e até o atrito insistente de uma serra. A voz sempre mais distante de Lapo comentava os principais passos daquela espantosa anatomia, enquanto Nicolau mantinha-se imóvel, de olhos fechados, com o lenço apertado sobre o nariz.

- Os órgãos internos estão todos apodrecidos. Não sei o que procurar.

- Será que seu mestre poderia ter escondido algo aí dentro?

- Não entendo o que o senhor secretário está querendo dizer...

Maquiavel tossiu, tentando resistir a poderosas ondas de vômito, depois atacou o pobre jovem médico num tom irado, do qual imediatamente se arrependeu:

- *Ahca Arucorp*, ou *Procura Acha*, quer dizer que Leonardo deixou uma mensagem no corpo de Durante!

- Só se a inscreveu nos ossos. Não podia prever quando o corpo seria encontrado.

Lapo fez dois longos cortes nas duas pernas, depois pegou uma longa sonda e explorou atentamente os fêmures, afastando os feixes musculares.

- A escolha mais lógica é o osso mais comprido do esqueleto. De fato, aqui temos.

O secretário arregalou os olhos e viu o jovem médico com as mãos e os antebraços completamente sujos de sangue e de outras matérias imundas, pedindo-lhe que se aproximasse. Apertou ainda mais o lenço sobre o nariz e a boca e inclinou o corpo, mas não viu nada além de uma enorme, horrenda, cavidade negra e pútrida. Virou-se e vomitou, com contrações dolorosas, apoiado à parede.

- Não posso! Se encontrou qualquer coisa, descreva-a para mim, e rápido!

- É uma escrita esculpida com precisão, em elegantes caracteres latinos. Semelhante a uma antiga lápide imperial, com absoluta certeza, foi escrita por Leonardo de próprio punho.

- Por favor, leia-a!

Lapo escandiu lentamente, como um alfabetizando em suas primeiras leituras:

- "Ao mestre dos Príncipes: sob a raiz de Cristo com os livros de Herófilo e de Erasítrato."

Lapo se deteve, amedrontado. Leu e refletiu mais vezes, depois se virou para Maquiavel, que tinha lágrimas nos olhos e estava tentando se recompor, ainda apoiado na parede.

- Quem é o *mestre dos Príncipes*, senhor secretário?

- Acho que ele está se referindo a mim.

- E o que é a *raiz de Cristo*.

- Não sei ao certo. Parece um lugar, mas não existe nada com esse nome, pelo menos que eu conheça. E você, o que pode me dizer dos livros de Ierófilo e de Erasítrato?

- Então, o mestre os encontrou...

- Acho que ele esteve a um passo de tê-los, mas certamente não os obteve. Talvez eu saiba quem devia levá-los para ele e como. Conte-me, então.

Lapo não respondeu, e Nicolau foi ficando sempre mais inquieto.

- Vamos, se sabe de algo, diga-me!

Mas o jovem parecia ter se transformado em uma estátua de gelo, de pé, ao lado da tocha que ardia, com as mãos apoiadas no tampo da mesa de mármore. O secretário se aproximou, viu seu olhar fixo e vítreo e o balançou. Tinha a pele fria e úmida de um suor espesso e viscoso. Largou-o, e Lapo caiu por terra como um saco vazio.

Lapo foi levado nos braços ao andar superior, e os guardas de Violante o estenderam sobre um colchãozinho. A mulher do camponês cuja atividade servia de disfarce para o refúgio, tentou limpá-lo, lavando-lhe as mãos chagadas e os braços. Depois de uma hora, voltou à consciência, mas se antes estava congelando, começou a arder como uma estufa. Nicolau não podia chamar um médico, mesmo tendo a impressão de que a saúde do jovem estivesse despencando. Foi o próprio Lapo, mal movendo os lábios, que lhe disse sussurrando:

- Fui pego pela febre do cadáver. Não faça nada, não há saída.

A mulher, o tempo todo, trocava o lenço umedecido com que aliviava sua frente, mas a febre só aumentava. Maquiavel percebeu que o jovem estava para desfalecer. Sentou-se ao lado dele e lhe acariciou os longos cabelos ondulados, parecidos com os de uma menina.

- Fale-me sobre os livros de Herófilo e de Erasítrato.

- Sim, sim, não há mais tempo...

- O que você sabe? A quem Leonardo os pediu?

- Talvez o senhor também conheça Hipócrates...

Nicolau assentiu gravemente:

- O fundador da Medicina.

- Ele viveu em Cós, no século V antes de Nosso Senhor Jesus Cristo. Libertou nossa disciplina da feitiçaria. Mas o conhecimento, que é uma coisa bem distinta em comparação com a profissão médica, era barrado pelos preceitos religiosos. - Lapo deu um longo suspiro, e Maquiavel teve

medo de que estivesse para entregar a alma, mas o jovem se refez. - Naquela época, tudo era como hoje. Não era possível seccionar o corpo humano, e os médicos tinham de se basear nas vítimas dos sacrifícios aos deuses...

- Caprinos e suínos...

- Bovinos, sobretudo. Mas tudo mudou com a iniciativa de Alexandre, que foi, sem dúvida, o maior homem já nascido na terra. Seu império estendia-se da Índia ao Egito, e ele absorvera dos mais antigos tronos e dominações os conhecimentos empíricos, acumulados em milênios. Depois de sua morte, o império foi dividido entre os generais...

- E surgiram os principados. Disso eu sei, Lapo. Fale-me dos livros. Mas o infeliz jovem parecia não ouvi-lo mais e continuou entregue apenas a si mesmo.

- O Egito, sob os Ptolomeus, foi o principado mais esplêndido... E em Alexandria, a cidade fundada pelo líder que ainda ali repousa, escondido aos olhos de todos, três séculos antes da era cristã, aconteceu algo maravilhoso...

Nicolau se deu conta de que não havia como encerrar aquela história. O jovem Lapo estava a recitá-la como uma lição escolástica. Tentou, então, ir logo para as conclusões.

- E Ptolomeu quis juntar todos os livros existentes no mundo.

- Essa é a lenda, que tem sua pérola de verdade. Mas o que realmente aconteceu foi coisa completamente diferente. Ptolomeu fundou o *Museu*, forja de intelectos, do qual a biblioteca era apenas uma parte. Por mais de um século, todo saber triunfou e os reinos helenísticos se plenificaram de ciência e de técnica, muito mais do que hoje se pode sonhar... O século III antes de Cristo foi a época do verdadeiro Saber! Naquele tempo, os médicos conseguiram permissão para seccionar os cadáveres; foram até mesmo encorajados a fazê-lo... Herófilo de Calcedonia, que estava em Alexandria, e Erasítrato de Chio, pela primeira vez, recortaram os corpos, não para curá-los ou embalsamá-los, mas para conhecer sua estrutura interna!

Lapo, no calor do momento, encontrara forças para erguer o busto. Nicolau o forçou a deitar-se de novo.

- Nunca ouvi falar dessas coisas! De que tratavam os livros de Herófilo e de Erasítrato? Por que Leonardo os queria? Que relação terão eles com os mouros, com os macacos, com os ossos? Que arma terrível pode ser construída com eles? Diga-me, Lapo, diga-me, é o que lhe peço!

Mas Lapo sorriu, com uma expressão desarmada que era mais eloquente do que qualquer discurso: ele, simplesmente, não sabia de mais nada.

- Os conhecimentos de Alexandria se perderam. E essa mesma sorte coube aos tratados de Herófilo e de Erasítrato.

- Mesmo que esses livros tenham se perdido, você deve saber, ou ao menos suspeitar, que segredos continham...

O jovem Lapo fez sinal de que sim, mas logo depois começou a tremer de modo violento, a chorar e a gritar, até que, com os pés, jogou para longe a cobertura que tinham estendido sobre ele, com uma força que ninguém suspeitava de que ainda pudesse conservar, e caiu no chão, debatendo-se em fúria. Foram necessários três homens para devolvê-lo ao leito. Voltou a perder a consciência e, dessa vez, Nicolau considerou que não retornaria, tanto que chamou Violante.

- Alguém desça com faixas e arrume do melhor modo possível o corpo de Durante, que está estendido na mesa. Revista-o, reponha-o no caixão e o leve ao cemitério.

Violante estava para responder, quando viram que Lapo reabriria os olhos, retintos sobre a pele branca como cera, e os mantinha arregalados e fixos no vazio. O jovem articulou algo com os lábios. Nicolau aproximou--se dele, dominando o medo do contágio, e encostou o ouvido naqueles lábios exangues.

- *Erophilus semen hominum invenit...*

Depois, o infeliz expirou.

Morte na Água

A noite era profunda, e o Arno parecia uma laje de pedra batida. Sob o sol, as muralhas fora da Porta al Prato eram semelhantes às da Cidade de Dite, que Dante descrevera com sarcasmo, na *Divina Comédia*, justamente como um espelho negro de sua Florença. Nicolau ordenou aos guardas que lhe abrissem a porta e foi para o grande Prado de Todos os Santos, cujo solo congelado refletia o pouco de luz lunar filtrada pelas nuvens densas. Passou pela igrejinha de Santa Luzia e virou à direita, no rumo do Hospital da Escada. No fim da rua, em meio às casas altas, via a bela fachada de Santa Maria Novella. Atravessou a esplanada, pensando nos últimos acontecimentos. Lamentava a morte do jovem Lapo, que fora realmente provocada por ele. O capitão de Pisa também fora injustamente arrancado aos seus, mas pelo menos aquele homem era um inimigo, e seu sequestro podia ser lançado na conta de uma captura, um ato de guerra, ao passo que o jovem médico era um florentino fiel à República...

A estreita rua dos Avelli incutia medo, escura como era e fonte de miasmas que provinham dos sepulcros salientes. Desviou dali e tomou o caminho do Trebbio para o Palácio Strozzi. Pensou em Ginevra, que decerto dormia, sensual e perfumada, sob seus preciosos lençóis de linho. Mas ainda carregava o odor de morte da terrível dissecação a que assistira; não seria justo entrar naquele leito.

Um garoto, dez passos adiante dele, encostado em uma casa, parecia brincar de bilboquê com uma bola presa a um barbante. Era algo muito singular, nas entranhas da noite. Se uma ronda dos senhores Oito passasse por ali, certamente o prenderia. Aquilo o inquietava, porque ele poderia perfeitamente ser um assaltante, mas quando se aproximou se tranquilizou, pois era um rapazote de uns 14 anos, talvez menos até. Passou por ele sem lhe dirigir o olhar, mas um segundo depois, antes de dobrar a esquina, virou-se e não o viu mais. Sentiu um breve arrepio, certamente um sinal, e, na rua deserta, ouviu o barulho de passos apressados que se aproximavam. Não eram passos de um homem só, mas ao menos de dois.

Odiou a si mesmo por não ter trazido alguém consigo e correu em direção ao domo, enquanto o barulho de passos, em vez de se afastar, parecia cada vez mais próximo. Nicolau suava e sentia o coração batendo na garganta. Que estúpido fim seria aquele seu, apunhalado por ladrões vulgares no centro de Florença! Claro que até mesmo o maior entre os homens pode morrer por causa de um grãozinho de areia, e aquele fim poderia mudar a sorte do mundo! Mas o que mudaria em Florença sua morte obscura? Tudo permaneceria exatamente como antes, e sua amizade com os papas, com o rei da França, com os príncipes de meia Itália, com eruditos e homens de ciência não seria suficiente para salvar sua memória do esquecimento.

Mas tinha de salvar a própria pele, por isso resolveu deixar de filosofias e melancolias baratas. Não era alto, não estava mais na flor da juventude nem era suficientemente veloz, mas tinha, isso sim, a esperteza e a inteligência de que muitos careciam. Se seus perseguidores eram apenas dois, podia transformar sua inferioridade numérica em vantagem. Escutando com a máxima atenção, assegurou-se de que eram mesmo dois os pares de pernas que o seguiam. Virou a esquina e viu a estrutura de madeira de um comércio, com o teto destacando-se sobre vigas longas, do qual pendiam ganchos e correntes. Ele era ágil o bastante para escalar aquele castelinho naquele mesmo momento. Catou no chão uma bela pedra lisa, não muito pesada, e montou na viga mais alta. Ficou lá em cima, empoleirado, esperando que os perseguidores passassem debaixo de si. Quando os viu, vestidos de preto, jogou o seixo com toda a força na direção de um portão de madeira pregado, vinte passos adiante. Ao ouvirem o golpe surdo, os dois ladrões fizeram aquilo que ele esperava: um ficou parado, o outro correu para ver.

Nicolau ajustou bem a mira e pulou em cima do ladrão, atacando-o entre a cabeça e o pescoço. O homem grande foi ao chão e ali ficou, sem um lamento, talvez morto. Revistou-o rapidamente e encontrou seu punhal. Puxou o corpo e o escondeu o melhor que pôde, depois lhe tirou o manto, que fedia mais que o cadáver do pobre Durante, e vestiu-o. Ficou ali, sentado no consolo da loja, esperando. O outro voltou um

segundo depois sem se dar conta de nada, tanto que Nicolau ficou admirado com a facilidade com que pôde trucidá-lo à traição, com um único e rápido golpe de punhal. Livrou-se da veste imunda, e com o fôlego que lhe restava correu para a casa de Ginevra.

Estava tão esgotado que quase não percebeu que praticamente desmaiara, vestido e calçado, sobre um tapete da antecâmara. Ela, tão logo amanheceu, ajeitou alguns travesseiros sob sua cabeça e sua coluna e, uma hora depois, despertou-o preocupada.

- O que você andou aprontando? Está fedendo horrivelmente e tem uma mancha de sangue na mão.

- Não é meu, não se preocupe. Tive um encontro fatal essa noite.

- Com sicários?

Nicolau ficou perplexo durante um momento. Enquanto estava de sangue quente, pensara em simples assaltantes, mas agora aquela palavra, *sicários*, pronunciada por Ginevra talvez impensadamente, abria-lhe um cenário novo. Alguém, em Florença, o queria morto. Os *palleschi* seguramente, mas se eles tinham se arriscado a lhe armar uma emboscada na cidade, na véspera da conspiração contra o gonfaloneiro, podiam-se tirar duas consequências lógicas, ambas catastróficas. Primeiro, e esse era o fato mais grave, já sabiam que o atentado seria desbaratado. Além disso, alguém informara os sicários de que naquela noite ele estaria fora da Porta al Prato e que, provavelmente, voltaria só. Então, tinha de pensar em um espião muito próximo de si.

Ginevra mandara trazer uma bacia com água e lavava delicadamente as mãos e os braços de Nicolau. Ela o ajudara a se despir, enquanto a criada enchia a tina.

- Você esteve o dia e a noite fora. Há alguma novidade sobre a morte de Durante e sobre o mistério de Leonardo?

Finalmente as ideias de Nicolau voltaram a ficar claras. A água fria o despertara completamente.

- Encontrei uma mensagem dele.

Estava para dizer onde, mas mordeu a língua. Claro que não podia contar, justo a ela, aquilo que haviam feito com o corpo de Durante!

Esperava ter despertado a curiosidade de Ginevra, mas a mulher deu a impressão de não se importar com aquele particular.

- O que diz Leonardo?

- Pede minha ajuda e quer livros...

- Livros? Aqueles que Valentino mencionou?

- Justamente. E o jovem médico que me ajudou a descobrir a mensagem não sabia de nada. Ele só pôde me dar uma informação, antes de retornar para junto de seu Criador. Por favor, preciso de papel, se você o tiver, e de algo para escrever.

Ginevra deu ordens à criada, que logo veio com uma folha de papel dobrada e um lápis. Nicolau voltou a escrever, de memória, as frases mais ou menos enigmáticas que vinha recolhendo desde o início daquela história:

As armas secretas do diabo no cu de Maquiavel!

Ingenium terribile ex Inferis.

Ahca Arucorp, ou Procura Acha

Para Leonardo: a filosofia pode realmente ter a força das armas se em nome do positivo se opõe ao Verdadeiro. Segue A transformação do sêmen.

Ao mestre dos Príncipes: sob a raiz de Cristo com os livros de Herófilo e de Erasítrato.

Erophilus semen hominum invenit.

Leu algumas vezes a última frase que fora dita por Lapo:

Herófilo encontrou o sêmen do Homem.

Depois, dobrou a folha de papel e olhou para Ginevra, sorrindo.

- Temos uma concordância, portanto, uma confirmação.

- Qual?

- *A transformação do sêmen*, a frase escrita por Durante no livro de orações, é claramente, como pensamos, o título de um livro antigo

destinado a Leonardo. Durante anotou, antes do *incipit*, uma consideração pessoal sobre como esse texto pode levar a uma arma terrível. Está lembrada? Já falamos disso; a força pode nascer do contraste entre dois conhecimentos diferentes, um positivo e o outro, talvez, revelado.

- E agora você é capaz de entender?

- Infelizmente ainda não dá para fazer ilações com nossos escassos conhecimentos. Mas eu lhe dizia que há uma concordância, e talvez possamos fazer outros percursos. O termo *sêmen* também se encontra na última frase, aquela que foi murmurada pelo pobre Lapo nas vascas da morte. Seu significado mais provável é que Herófilo, um grande médico alexandrino do século III antes do Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo, tivesse escrito um tratado sobre o sêmen do Homem, que pode ser entendido também como progênie. Isso é perfeitamente plausível. Se ele era médico, certamente também terá estudado o aparelho genital. Então, essa é a confirmação: *A transformação do sêmen* pode ser perfeitamente um tratado de Herófilo sobre a reprodução humana.

- Isso não explica o que tem a ver esse Herófilo, médico antigo, com a arma terrível e, sobretudo, com as mortes que nos têm golpeado.

- Isso só Leonardo poderá nos dizer. Temos de encontrá-lo o mais rapidamente possível. Por outro lado, é ele quem está me pedindo isso; a penúltima frase, escrita por seu próprio punho, é um pedido de socorro dirigido a mim.

- E onde você encontrou essa mensagem, Nicolau?

Ginevra olhava para ele desconfiada e com olhos estranhamente frios. Não podia mais lhe esconder a verdade e esperava ver uma cena de desespero, semelhante à daquele dia em que encontraram o corpo de Durante.

- Estava escrita dentro dos pobres despojos de nosso querido e jovem amigo, Ginevra. Essa noite, fizemos outra necropsia nele, mas peço-lhe que não se desespere, porque era o único modo de entender o que significava o *Procura Acha*. Garanto-lhe que tratamos o cadáver com todo o respeito, as exéquias estão acertadas e...

Mas Ginevra não reagiu como Nicolau esperava; ao contrário, fez um gesto de impaciência e interrompeu o que ele dizia.

- Como é que *ele* teve o corpo do pobre Durante?

- Acho que foi Valentino que o encontrou e o levou até ele, como uma macabra advertência do perigo que ele está correndo. O duque nos disse claramente que mandou a Leonardo uma mensagem.

- Você está dizendo que César o matou?

- Não, de maneira nenhuma. Valentino tinha ordens de mandar os ossos e os corpos a Leonardo, para seus misteriosos estudos. Todos os dois obedeciam aos mesmos padrões, aquele que financiava o estudo e a realização da arma terrível. Mas sabemos que esse projeto encontrou a oposição de um inimigo poderosíssimo. Ora, é claro que Durante, antigo aluno de Leonardo, tinha o encargo de entregar-lhe o livro de Herófilo. Por isso partiu alta noite, praticamente só, no retorno daquele maldito lugar, e por isso foi morto por agentes da potência adversária deles. Você não desconfiou de nada a respeito de Durante?

Ginevra balançou a cabeça, fazendo oscilar sua grande cabeleira negra.

- Nunca me disse nada, exceto que...

- Continue, diga-me.

- ... que nossa ida ao fosso do Arno poderia ser muito proveitosa para ele, porque tinha de encontrar seu mestre.

Nicolau concordou, satisfeito.

- Isso confirma que Durante levava consigo o tratado perdido de Herófilo sobre o sêmen do homem, chave da arma de Leonardo.

- Mas você disse que o tratado estava em seu livro de Horas, e ele o havia deixado no baú...

- É provável que quando chegamos a Livorno ele ainda o tivesse consigo. Mas diante da notícia do desaparecimento de Leonardo, deve ter entendido que corria risco de vida. Decidiu ir ao encontro do mestre sozinho, em Maremma, e por segurança copiou o livro. Levou consigo a cópia e deixou aqui o original, para o caso de lhe acontecer algo. E foi isso o que ocorreu.

- Então, o fascículo colado no livro de Horas...

Nicolau ficou batendo com o indicador o papel que tinha diante de si, como um professor diante de um auditório atento.

- Esse é o ponto! O livro de orações foi roubado depois da morte de Durante, e isso significa que os agentes da potência que o assassinaram podem entrar em todas as partes, até mesmo dentro destas paredes.

- Como isso é possível, Nicolau? Meus criados e a serva são de toda a confiança...

- Tem certeza disso? Quem pode garantir? Se você tivesse vivido a minha vida, saberia que no mundo não há viva alma em quem possamos confiar completamente. Nem em nossa própria mãe, nem na mulher ou nos filhos...

Ginevra balançou a cabeça, com ar de desilusão.

- O que você está dizendo, Nicolau, não é verdadeiro, nem justo.

- Talvez você esteja certa, mas o excesso de prudência pode salvar nossas vidas.

A mulher pegou a folha na qual Nicolau escrevera as frases misteriosas e as releu com atenção.

- Existe ainda um segundo livro; Leonardo cita um tal de Erasítrato...

- É outro médico da antiga Alexandria.

- E o que sabe dele? Nicolau abriu os braços.

- Absolutamente nada. Mas Leonardo espera que eu vá encontrá-lo em um esconderijo secreto com o livro de Erasítrato, além do de Herófilo. Acho que a obra de Erasítrato ia chegar até por outra via, porque Durante não a menciona. A hipótese mais provável é, nesse caso, o intermediário ser o professor de Pádua, Filippo del Sarto, aquele que encontramos enforcado em Livorno, certamente não por acaso, entre os ossos que estava estudando por ordem de Leonardo. Meus informantes descobriram que ele fazia frequentes viagens ao Emirado de Granada, às vésperas da *Reconquista*. A frase que ele deixou, *Um artefato terrível do Inferno*, também pode significar *Da profundidade*, daquilo que está

embaixo, e isso concorda com a descoberta de algo na escavação do Arno...

- Na verdade, o que Leonardo encontrou?

- Não sei! Mas deve ser algo que lhe permitirá construir, provavelmente com a ajuda dos tratados de Herófilo e de Erasístrato, uma máquina infernal, ou ífera... Mas *Ingenium terribile ex Inferis* pode ter outro significado, isto é, que a arma já existe e está guardada em um lugar subterrâneo. Talvez fosse justamente esse o conceito que Filippo queria revelar para salvar a própria pele no momento em que a morte estava para colhê-lo: a indicação do lugar secreto onde a arma está sendo construída. Leia outra vez a mensagem de Leonardo, escondida de maneira tão terrível: quer que eu o encontre *sob a raiz de Cristo*, ou seja, em um refúgio dele que é *ínfero*, escondido sabe-se lá onde.

- Por que ele escreveu a mensagem como um enigma?

- Leonardo brincou com algo maior que ele, pensando que poderia atravessar o fogo de uma fornalha formidável sem se queimar. Só agora veio a perceber o risco a que expôs sua existência e talvez até a vida de quem sabe quantos mais. De todo modo, quer sair dessa e pede meu socorro, mas está amedrontado, tanto quanto Valentino, porque quem o ameaça dispõe de um poder superior. Escreveu um enigma porque acredita que eu seja capaz de interpretá-lo sem dificuldade.

- E você já tem alguma idéia?

- Talvez. *A raiz de Cristo* só pode ser um lugar religioso. Conheço Leonardo, e sei que a palavra *raiz* deve ter um duplo significado. O primeiro que me vem à cabeça é *origem*, e por isso o refúgio é um lugar religioso ligado às origens. O segundo significado é *subterrâneo*, um conceito que também evoca a profundidade, os lugares íferos: muitas coisas concordam...

Ginevra arregalou seus magníficos olhos azuis, atenta para não perder nenhum passo da estrada que Nicolau estava percorrendo apenas com a ajuda de seu intelecto.

- E onde se pode encontrar esse lugar subterrâneo?

- Em qualquer localização. Mas podemos começar a procurar em Florença mesmo, e é o que vou fazer hoje, depois da tomada de posse dos Dez.

Ginevra se alarmou.

- Você pretende participar da cerimônia depois do que aconteceu hoje?

- Tendo o cargo que tenho da República, não posso faltar. - Maquiavel pensou que ele também era capaz de falar de maneira enigmática. Não podia faltar por causa de sua posição, como dava a entender. Mas, sobretudo, tinha de estar presente para ficar de olho no desenrolar da conspiração armada por ele e por Violante. Ginevra parecia não aceitar, acariciava-o e o exortava com a palavra e com o olhar:

- Se sicários estão atrás de você, a grande confusão de hoje facilitará o trabalho deles. Não vá! Vamos sair imediatamente à procura do refúgio de Leonardo.

- Não posso, tenho de estar presente à cerimônia. Além do que, os dois dessa noite não têm mais como me atingir. Não acredito que haja outros.

Ginevra balançou a cabeça, fazendo oscilar a grande cabeleira negra.

- Você não pode estar acreditando nisso. Não vá, Nicolau. Eles o matarão. Vamos procurar Leonardo.

Nicolau de Bernardo Maquiavel, envergando o traje de primeiro-secretário da República de Florença, saiu da casa de Ginevra às nove horas da manhã. O sol já ia alto e uma grande revoada de andorinhas passou pela estrada e pela grande praça vizinha, contra o céu azul intenso. Ele pensou que, para as almas simples, aquele teria sido, sem dúvida, um sinal de bom auspício. À sua espera havia um veículo com dois soldados que ele mesmo escolhera. Atravessaram a praça na direção do Palácio dos Priores, em meio a uma multidão de pessoas, tanto cidadãos quanto camponeses, ansiosos para assistir a uma cerimônia, qualquer uma, desde que pudessem fazer um pouco de festa. Desde a morte de Savonarola e da conseqüente queda em desgraça dos *chorões*, servia qualquer desculpa para cantar e bailar. Não eram menos raros os

desfiles de armas dos jovens nobres e os torneios públicos, mesmo que os tempos dissolutos do magnífico Lourenço parecessem remotos. Toda a cidade se comprimia nas ruas dentro da muralha antiga. Havia uma balbúrdia contínua que entontecia, especialmente no mercado velho, entre as bancas de frutas e de outras mercadorias, onde o carro era obrigado a avançar a passo de homem. Por todos os lados, viam-se homens e mulheres com fisionomias as mais variadas, porque Florença atraía meio mundo com seu comércio. Homens de várias raças e religiões negociavam os ricos produtos florentinos e as sedas ou as pedras de países mais longínquos. Ao lado deles, criadas selecionavam frutos perfumados vindos do campo para a cozinha de seus senhores. Entre os transeuntes passavam as ágeis escravas orientais, compradas em Tana ou em Kaffa pelos mercadores de Amalfi, de Veneza, de Pisa ou de Gênova. Atrás das ricas matronas caminhavam escravas jovens e belas, mais majestosas que as patroas, mas viam-se também escravas feias e tatuadas, com cicatrizes de varíola no rosto, adquiridas a peso de florins de ouro porque perfeitas para os trabalhos pesados. As escravas eram negras, caucasianas, russas e albanesas, e muitas se afastavam com habilidade dos pequenos cortejos familiares e se misturavam às curiosas meninas florentinas. Essas jovens, com faixas cingindo-lhes a frente e camisas de colarinho redondo, ou com elegantes corpetes e saias compridas e drapeadas, passeavam com seus pais, mas às vezes iam sozinhas. Ouviam-se línguas diversas - o florentino culto e o mais duro, do populacho, com acentos distintos segundo os bairros em que eram falados; os falares rurais, mais antigos que a língua urbana, mas também mais rudes, bárbaros e irregulares; e também os idiomas do restante da Itália e do vasto mundo, estranhos e incompreensíveis. Sobre uma banca de estampas, Nicolau viu um belo mapa de Florença que retratava todos os edifícios e os principais monumentos com grande precisão, muito próximos dos verdadeiros. O mapa, que era traçado sob uma perspectiva chamada DA CADEIA, tinha um cadeado fechando a Gran Villa como um tesouro precioso, e Nicolau pensou: "Quão esplêndida e terrível é minha pátria!".

Foi no meio dessa colorida variedade de povo que um eixo das rodas se rompeu, de repente, e por pouco o secretário e os dois guardas não caíram do carro. O cocheiro desceu e discutiu longamente, aos gritos, com um dos soldados da escolta, sem conseguir entender o que acontecera. Enquanto isso, Nicolau deixou-se ficar sentado em seu lugar e perscrutava com preocupação o rio de pessoas que estava a seu redor. Homens e mulheres de cabeça descoberta ou com cabelos de cores e formas as mais diversas, passavam com dificuldade ao lado dos carros, raspando as vestes contra o veículo e protestando em voz alta. Algumas, a cavalo ou em cima de animais de carga, passavam com o rosto na mesma altura do dele. Entre essas, havia as que o olhavam com curiosidade, mas outras o saudavam com olhos risonhos ou mordiam o polegar com desprezo, em demonstração de ódio à República e às novas autoridades.

A multidão ao redor se adensou tanto que os dois soldados penavam para se manter perto dele. Foi quando um deles mandou o cocheiro parar e convidou o secretário a montar o animal a pé. Não havia tempo de mandar vir outro transporte e, por outro lado, a praça da senhoria estava tão perto que se poderia ir até a pé. Montado em algo que, enfim, se movia acima daquele mar de cabeças, Maquiavel se sentiu pelo menos imune a punhaladas traiçoeiras.

Não havia rédeas, e o soldado puxava o cavalo pelo bridão, a pé. Evitaram a rua Calzaiuoli, tomada pela multidão e por carrinhos de mão, e foram por uma ruazinha secundária, atrás da rua Calimala. Dali se entrava em um denso emaranhado de becos e praticas estreitas, tomadas por excrementos e sujeiras, com o risco de alguma criada, sem olhar, lançar dejetos da janela das altas casas. Maquiavel protestou, mas o soldado prosseguia de cabeça baixa, puxando o manso animal, e continuou na direção do Arno. De repente, estavam na rua que corria ao longo do rio, cuja vista estava impedida pelo contínuo muro de pedra construído como defesa. Maquiavel ordenou ao soldado que parasse. De súbito, o cavalo relinchou fortemente e empinou; sem ter como se manter no comando, Nicolau se agarrou com toda a força ao pescoço do animal enlouquecido. Mesmo que a visão do que acontecia a seu redor

fosse impedida pela longa crina do cavalo e mesmo que tivesse de prestar toda a atenção para não cair, Nicolau percebeu que o soldado não estava tentando ajudá-lo. Ao contrário, estava atrás, imóvel, com o punhal desembainhado.

O cavalo deu outro pulo e começou a galopar desenfreadamente ao longo do Arno, estreito e escuro como um riacho de montanha. O animal parecia enlouquecido de medo e dor. A todo instante dava sinais que podia escorregar nas pedras lustrosas e cair por terra. Enfiou-se pelos moinhos e casas que davam para o canal interno, onde os muros de reparo eram rebaixados, mas pelo menos escondiam o rio. Os cascos ressoavam frenéticos sobre as pedras do calçamento, e Nicolau teve muito receio de quebrar o pescoço. O cavalo encontrou uma passagem aberta e tomou, furioso, o caminho estreito entre o muro e o rio, avançando quase pela beira do Arno. Um jovem se atirou na frente do cavalo e, com um movimento ágil, usando uma longa cilha de couro, conseguiu finalmente controlá-lo. Nicolau desmontou sorrindo e viu no lombo do animal, ensopado de suor, as profundas feridas de duas estiletadas, claramente responsáveis por tê-lo feito desembestar. Mostrava todo aquele sangue a seu jovem salvador quando reconheceu vagamente seu semblante... e o reviu encostado no muro, na noite anterior, concentrado em seu jogo de bilboquê. Puxou a espada no exato momento em que recebeu, entre a cabeça e o pescoço, uma bordoadada que lhe tirou a luz dos olhos.

Acordou dentro de um saco de juta, amarrado e amordaçado. Sentia uma grande dor na cabeça, mas nada além do suportável. Certamente, não o golpearam com muita força, senão lhe teriam quebrado o pescoço. Mas quem eram? *Palleschi*, talvez, sicários como aqueles da noite passada. Deviam ser de fato muito poderosos, pensou o secretário, para terem olhos e ouvidos tão atentos a ponto de saber de todos os movimentos e de ser capazes de se infiltrarem até entre os guardas de Violante. Além do mais, pensava, enquanto cada tranco do carro era que o transportavam o fazia quase perder a razão de tanta dor, como o eixo da roda foi se quebrar? E por que, para matá-lo, esperaram que estivesse no

meio da multidão, já tão perto do Palácio dos Priores e de Soderini? E, sobretudo, por que ainda estava vivo?

Não precisou pensar muito para chegar pelo menos a uma verdade: já tinham tentado matá-lo na noite anterior e havia apenas uma pessoa, além de Ginevra e do pobre Lapo, a par daquilo que fizera com o corpo de Durante, quando e onde. Essa mesma pessoa conhecia cada passo que deveria dar em suas funções de primeiro-secretário da República. Só podia ser Violante, por mais duro que fosse acreditar nisso. Queria dizer, então, que o chefe de seus esbirros secretos estava em conluio com os *palleschi*. Pensou um pouco mais, avaliando cada possibilidade, e essa lhe pareceu uma ideia insensata. Mas havia muito tempo aprendera a não se espantar com nada e sabia que toda explicação racional, por mais incrível que parecesse, era necessariamente verdadeira. Tinha de se render à evidência de que seu jogo duplo fora descoberto: os *palleschi* sabiam que ele pretendia permitir aos ignaros sicários *chorões* levarem quase a termo o atentado contra Pier Soderini, tirando-o de cena no derradeiro momento. O próprio Violante era quem remava contra tal projeto; com astúcia sofisticada e maravilhosa capacidade de dissimulação, era, na realidade, um autêntico *agente triplo*, pago pelos Medici.

O negro corcunda traidor, com sua sábia direção, agira para não deter as mãos assassinas. A conspiração, longe de fracassar e, dessa maneira, longe de reforçar a República por um movimento solidário do povo, teria acertado o alvo. Àquela altura, o senhor Piero já teria sido morto pelos punhais dos seguidores de Savonarola, que teriam gritado *Liberdade! Liberdade!* Para depois serem mortos também. Isso podia acontecer durante a cerimônia no domo, como dissera Violante, mas talvez essa fosse outra informação errada, e os *chorões* podiam ter atacado a qualquer momento. Que plano perfeito! Os guardas teriam sido pegos de surpresa. Ele, o senhor Nicolau, era o único que sabia de tudo, logo, o único capaz de intervir prontamente, com agilidade e coragem, quando se desse conta de qualquer movimentação estranha. Mas agora estava dentro de um saco, e o destino de Soderini estava decidido. Até anteviu o desenrolar dos acontecimentos: após a morte do gonfaloneiro, a

senhoria seria "salva" por um homem forte, obviamente um Medici, que a Providência faria chegar à cidade justamente naquele dia, desafiando o exílio. E na manhã seguinte, seria aclamado Senhor de Florença, para exaltação do povo e em nome do Estado.

Por fim, Nicolau encontrou alguém que pensava com mais sutileza do que ele. Esse pensamento o atormentava. Além do mais, por que não o matavam imediatamente? No final do rápido trajeto em carro, já conseguira mastigar quase todo o retalho que lhe amarrava a boca, e um dos soldados, que tinha estampada no rosto uma expressão feroz, abriu um pouco o saco e lhe deu um murro que lhe toldou outra vez a visão. Ouviu a voz do outro, que sussurrava.

- Não o machuque!

Depois, fecharam-no de novo no saco e o arrastaram por entre as árvores sem nenhuma delicadeza. Não via nada, mas seguramente tinham atravessado o muro. Pouco depois, sentiu um grande fedor e o barulho das águas vizinhas do Arno. Então, estavam no lixão da Sardigna! Quase sempre vazio, por causa de seu abandono e de seu ar insalubre, agora estava certamente deserto, por causa da festa no centro. Abriram o saco e o tiraram. Procurou se soltar, mas eles o mantinham preso pelos braços e pelas pernas. Arrastaram-no para a margem do rio, carregado de pedras bem pesadas. Ouviu um fraco relincho e conseguiu virar a cabeça até ver, à superfície da água, o contorno de um cavalo estropiado, caído de lado. Era seu belo árabe! Então foi por isso que não o mataram de imediato. Violante, seguindo os ensinamentos que ele mesmo lhe inculcara durante anos, dera ordens para os guardas simularem um acidente. Todos dariam testemunho de que o senhor Nicolau Maquiavel fora visto a cavalo no centro, e de que, depois, o animal teria se assustado e desaparecido de vista, indo na direção do Prado. A montaria do desgraçado secretário, os florentinos haveriam de comentar balançando as cabeças desconsoladas, deveria ter tropeçado nas pedras pontudas das margens do rio na altura do lixão imundo, a Sardigna. E o infeliz secretário, depois de bater a cabeça e de cair na água, afogara-se...

Os dois soldados o pegaram e o jogaram na água. Maquiavel tentou libertar-se com toda a força que tinha, inutilmente. De repente, arrancaram a faixa que lhe fechava a boca. Ele gritou com todo o fôlego e o ar borbulhou, espumando abaixo do nível da água; seus membros se agitaram várias vezes, depois arregalou os olhos muito negros e seu olhar se fixou no céu, enquanto os dois ignorantes riam dele. Bolhas de ar ainda saíam de sua boca e de seu nariz; deu um arquejo assustador e seus membros se distenderam de repente. Depois, mais nada, só o rumor da água, o vôo dos grandes pássaros negros sobre o esqueleto descarnado de um asno e a voz de alguns garotos que saíam da abertura das moendas e vinham para a margem jogar pedras nos peixes. Nicolau estava sob a superfície da água, completamente estendido, com os olhos arregalados. Os garotos podiam se aproximar a qualquer momento. Então, os sicários cortaram às pressas as cordas que ainda mantinham o corpo amarrado e o empurraram para o centro do rio. Nicolau deslizou mansamente, com os braços e as pernas se abrindo à medida que eram movidos pela fraca corrente.

Vias de Fato

Ginevra estava aterrorizada quando saiu à rua, só e vestida de homem, e tomou a direção da Ponte Velha. *Sob a raiz de Cristo*. Pensara durante horas em todas as possíveis explicações para essa obscura mensagem de Leonardo, mas a ideia de Nicolau continuava a ser a mais razoável. Devia tratar-se de um esconderijo sacro e subterrâneo, que tivesse algo a ver com as origens. Se Leonardo estivesse na cidade, como era lógico esperar de acordo com as informações que detinha, havia um único lugar que podia corresponder a essas características.

A multidão se adensava a cada minuto, à medida que se chegava mais perto da ponte mais antiga da cidade, que alguns juravam ter sido construída pelos romanos e outros que fora reconstruída depois do terrível dilúvio de 1333. Ginevra passou por ela, entre as malcheirosas bodegas dos açougueiros e tomou a rua que levava ao Palácio Pitti, a

majestosa residência construída pela mais importante família inimiga dos Medici. Mesmo inacabada, era a mais bela habitação de Florença, talvez do mundo. Mas a construção que ela tinha em mente, ou *a raiz de Cristo*, era muito mais antiga e estava escondida em uma pequena praça, quase uma reentrância na rua.

Santa Felicidade estava entre as mais veneráveis igrejas de Florença. Também podia ser considerada a mais antiga por causa das numerosas catacumbas, de mercadores gregos e sírios do século V, que abrigava. Aquela igreja era certamente uma *raiz de Cristo* em Florença. Talvez o templo de São João fosse igualmente antigo, mas por sua posição central e pela própria perfeição da geometria de sua planta não podia oferecer esconderijos de nenhum tipo. Mas disso Ginevra não estava bem certa, porque sabia que o gênio de Leonardo podia descobrir em um minuto aquilo que os olhos dos outros mortais não veriam em cem anos. Mas ela não tinha mais tempo e teria de arriscar.

A porta da residência paroquial, ao lado da igreja, estava aberta. Dali se entrevia o claustro sombrio. A jovem mulher, disfarçada em seus trajes masculinos, atravessou a soleira e olhou entre as colunas, procurando alguma janela que lhe oferecesse o indício de um quarto secreto ou de um subterrâneo protegido da vista. Não notou nenhum pormenor imediatamente revelador. Do claustro, chegava-se à igreja; então, ela entrou na penumbra do templo vazio, fez rapidamente o sinal da cruz e, de repente, percebeu, desanimando-se um pouco, que sob toda a lápide sepulcral, sob cada lajota de mármore ou de pedra, podia haver uma passagem secreta. O que fazer? Começar a berrar pelo senhor Leonardo naquele lugar sagrado e ser presa pelos esbirros e dada como louca? Da porta da sacristia, viu sair um padre que veio imediatamente em sua direção. Era um jovem magro e alto, com voz aguda como a de uma menina ou de um *castrato*.

- Meu senhor, não pode entrar, a igreja hoje está fechada para o culto, precisamos prepará-la para...

O pároco deu um pulo para trás ao se dar conta de que aquele que acreditava ser um jovem e nobre cavaleiro era, na verdade, uma mulher

travestida. E lhe fez sinal de que devia sair, revirando os olhos de um jeito cômico. Ginevra tentou protestar, mas o jovem padre parecia escandalizado de fato e a ponto de gritar. Com o braço estendido e o indicador apontado para o alto, mostrava-lhe a direção do claustro. Visto que ela hesitava, chegou até a empurrá-la. Ginevra andava para trás, arriscando-se a tropeçar, e estava quase pegando o punhal para argumentar de modo mais convincente com o imbecil que tinha diante de si, mas não podia, de modo algum, comprometer seu plano de maneira tão tola. E assim se viu de novo na pracinha. Apoiada na beira do poço central, murmurou, incomodada:

- Leonardo, Leonardo, deixe-se encontrar. Nicolau corre sério perigo.

Quando se acalmou um pouco, deixou a praça pensando que tudo fora inútil e refez o caminho que já percorrera, decidida a ir sozinha para a praça da senhoria e a pegar pessoalmente em armas, se necessário fosse.

Voltou a atravessar a Ponte Velha e tentou dirigir-se o mais rapidamente possível ao Palácio dos Piores. Mas agora a multidão era tamanha que precisou abrir espaço dando cotoveladas. Podia ser pisoteada a qualquer momento e só conseguiu avançar uns poucos passos. Ouvia, cada vez mais perto, o rufar cadenciado e poderoso dos tambores, que parecia estremecer até mesmo as antigas torres, para não falar de seus próprios membros. E o som límpido das trombetas feria seus ouvidos. Foi obrigada a subir em uma janela para procurar um caminho mais desimpedido, e foi assim que viu a multidão se abrir, dando passagem a uma carroça de aspecto muito estranho, toda fechada, com dois cavalos e um cocheiro. Lançou-se de cabeça para baixo naquela direção, para aproveitar o espaço aberto pelo carro e avançar mais rapidamente. Em determinado momento a carroça parou, como se a esperasse, e quando Ginevra finalmente se aproximou, abriu-se uma portinhola de madeira brilhante e um braço coberto pela barra de um manto colorido apareceu, fazendo-lhe um sinal imperioso. A mulher olhou para aquela mão, perturbada e surpresa. Dois fortes braços abraçaram-na com força e

levaram-na para dentro, depois a portinhola se fechou e a carroça deu meia volta, voltando, veloz, pela rua que já percorrera.

A Armadilha

Nicolau só deixou escapar o último sopro que tinha no corpo quando se viu no meio do Arno, apenas depois da barragem, e manteve mãos e braços abertos para se manter quase à flor da água, mas ainda oculto. Levantou a cabeça, respirando convulsamente o ar fresco. Não teria resistido um só momento a mais, e se não fosse pela pressa excessiva dos soldados, certamente, teria rendido a alma, apesar de toda sua habilidade em segurar a respiração e de sua capacidade de se fazer passar por morto. Conseguiu enganá-los. Livrou-se das vestes oficiais, depois de ter recuperado o punhal e a bolsa, e ficou de calção e de camisa para poder nadar mais agilmente para a margem oposta. Pisou em terra no moinho da torre de Santa Rosa, perto de São Frediano. Subiu a pequena encosta, entre as ratazanas que corriam na beira do rio e, finalmente, pôde descansar um pouco.

Pensou em Violante, o grande traidor. Precisou delegar-lhe tantos assuntos porque teve de sair de Florença muitas vezes, primeiro por causa da embaixada na corte de Valentino, depois na França e em Roma. Mas sabia perfeitamente que um político, mesmo com pequenos poderes, nunca devia confiar nos outros e estar sempre preparado tanto para as mudanças da fortuna quanto para as traições. Além do mais, tinha de estar sempre presente na sede de seu poder, porque ao delegá-lo a amigos, eles seriam encorajados a usá-lo para seus próprios fins. Mas agora só tinha em mente uma coisa: salvar Pier Soderini e desmascarar Violante frente a frente, evitando matá-lo, porque queria entregá-lo aos melhores cuidados dos carrascos do Bargello, e imaginava mandá-lo ser enforcado na janela mais alta do Palácio dos Piores, depois de torturas apropriadas, ou na forca de Porta la Croce. Melhor ainda seria mandar que fosse degolado pelo algoz mais inexperiente que pudesse encontrar, para que sua agonia fosse terrível e longa.

Balançou a cabeça. Estava fantasiando vinganças inúteis, indignas de si. Agora, cada centelha de sua inteligência e cada grama de seu físico deviam estar a serviço da salvação da República. Bateu com força à porta do moinho. Uma mulher de rosto espantado lhe abriu a porta, e ele não teve dificuldade, com o olhar imperioso e sua expressão culta, em fazer com que lhe desse as melhores roupas do marido. E logo se viu vestido com calças aderentes aos joelhos que, em seu caso, acabavam na canela, camisa branca e colete. Secou-se depressa, vestiu-se e, antes de sair, viu um cavalo amarrado a um pau da nova barragem em construção. Laçou-o, ignorando o pranto e os protestos da mulher, que realmente não o reconheceu e que jamais acreditaria se lhe dissessem que estava diante do senhor Nicolau Maquiavel. Montou e se dirigiu para a ponte de Santa Trinita. Talvez ainda tivesse tempo de salvar a vida de Soderini.

A praça da senhoria estava de tal modo tomada pela multidão que se poderia dizer que não tinha capacidade de acolher nem mais uma pessoa. Ladrões e batedores de carteira, vendedores de quinquilharias improvisados, trabalhadores não qualificados, prostitutas e camponeses vindos dos montes ao redor misturavam-se aos florentinos ansiosos por fanfarras, tambores, cores e belas damas. Não veriam muitas das coisas que esperavam porque, se até os *chorões* tinham perdido o poder, a República evitava cuidadosamente imitar as ostentações impensadas dos Medici e, em especial, encorajar a arrogância e a exibição de riqueza dos jovens nobres. Trinta anos antes, a senhoria vira-se obrigada a fechar, durante dias inteiros, algumas ruas e praças, para possibilitar aos aristocráticos descendentes encenar suas suntuosas representações. Com a desculpa de declarações de amor em grupo a senhoritas da aristocracia, dezenas de jovens montados em cavalos luxuosamente arreados, cada um deles com séquitos constituídos de trinta valetes, entregavam-se a orgias desenfreadas, e entre carros com triunfos de amor e cortejos em vestes chamativas, sempre aparecia na multidão algum ferido e, não raro, um morto. Por isso, até mesmo a tradicional e tão antiga festa de São João, no dia 24 de junho, fora pelo menos redimensionada. Não havia mais uma série de melancólicas procissões como no tempo de frei Girolamo, nem,

pelo menos por enquanto, um fausto semelhante a uma celebração pagã, com torneios, girândolas e fogos.

Nicolau ainda precisava de algo além das roupas modestas que praticamente roubara. Na bolsa, ainda ensopada, encontrou uma moeda, a quantia suficiente para comprar, numa banca de gregos, um grande manto negro, com o qual se envolveu, e um chapéu de abas largas, que o tornava irreconhecível e tão assustador quando um salteador de estrada. Explorou atentamente a cena: o portão do Palácio dos Piores estava sendo aberto exatamente naquele momento, entre acordes de fanfarras e o rufar de tambores, e toda a gente olhava naquela direção, na expectativa de ver surgir a qualquer momento o gonfaloneiro Piero em suas vestes de cor púrpura e branca. Não tinha mais tempo! Agora era uma questão de segundos, e o gonfaloneiro apareceria no topo da escadaria para se postar à frente da procissão que o levaria ao domo, pela via Calzaiuoli. Nicolau abriu caminho, dando cotoveladas e empurrões. Refletiu sobre muitas coisas, todas concentradas em menos de um minuto. Pensou naquilo que Violante lhe disse certa vez, ou seja, que os *chorões* seguiriam o gonfaloneiro do Palácio dos Piores ao domo, misturados à multidão, e que o golpeariam na igreja, ao grito de *Liberdade!* Naquele momento, bem avisada, a guarda secreta de Violante já os teria matado ou capturado, segundo o que fosse mais fácil. Mas Violante era um traidor. O que planejava mesmo era levar o atentado a termo. E dado que mentia na substância, talvez estivesse mentindo também a respeito dos pormenores da conspiração. Aliás, até ele, no lugar de Violante, teria contado um plano o mais possível distante do verdadeiro. Isso porque, no caso de uma das vítimas designadas conseguir escapar da morte, como efetivamente acontecera com ele, esta não fosse capaz de evitar o assassinato de Pier Soderini. Mas, mesmo que Violante tivesse realmente aprendido as lições de sutileza que ele próprio lhe tinha dado, era dotado de uma inteligência muito estreita, e Maquiavel estava certo de que, naquela ocasião tão delicada, ele incorreria, sem muito pensar, em um equívoco do desenho simples e muito simétrico.

Afinal de contas, Nicolau disse a si mesmo, a circunstância mais provável era que os *chorões* não apenas não esperassem a chegada de Soderini ao domo, mas - ao contrário - o matassem imediatamente, onde estivesse mais vulnerável, ou seja, exatamente naquele momento, na escadaria do Palácio dos Priores. Seu último pensamento antes de chegar ao pódio e escalar aos berros o balaústre foi de satisfação. Era difícil igualar em argúcia um mestre como ele!

O gonfaloneiro Pier Soderini, magnífico em sua glória e sorrindo para o povo em júbilo, apareceu no portão do palácio da senhoria. Nicolau arrancou o grande manto negro para se deixar reconhecer e, exatamente naquele momento, viu quatro homens apertarem o cerco em torno dele. Um deles levava um punhal na cintura, e quando o puxou da bainha, Nicolau conseguiu arrancá-lo de sua mão com grande facilidade. Assim que o empunhou, o sol brilhou sobre a lâmina e um popular apontou para ele.

- É Maquiavel!

A atenção de todos estava sobre ele. Povo e soldados o olhavam estupefatos ou com expressão de terror. Ninguém notou que os outros dois soldados avançavam de cabeça baixa e com estiletos em punho na direção de Soderini. Apenas Nicolau se deu conta disso, porque era o único que sabia de tudo. E mesmo que os alabardeiros já estivessem a postos para bloqueado com suas longas armas, ele pegou o pesado manto e, gritando como um javali enfurecido, o enrolou em torno do gonfaloneiro, que caiu para trás e bateu a coluna no mármore da escadaria. Mas estava salvo, felizmente!

Nicolau quase caiu em prantos quando levantou a cabeça e percebeu o outro engano que Violante lhe armara, pois um homem que jamais vira gritava que ele quer trucidar Soderini!

Outros também gritavam, apontando-lhe o dedo. Maldito Violante! Ao fim das contas, fora mais astuto que ele e previra cada detalhe! Nicolau escapara de seus assassinos no Arno com muita facilidade... Logo, aos olhos de todos, seria ele mesmo, o primeiro-secretário da República, o chefe dos sicários do gonfaloneiro. A vida de Soderini estava salva por

milagre, já a sua - a vida de Nicolau Maquiavel -, agora estava deveras comprometida, porque, de fato, ninguém acreditaria em um duplo engano daquela inteligência.

Estavam para capturá-lo e talvez matá-lo, quando um estranho murmúrio da multidão transformou-se quase em um grito coral de admiração. Até os alabardeiros e Piero Soderini, atrás da muralha humana dos soldados que o protegiam, ficaram encantados ao ver a cena inacreditável: um estranho carro completamente coberto, semelhante a um veículo laqueado, estacionou no meio da praça e dele desceu uma mulher muito alta, que permanecia firme e ereta, com a dignidade real de um ícone antigo. Estava coberta por um longo manto de baile, feito de rico tecido exótico pintado em cores vivas, que resplandeciam sob o incrivelmente azul céu florentino do meio-dia. Nem mesmo os maiores mestres da arte da seda teriam sido capazes de imitar semelhante raridade. Em volta da dama misteriosa, a multidão milagrosamente abria espaço e um círculo de respeito avançava com ela. A mulher tirou o manto multicolor e se apresentou completamente nua. E como tinha a pele negra, um negro absoluto próprio apenas dos mouros da África mais profunda, pareceu a todos uma espécie de deusa antiquíssima, uma Vénus ou mãe primordial. Por um minuto, todo o povo na praça, diante do Palácio dos Piores, ficou petrificado.

Nicolau sentiu um braço puxá-lo, e obedeceu sem pensar. Um segundo depois, estava no meio da multidão, ainda emudecida e com os olhos fixos na mulher, que naquele momento elevava os braços aos céus, numa espécie de oração ou de dança exótica. Em seguida, quem o puxava - podia ser um homem ou uma mulher, naquele momento não saberia dizer - o fez subir no singular carro coberto. Pouco depois, a mulher negra recolheu seu manto e o alcançou. A carroça partiu em uma corrida acelerada na direção de Santa Croce.

Nicolau arregalou os olhos: dentro do carro, pasmo, viu Ginevra, que lhe sorria, sentada em um assento de pele macia. Ao lado dela, a negra, cujo rosto estranho, mas muito admirável, era coroado por cabelos maravilhosamente crespos. Mas aquele que o trouxera a bordo era um

jovem pequeno e moreno, de pele escura e com um olhar astuto e malvado. Maquiavel o reconheceu imediatamente. Era Salai, o ambíguo servo de Leonardo, todo o tempo mudo, mas com um sorriso fixo no rosto, à maneira dos tolos, mas na realidade sarcástico e ao mesmo tempo temeroso, e um pouco covarde. Seguia seu senhor por todos os lugares e gozava de sua total confiança, apesar de ser um tipo que instintivamente só inspirava repulsa.

O carro avançava com velocidade pelas pedras desconjuntadas e depois pela rua cascalhenta e cheia de cascas, porque alguns soldados vinham seguindo a cavalo. Mas aquele veículo especial quase não pulava. Devia ser provido de alguma espécie de máquina milagrosa, interposta entre o pavimento e as rodas, para amaciar tão eficazmente aqueles terríveis sobressaltos. Além disso, apesar de o carro ser completamente fechado, seu interior era iluminado por uma estranha luz, límpida e fixa, completamente diferente do trémulo clarão das lâmpadas a óleo. E mais: ali dentro ninguém sufocava de calor; pelo contrário, circulava naquele interior uma brisa que não se sabe de onde vinha, induzindo ao repouso. E visto que Nicolau compreendera perfeitamente para onde o estavam levando e sobretudo ao encontro de quem, obrigou-se a permanecer bem desperto.

A carroça, em pouco tempo, distanciou-se de seus velozes perseguidores, e isso era, por si só, um fato notável. Atravessou a praça de Santa Croce e, em tempo muito curto, estava naquela área de campo, parcialmente improdutiva, que ficava entre a zona urbana de Florença e algumas partes das muralhas da cidade, construídas quase duzentos anos antes segundo previsões de desenvolvimento exageradamente otimistas. O calçamento e o cascalho deram lugar à terra batida e, depois de terem atravessado uma ampla esplanada triangular, chegaram a uma porteira. Assim que saíram dos muros da cidade, as portas do carro pareciam abrir-se sozinhas e Salai empurrou brutalmente para fora Nicolau e Ginevra.

O sangue dos dois gelou tão logo viram onde tinham sido obrigados a descer. Diante deles, encostado aos muros antigos, erguia-se o cadafalso alto e terrível, sobre o qual se via a força dos condenados à morte.

Nicolau sentiu um arrepio de náusea ao pensar que talvez o tivessem subtraído de uma morte para entregá-lo a outra. A carroça foi embora imediatamente, tomando a estrada que margeava o rio e que ia na direção das Casacce, na zona rural. As ideias de Maquiavel iam ficando cada vez mais confusas, porque os acontecimentos se sucediam em uma velocidade imprevisível, sem que ele conseguisse detectar o fio que certamente os unia. A praça do patíbulo estava deserta e, além deles dois, parecia-lhes que ninguém mais descera do veículo. Então surge Salai e, com um gesto que não admitia réplicas, convidou-os a se esconderem atrás do sinistro cadafalso. Quase ao mesmo tempo, viram os cavaleiros que passavam pela porteira e se lançavam na perseguição do carro coberto. Nicolau gostaria de perguntar a Ginevra um monte de coisas, mas, antes que pudesse abrir a boca, Salai a pegou pelo braço e a arrastou embora. E Nicolau foi obrigado a guardar para si suas perguntas e a correr atrás do estranho casal.

Voltaram à cidade a pé e logo se misturaram com a multidão do antigo bairro adjacente ao Arno, que em tempos remotos fora o porto fluvial de *Florentia* romana. As ruas eram estreitas e carentes de ar e de luz, mais sufocantes que as do Mercado Velho. Havia ali mercadores e artesãos, gregos e sírios, gente do populacho que não sabia exatamente quais eram as feições de Nicolau Maquiavel e, em meio à agitação geral, não estava nem aí para aqueles três que corriam. Venceram a ponte em Rubaconte, passando por baixo dos tétricos castelos de madeira escura dos fiandeiros da arte da lã, com seus complicados entrançados estendidos para secar depois da tintura. O odor acre da urina usada para curtir as peles quase os sufocava. Certamente só o viscoso Salai se sentia à vontade naquele ventre mole de Florença. Nicolau já estava ficando sem fôlego, enquanto procurava manter-se logo atrás de Ginevra, que estava sendo arrastada pelo braço do inconfiável Salai. Atravessaram a Ponte Velha, ainda tomada pela multidão em festa e agora desorientada pelos acontecimentos excepcionais, e foram dar no outro lado do Arno, na pracinha de Santa Felicita. Maquiavel olhou para a fachada simples e

despojada e arregalou a boca, atingido em cheio pela revelação: "*A raiz de Cristo!*"

Ginevra fez que sim. Sua grande cabeleira negra, úmida de suor, estava grudada ao pescoço. Ela estava mais bela e desejável que nunca.

- A igreja mãe de *Florentia*, na antiga estrada para Roma. Mas já estive aqui, sem pista do refúgio de Leonardo...

Maquiavel olhou ao redor com ar aflito, depois apontou para o piso.

- Tem de ser aqui embaixo.

Salai soltou uma risada estridente e repetida, ao modo dos pequenos macacos de circo, e conduziu os dois ao poço central. Abriu a tampa de ferro, escalou o parapeito e desapareceu lá dentro, ágil como um gato. Maquiavel se adiantou e o viu agarrado à corrente, fazendo-lhe sinal para segui-lo. Deu uma olhada mais atenta no escuro do poço, depois se virou para Ginevra:

- Aqui embaixo há apoio para os pés. Você acha que tem condições de seguir esse pequeno malvado?

A mulher se aproximou do balaústre.

- Não seja tolo. Vamos, antes que alguém nos veja - disse, agarrando a corrente com as duas mãos e desaparecendo lá dentro.

Em segundos, os três estavam dentro do antigo poço. Nicolau entreviu um arco e cutucou Ginevra, que estava entrando ali de cabeça baixa. Era uma galeria que descia para as entranhas de Florença. Várias vezes, tentando seguir de perto Salai, que corria como uma lebre, arriscaram-se a escorregar em pedras cobertas de lodo. Deviam estar no nível do Arno ou talvez ainda mais baixo, e não podiam fazer outra coisa senão avançar sempre. Finalmente a galeria acabou e, sob seus pés, apareceu uma escada antiquíssima, certamente resquício de muralha romana, que descia em declive para bem mais fundo. No final, entrevia-se uma luz tremulante, o que lhes permitia caminhar com mais segurança. Apoiavam-se um no outro, e a mão de Ginevra tinha mais firmeza que a de Nicolau, que não podia disfarçar o grande temor.

Àquela altura, deviam estar a cerca de 15 metros abaixo do nível da estrada, quando Maquiavel entrou em um quarto iluminado por tochas e

encimado por uma abóbada de tijolos de aspecto muito estranho. De fato, o teto se curvava de uma maneira regular, mas em vez de se encaixar em uma parede oposta, descia direto para o chão sem solução de continuidade. Era como se o quarto tivesse sido cavado debaixo de um grande arco semicircular, semelhante ao de algumas construções das antigas vilas romanas. Na parede, ao fundo, fora aberta uma pequena porta; passaram por ela e viram-se em um ambiente idêntico ao anterior. Maquiavel finalmente entendeu que estavam sob o que restava das primeiras arcadas da ponte romana de FLORENTIA, a segunda a ser construída, depois de uma antiquíssima passagem de madeira. Derrubada depois do estreitamento do leito do rio, em uma época remota, conserva-se dela apenas a lembrança. A Ponte Velha, que a substituiu, fora construída um pouco para baixo, sem que ninguém conseguisse encontrar os restos da ponte anterior, reforçados por novos diques e, posteriormente, recobertos e ocultados pelas novas construções às margens do rio. Finalmente Nicolau entendia por que a fachada da igreja de Santa Felicita ficara recuada em comparação com o traçado da rua e por que os becos do outro lado do rio conservavam a recordação, entre ruas sem saída e pátios fechados, de uma rua anterior. Viram diante de si outra portinhola, da qual provinha uma intensa claridade. Passaram pela soleira sem que o mudo Salai tivesse de empurrá-los e foram atingidos em cheio por uma emoção indizível.

Máquinas e Luzes

O terceiro arco enterrado da ponte romana fora transformado em um grande laboratório, com as paredes rebocadas e pintadas de branquíssima cal. Não havia tochas; a luz era quase ofuscante e provinha de lâmpadas de aspecto nunca visto antes, parecidas com as do carro que os recolhera na praça da senhoria. Diferentemente dos ambientes contíguos, não se sentia cheiro de mofo; parecia até que circulava continuamente uma leve brisa de primavera. Amontoadas junto às paredes, mas também no meio do pavimento - que também era muito

estranho, mais liso do que qualquer pedra, mas nada frio -, havia estranhas máquinas de madeira e metal, algumas paradas, outras em movimento, mas cuja função parecia absolutamente incompreensível. Acima do barulho produzido por grandes rodas dentadas, encaixadas entre si era engrenagens de complexidade nunca vista, ouviam-se sons agudos e estranhos. Nicolau reconheceu os chios característicos dos macacos. Parecia que ali havia muitos, mas ninguém os via; aliás, até parecia que não havia ali viva alma. Só depois de ter-se habituado àquele espetáculo terrível e maravilhoso, Maquiavel notou no fundo do quarto uma espécie de divisória de vidro. Mas esta não era feita de matéria transparente como os cristais venezianos mais caros, nem mesmo parecia tratar-se de vidro. Era alguma coisa indefinível, que deixava passar a luz, mas não permitia distinguir as formas do outro lado.

Uma porta que havia naquele grande cristal se abriu e, na soleira, apareceu a figura alta e forte de um homem de 50 anos, de físico potente, mas enxuto, com o rosto emoldurado por uma bela barba já branca e olhos profundos, mas luminosos. Estava sorridente, apesar de seu olhar conservar também uma expressão severa. De trás dele vinha ainda mais luz e notavam-se formas indistinguíveis em movimento. O homem ergueu a mão direita em sinal de cumprimento e Maquiavel respondeu do mesmo modo, aproximando-se. Depois, ouviram a voz profunda do homem ordenar a Salai que os deixasse.

- Deixe-os estar, meu garoto; vá preparar nosso transporte.

Leonardo da Vinci, finalmente.

Ginevra olhou a cabeleira do homem pelo qual nutria mais respeito que por Nicolau e, talvez, mais admiração que por Valentino. O mestre era muito parecido com as descrições que se faziam dele nas cortes italianas. Ele inspirava nos demais uma submissão de tal monta que parecia ser ainda mais alto do que era. Mas agora, ali de perto, ela percebia também um sentimento de leve incômodo, parecido ao que durante provocava nela enquanto vivo. Pensou que Nicolau parecia um anão diante de um autêntico gigante e não pôde conter o riso.

- Leonardo! Então você transferiu para cá seu laboratório secreto, que antes ficava na triste Maremma...

- Salve, Nicolau. Mas você está enganado; meu trabalho nunca mudou de sede. Aliás, nem poderia, porque as máquinas que vocês estão vendo são muito pesadas e frágeis. Venham, não temos muito tempo.

O mestre os conduziu para o outro lado da grande parede de cristal opalescente. Os estrídulos dos macacos eram ainda mais fortes e, finalmente, Nicolau os viu - alguns trancados em grandes jaulas, outros presos a correntes. Eram de formas diversas, mas todos de grandes dimensões e horríveis de ver. Alguns estavam mortos, presos a mesas de metal, com o corpo aberto mas sem nenhum resquício de sangue, sob potentes lâmpadas que iluminavam do alto.

- Salai disse que minha mulher negra lhe salvou a vida, Nicolau. E isso aconteceu graças à sua Ginevra, que o procurava com ânsia e afeto.

Apenas naquele momento Maquiavel se recordou da mulher extraordinária que, com sua exibição, na Praça dos Priores, lhe permitira fugir de uma triste sina. Leonardo, sorridente, lhe indicou uma grande mesa inclinada, sobre a qual a mulher impressionantemente alta estava deitada, nua e imóvel, mas livre de correntes.

- É o único exemplar de uma puríssima raça negra da África que fica para além do deserto, no rumo da Etiópia, e da qual farei uma completa descrição. Aqueles grosseiros agentes de Pisa trucidaram os mouros que com tanto esforço foram encomendados e mandados trazer por meus patrocinadores, mas outros amigos a descobriram.

Só naquele momento Nicolau pareceu recordar-se do motivo de estar procurando seu velho amigo. Foi tomado de raiva e quase se jogou contra ele aos gritos.

- Ela também serve para sua terrível arma, Leonardo? Como você vai fazer para submetê-la à autópsia e, mesmo assim, mantê-la viva? Quantos mortos sua loucura custará no fim das contas? Quer me dizer, afinal, que invenção diabólica está fazendo?

- Você é quem tem de dizer... Trouxe consigo os livros de Herófilo e de Erasítrato? O segundo talvez esteja perdido para sempre, se meus

inimigos tiverem conseguido levar a cabo o que tinham em mente. Mas do livro que o pobre Durante ia me entregar na escavação do Arno, é certo que existe uma cópia em algum lugar. Meu corajoso aluno sempre seguiu escrupulosamente os conselhos que lhe dei. Você e sua mulher, Ginevra, são aqueles que estiveram mais próximos dele do que qualquer outra pessoa antes de sua morte, portanto sabem...

- O livro de Herófilo está perdido, Leonardo. Durante tinha uma cópia dele, como você disse, mas ela também foi roubada por seus inimigos. Agora, diga-me quem são esses perversos e, especialmente, quem é o misterioso mandante de sua arma. E que diabo você está planejando e também... - as perguntas brotavam na mente amedrontada de Nicolau e este não encontrava meio de apresentá-las de maneira lógica e com método. Olhando em redor, voltou a ser atraído pelas máquinas. - E, também, o que são essas coisas diabólicas e que...

Leonardo lhe sorriu com um olhar paternal.

- Você está sempre com o diabo na boca, Nicolau, e ele, de fato, não tem nada a ver com isso.

- Essas máquinas são suas, Leonardo?

- Algumas sim, outras não. São o produto de uma ciência superior à nossa.

- A ciência dos reinos de Alexandre?

Leonardo pareceu estupefato.

- O que você, que só se interessa por política e por um pouco de letras, sabe disso? Quem lhe contou?

- Um jovem aluno seu, Lapo da Emoli, que agora também está morto.

Leonardo registrou aquela notícia, mas não deu mostra de se importar muito. Começou a caminhar entre os aparelhos misteriosos, acariciando suas superfícies e engrenagens.

- Durante um tempo, eu admirava os romanos antigos. Magníficos políticos e militares, grandes arquitetos...

Nicolau concordou com aceno de cabeça.

- Homens sábios, inventores do Direito...

Leonardo virou-se para ele, e sua voz, de repente, assumiu um tom de desprezo.

- No entanto, eu estava enganado, tanto quanto você. Eram brutos, ignorantes, supersticiosos e bárbaros! Destruíram a biblioteca de Alexandria...

Nicolau olhou para ele, com uma expressão de pleno assombro.

- Achava que tivesse sido o califa Omar...

- Ele tem menos a ver com isso do que se pensa; César iniciou a obra, Teófilo a finalizou. Toda a ciência de Alexandria e de Pérgamo não foi esquecida por negligência, mas intencionalmente eliminada! Os primeiros a fazer isso foram os sábios romanos, que só se interessavam por suas pontes e estradas; depois, os cristãos fanáticos, que lincharam a filósofa Hipátia de Alexandria, apagaram as luzes artificiais de suas estradas e o grande Farol, não sem antes afundar os navios dos Ptolomeus de quinhentos remos...

Nicolau riu, incrédulo, como se tivesse a impressão de que Leonardo estava variando.

- Nenhum navio pode acomodar tantos remadores!

- Em Alexandria, era uma maneira de dizer, uma espécie de código para exprimir seu gigantesco poder. Havia navios de três mil, de cinco mil remos, inteiramente revestidos de chumbo e de outros metais.

- Que força diabólica os movimentava?

Leonardo ergueu os braços em um gesto de sofrimento, como se estivesse diante de um menino lento de pensamento e incrédulo.

- As máquinas! E eu tenho os desenhos delas... Eu os consegui com as mesmas fontes que deviam me trazer os livros de Herófilo e de Erasítrato, os quais, por sua vez, alcançaram Constantinopla, Veneza, mas, sobretudo, a Espanha dos mouros. Todos livros magníficos e perdidos.

- Livros que agora são conservados por você?

- Apenas uns poucos. Eu os copiei e estudei. Muitas vezes, tive a ilusão de tê-los entendido; outras tantas, me equivoquei. Encontrei, por exemplo, um desenho de Heron, com a estrutura interna de uma

máquina capaz de transportar vapor de água quente e de restituído sob a forma do movimento vorticoso de uma roda. Essa máquina movia-se sozinha pelas ruas de Alexandria no século III antes de Cristo. Mas eu a interpretei, em um códice de minha autoria, como um simples medidor da quantidade de vapor de água no ar...

- Uma máquina que se move sozinha? Mas isso não é possível!

- É, é sim. Só que os desenhos parecem compreensíveis à primeira vista, mas as descrições de Heron usam uma lógica inalcançável e falam com um léxico resistente aos esforços de interpretação.

- Mas as máquinas que há neste laboratório parecem novas.

- São apenas aquelas cujo funcionamento compreendi completamente, assim como o intelecto que as governava, cujos efeitos vi e senti. São tão poderosas que as mantenho em segredo e os projetos estão nos apontamentos que escondo de todos em meus refúgios, como o de Maremma, que ninguém pode encontrar.

- Então a arma secreta é uma dessas máquinas?

Leonardo balançou a cabeça, como se estivesse diante de um discípulo de pouca inteligência.

- A arma é muito mais terrível, mesmo que seja resultado desse conhecimento, o saber antigo que foi estupidamente apagado! - Com o braço, varreu de uma grande mesa os mapas antigos que ali estavam abertos. - Depois, os séculos das trevas fizeram justiça aos romanos que você ama tanto; tudo caiu no esquecimento e a humanidade, na ignorância completa. Houve até quem negasse a esfericidade da Terra...

- Vi os mapas de Ptolomeu que foram trazidos para Florença há mais de cem anos...

- Eram os atlas trazidos pelos enviados de Constantinopla, que, iludidos, esperavam a ajuda de vocês contra o sultanato. Perdeu-se o conhecimento exato das dimensões do mundo, calculadas por Erastóstenes e que até Ptolomeu já esqueceram; apagou-se a verdade da Terra que gira ao redor do Sol...

- Isso é heresia!

- Até você falando assim, Nicolau? Por aí dá para ver o grande futuro da República de Florença e o radiante porvir do mundo inteiro! Os séculos obscuros nos transmitiram, na escuridão dos conventos, apenas as obras de Hipócrates e de Galeno, enquanto abandonaram todos os escritos helenísticos! E quando chegavam até nós alguns poucos fragmentos, um bárbaro como Plínio era posto ao lado de um incompreendido Heron, e dos romanos e gregos se fez uma civilização única, que existe apenas nas fantasias de vocês.

- Como é possível que essa incrível sabedoria tenha se evaporado no nada, ou permanecido completamente incompreendida?

- Algo nos foi transmitido de modo fragmentário. Depois da queda de Roma, Simplicio, João Filópono Eutócio, Antêmio de Trales e Isidoro de Mileto falaram disso. Discutiram sobre Arquimedes e Heron, organizaram edições das obras deles, mas já não os entendiam mais. Eu, por minha vez, tentei estudar Arquimedes baseando-me em textos originais, que encontrei e escondi dos olhos de todos!

- São os textos que você usou para a arma terrível...

- Sim, mas não só. A arma, que com razão você teme tanto, foi beneficiada pelos livros traduzidos pelos infiéis da Espanha. E teria sido mais beneficiada ainda se o Herófilo perdido me tivesse sido entregue por Durante...

Nicolau achou que acabara de entender algo que o desconcertava.

- Durante, então, era um infiel?

Leonardo demorou um pouco para responder. Voltou o olhar para a mulher negra deitada na mesa da autópsia, que parecia seguir aquela conversa com interesse, confiante e despreocupada de sua nudez, sem sombra de malícia. Leonardo sorriu para ela, depois se virou de novo para Nicolau.

- Durante era apenas meu discípulo predileto, daqueles que o mundo não vê, porque minha escola é secreta. Aquele jovem tão querido conhecia bem Constantinopla, onde Herófilo era conservado, enquanto Filippo Del Sarto viajava pelas terras dominadas pelos reis católicos e possuía Erasítrato. A Espanha dos tempos que chamamos obscuros,

especialmente as cidades de Toledo e de Granada, que passaram dos romanos para os visigodos e para os árabes, tinham relações comerciais e culturais com Constantinopla, que teve seus armazéns no sul da Ibéria. Tudo isso sobreviveu até hoje, até a queda de Granada e a realização da *reconquista*. Na realidade, você e muitos de seus amigos humanistas já receberam parte da sabedoria antiga, ao menos na época em que o mercador João Aurispa trouxe de Constantinopla mais de duzentos códices. Vários desses códices hoje são copiados e reproduzidos, até impressos, mas muitos deles foram dispersados, destruídos, roubados e mantidos ocultos por sábios ciumentos, que querem passar por grandes diante de seus benfeitores com o saber antigo!

Nicolau sorriu.

- Como você, talvez?

- Como eu! Mas, diferentemente deles, busquei *entender* de verdade... - Leonardo pronunciou *entender* com tal força que fez Ginevra estremecer de comoção. Ela escutava, extasiada, aquele relato maravilhoso. - Ao mesmo tempo em que busquei, estudando um tratado admirável, roubar a sabedoria interna que regia a arte de verter imensas quantidades de bronze, técnica quase impossível de realizar. Eu tentava e sempre falhava, como no caso do colosso para Ludovico Sforza, assim como falhei com a escultura em mármore, com a música e com a pintura...

- Você falhou com a pintura? Está dizendo bobagens. Você é a escola do mundo!

- Ainda me escapam as leis mais íntimas que regem a descrição dos corpos tridimensionais em um plano, apesar de eu ter tentado pô-las em prática em alguns de meus quadros. Intuir a verdade sem compreendê-la plenamente é minha pior condenação, mesmo em outros campos. Projetei um canhão a vapor, o arquiteirão, com base nos desenhos de Arquimedes, mas não entendi perfeitamente seu mecanismo. Todavia, esse já não é o caso dos textos perdidos de Alexandria, que pude entender perfeitamente e que me levaram à arma terrível.

Ouviram-se rumores inquietantes, vindos com um eco estranho da escada que levava ao poço, mas Leonardo parecia não ouvir. Ginevra parecia atraída por aqueles sons e se virou para o outro lado da grande vidraça, para a entrada. Nicolau começava a ficar impaciente.

- Agora você tem de me dizer o que é essa arma e por que a manteve e mantém sob tamanho segredo. E também quero saber a razão de você ter me trazido aqui, a seu laboratório.

Leonardo baixou a cabeça e deu um suspiro fundo, como se precisasse tomar uma decisão muito grave.

- Você está certo em temer a arma, porque ela poderia aniquilar toda a cristandade.

Aniquilar... Nicolau Maquiavel considerou aquela expressão assustadora. Viu a impossível imagem de um mundo desolado e de cidades destruídas, esvaziadas de almas. Leonardo teria todo esse poder? Não conseguia acreditar, porque essa mera ideia ia contra o mínimo bom senso e, certamente, contra a moral, e admirou-se com esse pensamento. Para outras armas infinitamente menos devastadoras, mas igualmente mortais, a ética não viria em questão ao se falar de assuntos de Estado e de guerra. Mas o mestre o arrancou dessa dúvida dolorosa.

- A arma é fruto de uma busca da verdade à qual eu não poderia me furtar de nenhum modo, depois do que encontrei na escavação. O conhecimento é a coisa mais importante, Nicolau.

- E o que você descobriu? Contaram-me que levou embora apenas ossos...

- Eram por demais preciosos, o fundamento de tudo. Eles deram início a uma sequência de terríveis descobertas que ninguém poderia mais deter, ou pelo menos não eu. Aquele que me apoiou com os subsídios adequados foi capaz de entender o alcance daquilo em que eu trabalhava, porque nem Florença nem Milão teriam podido me dar aquilo que eu procurava e que teria parecido loucura.

- Quem é seu financiador, então?

- Disseram-me que o dinheiro provinha de Veneza, que está fazendo o maior esforço para se contrapor ao papa. Seus exércitos reconquistaram

quase todas as terras antes dominadas por Valentino e se tornam cada dia mais ameaçadores.

- Quem veio lhe trazer essa oferta?

- Michele Almieri, o chefe dos mestres na escavação do Arno. Disse-me que só o doge teria conhecimento disso e que eu deveria manter o mais estrito segredo. Mas, a essa altura, até o mestre Michele deverá estar morto, visto que meus inimigos, que se opõem à arma, fazem estragos em toda parte.

Nicolau olhou para ele perplexo. Pensou no mestre de obras, que o recebera na escavação do Arno quando ali chegara com Ginevra e Durante, que insistira em negar que não sabia para onde Leonardo fora. Apesar de sua prática com espiões, traidores e agentes inimigos, o comportamento dele não lhe despertara a menor suspeita.

- E São Marcos, ao contrário de Florença e de Milão, tinha condições de providenciar o que você queria e de entender a importância de sua descoberta?

- Eles podiam me disponibilizar os livros de Herófilo e de Erasístrato, originalmente conservados na Biblioteca de Alexandria, mas especialmente os macacos que eu requerera: mais de quinhentos exemplares raríssimos, que só podem ser encontrados abaixo do deserto líbio, nas florestas virgens. E os mouros, que foram estupidamente trucidados? Só pude estudá-los por pouco tempo, na noite em que os idiotas dos agentes de Pisa jogaram seus corpos na escavação do Arno, sem entender a gravidade do que estavam fazendo. Mas eu necessitava de exemplares vivos para confrontar com macacos vivos, não de carcaças putrefatas... Naquela mesma noite, corri para Livorno. Precisava entender o que acontecera, recuperar os gorilas sobreviventes, mas sobretudo o livro de Erasístrato, que estava em poder de Filippo Del Sarto. A casa estava fechada, ninguém atendia. Então, entrei pelo teto e encontrei morto, enforcado por um pé na viga de seu estúdio, e o livro desaparecera. Obra dos inimigos de meus financiadores, que certamente também me queriam morto...

- Filippo deixara uma mensagem...

- Sim, *Ingenium terribile ex Inferis*; era uma advertência.

- Endereçada a quem?

Leonardo fez um gesto de impaciência com a mão. Maquiavel suspeitou de que ele iria mentir ou omitir parte da verdade.

- Talvez a quem encontrasse o corpo, para denunciar seus assassinos. Ou, então, aquele velho tinha o ânimo fraco e se arrependera... Àquela altura, eu tinha de escolher se voltava à escavação do Arno e esperava a chegada de Durante com o livro de Herófilo, ou se ia direto recolher os ossos e os corpos necessários ao aperfeiçoamento de meus estudos. Aquele que os fornecia, mandando-os para mim e para Del Sarto por meio de Salai, também poderia ajudar-me a combater os inimigos da arma...

Nicolau sorriu, sarcástico.

- Mas Valentino não estava mais metido nisso, porque já pensava em se safar.

- Ele meu deu aquilo que podia e prometeu enviar outros corpos e esqueletos antigos, mas se negava a mover seus homens; disse que esperava notícias importantes de Nápoles. Foi assim que voltei a Florença, camuflado e furtivo. Para minha sorte, esperava-me aquela maravilhosa fêmea negra, trazida para cá por meios misteriosos por meus financiadores. Estava ocupado em estudar sua anatomia, esquecido dos perigos, quando me chegou uma mensagem perturbadora de Valentino, juntamente com os cadáveres enviados por meio de Salai...

- O corpo de Durante!

Leonardo concordou.

- Lavado e vestido com trajes orientais. Fora assassinado por inimigos da arma, que certamente lhe haviam arrancado o livro. Compreendi que Durante fora sozinho a meu refúgio em Maremma, na esperança de me encontrar lá. Quem o mandou para aquele fim de mundo, Nicolau?

Maquiavel baixou o olhar, em silêncio, e Leonardo suspirou.

- É evidente que, naquele meio-tempo, meus inimigos também tinham ameaçado Valentino e ele queria me dizer que o perigo estava

aumentando e que, por isso, aguardava-me pessoalmente. Era uma mensagem mais eloquente do que qualquer bilhete, ninguém podia interceptá-la e só eu poderia entendê-la. Tudo ficou claro naquele ponto...

- E você me pediu ajuda!

- Você era o único em quem eu podia confiar, Nicolau. Para ocultar este laboratório da vista dos meus inimigos, eu precisava avisá-lo de maneira muito sigilosa. Foi assim que resolvi usar também aquele pobre corpo como uma carta cifrada. Só para você.

- Por que eu?

Leonardo riu.

- Porque você, entre todas as pessoas que conheço, príncipes e populares, é o único sem nenhum escrúpulo ou hesitação religiosa e que, ao mesmo tempo, possui uma retidão inflexível e intacta. Além disso, pelo menos até ontem, você dispunha de grande poder no seio da República.

- Hoje, entretanto, sou perseguido pelos soldados do Palácio dos Piores...

- Não há dúvida de que isso dificulta meus planos. Temos de nos conformar... É preciso deixar Florença...

- Quem são, por favor, os inimigos da arma que você tanto teme e que dispõem de poder tão extraordinário?

- Ainda não entendeu, Nicolau? Se os meus financiadores estão em Veneza, o inimigo só pode ser o papa. Você tem de salvar a mim e à minha descoberta.

Maquiavel balançou tristemente a cabeça.

- Não posso proteger nem mesmo a minha própria vida. Os guardas do Palácio dos Piores me caçam, tenho de descobrir a maneira de denunciar as tramas nefandas de Violante e dos *palleschi* e de fazer o gonfalo-neiro Piero entender o que realmente aconteceu! Mas todas as aparências estão contra mim...

Ouviram um rumor de passos próximos, mas Leonardo fez um sinal para Nicolau não se incomodar. Depois, ecoaram longe, mas bem

distinguíveis, vozes agitadas de homens que falavam do poço, da corrente e da necessidade de descer. Nesse momento, Leonardo pareceu preocupado.

- Onde está sua mulher?

- Não sei, achei que estivesse aqui, admirando suas maravilhas.

Leonardo correu para o outro lado da vidraça, atravessou o ambiente externo e mostrou Ginevra a Maquiavel. Ela estava escutando diante da porta que levava ao poço. O rumor de passos aproximava-se cada vez mais, como se já estivessem ali dentro.

- Há quanto tempo você os está ouvindo, senhora? Ginevra olhou para ele, assustada.

- Só agora, mestre!

Leonardo afastou sem delicadeza a mulher e enfiou a cabeça na passagem que dava para as escadas.

- Alguém está tentando descer no poço.

- Como é possível? - protestou Maquiavel. - Estamos muito abaixo do nível da Praça de Santa Felicita, nenhum som produzido aqui chega lá fora.

- Essa é uma espécie de trompa natural, como a Orelha de Dionísio da cidade de Siracusa, uma caverna grega atualmente abandonada, que amplifica e aproxima qualquer som.

Leonardo fez um gesto para ficarem em silêncio. Como pelo efeito quase mágico que ocorria em alguns pontos dos antigos teatros romanos e gregos, construídos para reverberar os sons da cena representada sobre as escadas, naquele ponto era possível ouvir as vozes agitadas dos homens, que continuavam conversando na beira do poço, muitos metros acima deles.

- Meus algozes agora estão próximos! - disse Leonardo, num tom grave, mas quase resignado.

- Por que você diz isso? É atrás de mim que eles estão...

- Você não entendeu nada, Nicolau, e não me admira.

Maquiavel não suportava mais o ar de superioridade e a aristocrática distância que Leonardo ostentava o tempo todo. Ergueu-se na ponta dos

pés e o agarrou pela camisa sem a mínima delicadeza, fitando-o direto nos olhos.

- Insisto em dizer que são justamente os soldados que estavam nos perseguindo quando estávamos em seu carro e que, apesar das voltas de Salai, de alguma maneira chegaram até o poço! Querem me prender e dentro de pouco tempo estarão aqui!

Leonardo fez um sinal para que se calasse e continuou à escuta. Alguém pronunciava seu nome, e Nicolau reconheceu a voz de Violante. Leonardo sorriu.

- Como você está vendo, eles não estão atrás de um simples secretário, improvável traidor da República, mas do artífice da arma terrível.

- Há algum modo de sair desta tumba? Todas as suas máquinas, ó iluminado mestre e gênio das cortes da Europa, não servem para nos salvar?

- Essas não, Nicolau, mas uma outra sim, você já a conhece. Vamos, porque é chegada a hora.

Voltaram para o laboratório iluminado pelas luzes estranhas e potentes, e Leonardo os acompanhou até outra porta, aberta na poderosa muralha dos romanos. Dali subiram escadas, e do escuro provinha um sopro leve de ar, mais natural que aquele que se respirava no refúgio secreto. Nicolau entendeu que aquela segunda passagem também levava ao exterior.

- Indo por esse lado, onde sairemos?

Leonardo tirou algo da bolsa, uma espécie de instrumento metálico. Acionou um mecanismo e uma luz brilhante surgiu de repente, mais potente que qualquer tocha.

- Essa passagem nos permitirá fugir, se quem me quiser ver morto ainda não tiver localizado meu carro.

Subiram as escadas, precedidos por Leonardo, que segurava no alto a luz da tocha. Tinha no rosto uma expressão radiosa, e com a barba e os cabelos grisalhos parecia quase um Cristo envelhecido.

- Heron e Arquimedes nos guiam! É a luz antiga que iluminou as noites de Alexandria, mil e setecentos anos atrás. Mas durará muito pouco.

E realmente perceberam que a luz ia enfraquecendo, mas então as escadas tinham acabado e, de uma espécie de declive, provinha uma fraca claridade. Apertaram o passo. Leonardo, Nicolau e Ginevra e, atrás deles, a grande mulher negra, envolvida em seu manto multicolor.

Saíram à luz do dia na beira do Arno, quase debaixo das arcadas da ponte Rubaconte. Na margem oposta viam a escadaria do enxugadouro, local onde ficava o antigo pórtico romano. Nicolau sentiu um aperto bem forte no coração.

- Estamos perdidos do mesmo jeito. Durante o tempo que gastamos para subir, os homens de Violante nos alcançarão. Eu os conheço bem, porque os recrutei pessoalmente, um por um, entre os soldados mercenários que se ofereciam... - Maquiavel lembrou-se com ódio dos soldados, sempre prontos a servir ao patrono do momento. Se Deus lhe tivesse concedido mais vida e poder, algo de que agora duvidava seriamente, iria se bater com ainda mais insistência pela criação de uma milícia da cidade. Leonardo o agarrou por um braço.

- Eis a nossa salvação - disse e lhe mostrou uma silhueta embaixo da primeira arcada da ponte.

Só e mordazmente sorridente, meio encurvado e com os pés nus mergulhados na água, ali estava Salai, segurando a ponta de uma corda que prendia uma espécie estranha de barco ancorado. Nicolau balançou a cabeça, desconsolado.

- Uma balsa não nos levará muito longe, Leonardo. Os arqueiros e os lançadores nos transpassarão como se fôssemos São Sebastião, desde os parapeitos ao longo do Arno!

- Agora você vai subestimar a ciência dos antigos e a perspicácia da minha inteligência?

Aproximaram-se do engenho, que apenas despontava à flor da água. Com grande maravilhamento, Nicolau percebeu, de fato, não se tratar de uma mera balsa, dessas usadas por barqueiros, mas que era o mesmíssimo

carro coberto que o salvara na praça da senhoria, só que agora inteiramente submerso.

- Está afundado! Como poderá navegar, mesmo sendo um meio anfíbio?

- Tem razão, é um carro anfíbio, mas não navega apenas na superfície. É capaz de avançar também quando imerso, como um peixe.

- E que força o move?

- A força dos antigos!

Leonardo indicou um fio de vapor saindo do cimo do carro coberto e convidou Nicolau e as duas mulheres a embarcarem imediatamente. Salai, o tempo todo mudo, continuava com seu riso histérico, como um pobre demente, e Nicolau entreviu em seus olhos vívidos mais coisas do que ele deixava ver.

Segundo Interlúdio

O sacerdote estava só e desconsolado no centro do quarto. Tinham-no trancado, sem lhe dar água nem comida, isso depois de ter feito uma viagem muito longa, disfarçado e tratado pior que um servo. Assim que chegou à grande Roma, depois de um inferno de mar e de terra, todos aqueles que encontrara olharam-no com desprezo. Mas ele mantinha o ânimo tranquilo de quem sabia não ter feito mal a ninguém. Antes, obedecera todo o tempo à lei e servira dignamente a Deus.

O grande aposento em que se encontrava devia ser uma espécie de prisão. E certamente estava localizada no subsolo, porque a luz apenas pingava das altas janelas de boca de lobo. Além das grades, tinha a impressão de ver as sombras dos soldados que montavam guarda. O ambiente era frio e úmido; seu coração estava apertado de saudade e medo. E pensar que, quando chegara àquele destino, o palácio lhe parecera o mais belo, o maior que já tinha existido debaixo do céu de Deus! Era circular como uma imensa torre, e uma ponte magnífica o ligava à outra margem do Tibre. Disseram-lhe que era um túmulo de antigos pagãos, ou até mesmo o sepulcro de um grande imperador.

O sacerdote estudou a sombra projetada pelas janelas e se ajoelhou para rezar, segundo o preceito.

A porta se abriu depois de quatro horas de angustiante espera. Ele contara as horas valendo-se do sol e graças aos conhecimentos astronômicos herdados de seus pais. Entrou um soldado jovem, alto e audaz, com o rosto afilado e moreno emoldurado por uma barba curta.

- Tenho a impressão de que não o trataram bem.

Por um segundo, o coração bateu forte em seu peito, porque aquele soldado falava sua língua, mesmo com o estranho e melodioso sotaque que ouvira no navio. Mas depois viu uma pequena cruz de ferro que pendia de seu pescoço.

- Devo morrer, soldado? Se essa é a vontade de Deus, posso saber o motivo?

O soldado riu.

- Ninguém o quer morto, fique tranquilo.

- Fui sequestrado de minha doce morada como um assassino, enrolado em vestes imundas, e levado de carroça ao porto de minha cidade. Lá me trancaram em uma caixa e me carregaram para um navio do qual nada sei...

- Era um navio da gente de Pisa, senhor sacerdote; um barco da minha pátria.

- Como você sabe a minha língua?

- Naveguei e combati durante muito tempo em seus mares. Casei-me com uma de suas belíssimas mulheres, observei e compreendi seu mundo, para a maior glória de Deus e para a defesa da cristandade.

O sacerdote cobriu o rosto com o braço.

- Então, você é um espião! E infectou nosso sangue ao se casar com uma de nossas filhas...

- Ela foi minha amada esposa, sacerdote, até que Deus a chamou a si. Apenas agora voltei para casa, onde encontrei a guerra. E então tive de agir como espião, como o senhor diz. E não por causa de Pisa, mas pela verdadeira fé.

- *Por que me trouxeram a Roma, se a intenção não é me matar? Não conheço segredos militares, sou um homem de Deus.*

O agente de Pisa riu.

- *O senhor conhece segredos bem maiores que os dos capitães de exército. O senhor é um sacerdote, é verdade, mas também um mestre de doutrina. Haverá um julgamento, em breve, no grande Palácio. Ele terá início quando todas as testemunhas tiverem sido reunidas...*

Finalmente o sacerdote achou que estava entendendo.

- *Querem processar-me, infiel? O que fiz foi servir ao Deus verdadeiro e manifestei as opiniões que me foram solicitadas...*

A porta da grande prisão sob o Castel Sant'Angelo foi escancarada e entraram dois soldados. O capitão fez um sinal para o sacerdote segui-lo.

Conduziram-no a um grande banheiro, onde algumas mulheres louras, sem dar nenhuma atenção a seus protestos desesperados, rasgaram os imundos farrapos de mendigo com os quais ele estava disfarçado para não despertar a curiosidade do povo e de seus próprios sequestradores. Lavaram-no cuidadosamente, com água morna e pós-perfumados. Depois, vestiram-no com vestes de precioso tecido oriental. Os soldados o tomaram pelo braço e o carregaram por uma escadaria sem fim, que levava aos andares superiores. Caminharam longamente por passagens fechadas, sem janelas e sem encontrar viva alma. Finalmente, no fim de um corredor, o sacerdote viu um homem jovem, com um livro antigo debaixo do braço, vestido com uma veste rica, que lhe pareceu típica de religiosos infieis. Parecia estar à sua espera. Quando se aproximou, viu que ele lhe sorria. O soldado o empurrou com gentileza para perto dele.

- *Aquele é o cardeal Giovanni de Medici. Vá a seu encontro, Mas'ud Abdulmejid, e seja feita a vontade de Deus.*

Fuga pelo Arno

O carro coberto de Leonardo avançava pelas águas do Arno, no centro da corrente, com dois terços imerso. Lá dentro, apesar do espaço estreito e de todos os orifícios estarem fechados, o ar era perfeitamente

respirável. Não era fresco como quando aquele milagroso veículo estava sendo puxado por cavalos pelas ruas de Florença, mas só um pouco mais quente que o ar natural que se respirava no exterior. Nicolau considerou que aquele calor a mais dependia do estranho barulho, semelhante a um ronco contínuo, proveniente da traseira do carro, mas evitou pedir explicações que Leonardo, com certeza, manteria bem guardadas para não dar e, além de tudo, ele não as entenderia. Apenas conseguiu saber que aquele veículo maravilhoso podia permanecer na água durante muito tempo, mas, na superfície, viajava a uma velocidade fantástica. Leonardo disse que eles poderiam julgar por si mesmos, quando tivessem deixado a área urbana e estivessem longe dos olhares dos florentinos. E ainda lhes disse que poderiam ir até Pisa, por via fluvial, em um dia e uma noite de navegação.

Leonardo dava instruções a Salai, que dirigia o carro anfíbio com segurança, no centro do rio, mantendo o timão com mão segura e observando o exterior através de uma pequena janelinha de vidro muito espesso, semelhante ao do refúgio subterrâneo. Depois de ter vencido a barragem de pesca com o auxílio das rodas, o ronco no interior do carro se transformou em um barulho contínuo, parecido com o reboar do trovão, e a máquina milagrosa foi deixando atrás de si um largo traço de espuma.

Nicolau olhava, fascinado, para cada coisa.

- Talvez seja esta sua arma? Certamente é terrível um veículo tão diabólico que se desloca por si, sem remos nem velas, veloz como um cavalo à galope... Os venezianos podem ter pagado um bom dinheiro, mas a República também teria lhe dado a mesma quantia que lhe fosse necessária, talvez mais...

Leonardo olhou para ele com uma expressão de admiração divertida.

- Você está mesmo achando que o fruto de minhas pesquisas, a descoberta que poderia subverter a cristandade toda, seja este brinquedinho?

Nicolau balançou a cabeça.

- Não, eu sei que sua arma nasce do sêmen do Homem e do confronto de duas filosofias absolutamente distintas, mas continuo a me perguntar de que lhe serviriam os ossos, os corpos para seccionar, os macacos e um livro de medicina perdido, e em qual artifício podem ser montados em conjunto...

- Pobre Nicolau, cujas únicas ambições são ser sempre mais sutil que seu astuto adversário político, saber estabelecer uma aliança, ou tirar o melhor proveito da morte de um amigo em vista daquilo que julgue ser o bem da República...

- Disso eu me orgulho!

- Não se irrite, Nicolau. A arma terrível vem da profundidade da terra, *Ingenium terribile ex Inferis*, e é muito mais do que uma máquina de madeira, ferro e bronze, como os meus carros encouraçados, talvez com o acréscimo do arquitrônito de Arquimedes, portanto, capaz de ser instalado sobre os muros de uma cidade e de destruí-los a tiros de canhão mais potentes do que qualquer bombarda...

Os pequenos olhos negros de Nicolau cintilaram.

- Não seria de todo mal.

- Nem a arma tem a ver com uma versão modificada de minha grande escavadeira na escavação do Arno...

- Que tipo de versão modificada?

- A escavadeira poderia ter uma imensa foice no lugar da grande colher que remove terra; invertendo-se o mecanismo e coligando-o à força que move este carro anfíbio, faria devastações nos inimigos.

- Magnífico também!

- Não, bom Nicolau, minha descoberta fez surgir uma arma feita não de madeira e metal, nem de pólvora, que no máximo podem destruir cem ou mil homens de uma só vez. É algo nunca visto e muito mais potente: é a capacidade destrutiva de uma ideia, capaz de aniquilar a vontade de nações inteiras.

Talvez, pela primeira vez, Maquiavel intuiu algo a respeito da natureza íntima da arma de Leonardo.

- Então, você elaborou uma ideia que, por si mesma, sem uma aplicação técnica e prática, como é o caso desta maravilhosa embarcação, pode levar morte e destruição...

- Indiretamente, sim. Hoje, você ficou escandalizado quando lhe disse que os antigos descobriram ser a Terra que gira em volta do Sol, não o contrário.

- Grave heresia!

- Pense na possibilidade de se provar essa ideia, Nicolau, não com os cálculos e as disquisições de Heron, que nem eu sou capaz de entender plenamente, mas que provam tudo o que ela afirma, mas mostrando o fenômeno em si, em sua manifestação objetiva.

- Isso é impossível! Você teria de levar as testemunhas além do Sétimo Céu, de modo que a visão delas pudesse abarcar tanto o Sol quanto a Terra, como pedras minúsculas no leito de um rio!

- E, é claro, você acha que jamais poderei fazê-lo, nem mesmo Dante Alighieri, se voltasse a viver entre nós. Mas pelo menos imagine o que aconteceria se demonstrássemos, na prática, a revolução da Terra em torno do astro.

Nicolau pensava e achava que estava entendendo.

- Um desequilíbrio terrível das almas e das mentes...

- Já lhe falei da imensa sabedoria inscrita nos livros perdidos de Alexandria que chegaram até mim por diversos caminhos. Da maior parte das ideias neles contidas, entendi pouquíssimas e realizei menos ainda, e sempre em total segredo. Mas entendi perfeitamente a profundidade da estrutura de uma forte intuição de Herófilo, apoiada por Erasítrato, e a adotei, graças ao poderoso acaso e à providencial escavação do Arno. Agora, possuo a prova autêntica de uma ideia ainda mais perturbadora que a que afirma que a Terra gira em torno do Sol. E posso defender essa ideia diante de qualquer um, em qualquer disputa dialética, tanto pública como privada, e por ela estou disposto a dar minha vida. Posso provada, ou melhor, poderei...

- Não, não pode, porque você não tem os livros de Herófilo e de Erasítrato!

Com tristeza, Leonardo teve de concordar.

- Talvez você tenha razão. Pude minimizar a destruição dos macacos e dos mouros, renunciei aos ossos que me foram guardados em Livorno por Filippo Del Sarto e reconstituí alguns excertos de Herófilo, presentes em obras de autores mais recentes, que não entendiam mais a ciência exata de Alexandria. Mas pode ser que tudo isso não seja suficiente para sufragar, com números e com as provas do intelecto raciocinador, a minha teoria baseada em uma hipótese robusta.

- Teoria; portanto, uma idéia vaga, não válida por si mesma...

- Não, Nicolau! Teoria como a entendiam os antigos como um processo dedutivo de lógica férrea, que parte de uma hipótese, ou seja, de um fundamento sólido. Galeno já não entendia mais os raciocínios de Herófilo e achava absurdo que, a partir da mesma hipótese, ele admitisse diversas deduções, negando o estatuto de verdade absoluta a qualquer solução encontrada...

- Isso é uma contradição, Leonardo...

- Não, não é, porque Herófilo chegara a uma consciência, depois perdida, segundo a qual não é possível conhecer a verdade das coisas, mas ter apenas uma percepção dela, que pode ser ilusória. Pense na hipótese de dois corpos, um vendo o outro e em movimento contrário em um campo desprovido de referências: nenhum dos dois pode dizer quem está parado, quem se move, ou se ambos o fazem; apenas as teorias de Herófilo, examinadas com ânimo desarmado e com inteligência pronta, podem dar-nos a solução mais próxima da verdade, ou seja, aquela que explica o fenômeno do melhor modo, aquela que devemos aceitar como se estivesse contida nas Sagradas Escrituras.

- Você está raciocinando de uma maneira que não consigo acompanhar, Leonardo. Mas se tivesse recebido pelo menos Herófilo, mesmo com

Erasítrato irremediavelmente perdido, poderia apresentar provas convincentes de sua misteriosa teoria?

- Vou lhe mostrar o *sêmen do Homem*, Nicolau, e você cairá por terra, sem sentidos.

- Acredito, Leonardo, e acho que a partir de agora entendo cada coisa. Você é o maior homem já visto no mundo, e os alexandrinos que você tanto elogia talvez tenham sido superiores a você em doutrina, mas certamente não em inventividade, capacidade e, especialmente, em arte. Mas também lhe digo: você é o homem mais ingênuo que conheço.

- Por que diz isso?

- Porque um mestre como Michele Almieri, por mais capaz que seja para contar tijolos e calcular a medida de um arco, o enganou e o levou na conversa como se faz com uma mulher.

Leonardo olhou para Maquiavel com ódio, mas também com uma vaga incerteza no olhar.

- Almieri me levou a ter tudo o que eu queria!

Nicolau balançou a cabeça.

- Diga-me, mestre, esse carro pode mesmo nos levar até a escavação do Arno em uma única corrida?

- Certamente, se não encontrarmos muitos obstáculos. Já estamos indo naquela direção. Neste momento, as obras devem estar a ponto de derrubar a última barreira de terra separando meu canal do rio Arno. Depois disso, as águas reverterão para o canal e deixarão Pisa no seco, justamente como seu Conselho deliberou.

- Então, ponha este submarino na potência máxima.

Tiveram muito tempo para refletir, enquanto a água do Arno roçava veloz os lados do milagroso carro anfíbio. Para Nicolau, foi como se todas as notícias fragmentárias recolhidas, muitas aparentemente contraditórias, formassem de repente um quadro coerente. Pensou primeiro em Violante, tantas vezes lhe perguntando se sabia onde Leonardo se escondia, mesmo que esse assunto não lhe dissesse respeito diretamente. Pensou na conspiração contra o senhor Piero, que juntos haviam manipulado para resultar em favor da República, mas que, na verdade, devia ser bem-sucedida porque Violante era um espião dos Medici. Mas era isso mesmo? Era o senhor Piero quem devia morrer? Voltou a refletir sobre cada movimento seu, passou em revista as ações dos *chorões* e dos guardas naquelas horas e minutos terríveis. Uma única

pessoa realmente arriscara a vida durante a conspiração: ele! Só a aparição da magnífica mulher negra, no carro milagroso de Leonardo, permitira-lhe escapar da morte.

Um pensamento luminoso e forte conquistou de repente a imaginação de Nicolau. E se ele, o secretário da República, tivesse sido apenas uma isca para fazer Leonardo entrar em ação?

A paisagem do Arno mudou. As margens arrumadas e floridas se transformaram em um mataréu triste e fechado, no qual vagavam animais selvagens. Das margens, cães latiam para a água cor de chumbo. Nicolau olhava pensativo para aquele abandono, alimento para sua melancolia. Então, Leonardo encontrara alguns ossos e, a partir deles, construíra sua teoria, prenunciadora de uma arma terrível que tinha origem na profundidade e era imaterial. E, ainda por cima, revelara que fora São Marcos quem disponibilizara todos os recursos necessários para levar a cabo o trabalho, por meio do mestre Almieri. Mas outra potência, inimiga dos venezianos, estava recorrendo a todos os meios para detê-lo e, por meio de seus assassinos, matara Filippo em Livorno e Durante, em Maremma, para roubar-lhes os livros de Herófilo e de Erasítrato. E aquela potência ainda desejava ver Leonardo e ele mesmo mortos, a qualquer custo.

O cenário mudou outra vez, e as árvores melancólicas e esqueléticas deram lugar às rochas verticais da Gonfolina, a garganta em que o rio forma um canal para deixar a planície de Florença e de Pistoia e correr livre para o mar.

Nicolau passou a examinar Filippo dei Sarto e Durante, os dois colaboradores e mensageiros de Leonardo. Cada um deles tinha um livro fundamental: Filippo, Erasítrato; Durante, Herófilo. O primeiro códice provinha dos califados depostos da Espanha; o segundo, das bibliotecas de Constantinopla, perdidas na ruína do Império do Oriente. Mas sua origem era outro lugar, muito mais antigo: os dois livros, extintos para o Ocidente, remontavam à biblioteca do museu de Alexandria, destruída, núcleo de um saber muito vasto e esquecido. Seria realmente o doge quem manipulava os fios que ligavam Florença a todos os lugares

longínquos? Mãos muito longas pareciam abarcar e explorar o mundo todo que dava para o Mediterrâneo, mas que, por meio de Portugal e passando pela costa espanhola, chegavam até o périplo da África e aos mouros retintos que viviam abaixo do imenso deserto líbio.

Finalmente, a paisagem se abriu em uma planície baixa, rodeada de campos férteis e de fazendas, na qual o Arno se distendia, desacelerando o próprio movimento e descrevendo amplas curvas e meandros, largo como um rio de verdade e não como a torrente impetuosa e traiçoeira, pelas cheias repentinas, em torno da cidade de Florença. Maquiavel estava organizando mentalmente um plano para o futuro imediato, quando Leonardo o chamou, agitado.

- Veja o canal! Aqui, a curva do Arno vira para o norte, antes de entrar na cidade de Pistoia, e aquela sombra escura alongada pelo sol poente que você vê surgir na elevação da margem, linda e reta como uma lança, é a minha, é a nossa escavação, Nicolau!

Leonardo parecia ter esquecido sua misteriosa e devastadora teoria. Agora, só tinha olhos e palavras para a grande obra projetada e já próxima do primeiro teste. Mas Nicolau mantinha a mente desperta e o pensamento voltado o tempo todo para seus perseguidores. Apesar de os terem confundido e, pelo menos, de os terem deixado muito para trás, o perigo para todos eles ainda era bastante concreto.

- Como esconderemos esse barco de olhos inimigos?

- O sol está se pondo. Nós o faremos imergir até o fundo, Nicolau. Ninguém o encontrará.

Viajaram ainda por quase uma hora, até escurecer. Depois, atracaram em um lugar protegido, comeram alimentos secos que Leonardo conservava em uma cesta e dormiram até o amanhecer.

Salai ficou acordado, vigiando a escuridão da noite.

Quando o sol se ergueu, ele foi o último a descer do barco. Fechou todas as escotilhas e buracos, lançou uma corda e a prendeu a uma ponta de rochedo que emergia da margem. Depois, girou uma manivela. Primeiro, ouviu-se um sopro; depois, um ronco prolongado, e o carro anfíbio de Leonardo desapareceu lentamente sob a superfície da água,

pousando no fundo lodoso. Maquiavel desejou revê-lo logo, mas não acreditava muito nisso, e uma olhada lhe bastou para entender que até mesmo o artífice de tamanha maravilha seguia a operação com viva ânsia. Quando cessou o último ronco, Leonardo mostrou o caminho entre os campos planos, que levava direto ao dique do fosso.

- Ainda estamos longe do acampamento, mas temos de ir a pé. Não há outro modo.

A outra parede de terra era muito semelhante às muralhas de uma cidade infernal, e veio outra vez à mente de Maquiavel a cidade descrita por Dante como uma Florença dos inferos, habitada pelo mal. Na realidade, a obra gigantesca, que exigira tantos meses de trabalho e a morte de centenas de operários, por cansaço, pelas inevitáveis desgraças e pelos ataques traiçoeiros dos agentes de Pisa, pareceu-lhe um monumento à loucura de Leonardo, à dele mesmo e à loucura coletiva da senhoria de Florença e do mundo inteiro.

- Podemos roubar cavalos.

Viram um estábulo, não muito distante do caminho. Nicolau pediu à mulher negra que o seguisse, enquanto Leonardo e Ginevra ficariam esperando sob o sol, que começava a esquentar a terra seca. Chegaram a um recinto, além do qual havia um modesto terreiro e uma construção, metade de alvenaria e metade de madeira. Uma mulher estava inclinada no meio do espaço de tijolos vermelhos e dava milho às galinhas. Ao vê-los chegar, levantou-se num pulo, deixando cair o saco de grãos. O espetáculo de um homem vestido de modo elegante, acompanhado de uma mulher negra como madeira queimada e imponente como uma rainha, envolta em um manto chamativo, de cores nunca vistas, devia dar-lhe a sensação de estar vendo uma obra do demônio. Acima dela, no estábulo, uma janela se abriu e apareceu de relance o rosto de um homem.

Poucos minutos depois, Nicolau e a mulher negra voltaram ao caminho com duas velhas cavalgadas, recebidos com espanto por Leonardo e Ginevra.

- Vamos, antes que mudem de ideia. Prometidhes, em nome da senhoria, que devolveria essas bestas até o sol se pôr. Cada cavalo deverá levar dois de nós, sem falar de Salai. Assim, iremos mais rápido.

Os cavalos avançavam por um caminho que logo se transformou em uma incômoda trilha entre os campos. Encontraram outro estábulo e viram à distância um camponês tirando água do poço com uma simples vara, com duas latas nas extremidades; ele derramava a água na rede de calhas para irrigar o campo. Leonardo o mostrou a Nicolau e a Ginevra.

- É assim desde sempre. Cenas como essa podiam ser vistas no Egito, ainda antes dos faraós, milênios antes do advento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, a partir da observação dessas máquinas simples, exatamente às margens do Nilo, Heron elaborou parte de sua admirável doutrina hidráulica, com o objetivo de construir bombas capazes de levar a água a alturas inimagináveis.

Além do barulho ritmado produzido pelo camponês, não ouviam quase nenhum outro rumor, apesar de já estarem próximos da grande barragem. Ouviam apenas o silvo do vento entre os salgueiros e o latido longínquo de cães. Mas depois, inesperadamente, como se uma mão invisível tivesse escancarado a saída de uma oficina dinâmica, foram atingidos pelo barulho de batidas de picaretas, pelos gritos dos mestres de obras, pelo chiado da grande escavadeira de Leonardo e, quando finalmente chegaram às barracas onde tinham dormido com Durante dez dias antes, foram surpreendidos por um estrépito e confundidos pela grande agitação que reinava na vila dos operários. De início, parecia que ninguém se dera conta de sua chegada: os mestres de obras berravam ordens para os operários, que, uma vez recebidas as instruções, saíam correndo para os locais aos quais eram mandados. Apenas quando se aproximaram da cabana de Michele Almieri, no centro da pequena praça, um dos mestres mais idosos parou de repente, ao reconhecer Leonardo. Por pouco não caiu de joelhos, como diante da aparição de um santo, e sua voz manifestava grande comoção.

- Mestre! O senhor, finalmente! Foi a Providência que o enviou!

O ancião, com os sapatos e os calções ensopados de lama, abraçou-lhe as pernas, a ponto de quase derrubado do cavalo. Enquanto o convidava a seguido, parecia chorar.

- Mestre Almieri não está e não podíamos mais esperar. A parede de contato do canal com o Arno poderia ceder sozinha, a qualquer momento!

Leonardo pegou o velho mestre de obras pelo braço:

- Vocês prepararam as estacas, como projetei?

- Sim, mestre! Mas não sabíamos em que ordem devíamos batê-las...

- Onde, diabos, se meteu mestre Almieri?

- Ninguém sabe dele desde a noite passada. O jovem Lapo foi morto pelos homens de Pisa seis dias atrás, e os outros mestres de obras estão tentando se virar sem ele.

- Talvez tenhamos chegado a tempo de evitar uma catástrofe. Logo, logo, veremos isso, mestre. Dê-nos só um tempinho para podermos encaminhar assuntos urgentes...

- Nada pode ser mais importante que a iminente ruína desta obra! - berrou um mestre mais jovem, acabando de chegar a cavalo. - Venha conosco, mestre! O cavalo em que está montada aquela senhora não conseguirá subir a barragem. Precisamos do senhor imediatamente, e damos graças a Deus que tenha vindo.

Leonardo desmontou a cavalgada, e a mulher negra segurou prontamente as rédeas.

- Está certo. Dêem-me um cavalo e levem para mim os instrumentos, se eles ainda estiverem em meu velho alojamento.

Enquanto Leonardo era praticamente raptado pelos seus e se afastava rumo à trilha estreita que subia em curvas fechadas para o ponto mais alto da barreira do fosso, em torno dos outros três cavaleiros reunira-se uma pequena multidão, e logo Nicolau também foi reconhecido. Mas a atenção era toda para a mulher negra - a cavalo, envolvida em seu manto multicolor, parecia realmente uma princesa guerreira muito antiga, de uma civilização matriarcal perdida.

Nicolau desmontou seu cavalo exausto, imitado por Ginevra.

- Ninguém viu para onde mestre Michele foi?

- Não, senhor. A barraca dele já estava vazia desde cedo, mas ele pegou o cavalo e, durante a noite, queimou muitos de seus pertences.

- Leve-me ao alojamento dele para eu mesmo avaliar, mestre.

Levaram-no à barraca de Almieri. Parecia que assaltantes a tinham esvaziado às pressas e com raiva. Os poucos móveis estavam revirados; a lâmpada, as louças e os outros objetos estavam por terra, aos pedaços. O velho mestre indicou um grande monte de cinzas, ainda fumegante, em um círculo de pedras ali fora da barraca.

- Alguns homens o viram na calada da noite, tirando livros e papéis para queimá-los completamente, sem deixar vestígios.

Nicolau se ajoelhou e, com um ramo, remexeu as cinzas. Ainda restavam um pequeno pedaço de papel sem se queimar e partes de lombadas de livros, mas não era possível entender do que tratavam. Com certeza, Almieri preocupara-se em apagar qualquer evidência que pudesse ligá-lo a seus senhores. Examinou cuidadosamente a barraca, na expectativa de que mestre Michele tivesse esquecido algo, mas não encontrou nada que servisse para esclarecer sua verdadeira identidade. A única coisa certa era que, ao saber que tinham escapado, estava bem preparado para recebê-los. Mas onde? E estaria sozinho ou com outros traidores armados, como era mais provável?

O vozerio e a agitação dos homens aumentavam. Até mesmo Genevra e a misteriosa mulher negra demonstravam inquietação. O mestre de obras que os acompanhava afastou-se um pouco e, quando voltou, pareceria aterrorizado.

- Precisamos ir embora daqui, senhor! A ruptura está para ocorrer, e não sabemos o que pode acontecer nas partes baixas, quando a massa de água se derramar aqui dentro.

Nicolau concordou gravemente. O homem tomou os dois cavalos e os amarrou às argolas de ferro da barraca.

- Venham conosco, o tempo está se esgotando.

Embarcaram em uma simples carroça descoberta, puxada por dois cavalos, e o veículo partiu em uma nuvem de poeira branca, percorrendo

a estrada que subia para o topo da escavação.

Atingido o cume, a carroça estacionou e a atenção de todos foi capturada por um espetáculo que incutia admiração e temor. Como lhes explicara Leonardo, o canal ia na tangente de uma curva do Arno, antes que o rio virasse seu curso pela última vez para o norte, para entrar na cidade de Pisa. Entre a barreira do canal e o leito do Arno restara apenas um diafragma não muito mais largo, na média, que dez braças apenas, o suficiente para segurar a formidável vazão da água que corria com força no leito do rio. Viram o grupo de mestres mais idosos, em pé no ponto mais alto. Assim que os viu, Leonardo fez sinal para se aproximarem. Nicolau ouviu, acima de um fragor ininterrupto, o mestre mais antigo, que explicava, orgulhoso, com quanto escrupulo e cuidado tinham aplicado o sistema capaz de deixar cair aquele diafragma, agora tão precário: os operários abriram uma passagem de vinte braças de largura, através da qual - e essa era a causa daquele barulho que tinham ouvido até nas barracas - uma água barrenta já jorrava no canal adjacente. Na parte mais alta da escavação, havia uma fila contínua de escavadores, entremeados com arqueiros e arcabuzeiros voltados para o lado da cidade de Pisa, prontos para defender a operação de um temido ataque inimigo. Nos dois flancos do corte, através do qual a água lamacenta irrompia - e que, pela própria força do jorro, tendia a se espriar à vista de todos -, foram fundamente fixadas enormes estacas de madeira. A intervalos regulares, os homens as golpeavam violentamente, para que fossem se encaixando de modo gradual no terreno. O barulho era equivalente ao de tambores de guerra.

Longe de compartilhar a satisfação de seus ajudantes, Leonardo parecia bastante preocupado. Era como se tudo o que visse estivesse errado, contrariamente a suas indicações. E isso o levava a recear consequências, no mínimo trágicas. Tudo isso apesar da aparência organizada, mesmo em frenesi, daquele absurdo trabalho e da operosidade dos mestres de obras e de todos os homens. Pediu que lhe trouxessem às pressas papel e lápis e, usando seus misteriosos instrumentos de bronze e de prata, preencheu páginas inteiras de

desenhos e cálculos, observando muitas vezes o céu e a terra e mandando continuamente os rapazes mais ágeis medirem as margens, a distância entre as grandes estacas, a profundidade na qual os operários tinham conseguido plantadas no ventre da terra. Por fim, levantou a cabeça dos mapas.

- Temos risco de queda! - berrou para o mestre de obras mais próximo, superando com dificuldade o barulho. - Da barreira toda e não apenas da parte que vocês previram. Temos de apressar a inserção das estacas!

O homem ao lado abriu os braços.

- Todos os homens estão trabalhando nisso e não podem ir mais rápido!

Então Leonardo voltou o olhar para a parte baixa e apontou para sua maravilhosa máquina, cujas partes metálicas resplandeciam à luz do sol já alto.

- Tragam para cima a escavadeira! Talvez haja tempo de modificá-la!

Obedecendo às ordens do mestre de obras mais antigo, todos os homens disponíveis desceram correndo do dique. À medida que alguns empurravam o colosso, outros o puxavam com longas cordas de cânhamo, ajudando as juntas de boi a arrastá-lo para cima pela trilha íngreme. Por fim, a escavadeira estava para se desmantelar. Leonardo levou consigo dois jovens mais ágeis e fortes e, em meio da admiração geral, escalou a estrutura que ele mesmo criara, entre ferros e madeira. Parecia um homem de 30 anos, enquanto, com força quase sobre-humana, desmontava algumas partes e as remontava no sentido inverso. O pensamento de Nicolau fugiu inevitavelmente para as palavras de Valentino, quando ele se perguntava se Leonardo não poderia ser o diabo em pessoa, em uma de suas encarnações.

A escavadeira, transformada em uma espécie de imenso martelo, foi levada até a primeira das grandes estacas, e os homens a manobraram, seguindo as indicações de Leonardo, de modo que a pá metálica golpeasse a madeira com a maior força possível. A iniciativa teve sucesso, e a estaca entrou na terra de um só golpe, com um barulho sinistro. O mesmo foi

feito com as demais estacas. Tudo parecia estar indo muito bem, e o mestre idoso, ao lado de Leonardo, aprovava tudo com amplos movimentos de cabeça. Dos lados da primeira ruptura, grandes camadas de terreno cederam de repente, e o jato de água transformara-se em uma cascata de potência nunca vista. O fragor foi tão intenso que cobriu os gritos de júbilo de mestres, operários e soldados, e o assovio agudo de Salai foi único som quase humano a sobrepujá-lo.

Nicolau acompanhava fascinado aquele espetáculo incrível, ao mesmo tempo em que mantinha um olho em Leonardo. E foi exatamente ele, ao mudar subitamente a expressão do rosto, de ira para terror puro, que levou Nicolau a entender que algo estava errado. Seguiu a direção para a qual o indicador de Leonardo apontava e se deu conta de que, a partir dos pontos em que tinham sido fixadas as gigantescas estacas de madeira, estava se abrindo uma monstruosa rachadura, tão larga que dava para passar um braço, ao mesmo tempo em que uma vibração do terreno, semelhante à de um terremoto, começara a abalar todo o dique.

A fuga dos operários e dos soldados foi veloz, mas inútil. Das fissuras, soltaram-se imensos torrões de terra, e nas rachaduras que se formaram, o Arno, com sua força devastadora, rebentou em mil fontes incontroláveis, não só em toda a extensão do diafragma que separava o canal do leito do rio, mas também muito além. Poucos homens conseguiram correr para o alto da colina. Os demais pereceram miseravelmente no baque mais impressionante a que Nicolau e Leonardo já tinham assistido. O diafragma, de fato, desabou com um estrondo semelhante ao de um grande lenho se despedaçando, seguido de um cavernoso e demorado bramido. No vão do canal se derramou um muro de água que fez pensar na abertura do Mar Vermelho narrada no livro do Êxodo, contudo, com uma onda destruidora digna do Apocalipse de São João.

Depois da ruptura do dique, o Arno pareceu aceitar o novo curso que os homens lhe impunham, e suas águas carregadas de lodo correram no leito artificial, subindo rapidamente de nível. Mas ninguém teve vontade nem fôlego para exultar. Aliás, a ideia de que a obra tivesse sido

bem-sucedida, mesmo apesar de todos aqueles mortos, durou muito pouco. De fato, estava muito claro que o canal não tinha dimensões suficientes, e isso era responsabilidade do erro de cálculo dos mestres de obras, mas, sobretudo, de uma avaliação inicial equivocada do próprio Leonardo. A força da corrente, talvez pela pouca caída do leito artificial, não exibiu o comportamento previsto: a água batia nas paredes da escavação com violência, danificando em vários pontos os diques de terra não suficientemente batida, e se espalhava pelos campos, que naquela área eram planos e muito baixos, já ensopados pela água das chuvas. A onda se expandiu incontrolável, destruindo as colheitas, enquanto animais e homens se afogaram em um grande raio.

Por outro lado, em seu antigo leito, o Arno parecia ter-se dado conta da violência que os homens tinham tentado, inutilmente, perpetrar contra ele. Pelo que se podia ver, subira quase nada de nível. Corria tranquilo rumo a Pisa, como sempre correra, desde o tempo da Criação. Uma onda de desconforto percorreu todos aqueles que assistiam ao desastre.

Desceram de carroça para a pequena aldeia de barracas, que por tanto tempo hospedara os mestres e os escavadores, mas depararam com uma espécie de pântano que impedia as rodas de avançar. A água lodosa invadira as barracas, arruinando os mapas, os depósitos e os utensílios acumulados. Os sobreviventes rondavam como espectros dolorosos, como pobres almas do Purgatório, sem um propósito, sem uma pena para cumprir. O mestre idoso e os demais homens desceram da carroça para levar ajuda onde fosse possível. Nicolau, então, tomou as rédeas e guiou o veículo como pôde, procurando as áreas mais secas. Atrás dele, Ginevra e a mulher negra olhavam aquela destruição com olhos comovidos, enquanto Leonardo parecia desabitado de qualquer força, silencioso e imóvel. O secretário perguntava pelo mestre Michele Almieri a todos os que encontrava, mas ninguém sabia dizer para onde ele fora.

Finalmente, conseguiram chegar a uma estrada um pouco mais alta que o mar de lama que parecia ter invadido toda a planície, e a carroça pôde avançar com mais velocidade. Nicolau, que poderia ter tomado a

estrada para Florença, queria, a todo custo, encontrar o intermediário que possibilitara a Leonardo tornar tangível e devastadora sua arma terrível. Mas, na estrada que corria acima do campo, cruzaram apenas com camponeses possuídos por um terror cego, soldados desorientados e operários milagrosamente poupados da ruína. Nenhum deles podia lhes dar indicações úteis.

Um vento quente e úmido, tão agitado que quase arrancava as roupas das pessoas, anunciou a última vingança do Arno violentado. Viram cavaleiros correndo loucamente em sua direção e também o céu que, na direção de Pisa, estava escuro como antes de um temporal denso de mil raios. Foi quando começou uma chuva estranha, que caía oblíqua, quase horizontal. Por fim, ouviram um ronco contínuo e de volume crescente.

Ginevra, arrancada de sua comoção, apontou para as rodas da carroça, que já estavam com um terço imerso na água. Uma força estranha parecia estar fazendo a água subir de todas as direções, como se o próprio ar a estivesse sugando para o alto. Finalmente, Leonardo se pôs em pé e apontou para algo no horizonte: uma parede cinza, que parecia avançar em grande velocidade na direção deles.

- O refluxo!

A água do Arno, que entrara com uma força inaudita no canal artificial e rompera rapidamente os diques, ensoados como areia molhada, espalhara-se pelos campos, mas o terreno encharcado não a absorvera toda. Tendo chegado ao fim de sua corrida, ela invertera a direção do fluxo. A onda agora vinha para trás, com uma força menor, refluindo para seu leito.

Nicolau fez a carroça voltar e chicoteou o cavalo com toda força. Disparando pelo lamaçal, que mais se parecia com o leito de um lago vazio, viu à sua direita aquilo que restava da vila dos operários sendo engolido por uma onda da mesma altura das barracas.

Revelações

Nicolau deixou o cavalo amedrontado galopar livremente pela estrada de Empoli, na planície, mesmo quando já fazia algum tempo que tinham deixado atrás de si o campo alagado. Na carroça, as duas mulheres seguiam abraçadas, enquanto Leonardo se mantinha encerrado em seu silêncio obstinado. Parecia desiludido e desencorajado e, sem dúvida, refletia sobre a falácia de sua ciência, que não fora suficiente para governar o movimento imprevisível daquela imensa quantidade de água. Se tivesse falado, em vez de se torturar em seu mutismo, teria dito que os alexandrinos, mil e oitocentos anos antes, haviam recortado o istmo de terra que ligava o mar da Grécia ao Golfo da Arábia, e que ele procurara, inutilmente, interpretar seus cálculos matemáticos, recolhidos em manuscritos que escondia da vista de todos. Mas se tivesse aberto a boca para conversar com Nicolau durante aquela corrida desenfreada pelo campo entre Pisa e Florença, a bordo de uma carroça que arrebatava as costas deles à cada buraco no terreno, certamente seu amigo secretário da República não teria tido condições de entender aquilo sobre o que ele falava.

Aquela corrida desenfreada foi interrompida pelo esgotamento do cavalo. Estavam no meio do nada, sem habitações à vista, em um mar de vegetação, além do qual, no rumo norte, tudo o que se conseguia ver era o perfil do monte de Pisa e, antes dele, o plácido e inconsciente escorrer do Arno, indiferente à destruição provocada pouco antes no vale. Tinham sede, e Nicolau pensou em deixar os demais sozinhos e ir até o rio para encher os odres de couro. Mas quando estava para descer do carro, notou uma nuvem branca de poeira vindo do mesmo lado de onde eles vieram. Eram certamente cavalos a galope, e seu primeiro pensamento foi que podia se tratar de outros fugitivos da tremenda cheia. Esperou um pouco, tentando distinguir os cavaleiros. Quando se aproximaram mais, viu que eram cinco. Estavam ainda a meia-milha de distância, e dois deles deixaram a estrada de terra batida e prosseguiram pelos campos, fazendo um longo giro. Instintivamente, Nicolau procurou a espada e sacudiu Ginevra, que estava dormindo.

- Fique atenta e tenha a arma a seu alcance. Gente se aproxima.

A mulher olhou as figuras dos cavaleiros, ainda minúsculas no horizonte. Em poucos minutos estariam ali.

- Por quê? Certamente são uns desgraçados, como nós, surpreendidos por aquele inferno de água, que escaparam por bondade divina.

- Deve ser isso mesmo, mas não me agrada o movimento que fizeram. Parece que querem nos surpreender pelos dois lados.

Mostrou à mulher os dois outros pequenos pontos, que estavam para desaparecer atrás de uma longínqua fileira de salgueiro, ao lado da estrada. Ginevra balançou a cabeça.

- Minha lâmina está sempre pronta, Nicolau, mas você virou um furão medroso.

Nicolau deu seu punhal a Leonardo, que era um homem alto e forte, hábil com as armas, mesmo que nunca as usasse e não tivesse as artimanhas dos soldados. Nicolau esperava que sua grande mente, de algum modo, suprisse sua inexperiência. Posicionou-se com Ginevra no meio da estrada, diante da carroça, com as armas em punho, enquanto Leonardo e a mulher ficaram sentados na parte de trás. Eles cobriam a cabeça com um manto, por causa do sol que já estava batendo forte, mas tentavam, sobretudo, não se fazer notar.

Os três cavaleiros finalmente chegaram onde eles estavam e se detiveram. Não pareciam escavadores; talvez fossem mestres de obras, mesmo que não tivessem uma aparência muito ágil e belicosa. Seus mantos escuros estavam quase brancos de poeira. Nicolau olhou para Leonardo, que fez um sinal imperceptível de que não os conhecia. Montavam cavalos ensopados de suor e que espumavam pela boca.

- Vocês têm água, por caridade?

A voz era estranha, e o tom, cantado.

- O Arno é aqui ao lado. Estávamos justamente para encher os odres nele.

- Maldito rio, malditos Leonardo Da Vinci e seu comparsa, Nicolau Maquiavel, que causaram toda essa ruína! Vocês os viram passar? Ou será que morreram, queira Deus! Na assustadora tempestade?

- Acho que pereceram. E vocês, quem são?

- Vítimas dessa inundação, e não as únicas, ao que parece.

O homem se virou para Ginevra:

- Você tem a graça e a beleza de uma dama, mas se veste como um homem e mantém a mão no cabo de sua espada. Quem é você? De que tem medo?

- Quem sou eu não lhe interessa, e não tenho medo de ninguém. O homem riu e foi imitado pelos que estavam com ele.

- E as duas velhas tremelicantes escondidas atrás da carroça? Qual o nome delas?

- Isso também não é de seu interesse.

- Não seja descortês, senhora, é o que lhe peço. Nós também temos armas a nossa disposição, está vendo?

Desembainharam as espadas e fizeram uma elaborada saudação com as lâminas, à moda oriental. Olhando-os melhor, Nicolau percebeu que seus rostos morenos tinham algo de exótico. Podiam ser espanhóis, mas não devia haver espanhóis por aqueles lados. Mas, enquanto os analisava, também prestava atenção à movimentação às suas costas, que lhe sugeriam a aproximação dos outros dois cavaleiros. Pensou que não havia mais como escapar. Eles eram dois, no máximo três, contando com Leonardo, contra cinco homens que eram, ao que tudo indicava, soldados profissionais. Com um gesto eloquente, ordenou a Ginevra que fosse para trás da carroça, para proteger a mulher negra e dizer a Leonardo que se preparasse para uma batalha desigual. Naquele momento, os três homens, cuja fisionomia começou a lhe parecer semelhante à dos mouros infiéis, juntaram-se em torno dele, apontando-lhe as espadas.

- Baixe essa arma, senhor, e deixe-nos dar uma olhada nas duas velhas cobertas com mantos lá atrás.

Nicolau subiu na carroça, para ficar na mesma altura, e também apontou a espada.

- O que querem de nós? Vocês vieram a mando de quem?

Não houve resposta. Mesmo que os três cavaleiros quisessem replicar, foram impedidos pelo grito inesperado de Ginevra, que vira os

dois outros soldados chegarem por trás dela. Leonardo, ainda acorrido, cobriu rapidamente o rosto com o capuz e baixou a cabeça. Já a mulher negra se pôs em pé, altiva e bela, e fitou sem medo os dois recém-chegados. Nicolau, ocupado em deter os outros com sua espada, reconheceu a voz de um dos cavaleiros e estremeceu.

- Finalmente os encontro, meus senhores. Os senhores são muito hábeis para fugir como esquilos por meia Toscana...

Maquiavel virou a cabeça e viu um homem de 30 anos, de aspecto robusto, mas já grisalho: era Michele Almieri, o chefe dos mestres da escavação do Arno, vestido com uniforme de soldado e com a espada em punho. O outro soldado tinha um rosto alongado e moreno, parecido com o daqueles três que o mantinham em xeque-mate. Almieri ignorou a mulher negra, embora ela também lhe parecesse maravilhosa, e aproximou-se de Leonardo, que estava encolhido debaixo do manto.

- Tire esse pano da cabeça! De quem se esconde? Você é uma velha tão feia assim? Ou teve varíola? Pior: é leprosa?

Com um golpe rápido da espada, levantou o capuz, revelando os cabelos brancos e o rosto inconfundível de Leonardo, que finalmente se levantou. Mantinha a mão no cabo do punhal, escondido em um bolso.

- O que vai fazer? Matar-me?

- Você adivinhou! Sim. Vou matá-lo, meu mestre. Não por ódio, creia-me, mas apenas porque é isso o que meus patrões decidiram.

A mão de Leonardo tremeu um pouco, mas sua voz manteve-se firme.

- Cumpri integralmente nosso acordo. Já escrevi o códice, e se os livros de Herófilo e de Erasítrato não chegaram até mim, isso não foi negligência de minha parte, mas culpa de seus inimigos, que mataram Durante e Del Sarto... Mesmo assim, posso dispensar aqueles escritos perdidos. Mantenho os ossos bem escondidos em meu refúgio secreto. Diga aos venezianos que ainda temos tempo...

Almieri sorriu e balançou levemente a cabeça.

- Os venezianos... E você acreditou mesmo que era o doge quem lhe pagava?

- Era lógico que assim fosse...

- Acho que o senhor Nicolau, muito mais acostumado com a política do que você, tem outra opinião, não é verdade?

Olhou sorrindo para Maquiavel, que mantinha os olhos baixos, dando a impressão de estar vencido. Mas o secretário falou, com voz pesarosa.

- Não era Veneza, mestre, que o financiava... Mas você não é tão cego como Almieri afirma.

Leonardo concordava gravemente, como quem aprovava aquelas palavras, mas sempre em silêncio. Nicolau, então, mudou de tom, agarrou-o pelo braço e o sacudiu com força.

- Só você conhecia o segredo de sua arma infernal. E não o quis revelar a mim porque em seu íntimo já sabia que tipo de destruição o mundo padeceria e bem imaginava a quem realmente interessava que isso acontecesse. Você logo se deu conta de que não era São Marcos quem lhe fornecia os macacos, os mouros e o dinheiro. Estou mentindo? Responda!

Leonardo olhou para ele com grande tristeza:

- Você acha que entendeu a natureza da arma, Nicolau, mas ainda está muito longe da verdade. E não lhe revelarei o segredo, nem mesmo agora, porque até você, com a fama de frio calculista e de político desalmado, ficaria profundamente perturbado. É uma arma cuja luz irradiante, mais forte que o sol, só pode ser dirigida por aqueles que entenderam os princípios sobre os quais se fundam o mundo e a natureza. - Leonardo hesitou um pouco, talvez para resistir à tentação de se abrir com o amigo, agora que estava a ponto de ser morto. Mas, no fim, balançou a cabeça: - Você não pode nem ao menos conceber essa verdade, Nicolau. Mas em um ponto, você tem razão: há alguém com muito mais interesse que os venezianos em que o mundo tenha acesso àquilo que guardo. Alguém que quer a ruína da cristandade. Golpeando o papa, acha que poderá atingir todo o Ocidente e, assim, terá facilidade para conquistá-lo. Você disse a verdade, Nicolau; esse pensamento já me

ocorrera, mas lutei interiormente contra aquilo que a consciência me sugeria...

- Você só se interessa por sua sede de saber, Leonardo.

- Não, isso não é verdade. Assim como você, também desejaria o bem de nossa Pátria, a liberdade e a justiça, mas os tempos ainda não estão maduros. Por enquanto, acredito apenas na superioridade da ciência sobre qualquer outra coisa, mas a serviço do Homem, não da divindade.

- E logo você, que deu de presente sua arma terrível ao sultão, vem me dizer isso?

Leonardo não respondeu. Virou-se para Almieri, que continuava apontando a espada para seu peito.

- Agora, diga-me: por que tem de me matar?

Michele Almieri desmontou e aproximou-se de Leonardo com uma atitude amigável. Não guardou a espada, mas a manteve com a ponta da lâmina voltada para o chão, como sinal de respeito. Em seu íntimo, talvez tivesse voltado a ser o antigo discípulo diante de seu mestre incomparável.

- Porque nada é como lhe parece, Leonardo. Você conhece os segredos mais íntimos da natureza e da arte, sabe interpretar os textos dos antigos, mas não conhece os homens. Nisso Maquiavel é muito mais genial do que você. É verdade que realizou seu trabalho da melhor maneira. Trabalhou tão bem que, quando ambos percebemos algo atravancando os desígnios de meus patronos, não soube nem quis parar. Em vão, tentei avisá-lo, quando aqueles estúpidos de Pisa lançaram os corpos dos macacos e dos mouros em sua escavação, com aquele cartaz que exprimia apenas sua crassa ignorância...

- Eu não tinha mais tempo, mestre Michele; por causa da umidade terrível da escavação, os corpos se desfaziam, e eu precisava concluir minhas experiências o mais rapidamente...

- Durante toda aquela maldita noite, você cortou e remontou aqueles cadáveres, e, logo antes do amanhecer, partiu no maior segredo, levando consigo seus homens e aquele imundo Salai...

- Precisava entender o que realmente acontecera em Livorno e conferir, no interesse de todos, se Del Sarto estava com o livro de Erasítrato.

Michele Almieri voltou a erguer a ponta da espada e deu um passo na direção de Leonardo.

- Nunca lhe ocorreu a ideia, meu mestre, de que tivesse acontecido uma grave mudança? Será que você pensou que o navio dos portugueses tivesse encalhado por um dano qualquer e que os macacos tivessem tugdido com suas próprias habilidades? Não chegou nem mesmo a pensar na intervenção de sicários de um poder formidável?

- Claro que pensei que tivesse acontecido o que está dizendo, em especial depois de ter visto Del Sarto balançando daquela viga e a mensagem que deixou! Entendi que uma potência superior àquela que você obedecia queria impedir o aperfeiçoamento da idéia, e que esse inimigo só podia ser o papa...

Almieri riu, mas com uma alegria amarga.

- Gênio e estúpido ao mesmo tempo! Mas parece que homens como você são sempre assim... O papa, você diz? Certo, ele era e é o inimigo dos meus patronos. Sabe, meu mestre, quando eles me incumbiram da missão de levá-lo para o nosso lado, confiavam em mim, porque toda a minha família pereceu em Córdoba, na chegada dos reis católicos, sob os ferros da Santa Inquisição. Tínhamos cometido o erro de nos tornar amigos dos árabes. Se não nos tivessem tocado, eu certamente teria voltado a abraçar a verdadeira fé, mas foram estúpidos a ponto de queimar minha casa, bem como meu pai e minha mãe... Pensavam que você, mestre, não cairia na fábula dos venezianos, mas eu estava seguro do contrário, porque você estava tão apaixonado por sua descoberta que não tinha olhos para mais nada.

Leonardo parecia incrédulo.

- Então o inimigo da arma não é o papa?

- Claro que ele não a ama, talvez tenha medo, se é que conhece sua verdadeira natureza. Mas não estão a mando dele os sicários que atacaram em Livorno e mataram Durante Rucellai...

- A quem obedeciam, então?

- Aos meus próprios patronos, Leonardo, que são os mesmos seus.

Parecia que as palavras de mestre Michele se perdiam no ar branco e denso de poeira, debaixo de um sol que, naquele momento, parecia ter enxugado toda a planície. Ninguém teve ânimo para responder.

- Sim, Leonardo. Foram os meus patronos. Os agentes do sultão abordaram o navio português e, pouco antes de ele aportar em Livorno, mataram o capitão e os homens da tripulação, assim como os mouros. Seguiram o passageiro que levava consigo um de seus livros, enquanto os macacos enfurecidos, soltos das jaulas, invadiram as ruas da cidade. O português conseguiu entregar o livro a Filippo Del Sarto, mas foi pego e assassinado quando voltava. Tão logo foi possível, meus patronos me informaram que mudaram de posição e me passaram as novas ordens.

Leonardo arregalava os olhos.

- Por quê? Por que, primeiro, comprar os macacos a peso de ouro para, depois, fazê-los perecer, por que...

Nicolau o interrompeu, dirigindo-se a Almieri:

- As novas ordens de seus patronos chegaram antes que eu alcançasse a escavação do Arno, informado pelos soldados, com Ginevra e Durante?

Mestre Michele fez sinal positivo.

- Recebi as instruções exatas justamente naquele momento, e com sua presença eu estava impedido de partir de imediato...

- Com certeza, você sabia que Durante levava consigo o códice de Herófilo e que devia entregá-lo a Leonardo.

- Isso é o que fora combinado.

- Então, você arrancou o códice do livro de orações de Durante!

- Não sei de livro de orações nenhum. O que fiz foi tentar matar Durante naquela noite, enquanto ele metia o nariz no fosso onde Leonardo encontrara os ossos extraordinários. Mas ele, muito hábil, escapou e não tive tempo nem maneira de fuçar em seus papéis. Sabia que ele empenharia todos os meios para encontrar Leonardo, e foi isso o que aconteceu. Quando chegou ao refúgio de Maremma, eu o matei e

tomei o Herófilo que levava consigo. Assim que Nicolau e seus acompanhantes partiram para Livorno - disse Almieri, voltando a falar com seu antigo mestre -, eu o procurei em todos os lugares, até junto àquele inescrupuloso Valentino, que lhe fornecia os ossos e os corpos. Encontrei-me com ele para lhe dar as novas ordens depois que você o deixara, mas não pude fazer mais nada. Aquele duque maluco desobedeceu às minhas instruções e não matou Nicolau... A essa altura, deve estar em Nápoles, onde será preso por seus próprios parentes, na ilusão de ganhar vida e liberdade. Então, fui procurá-lo em Florença, onde você deveria estar preparando os esboços para a *Batalha de Anghiari*, mas você estava muito bem escondido...

- Então, você não conseguiu achar o refúgio de Leonardo? - disse Nicolau, impressionado com aquelas últimas palavras.

- Não, mas vocês tiveram a delicadeza de vir cair espontaneamente em meus braços, como estão vendo.

Leonardo parecia não se conformar.

- Que proveito você obtém com a minha morte?

- Ainda não entendeu, gênio menino? Você morrerá porque é assim que tem de ser, porque meus patronos mudaram de opinião e resolveram deixar definitivamente para lá esse assunto de arma. Sua descoberta tem de morrer com você...

- Que reviravolta é essa? Como é possível? Nada torna...

Nicolau refletira com toda a atenção sobre as palavras de Almieri. O mestre de obras não conhecia o refúgio de Leonardo sob Santa Felicita, logo, não estava agindo em conluio com Violante. Durante o tempo todo escrutara freneticamente o horizonte com um arrepio de medo e de esperança e vira chegarem os soldados que estavam em seu encalço desde a Praça dos Piores. Vinham das bandas de Empoli. Nicolau conseguiu até contá-los: eram dez. Rapidamente se dispersaram pelo campo e agora estavam fechando o cerco. Os quatro mouros também se deram conta disso e pareciam nervosos, mas Almieri não pareceu se importar, porque estava encantado em falar com seu antigo mestre, como se, antes de matá-lo, quisesse dar-lhe todas as explicações possíveis.

Quando os perseguidores os alcançaram, era muito tarde para fugir, e Mestre Michele ordenou a seus homens que matassem Leonardo.

- Matem-no! - mas Leonardo soube se defender: pegou a espada que Ginevra lhe jogou e resistiu até Nicolau poder socorrê-lo.

Era uma luta estranha. Os recém-chegados pareciam estar defendendo, sobretudo, Nicolau e seus homens de Almieri e dos cavaleiros infiéis. Se também quisessem sua morte, pensou Maquiavel, certamente não teriam se dado o trabalho de intervir. Mas, em vez de ficarem quietos, combatiam com grande ímpeto e pressa, berrando como obsessos, como se quisessem sobrepujar de qualquer jeito os gritos de seus inimigos. Os mouros também se batiam como diabos contra os recém-chegados, mesmo estando em número muito inferior. Por fim, ao encontrar o olhar de Violante, Nicolau entendeu que sua vida, ao menos por enquanto, estava salva. Mas aquele alívio foi diminuído pela amargura de ter se equivocado tanto, tentando ser sempre mais esperto que seus inimigos, verdadeiros ou imaginários, com isso deixando escapar a verdade profunda das coisas.

O chefe dos soldados era corcunda; estava envolvido em seu manto negro, mas lutava com a espada, cortando e furando, como um verdadeiro demônio.

- Bem-vindo, Violante!

- É meu dever protegê-lo, secretário! Mesmo que o senhor não queira...

A batalha foi breve, e os corpos dos soldados que acompanhavam Almieri jaziam na poeira. Só ele continuava vivo. Estava ferido na coxa, prostrado, e Violante o mantinha na mira da ponta de sua espada. Nicolau guardara a arma e ia para junto deles, quando Ginevra o deteve, agarrando-o por um braço. Só teve tempo de ouvir Michele Almieri berrando, com todo o fôlego que lhe sobrara:

- Essa é uma aliança bem esquisita, Leonardo...

Mas, naquele instante, Violante lhe enfiou a lâmina na garganta. Ele soltou um horrendo grunhido e, por fim, revirando os olhos, finou-se.

Algumas Conclusões

O Salão dos Quinhentos, no Palácio dos Piores, ainda estava em construção. Savonarola mandara construí-lo, e a senhoria o transformara em símbolo da recuperação da independência da República. Por isso, ele devia ser decorado com as imagens da glória passada e atual de Florença. O gonfaloneiro Pier Soderini aproximou-se de Leonardo, que examinava perplexo a grande parede branca, marcada apenas por alguns desenhos geométricos feitos com carvão.

- Então o senhor resolveu começar a pintura, mestre?

- Tenho novas ideias, que me possibilitarão fazer minha *Batalha* como uma pintura a óleo, sem que a pressa de concluir a "jornada", no afresco, impeça a mente de pensar e de mudar de registro, se ele realmente não tiver sido iniciado. O afresco é impiedoso e tosco.

- O afresco vem sendo usado há séculos, e espero que sua técnica, por mais inédita que seja, resista aos malefícios do tempo, de modo que, por incontáveis gerações, os filhos da República possam admirar o produto de seu gênio.

- As futuras gerações o verão, senhor Soderini, pertençam elas ou não à nossa senhoria...

O gonfaloneiro fingiu não haver entendido.

- Então, fale-me de sua arma secreta, Leonardo. Nicolau contou-me as coisas de maneira pouco clara. Espero ouvir de você mais esclarecimentos. No entanto, alegre-me que o espião dos venezianos, a cobra criada dentro do fosso do Arno, tenha sido executado no campo de batalha. O assassino de Durante não podia ficar impune.

- Foi isso o que lhe disseram, gonfaloneiro?

Soderini fez que sim.

- Nicolau e seu homem de confiança, Violante, contaram-me que um mestre de obras do fosso do Arno vendia aos venezianos, às suas costas, o fruto de suas pesquisas. Durante veio a saber disso, razão pela qual foi morto. Foi isso mesmo o que ocorreu, senhor Leonardo?

- Em alguns aspectos, essa afirmação corresponde à verdade.

- Isso me alegra. O pai de Durante certamente será confortado por isso. Mas peço-lhe que me conte mais da arma secreta tão falada atualmente, mas que ninguém sabe exatamente do que se trata.

- Por enquanto, senhor, aceite minha palavra de que não se trata de uma arma que dispara dardos ou derruba fortalezas... Ela, tampouco, é feita de uma matéria que se possa tocar. Nicolau poderá lhe confirmar que foi isso o que eu mesmo contei a ele e que assim é.

- O que eu disse a ele digo a você: de fato, não entendi nada. Se não é de ferro ou de madeira, de que diabo de arma se trata?

- Eu a chamei de arma apenas porque é uma ideia que pode provocar graves consequências...

O senhor Piero arregalou os olhos.

- Para Florença?

- Nada de mau para esta cidade em especial, não tenha medo. Pelo contrário, seus habitantes são aqueles que menos sofrerão consequências da ação dessa, impropriamente chamada, arma.

O senhor Piero abriu os braços, confuso e desconfortável.

- Por que, meus filhinhos, vocês não falam de modo claro? O que significa dizer que não se trata de uma arma, e sim de uma ideia? Quando é que ideias podem fazer algum mal?

- Muito frequentemente, gonfaloneiro. E, no futuro, farão ainda mais.

- Você está dizendo que posso pensar em uma coisa, só pensá-la, e com isso prejudicar tudo? Então, talvez, se trate de feitiçaria?

- Não! Feitiçaria não existe, nem entra aqui. Seus pensamentos, gonfaloneiro, não podem prejudicar...

- Em resumo...

- Escavando em uma grande profundidade no fosso do Arno, fiz uma descoberta. Infelizmente, como o senhor sabe, a transposição de nosso rio resultou em desgraça, agora tudo está eliminado...

- Realmente, senhor Leonardo... Será muito difícil aplacar a fúria de quem está contra esse empreendimento.

- O senhor os convencerá, pela autoridade moral de que goza e também porque foi o primeiro a defendê-la quando a idéia tomou forma...

O senhor Piero apontou-lhe o dedo, comicamente ameaçador.

- Foi você, Leonardo. Você e o senhor Nicolau me convenceram, me amoleceram com suas palavras... Mas fale-me mais de sua perigosa descoberta.

- Encontrei os sinais evidentes que revelam a raiz primeira da natureza humana. Entendo o que a humanidade é agora, depois do longo caminho fora do Paraíso Terrestre. Em certo sentido, descobri de que variedade era a maçã que Eva ofereceu a Adão...

- Trata-se, então, de algo relacionado a religião?

- De certa maneira, é uma questão para teólogos - respondeu Leonardo, concordando mais vezes com gravidade. - Portanto, não há com que se preocupar; armas que ofendem são aquelas que se carregam de pólvora, não acha? Alegro-me de ter respondido com toda a franqueza e da maneira mais completa a todas suas perplexidades, gonfaloneiro.

- Verdade, mestre?

- Sim, e fique tranquilo, pois a arma não lhe fará mal.

- Mas aquela mulher negra e aquele carro, Leonardo, me deixam muito curioso.

- Uma simples carroça de concepção nova, gonfaloneiro, construída por mim para acolher a princesa da África que chegou a Florença... É uma lástima que aquele veículo tenha sido destruído na catástrofe do canal.

- A senhoria teria tido o dever e o prazer de hospedar a embaixada de um país tão distante!

- Não se trata de embaixada, senhor Piero, mas de uma viagem pessoal de instrução. A princesa virá render-lhe homenagem amanhã.

Pier Soderini se sentia como um menino em meio a adultos que falam por enigmas e alusões obscuras. Maquiavel chegara naquele momento e Soderini se dirige ele.

- É verdade que a arma é inócua, senhor Nicolau?

- Diremos francamente que a arma não existe, senhor. Fantasias da gente de Pisa...

O gonfaloneiro, que não suportava mais aquilo, abriu os braços de novo, batendo-os várias vezes nos flancos, como um tonto.

- Então faremos o seguinte: se toda a balbúrdia em torno desse assunto vai acabar aqui, Florença só terá vantagens com isso.

- É a isso que se chama pensar como um príncipe, senhor Piero! Tudo o que fizemos, esvaziar uma terrível conspiração dos *chorões* para matá-lo, é uma coisa muito mais importante. O povo se alegrou, a República está salva e fortalecida, e novas deliberações para a ordem pública foram aprovadas sem que praticamente ninguém se desse conta disso...

- Violante disse que você me envolveu naquele manto, nas escadarias, por acreditar que, naquele momento, minha vida estivesse correndo risco.

Nicolau não respondeu prontamente, e Violante tomou a palavra.

- O secretário viu movimentos estranhos e achou que os conspiradores quisessem golpeá-lo aqui embaixo, na praça. Agiu coerentemente com o que pensava, mesmo equivocando-se, com força admirável e domínio de nervos. Espero que o senhor tenha apreciado como quatro dos meus guardas o rodearam imediatamente e o protegeram.

- Ainda estou sentindo dor no osso sacro, da pancada que levei na queda. Mas os conspiradores, os *chorões*, não estavam ali... Vocês os prenderam no domo.

- É verdade. Foram presos e mortos imediatamente. Aliás, chegaram a sacar os punhais quando nos viram chegar. Eles não sabiam que não passavam de marionetes dos *palleschi*.

- Que agora pagarão com a vida!

- Achamos melhor não fazer mais escândalo, gonfaloneiro. Se o senhor estiver de acordo, como acredito que esteja, eles serão condenados a tremer de raiva e medo em suas casas. Os espiões e os sicários que vieram de fora pagarão o preço mais alto. Falei bem, secretário?

Nicolau sorriu e inclinou-se levemente.

- Muito melhor do que eu teria dito, Violante.

Nicolau, Leonardo, Violante e as duas mulheres deixaram o Palácio dos Priores depois de uma tarde toda de colóquios com o senhor Piero e os outros supremos magistrados da República de Florença. Até Salai regressou são e salvo, como um rato de esgoto para o qual uma cheia inesperada e um mar de lama são apenas estradas mais velozes pelas quais deslizar, para voltar à superfície quando tudo se acalma. Tudo parecia estar perfeitamente em ordem para a senhoria, mas o secretário admirou-se de como essa paz entrava em contraste tão estridente com o mistério ainda denso, por causa da hesitação de Leonardo em revelar a verdadeira natureza de seu segredo devastador e com as prováveis consequências da grande intriga que tinha a Toscana como cenário. De fato, nada permitia pensar que os sicários do sultão tivessem sido todos mortos na planície de Empoli, com Almieri. Pelo contrário, era bastante provável que houvesse muitos outros em ronda. Talvez estivessem concentrados em Florença, dispostos a aproveitar a ocasião de eliminar Leonardo. Por isso, o secretário discutiu com Violante a oportunidade de escondê-lo, e o chefe da polícia secreta contou que já preparara aposentos secretos e bem protegidos no grande palácio que pertencera aos Medici. Lá também teriam hospedado Ginevra e a mulher negra, enquanto tomavam, no máximo segredo, todas as medidas para proteger sua integridade.

Leonardo não queria saber de nada disso, quando uns cinco soldados diretamente ligados a Violante vieram para levá-lo embora, assim que ele saiu do Palácio dos Priores em companhia das duas mulheres. Resistiu de modo violento ao convite que lhe fizeram para subir em um carro coberto que estava à sua espera perto da Loggia de Lanzi. Só os pedidos de Ginevra e os acenos mudos, mas convincentes, da mulher negra conseguiram convencê-lo a se conformar com aquela ordem peremptória.

Nicolau e Violante observavam a cena de longe, em pé, na escadaria do Palácio dos Priores.

- Vou para minha casa, Violante.

- Dona Marietta ficará feliz em revê-lo depois de tanto tempo.
- Ainda não pude passar uma hora inteira com meu filho...
- Então, aproveite essa oportunidade, porque teremos muita coisa para fazer nos próximos dias.
- Você pode me acompanhar até minha casa?
- Com todo o prazer, senhor Nicolau.

Deixaram a praça e avançaram a pé para Santa Maria dei Fiore. Ficaram calados durante certo tempo, passando entre as bancas que atulhavam o caminho, repletas de mercadorias de pouco valor, como frutas secas e verduras, em contraste com as sedas preciosas e as especiarias orientais das lojas, que eram mais bonitas. Violante era um homem pouco propenso às falas. Só comentava sobre assuntos sérios e evitava conversas rotineiras. Por isso Nicolau admirou-se quando ele lhe sorriu - outra coisa que raramente fazia - e lhe dirigiu a palavra.

- O senhor realmente duvidou de mim como servo da República e de minha fidelidade pessoal à sua pessoa, senhor Nicolau?

O secretário não tinha coragem de negar algo tão evidente e inclinou a cabeça, com ar melancólico.

- Fui enganado por sicários, Violante. Duas vezes caí na armadilha deles. E nas duas situações consegui escapar.

- O senhor temeu pela própria vida?

- Era possível não ter medo? Na primeira vez, realmente podiam ser *palleschi*. Já não sei dizer se realmente queriam matar-me, porque fui mais rápido que eles. Já na segunda parecia que queriam me afogar para simular um acidente. Acho que só minha capacidade de resistir segurando a respiração me permitiu escapar. Mas agora, para mim está claro que queriam que eu me salvasse... Quem lhes dava as ordens? Pensei muito, Violante. Só uma pessoa sabia de meus movimentos.

- Quem, secretário?

- Você, naturalmente. Mas, com certeza, você não provocou tudo isso para poder salvar o senhor Piero, que, de fato, não corria perigo. Que sentido havia nisso tudo, foi o que me perguntei. Então, era por outro motivo...

- O que quer dizer?

- Nunca fui seu alvo; era o senhor Leonardo que devia ser desentocado.

- O senhor acha que foi usado como isca para atrair o peixe?

- Essa é uma imagem eficaz. Quem organizou a segunda emboscada conhecia os planos dos conspiradores e sabia que, se eu escapasse, correria para *salvar* o senhor Piero. - Ao dizer isso, olhou Violante nos olhos, talvez à procura de uma incerteza, mas Violante não caiu na cilada.

- Então o senhor está dizendo que o embuste, se é que era uma tapeação, foi armado por alguém com grande familiaridade com o senhor?

- Exatamente, Violante. E acrescento que se alguém me levou a duvidar de você e do plano que havíamos arquitetado, esse homem é digno de mim, como mestre dos muitos enganos. Foi realmente admirável ele pensar, com razão, que quando os quatro soldados se encaminhassem para perto de Soderini para protegê-lo eu os confundiria com sicários. E realmente atirei meu manto em cima do gonfaloneiro sob os olhos aterrorizados de quem me tomou como agressor. Em todo esse teatro, o único objetivo era fazer Leonardo vir a público, fazer com que ele me tirasse do impasse: eu era necessário para ele e ele para mim.

- E como essa mente conturbada e genial podia prever que o carro de Leonardo e a mulher negra passariam exatamente naquele momento, pela escadaria do Palácio?

- Bastava que alguém, conhecendo todo o mecanismo da intriga, fosse rapidamente procurar Leonardo, perto do lugar onde identifiquei seu esconderijo. E tendo se deixado encontrar por ele ou por um seu emissário, devia guiá-lo ao lugar onde eu, por minha vez, devia ser... *salvo*.

- O senhor, naturalmente, está pensando em dona Ginevra...

- Era ela quem estava, no carro de Leonardo, vestida de homem e bem armada. Certamente não descera no caminho para procurar flores de lavanda ou penas de pavão.

- E aqueles que queriam Leonardo, senhor Nicolau, a quem obedeciam, de acordo com seu sofisticado raciocínio?

Nicolau pensou nas palavras de Almieri, especialmente nas últimas, aquelas que Violante apagara de sua garganta.

- Por misteriosos motivos, Constantinopla mudou de posição; a arma de Leonardo, que certamente queriam voltar contra o papa, de repente tinha de ser extinta, assim como seu artífice. O poder do sultão opunha-se à arma secreta que ele mesmo financiara! Mas Roma, claro, não podia ficar parada nesse jogo. Até o papa tem seus agentes, e a destruição da arma misteriosa era, de todo modo, interesse primário dele.

- O senhor pensa que mestre Michele era um agente do papa? Maquiavel negou vigorosamente com a cabeça.

- De maneira nenhuma! Ele era de fato pago pelo sultão. Mas, em seus últimos instantes, ia nos dizer uma verdade que continua a ser cuidadosamente resguardada. É provável que, ao ver que ia morrer, teve medo do Inferno; ou talvez tenha sido tomado pelo remorso e pelo afeto que, seguramente, ainda nutria por Leonardo. Mas você, mais que depressa, cortou a garganta dele.

- Segundo o senhor, o que ele teria para dizer?

- Tudo o que ouvi é que se tratava de uma *estranha aliança*, e isso foi suficiente.

- Não ouvi nada disso.

- Ao contrário, você ouviu claramente, Violante. Ainda não sei qual será o tremendo segredo de Leonardo. Mas é seguro que a Santa Sé também queria parar a mão dele. Ele mesmo disse que a arma é uma ideia que subverteria toda a cristandade, se fosse revelada. E foi exatamente a perspectiva de conquistar um Ocidente convulsionado que seduziu Constantinopla a financiá-lo. Mas nesse meio tempo aconteceu algo de imprevisível.

- O que, por exemplo, senhor Nicolau?

- Alguém soprou nos ouvidos do sultão que a arma seria dirigida contra ele.

- E eu teria detido Almieri para impedir que ele dissesse isso?

- Isso não sei dizer. Mestre Michele queria revelar a Leonardo que ele estava sob a ameaça do sultão e do papa e que, tendo escapado da morte, fatalmente não conseguiria sobreviver em uma próxima vez.

Chegaram diante da casa de Maquiavel, que em todo o trajeto mantivera a mão no cabo do punhal, sem saber se precisaria usá-lo ou não. Violante indicou-lhe a entrada.

- Vá abraçar sua mulher. Talvez ela não saiba que o senhor esteve com dona Ginevra; e se souber, estou seguro de que o perdoará. E faça um carinho em seu filho.

Nicolau estava com medo. Pensou em sua doce Marietta, que ele tantas vezes traíra, e no filho, que praticamente não conhecia. Será que era uma boa ideia revê-los? Depois, balançou a cabeça.

- Não, não vou entrar. Precisamos esclarecer essa questão entre nós, Violante, antes que ela se torne pública.

- É justo. Leonardo e as duas mulheres estão agora num carro, a caminho de Roma, munidos de todo tipo de salvo-conduto falso. Agora, nós os seguiremos, secretário.

- Se eu quiser ir.

Violante desembainhou a espada e mirou a garganta de Maquiavel, enquanto os cinco homens que tinham levado Leonardo apareceram e se aproximaram com punhais à vista.

- O senhor virá comigo, secretário, por bem ou por mal, porque é muito astuto e compreendeu quase tudo.

O Concílio Secreto

Nicolau Maquiavel não tentou nem ao menos encenar uma resistência *pro forma*. Deixou até que lhe amarrassem as mãos atrás das costas e foi acomodado em um carro coberto, que partiu imediatamente em direção a Oltrarno e à Porta de San Pier Gattolini. Os cinco soldados o escoltaram durante a viagem, certamente pagos diretamente por Violante. O chefe da polícia secreta da República não viajou com ele. Ao afastar a cortina, Nicolau o viu cavalgando ao lado do carro, mas depois

um dos soldados lhe ordenou, no perímetro urbano e durante a passagem pelas muitas pequenas localidades do condado, que não olhasse mais para fora.

Viajaram dia e noite, parando rapidamente para fazer a troca dos cavalos e para comer. Apenas na primeira noite dormiram em uma estalagem, a pior que Nicolau já vira. Os soldados o disfarçaram com um manto e cobriram bem seu rosto, com medo de que alguém o reconhecesse. Dormiram todos amontoados em um quarto fedendo a urina, com uma única janelinha lacrada. Maquiavel não pregou o olho, recusou a sopa intragável e a cobertura repugnante e se levantou, tão logo amanhecia, mais cansado que antes. Durante toda a jornada seguinte, ao longo da via Cássia, só pararam duas vezes. A primeira, no território de Sena; enquanto um soldado controlava os salvo-condutos, mantiveram-no sob a mira do punhal, para que não ousasse gritar e pedir socorro. Isso pareceu ao secretário especialmente cômico, porque, se os agentes de Sena tivessem descoberto que podiam pôr as mãos nele, iriam prendê-lo, torturá-lo e, de muito boa vontade, matá-lo. Na segunda parada, o controle foi muito apressado. Maquiavel conseguiu olhar para fora e avaliou que talvez já estivessem próximo de Orvieto.

Depois de ter deixado a Flamínia por uma estrada menos frequentada, chegaram aos muros de Roma no fim da noite. Nicolau, que pelo estado de prostração em que se encontrava acabou dormindo apesar de todos os solavancos, despertou assustado quando a grande Porta Pinciana se abriu para deixar o carro passar. Dentro dos muros aurelianos, o escuro também era denso, porque só havia vinhedos e terras incultas, entremeadas por ruínas dos tempos dos Césares. Quando amanheceu, Maquiavel pôde entrever, no fundo de um campo amplo, o perfil da área urbana, que, comparada a Florença, parecia uma aldeia. Mas ele conhecia Roma muito bem; estivera ali havia pouco tempo, para dois conclaves consecutivos, e sabia que a majestade da urbe transcendia a escassez de seus habitantes e a relativa modéstia de suas construções recentes. Aliás, o papa Nicolau V havia empreendido, cinquenta anos antes, uma verdadeira reconstrução da cidade, e Júlio II prometia jogá-la

por terra e reedificá-la, maior e mais poderosa do que nos gloriosos tempos do Império dos Césares.

O primeiro indício do poder de Roma foi anunciado pela luz do sol que acabara de surgir, tingindo de rosa o imenso cilindro de tijolos do Castel Sant'Angelo, rumo ao qual o carro se dirigia a trote. Atravessaram a ponte sobre o Tibre, e os guardas abriram as cancelas enquanto eles ainda estavam longe, sinal de que tinham sido avisados de sua chegada iminente.

Maquiavel tentou acalmar o próprio medo raciocinando. Por certo, não pretendiam matá-lo imediatamente. Mas, se queriam interrogá-lo, para que trazê-lo a Roma? Arrepiou-se de repente, pensando nas terríveis prisões do castelo que dominava o panorama ameaçador. E que torturas haveria de suportar naquelas celas secretas ele, que não podia confessar nada porque nada sabia? Perdeu a esperança de rever Florença. O carro estacionou em um grande pátio no qual muitas tochas estavam acesas, sinal de que deviam tê-lo esperado a noite toda. Foi conduzido por um capitão espanhol, bem uniformizado, com luvas de veludo e plumas no chapéu, depois de ele ter ordenado que o desamarrassem.

- Para onde está me levando? A senhoria de Florença mandará seus soldados me resgatarem, se dentro de dois dias eu não for...

- Venha comigo, senhor Nicolau. E não me faça perguntas, porque não posso responder algo que ignoro completamente.

Levaram-no a um aposento enorme, do qual saía um denso vapor. Foi acolhido por duas mulheres de meia idade, gordas e rosadas, que tinham o tipo físico das terras baixas do Norte. Despojaram-no sem nenhuma cautela de suas roupas rasgadas e sujas, deixando-o nu. Em um canto, outras criadas tinham acabado de encher de água morna uma grande tina, que espalhava um cheiro forte, como se tivessem dissolvido ali alguma essência oriental. Levaram-no praticamente carregado para mergulhá-lo no banho, esfregaram-no com lixívia, depois o enxugaram e o vestiram com calções limpos e com uma camisa azul de linho finíssimo, que ia até os joelhos. Por fim, acompanharam-no à outra sala, onde havia um velho que, calado, tomou suas medidas e o fez experimentar um traje

muito elegante, todo preto, segundo o uso espanhol, que lhe assentava perfeitamente. Havia um espelho de prata num canto, e Nicolau viu sua imagem de viajante experimentado refletida, com a barba de três dias.

- Quero fazer a barba.

O velho alfaiate fez que não. Um segundo depois, o capitão reapareceu no aposento.

- Não há mais tempo para outros cuidados pessoais, senhor Nicolau. Agora, peço-lhe que vista isso - e entregou-lhe um capuz de pano preto, com dois furos no lugar dos olhos. - E não fale, de modo algum, com qualquer pessoa que encontrar; disso dependem sua vida e a de seus amigos.

Nicolau não entendeu nada, mas o soldado espanhol o fez entender que não havia o que discutir, porque o tempo corria. Dessa forma, vestido de preto da cabeça aos pés como um aristocrata leproso, seguiu o capitão ao longo de um tortuoso caminho no plano mais baixo do Castel Sant'Angelo, depois subindo por uma escada helicoidal, e, por fim, através de um longo corredor bem rebocado e pintado, que terminava em uma portinhola.

Saíram para a luz clara da manhãzinha. Prosseguiram ao ar livre, sobre uma espécie de caminho de ronda que percorria o topo dos muros leoninos. Nicolau só conseguia ver os tetos do Borgo e o largo Tibre. Era o passadiço, do qual tanto lhe haviam falado, que levava do castelo, diretamente e com toda a segurança, à basílica de São Pedro. Era tão estreito que só permitia a passagem de dois homens ombro a ombro. Os furos para os olhos feitos naquele capuz preto eram amplos o bastante para lhe permitir ver perfeitamente o panorama. O campo e as ruínas, os rebanhos pastando, as curvas prateadas do rio ofereciam uma imagem de Roma muito distanciada de sua realidade de formidável centro de poder, o centro de maior poder do mundo. Milhões de almas respondiam ao papa tanto em matéria de fé como de obediência civil.

Logo depois, Maquiavel distinguiu a basílica de São Pedro no Vaticano. Nunca a admirara de uma perspectiva tão alta, e o imenso edifício em forma de cruz latina conseguia comover até mesmo a ele. O

grande vestíbulo, com o campanário e, no centro, a fonte, ainda estava quase intacto. Uma longa fila de peregrinos esperava para entrar por um de seus três portais, para baixo da escadaria. Mas a basílica, propriamente dita, com seus anexos externos, parecia que estava a ponto de ruir por causa da extrema antiguidade e do estado de abandono de algumas de suas partes: um antigo incêndio escurecera um lado e provocara a queda parcial do teto da nave mais externa; na fachada, duas ordens de imensos bífores eram cortadas por uma profunda fenda que corria da rosácea até o chão. A cobertura estava afundada e curva, como se as vigas dispostas por Constantino Magno não fossem mais capazes de sustentar aquele teto colossal. Andaimos e contrafortes de madeira tentavam impedir a queda dos muros externos, mas as intervenções planejadas pelo papa Nicolau tinham sido abandonadas depois de sua morte. O destino da construção já estava decidido, porque o papa Júlio dera ordens de reconstruí-la *ex novo*, com a ajuda dos maiores talentos da Itália. E, com tudo isso, aquele espetáculo tinha uma imponência extraordinária: era a basílica de Constantino, tinha mais de mil anos.

O passadiço acabava em uma escada que levava aos palácios vaticanos. Eram grandes residências ligadas entre si e tinham o aspecto de castelos fortificados. O papa Borgia mandara preparar em seu interior apartamentos privados, mas Júlio II não os utilizara. Ordenou que fossem preparados para si quatro grandes aposentos no segundo andar. Dizia-se que já tinha encomendado a Rafael sua decoração. Em um daqueles aposentos, Della Rovere reunia a *Segnatura Gratiae et Iustitiae*, o mais alto tribunal da Santa Sé. Era para lá que o estavam levando? Se tivessem a intenção de torturá-lo, o teriam deixado no Castel Sant'Angelo e certamente não o vestiriam daquele modo.

Entraram no palácio por uma porta secundária, depois de um pequeno átrio com vista sobre as muralhas. O capitão espanhol lhe fez um sinal claro para não tirar o capuz e manter-se em silêncio. Passaram por locais reservados a pessoas de fora, depois por grandes roupeiros, cozinhas e dispensas. Encontraram apenas pessoas de condição servil, que olhavam para eles estupefatas. Entraram por outra porta e chegaram ao

pátio mais interno do grande palácio, circundado por um alto muro fortificado e guarnecido por uma torre, sobre a qual Maquiavel viu tremulando a insígnia do Trono de Pedro. Dirigiram-se para um grande portão e, assim que passaram por ele, foram recebidos pela inclinação de um mordomo. Subiram uma escada, que os levou às partes novas dos palácios vaticanos. Sentia-se um forte cheiro de cal viva, como se os trabalhos estivessem em curso, mas Nicolau não viu operários ou artistas em ação. Certamente não o estavam levando para os aposentos de Júlio, porque o capitão espanhol percorreu aquela parte do palácio e se deteve diante de uma grande porta, guardada por um soldado que o saudou à moda militar. Quando passaram pela soleira, o estilo do ambiente e da decoração mudou de novo: agora tudo era muito moderno, com pinturas, afrescos e estátuas da moda nova, que evocava os antigos. Maquiavel descobriu onde estava e tentou dizê-lo ao capitão, mas ele se afastara de repente, deixando-o sozinho em uma sala inteiramente revestida com painéis de madeira. Estava a ponto de arrancar o capuz, que o incomodava muito, quando uma porta se abriu e apareceu um homem em vestes eclesiásticas, que o cumprimentou sorrindo.

- Tire esse pano da cabeça, senhor Nicolau. Não há mais risco de olhos de estranhos o reconhecerem.

- Protesto contra o modo pelo qual...

- O senhor foi chamado aqui pelo próprio santo padre e de maneira absolutamente secreta... Além disso, como pôde perceber, com a máxima urgência.

- Fui arrancado de meus negócios de Estado e o senhor Piero Soderini...

- O gonfaloneiro florentino foi avisado de que uma questão urgente na fazenda de Sant'Andrea o manterá longe de Florença durante uns poucos dias. A licença foi imediatamente concedida.

- Quer dizer que poderei voltar?

- O senhor tinha dúvidas a esse respeito, Maquiavel?

O eclesiástico o acompanhou ao longo dos amplos corredores que o secretário agora reconhecia perfeitamente, e chegaram a uma porta

majestosa. Não havia criados controlando o acesso e, do outro lado, ouvia-se um forte burburinho. Antes de abrir a porta, o eclesiástico ficou sério e pôs a mão no ombro de Nicolau.

- Deixo-o aqui, porque não posso ter conhecimento do que vai acontecer dessa soleira para dentro. Mas quero lhe recomendar humildade, obediência e respeito. E devoção diante do lugar em que se encontra.

Maquiavel inclinou a cabeça, e a porta foi aberta.

Foi atingido, em primeiro lugar, pelo céu pintado de azul cobalto, iluminado por uma infinidade de estrelas de ouro. Uma divisória separava em duas partes o ambiente, de dimensões idênticas às do Templo de Jerusalém. As paredes exibiam afrescos de Botticelli, de Cosimo Rosselli, de Ghirlandaio, de Signorelli, de Perugino e de Pinturicchio, com cenas bíblicas e evangélicas. Entre as janelas, estavam os retratos dos trinta primeiros Pontífices.

Nicolau já conhecia a Capela Sistina, por ter participado de dois conclaves, mas aquela visão, transformada em um panorama esplêndido pela luz do sol que incidia sobre o piso entalhado à maneira dos Cosmati, com retângulos policromos de mármore, fez com que ficasse sem respiração. Mas suas pernas tremeram mesmo quando viu que nos assentos mais baixos, nos dois lados do altar-mor, estavam sentadas pelo menos trinta pessoas, e muitas delas em vestes cardinalícias. Dois homens estavam em pé, diante daquela magna assembleia judicial, voltados para ele. De longe, percebeu que apenas um usava batina, enquanto o outro, muito alto, vestia calças e mantinha as pernas um pouco abertas e os braços cruzados.

Nicolau ficou tão concentrado naquela cena que não viu um homem em vestes episcopais ao lado dele, fazendo-lhe sinal para que ele se aproximasse:

- Por favor, senhor Maquiavel. O senhor está sendo muito aguardado.

Acompanhado de seu terceiro guia desde que chegara a Roma, Nicolau encaminhou-se para o altar. Depois de uns poucos passos,

reconheceu o homem mais alto: era Leonardo, todo vestido de preto também, como ele. Devia ter chegado poucas horas antes. Não viu rostos conhecidos naquela estranha assembleia judicial em torno do altar-mor. Quase todos eram prelados de idade avançada, mas havia jovens clérigos e alguns frades dominicanos que não tinham mais de 50 anos. Observando melhor, notou até algumas duplas de senhores em trajes civis. Cumprimentou Leonardo com um gesto e olhou em volta, em busca de um assento, mas não viu nenhum. O prelado que o acolhera inclinou-se levemente.

- O santo padre recomenda que o senhor deve considerar com a máxima atenção as delicadas perguntas que lhe serão dirigidas. Por isso deu ordens, para seu próprio bem, para que não o deixássemos descansar depois da longa e dura viagem. O Espírito Santo não deixará de inspirar-lhe o melhor, mas um pouco de mortificação do corpo lhe servirá de grande auxílio para responder com pureza de ânimo. Como é de seu conhecimento, esta igreja foi consagrada à Virgem. Então, una-se a mim e aos padres nas orações que dirigiremos a ela.

Recitaram Salve-Rainha e Ave-Maria; depois, o mais idoso da assembleia judicial levantou-se e abriu um caderno.

- Nicolau de Bernardo Maquiavel, florentino, e Leonardo di ser Piero da Vinci, florentino. Vocês foram convocados para se justificarem pelos atos cometidos contra a Santa Madre Igreja por meio de pesquisas enganosas, escritos não verídicos e pelo auxílio que deram à propagação das falsas doutrinas dos infiéis...

Leonardo ficou rubro como fogo e não conseguiu se controlar.

- Que falsidades são essas? Eu não...

O prelado que acompanhara Nicolau, e que continuava em pé ao lado deles, pegou Leonardo pelo braço.

- O senhor ainda não pode falar. Esta é uma assembléia judicial extraordinária e secreta, mas o senhor terá alguém para intervir em sua defesa e que falará na sua vez.

- E quem seria esse advogado? Um padre?

- É o senhor Nicolau, que está à seu lado.

- Mas se ele também é réu, este é um trágico embuste!

- Controle-se, senhor Leonardo, é o que lhe peço, porque no Castel Sant'Angelo há meios convincentes de fazê-lo falar, e sem defensor.

Enquanto isso, o velho prelado continuava a declamar com voz monótona o que estava escrito em seu caderno, sem nem ter-se dado conta daquela interrupção.

- ... e isso mediante os escritos dos pagãos, utilizados contra a Verdade revelada. Por essas razões e por outras que não são aqui expostas, a assembleia judicial especial, instituída em caráter extraordinário por Sua Santidade, prepara-se para ouvir o senhor Leonardo e julgá-lo segundo a doutrina da Igreja.

O prelado ancião sentou-se. Os outros padres conversaram rapidamente entre si, mas o burburinho foi interrompido pela abertura da porta que dava para a sacristia. Entrou um jovem em vestes cardinalícias. Não era alto, mas parecia ágil e forte. Seu rosto redondo apoiava-se sobre um pescoço apenas esboçado, de modo que a cabeça parecia diretamente ligada ao corpo. Leonardo reconheceu-o imediatamente e mostrou-o a Maquiavel, piscando e mexendo a boca para pronunciar seu nome sem emitir nenhum som. Nicolau sentiu-se morrer, pois era ninguém menos que o cardeal Giovanni, um Medici odiado! De fato, haviam sido conduzidos a uma armadilha...

O jovem príncipe da Igreja assumiu seu lugar em um dos primeiros assentos, mas ficou em pé, com algumas folhas dobradas na mão esquerda, e falou fitando repentinamente os olhos de Leonardo.

- Apesar de o padre ter exposto de maneira clara e exaustiva as razões que nos induziram a nos reunir nesta aula sacra, as personalidades que temos diante de nós, especialmente o senhor Leonardo, que conhecemos e que todo mundo admira, levam-me a falar como amigo e não no tom que seria conveniente em um Tribunal.

O cardeal Giovanni sorriu, mas Leonardo fez um gesto vago com a mão, indicando Maquiavel.

- O que o senhor diz me tranquiliza - falou Leonardo -, mas, antes, gostaria que o senhor Nicolau, na qualidade de defensor, se exprimisse

para aceitar ou não o argumento contrário. Só falarei se ele estiver de acordo.

O prelado exprimiu um ar de desgosto e de preocupação.

- Senhor Leonardo, mestre caríssimo, eu disse apenas que este não é um Tribunal, mas uma reunião de espíritos cultos e inteligentes para discutir algumas de suas... graves descobertas. Mas como o senhor o deseja, que o defensor se pronuncie se considerar oportuno.

Nicolau não tinha a menor familiaridade com o ofício de advogado, mas procurou naquela grave circunstância lançar mão de todas as virtudes de sua dialética e dos truques retóricos que conhecia.

- Saúdo os cardeais, os diáconos, os frades presentes, os ilustríssimos senhores que não conheço, e lhes agradeço terem nos permitido explicar as nossas razões. - Ignorou o olhar incendiado que Leonardo lhe dirigiu e prosseguiu: - Antes de responder à solicitação do mestre, desejo eu mesmo dirigir duas perguntas ao presidente desta assembleia.

- Então dirija-se a mim - disse o cardeal Giovanni de Medici, que continuava em pé diante de seu assento.

- Primeiramente, indago se a família Medici pretende aproveitar essa assembleia para julgar o primeiro-secretário da República florentina.

O murmúrio dos padres presentes se fez muito mais contundente, tanto que o cardeal Giovanni também teve de levantar a voz.

- Aqui somos irmãos em Cristo, senhor Nicolau. Fingiremos que essa pergunta jamais foi feita. Passe à segunda.

Maquiavel ficou satisfeito por ter conseguido enervar Giovanni de' Medici. Os olhares preocupados dos outros padres, naturalmente resistentes a se envolverem em uma disputa política, afastavam uma eventualidade tão pouco simpática.

- Indago se o que se pretende é julgar os atos do senhor Leonardo e, em segunda instância, eventualmente os meus, como realizados com o consciente desígnio de prejudicar a Santa Madre Igreja e cientemente voltados para a afirmação de doutrinas falsas e contrárias à religião, ou se a assembleia pretende esclarecer se o mestre recolheu notícias sem estar ciente de sua periculosidade, visto serem falsas.

- Ninguém os acusa de prejudicar a Igreja levados a isso pelo demônio, senhor Nicolau.

- Tive a impressão de ter entendido o contrário durante a leitura da acusação feita há pouco pelo cardeal. Portanto, se estou entendendo corretamente, não estamos sendo julgados como hereges, mas os senhores estão aqui para convencer Leonardo e a mim de nossos erros e para nos fazer retomar a estrada mestra da Verdade.

Leonardo olhou para ele, furioso:

- Agora você está delirando, Nicolau, o que é que...

Maquiavel agarrou a mão dele e a apertou com toda a força que tinha. Aquela mão lhe pareceu dura como pedra, mas Leonardo entendeu e se calou.

- Portanto, é pelos motivos que acabo de enumerar que estamos aqui, senhor?

- Não. Estão aqui por muito menos, senhor Nicolau. Precisamos entender, vocês e nós juntos, se as ideias de Leonardo são ou não falsas e perigosas. Vocês dois, pessoalmente, como crentes, não estão sendo julgados.

- Se assim é, solicito a quem se ocupa da ata que escreva o que acabei de dizer; e aceito, em meu nome e no de Leonardo, esse julgamento particular.

- Como pode ver, não há nenhum escrivão. De todo modo, espero que lhe baste a palavra de Giovanni de Medici, cardeal da Santa Igreja Romana.

- Basta-me.

O alto prelado suspirou.

- Então, mestre Leonardo, narre a esta santa assembleia o que o senhor descobriu no fosso do Arno e que ideia elaborou.

- Na escavação feita para desviar o curso do rio, nos arredores de Pisa, debaixo de uma rocha enorme que apenas minha escavadeira móvel podia levantar, encontrei ossos antigos.

A notícia não pareceu perturbar minimamente os presentes. Pareceu evidente a Nicolau que disso eles já sabiam. Do que mais estariam a par?

- Explique-nos, pois, por que aqueles restos com os quais o senhor topou tornaram-se tão importantes, a ponto de induzi-lo a deixar seu ofício e ir embora...

- Primeiro, gostaria de falar de minha admirável escavadeira.

Voltou a correr entre os cardeais um murmúrio de impaciência; até Maquiavel suspirou. O cardeal Giovanni fez com as mãos um gesto de paciência paterna.

- Bendito mestre, todo mundo sabe quem o senhor é e o que inventa; esse não é o momento de se vangloriar. Vá direto ao ponto, por caridade.

- A escavadeira foi a causa de tudo, mas não apenas porque sua pá esmagou os primeiros ossos. Eu a desenhei copiando-a de um códice perdido de Alexandria. Aliás, não fui o primeiro a copiar os gregos, meus senhores...

- Ninguém o condena por isso, mestre. Todavia, queremos voltar aos ossos.

Mas Leonardo falava sem dar ouvidos às pressões do cardeal.

- Há mais de sessenta anos, Mariano Taccola estudou os textos de Fílon de Bizâncio. Livros de segunda ou de terceira mão, mas fundamentais para a pneumática e para a arte militar.

- Logo...

- Mais recentemente, Francesco di Giorgio Martini copiou de outros textos antigos as bombas, as rodas helicoidais e outros prodígios de mecânica. Vejam bem que não sou o único, senhores.

- De acordo. Todos vocês copiaram os alexandrinos. Se é assim que quer, que assim seja. Vá em frente, mas depressa, é o que peço.

- Particularmente, estudei muito Heron. Todos acham que ele construía apenas brinquedos estúpidos, apesar de engenhosos. Contudo, em seus livros, especialmente naqueles que ainda são desconhecidos pela maioria, ele descreve máquinas que não basta defini-las como maravilhosas. Copiando Heron, construí aparelhos que todos exaltam, mas que não passam de pálidas imitações de um conhecimento muito mais profundo. Particularmente, projetei algumas máquinas que podiam

ser construídas no século III antes de Cristo, mas hoje não, porque não dispomos de meios materiais, por isso meus modelos não funcionam. Às vezes, devo reconhecer, são inúteis porque nem eu mesmo os entendi.

- Mestre Leonardo, o tempo é curto...

- Retirei maior proveito dos textos de Medicina. Por meio do pobre Filippo Del Sarto, que viajava para as terras recentemente restituídas à cristandade pelos reis católicos, recebi grande parte das obras de Herófilo e de Erasítrato, que pareciam perdidas para o resto do mundo. Pude ler o grande tratado de Herófilo sobre o olho, além dos tratados sobre o fígado, o aparelho digestivo e o sistema nervoso; retirei grande proveito do livro sobre o sistema dos vasos que distribuem o sangue para todo o corpo, coisa que revolucionou meus conhecimentos. A leitura de sua dissertação sobre a cavidade do coração me ofereceu grande satisfação. Mas Herófilo foi também o primeiro a entender que o cérebro é a sede do pensamento, além de ter sido o primeiro a medir os batimentos do coração com um relógio de água. Grandes construtores de máquinas, os alexandrinos! Ctesíbio construiu um cronômetro que media as horas em sua longitude variável, do nascer ao pôr do sol... Ao dizer isso talvez eu esteja começando a divagar. Mas não conseguia ter acesso a alguns livros de Herófilo e de Erasítrato, especialmente um do primeiro autor, que falava das gerações, das persistências e das variações do sêmen. Inicialmente, esse livro não me despertava nenhum interesse particular, porque eu me ocupava sobretudo da anatomia, até o momento em que fiz, sozinho, uma grande descoberta. Fui inspirado por um poeta, um romano da era imperial, um dos mais inteligentes...

Leonardo começou a declamar de cor, primeiro em latim, depois traduzindo de improviso:

Porque se a Terra continha muitas sementes de coisas no tempo em que o solo começou a produzir os animais, isso ainda não é sinal de que seria possível criar feras mistas entre si e membros misturados de seres viventes, visto que as espécies das ervas e as colheitas e as árvores exuberantes, que ainda pululam abundantemente na Terra, ainda não

podem nascer entremeadas entre si, mas cada uma dessas coisas procede segundo um modo próprio e todas, pela firme lei da natureza, conservam as diferenças.

- É Lucrécio, no *De rerum natura*. Os senhores entendem o que ele está querendo dizer, não entendem? Cada espécie, animal e vegetal, é estritamente separada e conserva no sêmen sua especificidade, sua forma, que transmite intacta, ou quase, à geração subsequente.

O cardeal Giovanni de Medici nada comentou. Permaneceu imóvel, com uma expressão enigmática, sem apressar Leonardo para que abordasse o núcleo central. Leonardo leu seu silêncio como autorização para prosseguir:

O tempo realmente muda a natureza de todo o mundo, e em todas as coisas um estado deve suceder o outro, assim como nenhum permanece como a si mesmo: todas as coisas passam, todas são transmutadas pela natureza, que as obriga a se transformarem.

- Trata-se de uma contradição apenas aparente. Lucrécio recolhe uma sabedoria já antiga para ele e que ele não compreende plenamente, mas cuja grande novidade intui; por isso, ele dá um pequeno, mas importante salto para a consciência de um aspecto particular do futuro. Ou seja, Lucrécio nota que a natureza introduz mudanças nas espécies...

O cardeal ergueu a mão, mostrando parte de seu braço branco.

- Acho que o poeta está dizendo que os despojos mortais se desfazem, mas não se extinguem, e tudo é retomado pelo Criador, assim como o rio escava seu curso e, na terra, temos o brotamento da vegetação e, depois, o gelo do inverno...

Insistindo em que Lucrécio dizia outra coisa, Leonardo retomou:

E muitas estirpes de seres vivos deveriam, então, sucumbir. E não poderiam gerar e propagar a prole. Visto que todas aquelas que vemos respirar as auras vitais, ou a astúcia ou a força ou, ao menos, a velocidade

foram protegidas pelo princípio da existência e tiveram conservadas as gerações.

- Aqui, ele afirma que a natureza selecionou as espécies desadaptadas para viver no ambiente que se transformava e manteve a semente daquelas mais adaptadas às condições mutáveis, que dessa maneira chegaram até nós...

O cardeal Giovanni interrompeu com um gesto o ímpeto de Leonardo.

- Mestre, o senhor está usando a palavra natureza de maneira que leva a pensar que ela pode existir sem Deus e que Deus não é necessário!

Maquiavel empalideceu de medo. Olhou Leonardo nos olhos, mas percebeu pelo leve sorriso e pelo modo com que ele piscou que entendia a gravidade da emboscada e sabia como se safar.

- Não, meu senhor. Eu não nego Deus, antes o situo como a origem de todas as coisas. Justamente nesse ponto sou diferente dos antigos, que eram claramente pagãos e quase todos agnósticos. Mas uma vez desencadeada a Criação, na necessidade de discutir atos sucessivos, uso o termo natureza porque ela me parece, iniciada a vida primordial, necessária a si mesma em seu devir...

- Mestre, é melhor o senhor deixar essas questões para que nós as discutamos. Encerre seu discurso, apresse-se.

Leonardo fez uma leve inclinação, de novo com um sorriso indefinível nos lábios.

- Das espécies vegetais e animais, Lucrecio passa aos homens:

Mas a estirpe humana que atualmente vive nos campos foi muito mais dura, como era natural, que a dura terra que a criara; e no interior do corpo foi plantada sobre ossos maiores e mais firmes, ligada através da carne por nervos poderosos, de modo que não podia ser facilmente vencida pelo calor, nem pelo frio, nem pelo alimento estranho, nem por qualquer defeito do corpo. E, no decorrer de muitos lustros do sol pelo céu, Levavam a vida à guisa de feras nômades. Não havia ninguém que,

robusto, guiasse o arado recurvo, ninguém sabia trabalhar os campos com o ferro, nem plantar na terra os brotos novos, nem das altas árvores cortar fora com foices os ramos velhos.

- Lucrécio fala de uma humanidade anterior à nossa, diferente e primitiva...

Ao ouvir tais palavras, Giovanni de' MEDICI deu sinais de que reencontrara o sorriso.

- Essa já é uma noção falsa e muito perigosa, mestre.

- Não sou eu quem o diz. Ainda! Foi Lucrécio. - Leonardo levantara a voz além do permitido naquele lugar sacro, mas ninguém o repreendeu. O cardeal agora fechara o punho e o agitava.

- Quem afirmar isso vai contra a verdade revelada pelas Escrituras, segundo as quais Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.

- Fiquei curioso com os versos de Lucrécio e localizei referências em outros escritores antigos a uma obra de Herófilo, que não consegui encontrar junto aos mercadores que haviam esvaziado as bibliotecas de Constantinopla, nem em Córdoba, entre os textos copiados pelos infiéis.

- E o que Herófilo havia escrito?

- Tive em mãos apenas o índice de seu estudo sobre a obra selecionadora da natureza. Aquele índice revelava que ele encontrara no Egito, ao longo do Nilo, os ossos de homens de uma época muito remota e, ao estudar sua estrutura interior, compreendera que eles não tinham uma linguagem...

- Portanto, agora é o senhor, mestre, e não Lucrécio ou Herófilo, quem afirma que as fábulas sobre os homens antigos, diferentes de nós, são plausíveis.

- SIM, eu afirmo.

O constante burburinho dos padres transformou-se em um tumulto de altas vozes. Alguns se ergueram, mas a autoridade de Giovanni de' Medici, que conduzia de fato a discussão, reduziu-os ao silêncio.

- O senhor percebe a gravidade do que está dizendo? Em que bases ousa fazer tal afirmação?

- Com base nos ossos, completos e intactos das famílias de seres humanos antigos, nossos predecessores, que encontrei no fosso do Arno, os quais estudei cuidadosamente, esperando poder confrontá-los com os textos de Herófilo e de Erasístrato. Mas eles me foram subtraídos, causando assim a morte de quem os transportava para mim!

Na Capela Sistina, levantou-se um bulício parecido com o de uma praça de mercado. Nem mesmo Nicolau encontrava palavras para manifestar sua incredulidade. Contudo, mais uma vez, o inquisidor de Leonardo conseguiu impor silêncio e compostura àquela estranha assembléia judicial.

- Foi ontologicamente provado que o homem diferente de nós não pode ser. A filosofia nos diz que existem apenas os objetos que podem ser nomeados.

- Encontrei inumeráveis objetos que nome algum pode descrever, meu senhor Giovanni.

A essa altura, o cardeal perdera qualquer traço da falsa cordialidade e estava rubro.

- O senhor se choca não apenas contra a Santa Madre Igreja, mas também contra Platão e Aristóteles. Em *De partibus animalium*, Aristóteles afirma que toda coisa de que se pode falar tem necessariamente um nome.

Leonardo concordou.

- Aristóteles concebe um mundo fechado, um universo finito, o conjunto de tudo aquilo que é cognoscível; e esse conjunto corresponde às palavras que existem.

- De fato, de fato! *Iipse dixit*, Leonardo.

- Todavia, Aristóteles foi superado pelos cientistas que vieram depois.

- Isso é uma blasfêmia!

- Não. É a verdade, meus senhores. Aristóteles defende também a eternidade de um universo incriado, mas o Livro que está na base de nossa Santa Fé o desmente. Por outro lado, Herófilo, em Alexandria, e Erasístrato, em Antioquia, elaboraram explicações racionais baseadas nas

aparências e afirmaram a percepção sensível como o único conhecimento que se pode definir como certo.

- Deus é incognoscível aos nossos sentidos, mas Deus é!

- Não se trata disso, os senhores não entendem.

- Como ousa?

Leonardo deixou os braços caírem ao longo do corpo, em um gesto de impaciência.

- Estou respondendo às perguntas que os senhores me fizeram, meu senhor Giovanni! De outro modo, faça-me regressar a Florença, ou a Milão, que é ainda melhor.

- Mas esses homens extintos, mesmo que realmente tivessem existido, não eram homens, porque não eram dotados de alma. Era animais brutos.

Leonardo concordou.

- Talvez seja como diz, meu senhor. Mas é certo que deles nasceram outros homens um pouco diferentes e mais semelhantes a nós, e desses seres posteriores nasceu, por filiação e descendência direta, a humanidade atual.

Dessa vez, o silêncio não foi perturbado. Tornou-se, se é que é possível, mais profundo e glacial.

- O que quer dizer, senhor Leonardo?

- Que da família de seres aparentemente monstruosos, cujos ossos tive o privilégio de examinar, derivaram, por imperceptíveis mudanças do sêmen somadas em dezenas de milênios, homens como eu e o senhor. E como o senhor Nicolau. Nossa humanidade sobreviveu porque foi julgada mais adaptável às condições alteradas do mundo, e por isso selecionada.

O cardeal Giovanni de Medici esmurrou o braço do assento berrando:

- Mentira! A Terra não tem mais de cinco mil anos, como a exegese da Bíblia prova sem sombra de dúvida. O que diz é, portanto, impossível!

- Folhee um livro diferente, mas nem por isso menos sagrado...

- O senhor não se dá conta de que ainda está blasfemando? Senhor Maquiavel, convença-o a não insistir nessa estrada de falsidade...

Mas Nicolau não tinha palavras a opor às de Leonardo. Os cardeais e os demais presentes tinham voltado a segredar, sem atentar para as acusações lançadas com rancor e veemência por Giovanni de Medici. Parecia--lhe que todos os demais lhe eram hostis. Mas, de repente, outro cardeal, que até aquele momento permanecera inclinado, lendo, levantou-se. O inquisidor calou-se de imediato, reconhecendo-lhe implicitamente uma autoridade particular, diferente da dos demais.

O cardeal que incutia tão inesperado respeito parecia estar na casa dos 60 anos. Talvez alguém pudesse defini-lo como corpulento, mas o que a batina cobria não era gordura de fato, mas sim uma musculatura de força evidente, que recordava a de um lutador. Seus olhos pequenos e muito vivos tinham uma expressão sarcástica, mas nada má, e seus traços eram afáveis. Nos raros ímpetos de ira, transformava-se de tal modo, que chegava a incutir verdadeiro temor. No tom de sua voz, que ia de um registro baixo e agradável para tons levemente estridentes, Nicolau reconheceu o sotaque do idioma florentino. O cardeal fez um gesto com a mão direita, e o silêncio voltou a reinar na Capela Sistina.

- Giovanni, meu irmão em Cristo, não confiemos apenas no sentido literal das Escrituras. Quando o Gênesis fala de sete dias para a Criação, usa um termo translato que não alude necessariamente a um período de vinte e quatro horas. Então não está escrito que para o Onipotente dez mil anos são como um turno de guarda na noite? Mas um turno de guarda dura três horas... Em um dia, um período de três horas ocorre oito vezes. Disso podemos deduzir que um dia de Deus é igual a oitenta mil de nossos parcos anos.

Nicolau teve a sensação de ter visto um olhar de entendimento entre o cardeal sem nome e o principal acusado, mas preferiu acreditar que se tratasse apenas de uma impressão. Leonardo sorria radiante, e com aquele apoio seu ímpeto não encontrou mais limite:

- O livro que folhee é o que trata das diversas rochas, sobrepostas em estratos múltiplos. Estrabão dizia que Erastótenes estudara os

cataclismos e as transformações da Terra, observando-lhe as grandes dobras, e que a prova das mudanças de forma dos golfos, das praias e das rochas que se erguem no mar, em grandes durações de tempo, é dada pelos estratos de conchas brancas, diferentes das conchas recentes e duras como pedra, que se encontram na areia e nas pedras, onde agora é o campo. A mesma coisa observei nas montanhas da Toscana e, na escavação do Arno, eu mesmo reconheci estratos que são como páginas do livro da história do mundo. Naquele fosso, encontrei conchas e outros organismos marinhos petrificados. Estavam nas páginas mais baixas, ou seja, nas camadas mais remotas, o que me permitiu calcular sua idade. Os ossos dos homens antigos encontram-se um pouco mais na superfície, e isso prova o quanto são datados. Anaximandro chega a teorizar que éramos na origem criaturas semelhantes aos peixes, em uma Terra coberta de água, envolvidos em uma pele escamosa da qual só nos liberamos no momento de nos adaptarmos à vida terrestre. Realmente, encontrei peixes singulares, petrificados nas profundezas da escavação do Arno, com barbatanas semelhantes a patas de animais terrestres, como se tivessem simplesmente furado a membrana supramencionada. Em um códice de minha autoria, desenhei muitos desses peixes de pedra, junto a admiráveis conchas, cujo tipo parece definitivamente extinto.

O cardeal teólogo permaneceu em silêncio, analisando aquelas palavras, enquanto Giovanni retomou com força suas argumentações.

- Aristóteles nega tudo isso quando critica os pitagóricos! E seu discípulo, Teofrasto, afirma a continuidade das espécies vivas, fixas e imutáveis, ingênicas e perenes.

- Possuo os livros perdidos de Erastótenes; eles demonstram justamente o contrário, com procedimentos matemáticos exatos.

Giovanni de Medici balançou a cabeça e fez uma pausa, folheando seus papéis. Nicolau pensou em aproveitar aquele momento, em que todos pareciam quietos, para tomar a palavra. Mas nada fez, porque a discussão assumira uma inflexão doutrinária, na qual a simples dialética de que dispunha não cabia. Além disso, como estava habituado a raciocinar por fatos lógicos, concatenados entre si mediante o intelecto e

apoiados na experiência, sentia que acabaria dando toda a razão a Leonardo, piorando, portanto, sua posição. Ali não se tratava de uma conversa amigável entre iguais para encontrar, *juntos*, a verdade! Estavam submetidos, sem nenhuma defesa, a um dos mais terríveis tribunais inquisitórios, no qual só havia uma voz discordante, a do misterioso cardeal teólogo, que agora olhava e piscava para ele. Em seus olhos pequeninos, Nicolau via arder uma inteligência viva, plasmada pela cultura e aliada a uma inata astúcia popular. Admirou Leonardo, em pé e de braços cruzados, alto e belo, com a cabeça bem erguida, disposto a levar a discussão às mais extremas consequências. E elas, a partir daquele momento, eram perfeitamente claras para ele, que via surgir diante de seus olhos o fantasma do navio de Livorno e dos cadáveres dos mouros e, sobretudo, dos monstros negros e com pelos. O pior estava no fundo: *venenum erat in cauda*.

Quase como em resposta a seus pensamentos, o cardeal inquisidor, membro destacado da odiada casa dos Medici, suspirou e voltou a falar, falsamente calmo, como no início. Já não tentava parecer amigável.

- Mas agora, mestre, o senhor deve confiar um pecado baseado em fatos e não em ideias. Precisa contar como, quando e por que aceitou dinheiro e ajuda dos nossos inimigos. Nesse ponto, convidado, ou melhor, desafio o senhor Maquiavel florentino a rebater a acusação de traição!

Isso soou como um tiro inesperado de carabina. Nicolau finalmente entendeu qual era sua função naquela sacra assembleia: não era participar da discussão filosófica e doutrinária, para a qual Leonardo tinha um insuperável defensor no cardeal teólogo. Seu papel era muito mais ingrato, porque estava ali para defendê-lo em um processo por traição! Pigarreou e tentou uma impossível rota de fuga.

- Ilustríssimos cardeais, honoráveis senhores, no início deste processo foi afirmado que Leonardo não seria julgado por heresia, mas que buscaríamos juntos o caminho da Verdade no que dizia respeito a suas pretensas descobertas...

Giovanni de Medici concordou.

- Foi exatamente o que fizemos e ainda faremos, senhor Nicolau. Mas a traição do senhor Leonardo, que serviu aos inimigos do papa, é coisa bem diferente...

- Portanto, esse processo não é válido, senhor, porque no início dos debates essa acusação não foi formulada!

O cardeal inquisidor sorriu com um ar cruel diante daquela tentativa desastrosa.

- Meu caro filho - disse com voz suave, propositalmente hipócrita -, também foi dito e repetido que este não é um tribunal de fato! Não há nenhum rito a ser respeitado. Enfrentemos agora a questão da traição de Leonardo por simples associação de idéias, e se tal acusação for considerada fundada, obviamente será responsabilidade nossa entregá-los a outros para que se ocupem de seu castigo...

Nicolau se sentia ferido em seu orgulho. Giovanni de Medici, cardeal da Santa Romana Igreja, estava usando suas próprias armas, mas, sem dúvida, com maior habilidade que ele e com um poder imenso por trás de si... Que possibilidade ele tinha de realmente defender Leonardo e a si mesmo de uma acusação tão ignominiosa? Tentou usar o único recurso dialético que lhe restava. Encarou Leonardo, esperando de todo o coração que ele entendesse e que suas respostas fossem adequadas, deu um longo suspiro e falou:

- Uma traição, enquanto tal, requer que o sujeito aja com plena consciência de seu crime, na intenção de prejudicar o próprio patrono, seja a Pátria, a Igreja ou outro qualquer... Mas se o engano parte do inimigo, e o sujeito, em vez de pecar conscientemente, crê com a máxima boa fé que está agindo no sentido oposto, ou seja, para fazer o bem, então, de culpado transforma-se em vítima!

O rosto do inquisidor, redondo e liso, enrubesceu visivelmente.

- Então o senhor está a dizer que Leonardo acreditava estar agindo para o bem da Igreja?

- Isso é perfeitamente possível, senhor, mas ainda não o afirmo. Por enquanto, o que atesto é apenas que Leonardo acreditava estar

pesquisando com financiamento do cristianíssimo São Marcos, devoto de São Pedro! Não é verdade, Leonardo? Responda!

Da Vinci concordou.

- Isso é o que mestre Michele queria fazer-me acreditar.

Nicolau revirou os olhos, subindo o tom de voz com todo o fôlego que tinha.

- Você *acreditava*, Leonardo, você *acreditava*!

- Sim, eu acreditava que São Marcos quisesse usar minha arma contra o papa...

Nicolau baixou a cabeça e pôs a mão nos cabelos. O inquisidor não conteve a alegria diante daquilo que parecia um inesperado e repentino triunfo.

- Logo, é de traição confessa que se trata!

O cardeal mais idoso levantou o braço para conter tanto entusiasmo.

- Giovanni, deixe que Leonardo conclua. Por que, caro mestre, o doge teria tido tal interesse?

- Por questões de caráter temporal, referentes às Romagne e aos outros territórios rurais.

Maquiavel levantou a cabeça de repente.

- Questões que, evidentemente, não interessam à Igreja, mas ao poder temporal!

O inquisidor bateu com seus papéis no braço do assento, num gesto de impaciência.

- O papa tem domínio sobre almas e corpos, não há nenhuma divisão nítida...

Nicolau lembrou-se do desconcerto dos padres quando levantara a suspeita de que Giovanni de Medici quisesse aproveitar aquela assembleia para uma vingança política e rebateu, sem ao menos deixado concluir.

- ...Não há separação na *substância* e sim *na forma*, especialmente no rito do processo penal. Nesta sessão, não se podem discutir fatos referentes a subvenções militares dadas a um inimigo de Roma... Se realmente não estamos em um tribunal, como o senhor afirma, a audiência está capacitada a discutir questões religiosas e filosóficas, não

políticas. Se o senhor pretende continuar falando da pretensa traição, será necessário perguntar aos padres e aos senhores presentes, um por um, se aceitam atuar imprópriamente como braço secular...

Um murmúrio de desconforto percorreu a assembléia, mas o cardeal Giovanni levantou imediatamente a voz, para debelá-lo.

- Então, prefere que ele volte imediatamente a Castel Sant'Angelo, senhor Nicolau, sob a autoridade do forte e inflexível braço secular?

- Leonardo não pode ser julgado nem mesmo por outros tribunais da urbe, e a razão disso tem sua primeira origem na acusação que lhe é feita, pois Leonardo é florentino, logo, não imputável de traição contra Roma. Poderia, no máximo, ser tratado como um simples inimigo raptado do campo adversário, se isso fosse, mas reafirmo que inimigo ele não é.

O inquisidor permaneceu em silêncio por um momento, de cabeça baixa, depois olhou de novo para Nicolau e sorriu.

- Admitamos que o assunto diga respeito a São Marcos e seja, no máximo, da jurisdição de um tribunal secular. Mestre, o senhor aceitou o dinheiro que lhe ofereciam, não foi assim?

Leonardo estava sério, mas não preocupado. Parecia estar tomado pela irritação.

- O desejo de conhecer me cegava. Confidenciei algumas ideias a mestre Michele Almieri, imediatamente abaixo de mim na hierarquia do comando da escavação do Arno. Ele me disse que São Marcos me daria todo o apoio possível para eu poder concluir meus estudos, porque a teoria que eu estava elaborando interessava aos eruditos venezianos...

Em um único golpe, o cardeal Giovanni de Medici consumiu a fleuma que lhe custara tanto recuperar. Pegou os papéis que tinha em mãos e os lançou longe; depois, desceu de seu assento e se pôs diante de Leonardo, com o dedo indicador na sua cara. Finalmente estavam em condições de igualdade, pensou Maquiavel. Aquele ato instintivo, ditado pela perda da segurança da superioridade dialética, era uma vantagem para eles. Precisava estar preparado para aproveitá-lo. O inquisidor parecia não estar nem aí para a altura de Leonardo, cuja cabeça ficava inteiramente acima da do cardeal.

- É esse o ponto! O cristianíssimo São Marcos teria financiado sua compilação de falsidades só porque está atualmente em confronto com os interesses temporais de Sua Santidade? É isso o que o senhor quer que aceitemos? Não venha nos dizer também que o senhor é mais ingênuo que um garotinho, quando, ao contrário, é o demônio em pessoa!

Num arrepio, Maquiavel lembrou-se daquilo que Valentino lhe murmurara, com temor singular, no acampamento de Maremma. Sempre achara que Leonardo, no fundo, tinha um ânimo inocente, mas a aventura que tinham vivido juntos lhe instilara dúvidas. De fato, diante do furor de Giovanni de Medici, Leonardo não se moveu um centímetro e continuou a ostentar um débil sorriso, como o de sua *Monna Lisa*. O inquisidor prosseguiu, com mais ímpeto ainda.

- Almieri era um emissário do sultão! Um espião vendido aos infiéis e muito vivo, por certo mais que o senhor, apesar do gênio e da arte que o distinguem, para compreender o alcance devastador de sua teoria!

Nicolau tremeu ao ouvir as palavras do cardeal, mas também se alegrou porque, ao arremessar antecipadamente a flecha mais venenosa de sua aljava, o inquisidor demonstrava estar com medo dele e do cardeal teólogo sem nome. Leonardo teve coragem de sorrir, aparentando até certo desprezo.

- Teoria que o senhor já conhece, não é verdade?

- Sim, eu a conheço, mas quero ouvi-la da sua boca, ignóbil servo dos infiéis.

Leonardo não se deixou atingir por aquela última e muito grave ofensa. Permaneceu em silêncio. Quem veio em seu socorro foi o cardeal teólogo, que se ergueu e balançou a cabeça, dirigindo-se particularmente ao cardeal Giovanni.

- O senhor Nicolau disse algumas coisas profundamente justas, irmãos. Estamos aqui para dirimir coisas de fé e de ciência; seguramente não para nos ocupar de disputas políticas e militares. Eu, pessoalmente, recuso-me a discutir traições nesta santa sé e estou convicto de que os outros irmãos terão a mesma atitude. Peguem Leonardo, levem-no a Castel Sant'Angelo, mas antes concluamos dignamente aquilo que

iniciamos. De fato, o mestre ainda não explicou a natureza profunda de sua pretensa descoberta. Desconsideremos, pois, o que foi dito sobre São Marcos e sobre os infiéis e voltemos ao fosso do Arno e aos famosos ossos.

Os outros padres concordaram, enquanto o inquisidor recolhia seus papéis, momentaneamente derrotado, e Nicolau sentiu um frêmito de orgulho. Resistira a uma batalha que teria feito tremer almas bem mais fortes que a sua. Leonardo pigarreou e prosseguiu tranquilamente seu relato. E o fez num tom tão pacato que causou admiração em Nicolau, que lastimava as intrigas e os enganos de Valentino, estes muito mais simples do que os fatos que agora eram discutidos.

- Esperava os livros perdidos de Herófilo e de Erasítrato, mas nesse meio tempo outras referências dos antigos, em textos que eu já possuía, abriram ainda mais minha mente. Fragmentos daquela verdade, que enquanto eu estudava os ossos do Arno tornava-se cada vez mais evidente, já tinham sido intuídos por Aristóteles. Ele, quem primeiro classificou os animais com base em sua natureza, diz:

"Nada impede que, por exemplo, os dentes incisivos nasçam agudos e adaptados a cortar por necessidade; os molares, por sua vez, nascem achatados e eficientes para mastigar o alimento; pode-se dizer que tudo isso acontece não por um fim, mas por acidente. E ainda se poderia dizer que o mesmo acontece com as outras partes, nas quais parece atuar a causa final. Portanto, poderíamos concluir que as modificações nesses seres, nos quais tudo se produziu de modo acidental (quando parecia ter sido produzido em vista de um fim), foram conservadas pelo fato de, casualmente, eles serem tidos como constituídos de modo oportuno; por outro lado, todos aqueles que não eram indicados para tal situação perderam-se ou irão se perdendo, como aconteceu com os bois de rosto humano dos quais Empédocles fala."

Aristóteles exprime esse conceito para depois refutá-lo, em nome de sua filosofia, mas de fato concebe uma idéia completamente nova, que depois se torna o eixo das teorias posteriores. O que importa aqui é a

formação, na cabeça dos antigos, de uma visão da progénie dos seres vivos nos quais está em ato um crivo muito lento...

Giovanni de Medici estava roxo de raiva.

- O senhor disse crivo? Leonardo confirmou.

- Exatamente como uma peneira que seleciona ao acaso sementes diversas, mas só se salvam aquelas que se distinguem por sua maior utilidade em determinado tempo e em condições mutáveis.

Os padres permaneciam imóveis, em silêncio, como figuras em um quadro. Talvez alguns deles já dispusessem de informações acerca da substância da ideia de Leonardo; muitos outros, provavelmente, não faziam a menor ideia do que se estava debatendo. Leonardo esperou um momento, como se para permitir que suas palavras pairassem no ar daquele lugar sagrado, como mensageiras expressivas a mudanças futuras.

- Nas gerações, durante dezenas de milênios, a natureza realiza essa escolha, como um cego que muda as características dos seres vivos sem se preocupar com o fato de elas serem boas ou más. Teofrasto, discípulo de Aristóteles, imaginou a possibilidade de essas mudanças espontâneas poderem ser transmitidas por hereditariedade às gerações posteriores, e concebeu a ideia notável de que isso poderia ocorrer *no sêmen*.

O cardeal Giovanni fez um gesto com a mão, em sinal de menosprezo àquela citação do sumo filósofo.

- O que nos diz dos quinhentos macacos comprados por seus protetores para o senhor na África? O que fez com eles? E com os mouros?

- Pretendia refutar algumas ideias antigas e verificar outras mais adequadas e, sobretudo, demonstrar minha teoria. Os pitagóricos já haviam compreendido que animais não podem gerar-se de maneira espontânea, mas que devem necessariamente nascer de outros animais. Logo, se homens primitivos foram nossos antepassados, eles devem ter nascido de outros, mais primitivos ainda. Empédocles imaginara que na Terra devem ter vivido seres monstruosos, obtidos pela recombinação casual de membros de animais singulares. Provei que isso era fácil,

utilizando os pobres corpos dos macacos que os estúpidos agentes de Pisa jogaram no fosso. Cortei ossos de gorilas e os inseri em membros humanos de mouros, e vice-versa. Mas, depois, encontrei uma linha que une em um contínuo devir os macacos semelhantes ao homem que vivem na África inferior ao grande deserto, com os mouros e com nós mesmos. Por isso tive necessidade de tantos ossos, senhores, e de cadáveres...

- Você também quer ser acusado de feitiçaria, Leonardo. Mas se realmente acredita naquilo que está dizendo, então...

Leonardo levantou o braço, mantendo a mão aberta, como em uma espécie de exortação. Era chegado o momento de responder à pergunta fundamental, ou seja, sobre qual era a natureza interior de sua arma secreta. Os padres reunidos e o próprio Maquiavel sabiam disso e esperavam, boquiabertos.

- Os antigos compreenderam a razão dessa linha aparente e substancial por meio de intuições e de estudos sucessivos. De fato, Anaximandro defende que a vida nasceu na água. Anaxágoras diz que o homem deve a própria inteligência às mãos, que, livres do caminhar sobre quatro patas, como os outros animais, adaptaram-se a destruir, construir e manipular o mundo. E Herófilo, como já disse, encontrou e estudou os ossos de nossos antepassados mais remotos ao longo do Nilo, experiência que tive a sorte de repetir no rio Arno. Dessa maneira, eu, Leonardo...

Na Capela Sistina, há tempo não se ouvia um só murmúrio além da voz do cardeal inquisidor e da voz poderosa de Leonardo. Então, quando Leonardo finalmente completou a frase, a última palavra ribombou como uma mina que explodisse de modo inesperado sob as muralhas de um castelo assediado.

Os Ossos DE DEUS

- Eu, Leonardo Da Vinci, provei, sem possibilidade de erro, que a matéria física do homem foi extraída, nos tempos de Deus, mas que não são os do Homem, e sim de um ser inferior.

Giovanni de Medici olhou para ele aterrorizado.

- Dos macacos?

Leonardo confirmou:

- Sim, dos macacos.

Naquele silêncio absoluto, um velho prelado irrompeu em uma risada estridente. O cardeal teólogo prestou mais atenção, mas todos os outros pareciam ter se transformado em estátuas de pedra. Leonardo olhou para cada um deles, com uma lentidão insuportável para Nicolau. Depois, continuou com naturalidade.

- Descobri, e posso prová-lo, mesmo sem o livro de Herófilo de Calcedonia, que dos macacos mais antigos derivaram-se, por obra seletora da natureza e depois de inúmeras pequenas mudanças posteriores do sêmen, macacos mais evoluídos; desses macacos surgiu a primeira humanidade rude e desprovida de linguagem que, passando pelos mouros retintos da África, ainda imperfeitos, chegou a nosso esplendor. Portanto, nossa linhagem deriva dos macacos, senhores. Diante disso, nada posso fazer além de crer, porque assim é.

Giovanni de Medici recuperara toda a verve polêmica e, com o rosto ainda vermelho como fogo, apoiado em seu curto pescoço taurino, desceu do assento e se posicionou outra vez diante de Leonardo, mostrando-lhe o punho fechado.

- Essa é a blasfêmia mais atroz que já ouvi! Então, Deus criou... o macaco à própria imagem e semelhança? Meu senhor, perdoe-me. E o senhor ainda se diz um sábio, raciocinando desse modo? Nós somos irmãos em Cristo, mestre Leonardo, dos mouros da África mais negra. Eles, de maneira alguma, são *inferiores* a nós...

- Sei perfeitamente, meu senhor Giovanni, que os mouros têm alma imortal como nós. Digo apenas que, por razões ainda ignoradas, a matéria de que são feitos manteve uma forma mais aproximada do desígnio divino originário; diria, um estágio mais antigo da humanidade, intermediário, portanto, entre meus ossos e nós. Por sinal, a Bíblia diz que a velha humanidade foi destruída por ocasião do Dilúvio e que a humanidade atual descende de Noé, mas nada sabemos dos filhos de Noé

e de sua história. Os Patriarcas tinham muitas mulheres. E se Cam tivesse tido uma mãe diferente da de Jafet e de Sem?

- Deixe para outros a exegese da Bíblia, mestre, e perceba que tudo o que o senhor disse é uma heresia perturbadora.

O outro cardeal levantou-se. Todos emudeceram de novo e olharam para ele.

- De todo modo, meu irmão, ouçamos com prudência mestre Leonardo, que investiga a natureza talvez de maneira ainda mais profunda do que Aristóteles...

O inquisidor olhou para ele com ar desconcertado.

- Como pode dizer isso, irmão? O que pode ter existido na Terra, entre Aristóteles e nós, que possa ter mudado tão profundamente o modo humano de atingir a verdade? Talvez essa nova moda blasfema de usar Platão, que tanto agrada aos filósofos florentinos?

O cardeal teólogo sorria, demonstrando não se atemorizar com a fúria do inquisidor. Parecia estar era se divertindo com a direção que a discussão tomara, como se estivesse replicando não apenas em nome da busca da verdade, mas pelo prazer de exercitar a própria genialidade.

- Muitas coisas, irmão, e você sabe disso tanto quanto eu. Entre Aristóteles e nós há Jesus Cristo, nu e crucificado!

O inquisidor calou-se, embaraçado, e o teólogo corpulento continuou com destemor, dessa vez dirigindo-se a todos os confrades e aos hóspedes ilustres.

- Vejam, caros irmãos em Cristo, mais uma vez a letra mata e o Espírito vivifica. Vocês ouviram os mestres judeus da *Kabbalah*, que não reconheceram o Messias, mas interpretam as Escrituras de modo quase sempre mais sofisticado e profundo do que o faríamos. O Gênesis diz que Deus criou o mundo, mas não do Nada, e sim do lodo da terra. Quantas vezes alguns de nós, olhando para si mesmos e encontrando-se em pecado, não se disse semelhante ao lodo e ao esterco? Deus pode perfeitamente ter usado o lodo como uma forma prévia, um animal, e ter-lhes soprado no nariz o Espírito Divino, o *Pneuma*, a *Ruah*. Isso explicaria a estranha, mas inexplicável semelhança entre os homens e

alguns macacos, assim como a diferença entre o ouro e o magma sulfuroso dos alquimistas...

Giovanni de Medici calou-se durante longos minutos. A todos pareceu que tinham se esgotado seus argumentos. Recolheu seus papéis, organizou-os em um estojo e amarrou os laços com um gesto teatral, como se estivesse dando aquela discussão por encerrada. Um servo aproximou-se dele, pegou os documentos e saiu da sala. Por um momento, Nicolau achou que a vitória estava ao alcance da mão e, com ela, a salvação. Mas a rendição do jovem inquisidor de rosto redondo e de nome inquietante era apenas uma ilusão. De fato, ele esfregou as mãos, voltou a seu assento e apontou o dedo indicador contra Leonardo, com mais raiva e arrebatamento do que antes, sem a inesperada defesa do cardeal teólogo.

- Senhor Leonardo, não quero mais discutir Teologia, porque, ao que parece, o senhor tem quem se alinhe validamente à sua posição. Tampouco quero que o senhor Nicolau volte a tecer suas hipócritas tramas para atrapalhar esta santa assembléia com argumentações jurídicas, com o único propósito de confundir os confrades cardeais e os outros doutores da Igreja. O senhor será julgado por um Tribunal leigo, não me importa. Mas ao dissertar sobre a Criação, sobre ossos e macacos, o senhor, e não apenas o senhor, infelizmente, logo se esqueceu de uma culpa tão grave que não exige nenhum tipo de formalismo para ser condenada. Mestre Leonardo, o senhor, primeiro sem talvez se dar conta, mas depois sabendo-o perfeitamente, porque estúpido não é, vendeu suas falsas ideias ao sultão! E essa ação, confrades, temos o dever de julgar!

Ouviu-se de novo um longo murmúrio. Dessa vez, o cardeal teólogo não falou em defesa de Leonardo. Mantinha a cabeça baixa, como que concentrado na ponta de seus sapatos. Foi quando o inquisidor abrandou de repente a voz, quase como se Leonardo tivesse se transformado em um menino desobediente, não mais um traidor supremo, como até aquele momento fora pintado ao auditório.

- Caro mestre, o senhor não se importa com a Santa Madre Igreja. Todavia, tinha perfeita consciência de que sua ideia equivalia a uma arma

terrível, *Ingenium terribile ex Inferis*, como bem entendeu o pobre Filippo Del Sarto...

- Que o senhor matou...

O inquisidor balançou a cabeça.

- Não fomos nós que tiramos a vida dele, Leonardo. Mas você tem razão: ele foi morto porque sabia muito a respeito dessa arma. Se ela fosse revelada ao mundo e subscrita pela sua autoridade e pela autoridade de outros inventos seus, teria causado um dano terrível à Religião. A afirmação de que os macacos são a imagem e semelhança de Deus, negando Adão e Eva, teria abalado até mesmo a fé dos mais fortes, e nenhum exército cristão teria podido resistir ao choque das hordas de infiéis, dispostas a avançar em armas sobre a inesperada vulnerabilidade do Ocidente! Uma arma terrível, seguramente; mais devastadora do que uma bomba de grande potência...

Leonardo ergueu o tom de voz, no encalço de seu inquisidor.

- O senhor diz que não matou Filippo Del Sarto. Mas Durante Rucellai foi morto por ter tentado me entregar o livro de Herófilo! O senhor se moveu com espadas e punhais, levando a destruição aos meus colaboradores e amigos, atentando até contra a vida do senhor Nicolau, que nada tem a ver com isso.

- Você tem a coragem de nos acusar, Leonardo? Agimos, não negamos, para nos defender dessa sua ideia falsa e mentirosa, capaz de abalar a fé de muitos e de comprometer a defesa contra o Oriente, que nos pressiona. Mas lhe repito mais uma vez e lhe dou a palavra de um cardeal, não apenas de um Medici, que não fomos nós que levamos a morte: ao contrário, lhes demos seu oposto, ou seja, a vida.

- O prelado bateu as mãos várias vezes, e o eco se propagou pela vasta sala. Nicolau tinha os olhos fixos na assembleia judicial dos cardeais e pôde ver todas as cabeças girando para o lado direito, onde se localizava a porta da sacristia. Ele e Leonardo também se voltaram para aquele lado, admirados e estupefatos com um espetáculo de incomparável encanto.

Pela porta, entrou primeiro Ginevra dei Rucellai, não mais vestida de homem, mas com um maravilhoso traje preto, à moda espanhola, com

muitas camadas de rico tecido e uma ampla saia cravejada de pérolas. Os longos cabelos negros estavam recolhidos sob um elaborado chapéu, com grandes penachos e um véu que não dava conta de esconder seus olhos luminosos da cor do céu. Maquiavel, pela primeira vez, desde quando a conheceu, entendeu que ardia de amor por ela; que não sentia falta dela apenas em sua cama, mas que teria dado tudo para passar com ela os anos que ainda lhe restavam. Ginevra cumprimentou a assembleia judicial com uma inclinação profunda. Ao se dobrar, sua veste deixou ver, por um segundo apenas, o cabo de prata de uma espada.

Mas espetáculo ainda mais esplêndido foi oferecido, contudo, pela mulher que passou pela porta da sacristia imediatamente depois de Ginevra. Era a grande mulher negra, que ficara ainda mais alta com os sapatos especiais de madeira que estava calçando. Sua cabeleira estava arrumada de modo semelhante ao das estátuas que representam as imperatrizes da dinastia dos Antonini, e a montanha de cabelos encaracolados estava coberta por um rico véu negro, cravejado de pequenas pérolas. A roupa era escura, como convinha àquele lugar sagrado, mas em nada lembrava a moda espanhola: o manto, que a envolvia como uma túnica romana, resplandia com cem nuances de marrom e até mesmo com diversos brilhos do preto. Leonardo emocionou-se ao vê-la. O cardeal Giovanni de Medici percebeu isso e sorriu satisfeito.

- Essas mulheres lhes foram enviadas por nós, quando aqueles que nos informam de tudo o que acontece no mundo, para maior glória de Cristo, nos anunciaram que o sultão que usurpa o trono de Constantinopla recebera notícias dos ossos encontrados por Leonardo e da idéia errônea que ele estava criando. Foi-nos dito também que, para elaborar essa doutrina enganosa, Leonardo estava em busca dos textos de Herófilo e de Erasítrato, dos quais possuía apenas os índices, e que tiraria grande proveito do confronto dos raríssimos macacos negros africanos com os mouros que habitam as florestas incontaminadas e os corpos de que já dispunha na Toscana. Agora, senhora Ginevra dei Rucellai,

prossiga o relato, de modo que Leonardo possa ter uma ideia daquilo que provocou.

Aquela mulher esplêndida deu um fugaz, mas luminoso sorriso a Nicolau, e o coração dele pulou com o de um menino. Ela, então, fez uma reverência diante da assembléia judicial.

- Santíssimos padres, recebi o encargo e com alegria o levei a termo. Mas quero dizer, de início, que não teríamos chegado a esse resultado sem a ajuda dos senhores Nicolau e Violante, este último tendo sido por mim pessoalmente convencido a dar sua contribuição fundamental.

Ginevra olhou de novo para Maquiavel, mas dessa vez seu sorriso foi malicioso, e Nicolau entendeu, ou pensou ter entendido, algo que magoou seu coração. Ginevra, então, continuou a falar seriamente aos prelados e aos demais doutos homens de fé.

- Tive notícia, da parte de pessoas provenientes de Roma, que estava de passagem por Ferrara o senhor Durante Rucellai, antigo discípulo do mestre Leonardo Da Vinci, aquele que, por conta do sultão, deveria entregar a Da Vinci o manuscrito de Herófilo de Calcedonia. Também tive notícia, e fiquei muito consternada ao saber do papel desempenhado pelo duque Valentino em tão perverso projeto. Durante, mesmo não se importando humanamente com isso, estava em busca de uma mulher respeitável para sua carreira política. Tive, então, a honra de receber do papa a incumbência especial de seguir seus movimentos e de detê-lo, visto que apenas eu poderia passar imune por todos os perigos mortais que se prenunciavam. Assim, e de acordo com meu verdadeiro esposo, mudei de aspecto e deixei em meu lugar uma garota em quem confio totalmente, quase uma irmã. Assumi o nome de Ginevra e espousei Durante em um casamento nunca consumado e, portanto, desde sempre nulo por um incontestável vício de forma e de substância.

Nicolau simplesmente não se conteve.

- Qual é, então, seu verdadeiro nome? Quem é você?

Antes que a mulher pudesse responder, o cardeal Giovanni de Medici ergueu a voz.

- Isso não é pertinente. Adiante, dona Ginevra.

- Por falta da total confiança e partilha que há entre marido e mulher, não consegui encontrar o manuscrito enquanto Durante esteve vivo.

Tomado pela raiva, Nicolau voltou a interrompê-la.

- No entanto, encontrou-o nas roupas dele após sua morte! Você percebeu a estranheza de seu livro de Horas e arrancou o códice antigo que estava encaixado nele, sem se dar conta da frase que o pobre Durante havia escrito a pena. Você era realmente a única pessoa que podia tê-lo subtraído! Fiquei cego, atrapalhado pela carne.

- Nisso, talvez, você esteja certo, Nicolau, mas não confiarei em sua cegueira.

Ginevra pegou um códice no bolso da veste e o mostrou ao prelado inquisidor.

- Aqui está Herófilo, o tratado *Metamórfosis tou spérmatos*, ou *A transformação do semen*. Durante antepusera ao texto uma breve mensagem para Leonardo: "Para Leonardo: a filosofia pode realmente ter a força das armas se, em nome do positivo, se opõe ao Verdadeiro. Segue *A transformação do sêmen*".

- Arma terrível, de fato! - disse o cardeal Giovanni, em um tom pesaroso. - Se em nome do *positivo*, ou seja, do conhecimento pagão, se opõe ao *Verdadeiro* da Escritura.

Ginevra nada comentou, nem Leonardo, que olhava o antigo manuscrito com olhos que Nicolau só conseguiu definir como famélicos. O cardeal teólogo, que até aquele momento se mantivera em silêncio e de cabeça baixa, suspirou profundamente, de maneira a se fazer ouvir pelos outros membros da assembleia. O inquisidor deu demonstração de ter perdido a paciência, mas a autoridade de seu confrade era tamanha que ele foi obrigado a dar-lhe imediatamente a palavra.

- Nada pode se opor ao Verdadeiro, meu irmão. No máximo, a ciência positiva pode nos ajudar a entendê-lo melhor. Não é o Verdadeiro que é imperfeito, mas a nossa maneira de entendê-lo.

- Suplico-lhe, irmão, agora sou eu quem lhe pede que deixe de lado as discussões teológicas para que dona Ginevra possa finalizar o relato.

A mulher esplêndida baixou seus olhos azuis, em sinal de obediência, e prosseguiu.

- Durante certamente copiara esse texto para guardá-lo em segurança, e quando soube que Leonardo fora para Livorno para entender o que acontecera com seu precioso carregamento de macacos, tentou entregá-lo do mesmo modo. Mas o mestre não se encontrava mais naquele porto, porque já estava viajando para as terras de Maremma. Durante descobriu onde era seu refúgio e partiu à noite, em segredo, surpreendendo a mim e ao senhor Nicolau. Infelizmente, foi interceptado e morto, e seus assassinos, por certo, destruíram a cópia de Herófilo que levava consigo.

Leonardo pareceu acordar do encantamento que se apossara dele à vista do tão desejado códice grego.

- A senhora já sabia que mestre Michele era o agente do sultão?

- Não, mestre. Eu ignorava seu nome e não sabia nem mesmo que estivesse no fosso do Arno, ou em qualquer outro lugar. Foram Nicolau e Violante que revelaram a identidade dele e, também por isso, como eu disse no início, sua contribuição para o triunfo da causa da cristandade foi essencial. Estou segura de que esta assembleia judicial levará isso em devida conta.

O inquisidor fez sinal positivo.

- Não é, todavia, tarefa sua, senhora, defender os dois réus. Vamos adiante.

No tom de voz de Giovanni de Medici, Nicolau percebeu um certo respeito e algo como uma devoção que não esperava ouvir dele em relação a uma dama. Quem era, então, aquela que se escondia por trás do nome Ginevra? A linda mulher prosseguiu seu relato.

- Mestre Michele sempre foi inalcançável, como Leonardo. O senhor Filippo Del Sarto fora morto por sicários enviados pelos infiéis...

Maquiavel protestou.

- Quero que seja dito com clareza o que aconteceu em Livorno, quem matou o senhor Filippo e qual era o verdadeiro papel de Almieri!

Mas o prelado o calou com um aceno de mão.

- O senhor saberá daqui a pouco. Conclua seu relato, dona Ginevra.
- Tentei saber todo o possível de Valentino, que recebera do sultão o encargo de providenciar corpos e ossos para Leonardo...

- Aliás, a senhora soube espremer bem o jovem Borgia, em outro sentido - disse um sarcástico Nicolau, que não conseguia mais se controlar. Ginevra apagou o sorriso, claramente desiludida com aquela tirada infeliz.

- Amei César verdadeiramente, e não apenas por uma noite, mas de um modo que acreditei que você tivesse intuído...

O cardeal Giovanni, diante daquela troca de ciúmes, endureceu.

- Agora chega! Os senhores estão profanando este local sagrado. E que não se toque mais no nome de um duque, ligado por vínculos de sangue ao trono de Pedro, que, por uma vingança mesquinha contra o atual Pontífice, tramou contra a Igreja.

Ginevra baixou a cabeça.

- Por fim, mestre Michele foi morto pelos homens de Violante, fiel colaborador do senhor Nicolau, sem o qual minha missão teria falhado miseravelmente. Herófilo foi recuperado e entregue já faz algum tempo ao senhor, por meio dos agentes romanos, para que pudesse estudá-lo. - A bela mulher aproximou-se de Giovanni de Medici e lhe entregou o antigo códice; depois, inclinou-se e retornou a seu lugar. - Desse modo, o silêncio cai sobre a descoberta do senhor Leonardo, assim como a causa das mortes que os *outros* infligiram. Só ele está vivo, só ele conhece seu segredo.

O prelado inquisidor agradeceu a Ginevra, que se inclinou outra vez e sentou-se à parte, em um dos assentos livres. Desse modo, a grande mulher negra permaneceu só, em pé, ao lado de Leonardo e Nicolau. De repente, sem que ninguém a convidasse para fazê-lo, começou a falar, com uma voz profunda e extraordinariamente melodiosa, em um italiano de colorido siciliano e normando, que lembrou a todos o doce estilo perdido do Cielo d'Alcamo e de seus camaradas poetas.

- Também eu quero falar em defesa desses homens que são acusados, especialmente mestre *Lionardo*...

O inquisidor pediu-lhe para esperar.

- Diga primeiro quem é e dê seu testemunho.

- Sou a princesa Tsahai Sabá de Zamanuel Destà, do Império da Etiópia, crente no Verdadeiro Deus. Por ordem de meu soberano Negus Neghesti e do santo Patriarca da Igreja Copta de Aksum e de Lalibela, guardião da Arca da Aliança, empreendi uma longa e perigosa viagem pelas terras dos infiéis e cheguei à corte do sultão de Constantinopla, onde apresentei a mais importante embaixada que se possa imaginar. Depois, fui levada a Florença e entregue ao mestre *Lionardo*, como objeto de estudo, ao mesmo tempo em que todos os mouros levados a Livorno pelos portugueses tinham sido trucidados.

Nicolau estava encantado ouvindo aquela voz parecida com uma música nunca ouvida antes, mas ficou perplexo diante de tais palavras.

- Então, quem a levou para Leonardo já sabia onde ele se escondia! Achei que tivesse sido eu a isca para descobrirem seu refúgio.

- Ninguém sabia, senhor Nicolau, muito menos eu. Aquele jovem servo de aspecto inconfiável e torpe, Salai, era o único elo entre *Lionardo* e o mundo. Fui confiada a ele à noite, à margem do Arno, depois do último dique para pesca abaixo da cidade, e nos seguiram até a confluência com o rio Sieve, até o momento em que fui levada para a mágica nave que o senhor conhece. Os dois agentes romanos que estavam atrás de nós confundiram-na com uma simples barcaça, que servia apenas para atravessar de uma margem a outra e certamente não podiam suspeitar que uma vez chegada ao meio da correnteza, no véu de neblina que a circundava, a nave imergisse rapidamente e desaparecesse da vista. A partir daquele momento, tornei-me objeto de estudo do senhor Lionardo, enquanto dona Ginevra não encontrasse um modo de me fazer sair...

Leonardo olhava para aquela mulher misteriosa com assombro e admiração.

- Então, até você... e nunca me dirigiu uma palavra!

- O senhor achava que eu fosse muda, mestre, e esse era um disfarce útil para o senhor não desconfiar de minha função de informante; além

disso, porque acreditava, e ainda acredita, que a raça negra é inferior à branca, como se fôssemos um elo intermédio de sua cadeia entre os macacos, os homens primitivos e os europeus...

Nicolau ficou pasmo ao ver as faces de Leonardo ardendo. Era a primeira vez que isso acontecia.

- Ora, não acredito mais nisso que a senhora falou, se é que um dia acreditei verdadeiramente.

Nicolau talvez estivesse mais maravilhado que Leonardo, mas tentou manter a fleuma e obter o máximo de informação possível.

- Mas... e a embaixada na corte do sultão? O que a senhora devia dizer-lhe?

O cardeal Giovanni de' Medici sorriu e levantou a mão direita na direção da porta da sacristia.

- O testemunho da princesa etíope está concluído. Que entre o sacerdote Masud Abdulmejid.

Ao ouvirem aquele anúncio, os presentes levantaram-se e deixaram a sala. Quando todos saíram, da porta de madeira ao lado do altar-mor apareceu um ancião com um livro debaixo do braço: era claramente um infiel, porque vestia uma longa túnica colorida de vermelho e trazia na cabeça um turbante branco. Tanto o nome quanto os traços faciais revelavam sua origem turca. Nicolau se deu conta, antes que o inquisidor o anunciasse formalmente, de que se tratava de um sacerdote muçulmano de Constantinopla. Ele vinha acompanhado por dois homens, que aparentemente não pareciam servos e que se apressaram a posicioná-lo diante de uma espécie de grande biombo, talvez para dispensá-lo de ver o Santíssimo. Um dos dois era um soldado alto e ágil, com cavanhaque preto, rosto alongado e ar sorridente. Maquiavel ficou boquiaberto ao reconhecer o capitão de Pisa que ele mesmo mandara prender no fosso do Arno para saber pormenores do navio dos macacos. O inquisidor notou sua admiração.

- Parece que o senhor conhece aquele soldado, senhor Nicolau? Mesmo sendo mestre de enganos duplos e triplos... ao que parece, até o

senhor se tornou vítima deles e muito mais frequentemente do que acreditava, não é verdade?

Nicolau não teve forças para responder, mas pensou que Violante era ainda mais hábil do que ele pensava. O infiel foi convidado a dar seu testemunho, e da parte de trás do véu branco que o ocultava veio uma voz monocórdica que o capitão de Pisa, se é que era ele mesmo, traduzia para o italiano.

- Leonardo encontrou os antigos ossos e conversou sobre isso longamente com Michele Almieri, que tudo referiu aos nossos agentes. A notícia chegou ao sultão, que decidiu aproveitar a ocasião para minar pela base o poder do papa recém-eleito, negando os fundamentos da religião de todos vocês. Almieri foi feito embaixador de uma proposta, mas para que não recebesse uma negativa, foi dito a Leonardo que seria o doge o provedor de todo o material necessário para provar sua teoria. Da Vinci comunicou que necessitava de dois livros dos antigos pagãos, um de Erasítrato e o outro de Herófilo. O primeiro ficara nos emirados do Ocidente; o segundo, em Istambul, e provinha diretamente da biblioteca de Alexandria. Leonardo indicou duas pessoas capazes de agir como intermediários e mensageiros: o filósofo Filippo Del Sarto, que era conhecido em Córdoba desde os tempos felizes, e Durante Rucellai, seu obediente discípulo, que agiu sem saber quem realmente era aquele que enviava o livro. Fora dito a ele que o códice estava em mãos dos venezianos desde o saque cristão de Constantinopla de 1203.

Maquiavel se pronunciou.

- Mas o pobre Durante suspeitava da real proveniência do livro, visto que escreveu aquela frase em seu breviário: *A filosofia pode realmente ter a força das armas se em nome do positivo se opõe ao Verdadeiro.*

Ginevra, de seu lugar, concordou.

- Talvez tenha sido uma tentativa de transmitir suas suspeitas a Leonardo antes de ser morto, como Filippo Del Sarto provavelmente também teria feito.

O cardeal inquisidor levantou a mão para interromper aquela discussão:

- É inútil tentar defender o que é indefensável. Deixem o sacerdote muçulmano concluir, depois chegaremos às conclusões.

A voz do infiel voltou a cantar detrás do biombo, e o homem que estava com ele continuou a traduzir.

- Leonardo solicitou também quinhentos macacos de todas as raças, mas especialmente gorilas, e pelo menos quatro mouros africanos retintos e vivos. Tinha necessidade ainda de uma grande quantidade de cadáveres. Para encontrar esses cadáveres foi acionado o fugitivo duque César Borgia, chamado pelos senhores de Valentino, que providenciou o solicitado em Maremma, roubando muitos ossos das necrópoles abandonadas e dos cemitérios das regiões despovoadas pela malária. Tudo o que foi solicitado foi aprontado para ser enviado a Leonardo.

Giovanni de Medici aproximou-se do biombo e postou-se diante dele, de braços cruzados. A tela branca permitia entrever o perfil do teólogo muçulmano, sentado e com seu livro aberto sobre os joelhos.

- E agora diga como e por que os senhores mudaram de opinião.

- Foi ideia dos sábios de Istambul, entre os quais indignamente tenho assento, dizer ao sultão que, ao negar a Criação, seriam golpeados não apenas os infieis, mas também a verdadeira religião, ou seja, o Alcorão seria contradito. E que tudo o que fora mandado para o Ocidente como arma para realizar sua obra devastadora podia voltar ao Oriente.

- Foram apenas os sábios que convenceram o sultão?

O sacerdote muçulmano hesitou por um momento, antes de responder.

- A embaixada da princesa Tsahai, enviada pelo papa Júlio, provocou a primeira mudança de opinião.

- E o que os senhores fizeram na prática?

- Foram enviados agentes para eliminar o problema.

- Isso significa o quê? Seja claro, o senhor sabe que não lhe será feito mal algum, que poderá regressar a Constantinopla.

Deu-se mais um momento de hesitação, depois o turco falou:

- Devíamos destruir os macacos e os mouros antes que fosse tarde demais, e isso aconteceu no porto de Livorno; devíamos recuperar os livros de Herófilo e de Erasítrato e destruí-los; devíamos matar os senhores Filippo Del Sarto, Leonardo, Durante Rucellai e todos aqueles que tivessem tido conhecimento do segredo. Mas a obra não chegou a ser completada, pela intervenção de seus agentes romanos. O cardeal teólogo sorriu para Maquiavel.

- De fato, foi-lhe dito que nós lhes trouxemos a vida e não a morte. Mas Giovanni de Medici o interrompeu, com uma voz tonitruante.

- Que Mas ud Abdulmejid seja retirado imediatamente deste lugar santo!

O biombo foi desmontado às pressas, e o teólogo muçulmano e seus acompanhantes se foram. Ao mesmo tempo, os membros daquele júri extraordinário foram readmitidos à Capela e retomaram seus respectivos assentos. Nicolau voltou a temer pela própria vida. Os olhares de todos eram muito hostis, Ginevra e a princesa negra estavam de cabeça baixa; até mesmo Leonardo parecia dobrado pela idade e pela preocupação. O tempo parecia não passar nunca, e quando Nicolau pensou que finalmente tivesse chegado o momento de se arriscar em um discurso final, para o qual se preparara desde sua entrada na Capela Sistina, o inquisidor tirou da manga da túnica uma folha de pergaminho, desdobrou-a e começou a ler.

- Decisões do tribunal extraordinário... Nicolau sussurrou desconsolado para Leonardo:

- A sentença já estava lavrada - e renunciou a fazer qualquer protesto, a tentar qualquer defesa posterior.

Giovanni de Medici continuou a ler o proclama.

- Esta assembléia, ouvidos o senhor Nicolau de Bernardo Maquiavel, florentino, o senhor Leonardo di ser Piero Da Vinci, florentino, e as testemunhas aqui trazidas, decide quanto segue...

As palavras do inquisidor ecoavam na vasta sala, como que reverberando sob o céu azul cravejado de estrelas de ouro, e as santas faces dos Pontífices, desde seus nichos altos, pareciam unir-se ao

auditório eleito para escutá-lo. Nicolau temia pela sua vida e, com toda probabilidade, Leonardo também via desenhar-se para si um futuro lúgubre, talvez morte por chibatadas na praça do Povo, ou, pior ainda, prisão perpétua, tornada ainda mais terrível pelo segredo absoluto que certamente a cobriria dos olhos do mundo. O inquisidor tomou o fôlego, antes de transmitir as decisões finais, e ninguém, naquela tensão espasmódica, percebeu que a porta da sacristia fora aberta. Uma voz nova se levantou, poderosa e irresistível:

- Cale-se!

Todos olharam para a porta de madeira, da qual viera aquela ordem imperiosa.

Aquele Que Decide

A voz profunda, um pouco rouca, ressoou algumas vezes, antes de os presentes se darem conta do que estava acontecendo. Mas depois o inquisidor, cardeal Giovanni de Medici, lançou-se por terra como se tivesse sido golpeado por um tiro, e os cardeais que ainda não haviam chegado aos próprios assentos fizeram quase o mesmo, dobrando-se em inclinações profundas. Nicolau reconheceu imediatamente a alta figura vestida de branco que aparecera na soleira da capela: era um homem de 60 anos, com o rosto alongado e severo e a barba branca. Era Juliano Della Rovere, eleito para o trono pontifício com o nome de Júlio II. O papa aproximou-se a passos ágeis e postou-se de pé diante de Leonardo Da Vinci e de Nicolau Maquiavel, que estavam ajoelhados.

- Ouviram o que aconteceu por sua causa, senhores? A cristandade foi exposta a perigo, enquanto os senhores só pensam em suas existências pessoais! Acalmem-se, porque decidimos trazê-los aqui para conhecerem todas as coisas e se darem conta da enormidade de suas ações. Mas não desejamos que suas vidas sejam retiradas. Consideramos que suas existências terrenas ainda sejam de utilidade suprema para a Santa Igreja, comunidade dos fiéis. E mesmo que suas almas sejam reclamadas pelas chamas do Inferno, permanecerão, por enquanto, bem ancoradas em seus

corpos, para que possam criar pensamentos profundos e astutos e obras de arte de grande inventividade. Só nós julgaremos se elas serão boas ou falsas e faremos de tudo para direcioná-las, em todos os casos, para a maior glória de Deus. Por outro lado, nosso coração paterno palpitou por vocês dois... Já expusemos a muitos riscos outras almas muito caras para nós, para que os infiéis não os ferissem. Que sentido teria, agora, nós mesmos concluirmos a obra? Digam-me, então: tiveram a alma suficientemente abalada? Vocês experimentaram o justo temor?

O papa apontou o dedo contra Leonardo.

- Não lhe peço que renegue sua descoberta, porque o conheço e sei que não acredita em nada, a não ser em seus desenhos e projetos, mas ficará de boca fechada ou terei de fazer com que a fechem?

Leonardo não respondeu. Ficou de cabeça inclinada. O papa continuou a falar e parecia dirigir-se exclusivamente a ele. Parecia que todos os demais, incluindo Nicolau, não existissem realmente:

- O que você acha que descobriu, mestre? A verdadeira alma, aquela que secretamente contempla o Verdadeiro, manifesta-se ao mundo quando você pinta. É nesse campo que você será para sempre louvado como o maior. Mas se dirige seu olhar para as coisas terrenas, você não é mais mestre do que Almieri ou do que o menor de seus mestres de obras no desgraçado fosso do Arno.

Leonardo ergueu a cabeça, mas Júlio pôs os dedos em sua testa e baixou-a de novo, com força.

- Não se altere, Leonardo. Não sou estúpido; muitas de suas máquinas são verdadeiros milagres. Não estou preocupado em saber se as copiou dos gregos antigos. Isso não me importa de fato. Nenhum outro seria capaz de fazê-lo. Seus estudos militares, suas fortalezas, suas obras de hidráulica servem ao mundo, servem a mim, e ainda serão muito necessárias. Quanto àquilo que você faz com os cadáveres, atitude pela qual bem mereceria ser condenado por feitiçaria, entendo a quais descobertas tão mórbidas ações conduzem, e são grandes coisas. Nenhum mestre de obras, não se preocupe, seria jamais capaz de conceber algo de semelhante, nem mesmo o melhor de seus discípulos, que, por sinal, os

infiéis mataram. Mas quando você acredita ter desvendado a profunda essência das coisas, a razão primeira e última, sua pouca fé o faz desviar-se. Aquela sua teoria, que vendeu aos infiéis, por exemplo, não é falsa de todo, como dizem esses tolos aqui reunidos, a começar por Medici.

Ninguém comentou aquela tirada do papa, mas o cardeal inquisidor, mesmo mudo e sem se mexer, ficou rubro como o fogo. Júlio II percebeu.

- Pode ir, Giovanni. Você foi excelente como advogado do diabo. Um dia será papa.

O cardeal se prostrou duas vezes e atravessou toda a sala de cabeça erguida, sem atentar para os olhares de todos, saindo pela grande porta principal. Quando a porta foi fechada, o papa se voltou outra vez para Leonardo.

- Você quer que o sábio teólogo que o defendeu, por ordem expressa minha, lhe dê uma versão correta e mais respeitosa da teoria que você ofereceu a esses pacientes padres?

Júlio II se virou para o auditório e piscou para o cardeal corpulento, que mantinha os olhos baixos por respeito, mas ria com sarcasmo.

- Adiante, cardeal Francesco da Signa, diga a Leonardo também tudo o que me disse depois de ter lido o livro!

O teólogo se pôs de pé e, depois de ter agradecido ao papa por ter-lhe concedido a palavra, explicou com voz convincente.

- Nenhuma ciência vai contra o Verdadeiro se afirma que Deus, com seu desígnio criador, procedeu por tentativas, assim como um escultor ainda não sabe, quando se encontra diante de um bloco de mármore, que forma terá a estátua que surgirá dali, e mesmo assim ela será exatamente a que ele queria e não poderia ter outra aparência. Nosso Michelangelo escreveu:

Não tem o ótimo artista conceito algum que um mármore apenas em si não circunscreva com seu excesso, e só a ele chega a mão que obedece ao intelecto.

- Logo, é perfeitamente possível que a Criação tenha ocorrido seguindo um desígnio inteligente de Deus, mas que várias formas humanas tenham sido postas na competição da vida e que tenham lutado

e tenham sobrevivido apenas aquelas que *casualmente* fossem mais adaptadas, perpetuando seu sêmen. Mas esse caso estava previsto no desígnio de Deus, que aceitou ou rejeitou o que proviesse disso. A teoria de Leonardo, portanto, não é falsa, muito menos verdadeira, porque, nesse caso concreto, os ossos que encontrou são de homens antigos, mas não são os nossos progenitores diretos, mesmo que a linhagem seja comum... A cadeia é mais complicada e recua muito para trás no tempo. Foi o que li no livro perdido dos antigos providenciado por dona Ginevra e que Sua Santidade quis confiar às minhas mãos, em vez de entregá-lo às de Leonardo.

O cardeal teólogo inclinou-se outra vez, e o papa também o dispensou com um aceno de mão. Leonardo reerguera a cabeça e tinha um olhar de grande pasmo. Júlio lhe sorriu.

- O fato é que nós sabemos mais que você, porque Herófilo e os outros gregos também foram conservados em outras bibliotecas, além da de Alexandria, e quem transmitiu a sabedoria antiga, copiando e recopiando os textos, assinalou a quem tinha a incumbência de ocultá-los todos os que aparentemente contradiziam a doutrina da Igreja. Pobre Leonardo, você ficaria maravilhado ao ler, se, claro, estivesse em condições de entender, as obras que o mundo acha que estão perdidas e que falam de raças humanas nascidas e depois desaparecidas; de uma única estirpe que deixou o Éden e que realizou coisas torpes e magníficas, em uma História que é bem mais longa e complicada que você imagina...

Leonardo voltou a se levantar. Era tão alto quanto Júlio, e os dois homens poderosos ficaram um diante do outro, como gigantes bíblicos prontos para o embate.

- Logo, devo convencer-me de que a minha teoria é falsa?

- Não, acabamos de lhe dizer o contrário. Não existe nada de novo naquilo que você descobriu, Leonardo, mas tudo isso deve permanecer em segredo por muito tempo ainda. Porque, mesmo que essa ideia não esteja em confronto, em sua profundidade, com a doutrina da Santa Madre Igreja, ela não deixa de ser muito perigosa para as mentes fracas,

como ficou demonstrado pela conspiração dos infiéis. Logo, Herófilo acabará como os outros textos antigos...

- Devo aceitar que ele seja destruído?

- Claro que não, Leonardo! Nós não destruimos. Talvez o sultão, que parece gostar de esquentar suas estufas com papéis que contradigam o Alcorão, faça isso. Somos muitos a saber que o Cristianismo e o Islamismo, assim como o Judaísmo, estão profundamente unidos. Se um ceder, todos os outros cairão. Quanto a você, conforme-se: terá de retomar sua vida de sempre e, a seu modo, dissoluta, mas esqueça seu refúgio secreto em Florença, que já foi evacuado. Não tenha medo: escondemos as máquinas e confiscamos os livros em custódia. Como este.

Júlio II entregou ao cardeal Francesco da Signa o códice de Herófilo de Calcedônia, e o prelado desapareceu por trás da porta da sacristia.

- A embaixada fez um excelente trabalho, o sultão fez o melhor que podia. Apesar de ser um infiel, é sábio.

Depois o papa se dirigiu a Maquiavel.

- E você, Nicolau de Bernardo, está confuso com Ginevra? Quer saber quem ela é realmente?

Era tudo o que Nicolau queria. Concordou repetidamente, com grande vigor.

- Então, siga com ela, acompanhe-a até seu carro, que está à espera no átrio mais externo do palácio.

Ginevra fez um sinal negativo, assustada, mas a autoridade de Júlio II era irresistível. O papa sorriu, convidando-a com a mão a andar.

- Avante, senhora! Você foi uma grande agente em nome de Deus. Por isso terá o reconhecimento da Santa Madre Igreja para sempre. Sabemos que a sua é uma nova vida, santificada pela fé e pela caridade. Claro que aquele momento de nostalgia, era Maremma, não será suficiente para apagar sua nova virtude. O senhor Nicolau merece saber de tudo, porque comportou-se bem e alimenta por você um sentimento profundo. Então, vão juntos, meus caros filhos, despedirem-se, dizerem um ao outro um adeus digno.

Em seguida, o papa, enquanto Maquiavel aceitava a mão que Ginevra lhe estendia, voltou-se para o homem fechado em um orgulhoso silêncio, de braços cruzados.

- Vamos, Leonardo, é hora de você retornar a Florença. Será acompanhado a seus alojamentos à beira do Arno nesta noite mesmo. A senhoria o aguarda.

Leonardo balançava a cabeça, desconsolado.

- Sim, claro, aguarda-me com encargos de infinita importância, como decidir o lugar onde expor o David daquele jovem e deslumbrado Michelangelo, ou iniciar a minha *Batalha de Anghiari*.

- Parece-lhe pouco, Leonardo? Você possui o dom da imortalidade na Terra.

O ADEUS

Nicolau apertava com força a mão de Ginevra, enquanto descia com ela a longa escadaria que levava ao pátio interno do Palácio Vaticano. Os longos corredores e as salas estavam desertos, como se o papa tivesse dado ordem de deixá-los a sós. Mas nenhum dos dois disse uma só palavra, porque ambos tinham segredos e sentimentos que não podiam expressar. O calor de suas mãos falava por eles. Quando chegaram ao último corredor, Ginevra finalmente parou. No fundo, via-se um portão entreaberto, diante do qual distinguiram duas silhuetas diferentes, paradas, a esperá-los.

- Quantos filhos você tem, Nicolau?

- Dois vivos, dona Ginevra. O último é Ludovico. E você tem filhos?

- Também tenho dois, meu caro.

- Quem é você, então, minha senhora? Ginevra é seu verdadeiro nome? Duvido muito...

A mulher sorriu.

- Você está certo em não acreditar. De resto, nem mesmo meus cabelos dizem a verdade: foram pintados.

Nicolau finalmente entendeu o motivo de outras particularidades do corpo daquela mulher de beleza extraordinária.

- E então?

- Preferia não lhe dizer nada, mas certamente não se pode desobedecer a uma ordem do papa. E depois, mesmo que eu me calasse, você descobriria quem sou assim que visse os dois homens que me esperam no final deste corredor. Mas deixe-me dizer que você é realmente cego, como todos os homens. - Apertou-lhe ainda mais a mão.

- Vamos, está na hora de eu voltar a meu palácio, para meus amados súditos e para meu verdadeiro marido.

- Espere! Você disse que amou verdadeiramente Valentino, e não apenas por uma noite...

A mulher baixou a cabeça.

- E como poderia não amá-lo? Eu o amarei sempre. Mas pequei outra vez com ele, e isso não está certo. O papa me absolve todas as vezes, sempre com sorriso semelhante àquele que um pai tem para uma filha amada, apesar de eu ser muito diferente disso, quase sua inimiga... Mas mesmo que seja como sacerdote que Júlio me absolve, meu coração não fica sereno.

- Você disse que também me amou!

A bela mulher pareceu a Nicolau uma garota virgem quando lhe acariciou a face hirta e passou ternamente os dedos entre seus cabelos.

- Claro que o amo, Nicolau. Mas agora tenho um amor maior do que aquele que sinto pelos homens. Você é justo e forte, mas tem grandes fraquezas e pequeninas misérias. Vai ter de mudar, para poder envelhecer feliz.

- Duvido que meus inimigos me permitam isso.

- Não se deixe tomar pela raiva e pela inveja; dê atenção ao dinheiro, mas não se torne seu escravo. Ame sua Marietta e os filhos que lhe deu e dará. E se os homens, poderosos ou humildes, não reconhecerem suas virtudes de homem de governo e de letras, mantenha seu coração em paz. Escreva sobre seus príncipes e sobre sua Clízia, mas não para receber elogios privados e públicos. Seja antes pelo prazer que lhe dará saber que

escreveu coisas belas e verdadeiras. E também tenha mais fé, Nicolau, porque a sua é mesmo bem pouca.

- Minha paixão por você é tão forte que...

Os olhos azuis da mulher que se fazia chamar Ginevra resplandeceram com um fogo quase sobrenatural.

- Já lhe disse, meu amor, amor como todos os outros homens, que todos vocês, os machos, são pedacinhos amados por meu próprio coração; já lhe disse, minha doçura, que agora tenho um amor maior. Por isso, deixe que eu me vá.

A mulher encaminhou-se para o portão, que naquele momento se escancarou. A forte luz do sol refletia-se no piso de mármore travertino e iluminou o corredor como a poderosa luz milagrosa dos antigos, que Leonardo recuperara. Agora, mesmo estando a contraluz, Nicolau teve como examinar melhor os homens que esperavam Ginevra. Um era de baixa estatura, meio forte. Tinha cerca de 30 anos, barba preta bem cuidada e estava vestido com trajes de embaixadores das cortes. O outro tinha mais ou menos a mesma idade, mas era mais alto e trajava as vestes cardinalícias. Quando deram um passo para trás, e a luz do sol iluminou seus rostos, Nicolau arregalou os olhos, porque os reconheceu e, com isso, não entendeu quem realmente era Ginevra. Voltou-se para ela, mas a mulher mantinha a cabeça baixa e sorria para si.

Quando, finalmente, chegou perto dos dois homens, Nicolau fez uma reverência diante do primeiro, um cardeal, e ele, rindo, ordenou-lhe que se levantasse imediatamente.

- Fique de pé, florentino dos diabos!

- Pietro, meu senhor! Há quanto tempo...

O outro homem lhe apertou os braços com força:

- Você escreveu algo de novo? Comédias? Seus tratados não me interessam.

- Estou preparando uma nova obra, Ludovico. Gostaria tanto que vocês, os poetas, lessem-na e a comentassem, e também gostaria de apresentá-la em Ferrara...

O cardeal Pietro Bembo tomou Nicolau Maquiavel por um braço e o arrancou do abraço de Ludovico Ariosto, poeta e embaixador da corte de Este.

- Nicolau! Sempre incomodando Ludovico para que ele o acolha entre os literatos...

- E você sempre tentando falar toscano, apesar de a língua de sua Veneza natal ser tão musical... Você nunca conseguirá se parecer com um florentino, meu senhor.

Riram e se abraçaram de novo, naquele adro banhado de luz, enquanto a carruagem esperava. Depois, o senhor Ludovico ensaiou uma reverência à bela mulher e a convidou a subir. Mas Maquiavel continuava a prender sua mão, sem dar sinal de deixá-la ir. Ariosto sorriu, mas, com um acento de tristeza na voz.

- Nicolau, se teve seu amor, você é o mais afortunado dos mortais. Mas agora é tarde, temos de levar a princesa para casa, pois ela está fora há muito tempo e não é mais possível adiar seu retorno... Entendo perfeitamente o quanto você está apegado a ela, como eu, como todos nós. Mas é chegada a hora.

Nicolau parecia surdo e não largava a suave mão da mais bela mulher que já amara. Então, ela o beijou com grande enlevo, na boca, demoradamente, e o enlace de suas mãos finalmente se desfez. Os dois poetas subiram na carruagem, que partiu imediatamente, deixando Nicolau estraçalhado e só no limiar do portão. Dois criados, surgidos do nada, abriram outra passagem, pela qual apareceu a perspectiva do Borgo, que saía do Vaticano e se perdia dentro de Roma.

Nicolau de Bernardo Maquiavel abanou por um bom tempo seu lenço, enquanto a carruagem desaparecia na distância. E chorou, sem se dar conta de que Leonardo se aproximara dele. Aquela voz grave o sacudiu.

- Grande mulher, Lucrecia Borgia, filha de Alexandre VI e irmã de César, o terrível Valentino... Agora é esposa de Alfonso d'Esté e duquesa de Ferrara. Dizem que se tornou mecenas das artes e modelo exemplar de virtude cristã.

- Não, Leonardo, você está enganado. Não é Lucrecia, não é duquesa, e pouco me interessa sua virtude. Aquela é Ginevra, meu único amor.

Nota do autor e agradecimentos

*Muitas notícias sobre Herófilo, Erasítrato e a "revolução esquecida" da Alexandria do século III a.C. foram extraídas do ensaio homônimo de Lucio Russo, que é, ao mesmo tempo, um estudo científico de rigor extremo e uma formidável leitura, capaz de alimentar a imaginação, muito mais fascinante do que qualquer romance (Lucio Russo, *La rivoluzione dimenticata*, Feltrinelli, Milão, 1997). Levei às extremas consequências algumas hipóteses formuladas ou apenas sugeridas pelo autor, mantendo, contudo, fidelidade à substância dos fatos e dos documentos citados. Sobre a transposição do rio Arno, cf. Roger Masters, *Machiavelli, Leonardo, and the Science of Power*, Notre Dame, London, 1998, mas, nesse caso, usei muito mais a imaginação.*

Claro está que qualquer erro ou mal-entendido deve ser atribuído exclusivamente a mim e não aos demais autores citados.

Todo o meu reconhecimento vai para Franco Cardini, amigo - e co-autor dos romances protagonizados por Dietrich Von Altenburg - que leu o primeiro rascunho do livro, verificou a verossimilhança histórica e me deu conselhos preciosos, chegando a vestir, para que eu visse, a púrpura cardinalícia. Agradeço também aos meus queridos amigos Daniele Cambiaso, que revisou com a costumeira concentração de sempre o texto definitivo, Andrea Sani, Cláudio Piccinini, o advogado Filippo Tagliaferri e Giulio Manetti, revisores linguísticos, doutrinários, jurídicos e filosóficos. Obrigado ainda a Giulio Leoni, por seu precioso itinerário romano.

Faço um agradecimento particular a Francesca Cristoffanini, Michele Rossi e Piergiorgio Nicolazzini, que continuaram a acreditar em mim.

Obrigado a Gianluca Bavagnoli pelo magnífico trabalho desenvolvido sobre o texto.

A moldura histórica:

Dados essenciais organizados por Daniele Cambiaso

A situação florentina e italiana no cenário internacional

Aproximadamente na metade do século XIV, Florença foi sacudida por guerras de facções entre os guelfos e pela posterior falência do banco dos Bardi, que causou uma grave crise econômica. Florença perdeu, assim, sua estabilidade e em 1342 foi submetida ao duque de Atenas, perdendo até mesmo sua independência comunal. Para agravar a situação, sobreveio uma peste (1347), que dizimou parte de sua população.

Todos esses acontecimentos puseram em crise as instituições da Comuna, que, para estabilizar a situação, voltou-se para as famílias de antiga estirpe, originando, de fato, um governo oligárquico. Foi quando se destacou a família dos Medici. Em 1434, o fundador da senhoria florentina, Cósimo II Vecchio, transformou em hereditária sua posição de chefe efetivo da cidade, mas sem subverter completamente a ordem comunal, criando uma espécie de "principado oculto".

Com Lorenzo, II Magnífico, neto de Cosimo II Vecchio, a senhoria de Florença atinge seu esplendor máximo, tanto no campo da cultura como no econômico. Até 1492, ano de sua morte, Florença também foi o centro da política italiana. Contudo, com a desaparecimento do Magnífico, rompeu-se o equilíbrio do qual ele se fizera o avalista: a oposição popular ao governo dos Medici cresceu e, com a descida do soberano francês Carlos VIII (1494) para a Itália, os opositores aproveitaram a ocasião para depor a senhoria.

Apesar do ato de submissão de Piero de Medici, filho de Lorenzo, ao soberano francês, alimentado pela esperança de que o apoio do soberano sufocasse o renovado espírito republicano florentino, os populares, liderados pelo frei Girolamo Savonarola, insurgiram-se e cassaram os Medici, restaurando a República.

Os seguidores de Savonarola e os partidários dos Medici recomeçaram as lutas que haviam caracterizado o século XIV e, em 1498,

o papa Alexandre VI condenou o frade, que fora abertamente hostil a ele, à morte na fogueira. Justamente naqueles dias, foi nomeado secretário da Segunda Chancelaria Nicolau Maquiavel, que, no ano seguinte, passou para a secretaria dos Dieci di Balìa. Essa magistratura tinha como função dirigir a política externa da Comuna. De fato, Maquiavel recebeu várias missões diplomáticas na Itália e no exterior, ocasiões em que entrou em contato com as maiores personalidades políticas daquele tempo.

Com a morte de Carlos VIII, aos 28 anos, e a consequente extinção do ramo primogênito dos Valois, subiu ao trono da França, com o nome de Luís XII, o duque de Orléans, aos 36 anos.

Luís XII alimentava uma ambição desmedida e desejava expandir-se para a Lombardia e para a região de Nápoles. Assegurada a paz com o rei da Espanha, Fernando, o Católico, e celebrada uma trégua com o imperador Maximiliano, ele se dedicou à busca de aliados na península. O primeiro foi o papa Alexandre VI, que tentou utilizar a alteração do quadro político para definir um domínio em favor do filho César Borgia, investido do título de duque de Valentinois. Além disso, Luís XII aliou-se com Veneza, que decidiu alinhar-se contra Ludovico Sforza, chamado o Mouro, senhor de Milão, para poder conseguir expandir-se territorialmente. Ludovico não podia contar com nenhum aliado: os florentinos permaneceram neutros, enquanto Federico, rei de Nápoles, estava ocupado na defesa de seus próprios territórios. Para tentar aliviar a pressão, Ludovico, o Mouro, instigou o sultão dos turcos, Baiazet, a atacar Veneza. Nasce, assim, um conflito no Adriático e no Mediterrâneo oriental que se arrastou, com acontecimentos alternados, até 1502, quando foram feitas tratativas de paz, que encontraram sanção oficial nos acordos de 1503.

Nesse ínterim, Luís XII havia dado início às operações contra Milão, enviando um exército comandado por Gian Giacomo Trivulzio, aproveitando da ação de batedores das tropas venezianas que assediavam Cremona. O rápido avanço das armadas francesas e o crescimento do descontentamento na cidade, devido à forte pressão fiscal exercida, levaram Sforza a abandonar Milão em 2 de setembro de 1499. No dia 6 de

outubro, Luís XII entrou solenemente em Milão, reverenciado pelos embaixadores dos principais estados italianos. Ludovico, o Mouro, em fevereiro de 1500, deu início à reconquista do ducado de Milão, para onde conseguiu voltar em pouco tempo, mas seu êxito foi provisório, porque, durante o assédio de Novara, foi vítima de traição dos mercenários suíços que estavam a seu serviço. Foi capturado em 10 de abril de 1500, enquanto tentava afastar-se da cidade assediada. Levado a Lião, acabou seus dias preso na torre de Loches, onde morreu em 27 de maio de 1508.

Enquanto isso, na Itália central, César Borgia, conhecido como o duque Valentino, levava à frente seus próprios planos expansionistas com habilidade e com a ajuda das tropas francesas. Entre 1500 e 1501, apossou-se da Romagna, onde criou um ducado; logo, a Toscana virou alvo de Valentino. Ele ordenou que Florença não interviesse em favor de Piombino, que submeteu a assédio, deixando à frente da iniciativa Vitellozzo Vitelli e Baglioni, para juntar-se ao exército francês, que se preparava para atacar o Reino de Nápoles.

Essa iniciativa fora planejada por Luís XII em pleno acordo com o rei da Espanha, Fernando, o Católico. Os franceses ficaram com Abruzzi, Nápoles e a Terra dei Lavoro, enquanto aos espanhóis coube ficar com a Puglia e a Calábria. Com a expulsão de Federico de Nápoles, extinguiu-se, em agosto de 1501, o domínio sobre a região de Nápoles exercido pela dinastia aragonesa, que já durava 65 anos.

Ao voltar, vitorioso, a Roma, Valentino recebeu a notícia do resultado favorável do assédio a Piombino (3 de setembro de 1501) e do andamento favorável assumido pela luta de seu pai, Alexandre VI, contra as famílias rivais dos Orsini e dos Coionna. Além disso, os Este, de Ferrara, tentavam consolidar a própria posição até mesmo com a política dos parentescos e Lucrecia Borgia, irmã de Valentino, foi dada em casamento a Alfonso d'Esté, filho do duque de Ferrara (30 de dezembro de 1501). Se, no passado, algumas circunstâncias obscuras lançaram sombra sobre essa enigmática figura feminina (sobretudo o assassinato do duque Alfonso di Bisceglie, seu segundo marido, por obra de sicários

armados, provavelmente enviados por Valentino), desse momento até a morte, ocorrida em junho de 1559, Lucrecia teria se comportado de maneira irrepreensível, conquistando o amor e a estima do esposo e de seus súditos.

Nesse meio tempo, tinha sequência a expansão do duque Valentino, que ocupou, mediante traição, Urbino e Camerino e deu sinais de que queria fazer de Bolonha a capital de seu território. Mas primeiro precisou se ocupar da rebelião de seus comandantes, que tinham se juntado em uma liga por terem medo, não sem razão, de estarem destinados a um fim horrível. Depois de um êxito inicial, a falta de apoios externos (especialmente de Veneza e de Florença, que enviou Maquiavel a Valentino para lhe garantir a própria estranheza com a revolta) e o apoio de Luís XII a Valentino frustraram os objetivos dos revoltosos, que tentaram se reconciliar com César Borgia. Tendo reconquistado a posse de seus territórios, Valentino fingiu estar de acordo com os chefes revoltosos, para depois eliminá-los ferozmente. A consolidação do domínio temporal dos Borgia na Itália central era, à época, um dado de fato, mas excessivamente ligado à ação conjunta dos dois protagonistas.

No entanto, em junho de 1502, na Itália meridional, franceses e espanhóis, que tinham se tornado inimigos por questões de fronteiras, enfrentaram-se em uma luta que culminaria, em 13 de fevereiro de 1503, com o célebre desafio de Barletta, que abriu caminho para a vitória dos exércitos espanhóis, apoiados pelos Colonna, e para a perda do território de Nápoles por parte das tropas de Luís XII. Esse rei francês juntou e enviou um exército para expiar a desonra sofrida, temendo também uma deserção de Valentino, que mantinha ligações com ambos os adversários, mas a partir daquele momento a estrela dos Borgia estava destinada a declinar. De fato, no dia 15 de agosto de 1503, Alexandre VI morria de repente e o próprio duque Valentino adoecia, talvez por um erro fatal na administração de veneno durante uma ceia com o cardeal Adriano da Corneto. César Borgia, destroçado pela doença, não conseguia controlar os acontecimentos e as eleições do novo papa, ao mesmo tempo em que todos os adversários reerguiam a cabeça e progressivamente retomavam a

posse de seus domínios, com a ajuda interessada de Veneza. Dessa maneira, quando, depois do breve pontificado de Pio III, no dia 1º de novembro de 1503, subiu ao trono pontifício Júlio II, que se chamava civilmente Giuliano Della Rovere, a ruína dele foi completa. Apesar das declarações iniciais de apoio e de amizade, Júlio II mandou prender Valentino em Ostia e, em abril de 1504, sofisticou ainda mais a saída dele de cena ao enviá-lo como prisioneiro à Espanha, onde morreria junto ao rei de Navarra, seu cunhado. Nesse meio tempo, o exército francês, tendo atravessado a Itália, finalmente chegava a Garigliano, mas a expedição contra os espanhóis estava destinada a sofrer estrondosa derrota. Naquele momento, é sancionada uma trégua de três anos entre os dois adversários com o acordo de Lião (11 de fevereiro de 1504).

A trégua estabelecida entre a França e a Espanha reacendeu, em maio de 1504, com força redobrada, as hostilidades entre Pisa e Florença. Esta última que, desde 1502, elegera como gonfaloneiro perpétuo Pier Soderini, recrutou mediante soldo Gian Paolo Baglioni, MarcAntonio Colonna e os Savelli e entregou os próprios exércitos a Ercole Bentivoglio. Contudo, os resultados foram decepcionantes para os florentinos, que conseguiram apenas devastar os territórios inimigos, conquistar o castelo de Ripafratta e sua tentativa de fazer a transposição do Arno faliu miseravelmente. No ano seguinte, os homens de Pisa derrotaram um exército florentino, mas a intervenção de Bentivoglio restabeleceu a situação e o assédio de Pisa arrastou-se fatigosamente por mais longos anos, até a rendição da cidade (1509). A guerra deixara indiscutivelmente a nu a vulnerabilidade de Florença e sua queda para potência de segunda categoria entre as regiões italianas. Exclusivamente duas potências teriam podido determinar uma evolução positiva da história italiana, e elas eram Florença e o Estado pontifício. Mas elas encontravam-se divididas por rivalidades territoriais. De fato, Júlio II estava decidido a submeter todos os territórios da Romagna à autoridade papal. Para tanto, deu início a uma eficaz ação diplomática voltada a reunir fortes aliados contra a rival, consolidando, de fato, o papel e o prestígio de Luís XII na península italiana ao término das guerras

derivadas da liga de Cambrai. Deve-se registrar como, entre as consequências do novo quadro político, aconteceu o retorno a Florença, em 1512, de Lorenzo II de Medici, filho de Piero e neto do Magnífico. Conseguiu regressar a Florença graças ao apoio do papa e da Liga Santa: um exército espanhol, comandado por Raimondo de Cardona, invadiu o Mugello e saqueou Prato e Campi Bisenzio de modo horrendo. Diante de tais devastações, os florentinos se renderam e aceitaram o retorno da casa dos Medici.

César Borgia - *Nascido em Roma entre 1474 e 1475, o segundo dos quatro filhos bastardos que Rodrigo Borgia (papa Alexandre VI) tivera com sua amante Vanozza de' Cattanei foi criado na corte papal. Destituído aos 24 anos da púrpura cardinalícia, foi nomeado duque de Valentinois por Luís XII, que tinha o interesse de fazer aliança com Alexandre VI para expandir os próprios domínios da Itália. Ocupado o ducado de Milão, ao lado de Luís XII em setembro de 1499, com o apoio das armas francesas, deu início à conquista da Romagna, em cujo ducado foi investido por nomeação papal em maio de 1501. Seu projeto de criação de um reino na Itália central avançou com a ocupação de Piombino e a tomada, por traição, do ducado de Urbino. Suas aspirações sofreram um primeiro refreamento em 1502 com a sublevação dos principais comandantes a seu serviço, a qual ele desbaratou com astúcia e cinismo, fingindo uma disponibilidade de acordo enquanto escondia sua decisão real de eliminar fisicamente os conspiradores. O fim definitivo da expansão de Valentino ocorreu no ano seguinte, com a morte repentina e misteriosa (não se sabe se por malária ou se por um erro fatal no manuseio de veneno) de seu pai, Alexandre VI, seu nune tutelar, e com sua própria e simultânea doença. Enfermo, teve de enfrentar debilitado a difícil fase de transição que levou Giulio II Della Rovere ao trono pontifício. Della Rovere não apenas não respeitou o acordo de mantê-lo à frente de seus territórios, como mandou prendê-lo em novembro de 1503 em Ostia, enquanto ele tentava embarcar para La Spezia, na tentativa de chegar a seus periclitantes domínios na Romagna, e as fortalezas que lhe*

restavam passaram para o controle direto do papa. Em abril de 1504 César Borgia foi enviado a Nápoles. Depois de ser recebido com todas as honras, Consalvo di Cordova prendeu-o e enviou-o para a Espanha, onde foi mantido como prisioneiro do rei Fernando, em Medina del Campo. Conseguiu fugir, buscou abrigo junto a seu cunhado, o rei de Navarra, e morreu ingloriamente em um combate em que enfrentou os adversários do cunhado, atravessado por mais de vinte golpes de espada.

Nicolau Maquiavel - *Nasceu em Florença, no dia 3 de maio de 1469, de uma nobre e antiga família florentina. Sabemos muito pouco de sua formação e experiências de juventude, com exceção de uma carta escrita em 1498 com uma crítica ardorosa à ação política de Savonarola, a qual permite antever o estilo e a argúcia de juízo que caracterizam sua obra mais madura.*

Naquele ano, foi nomeado secretário da Segunda Chancelaria da República florentina, e logo seus dotes de lealdade e de inteligência, particularmente valorizados por Soderini, gonfaloneiro da República, valeram-lhe os delicados encargos de "observador", que o levaram aos pontos nevrálgicos da política florentina, italiana e europeia daquele tempo. Temos testemunho disso em algumas obras literárias (Do modo de tratar os povos do Vale do Chiaria rebelados; Descrição do modo de que se serve o duque Valentino...; Descrição das coisas de França; Descrição das coisas de Magna), mas recordaremos especialmente seus dois comissionamentos para a França, junto à corte de Luís XII (1500 e 1504), aquele no campo do exército florentino que assediava Pisa, ou o comissionamento junto a César Borgia, chamado Valentino, cujas ambições de poder ameaçavam a própria Florença. Com o advento de Júlio II na cena política, em 1506, ele foi enviado como embaixador junto ao papa e ao imperador Maximiliano (1507), assistiu à queda definitiva da obstinada defesa de Pisa (1509) e foi para a França às vésperas da proclamação da Liga Santa contra os franceses (1510).

Com o afastamento dos franceses da península, enfraqueceu-se o principal apoio da República florentina. Diante disso, em 1512, foi

restaurado em Florença o domínio dos Medici, com o suporte do exército espanhol, e a carreira política de Maquiavel estava aniquilada para sempre. Privado de cargo político e confinado por um ano em sua vila do Albergaccio, perto de San Casciano, foi ainda preso e torturado sob suspeita de cumplicidade com a conspiração de Boscolo e de Capponi contra os Medici.

Entre 1512 e 1525, durante esse distanciamento forçado da vida política ativa, escreveu suas maiores obras, fruto da apaixonada meditação sobre o presente e sobre as grandes figuras históricas do passado, e assim nasceram os Discursos sobre a primeira Década de Tito Lívio e, sobretudo, O príncipe - duas obras fundamentais. Com elas, Maquiavel lançou as bases de uma nova ciência, a política, completamente distinta da moral e da religião.

Os últimos anos de vida de Maquiavel voltaram a ser ocupados pelos fatos políticos. Quando, em 1525, aproximou-se a ameaça da descida de Carlos V para a Itália, ele tratou de elaborar um plano de defesa, apoiando-se no comandante Giovanni dalle Bande Nere. Mas, em 1527, quando ocorria o saque de Roma e a nova expulsão dos Medici de Florença, Nicolau se findava.

Girolamo Savonarola - *Nasceu em Ferrara, em 1452, provavelmente de família modesta. Formou-se em estudos de filosofia, medicina, desenho e música para, depois, entrar para a ordem dominicana em Bolonha, em 1474, quando começou a manifestar o desejo de uma renovação espiritual da Igreja e dos costumes nas obras De ruina mundi e De ruina Ecclesiae. Pregou em Ferrara, Florença, Bolonha, Brescia e Gênova, insistindo sempre na necessidade de uma penitência geral que possibilitasse a salvação das almas. Então, foi chamado a Florença pelo Magnífico, onde continuou sua obra moralizadora. O prestígio do frade aumentou por ele ter antecipado em suas pregações a vinda à Itália de Carlos VIII e a expulsão de Piero de Medici, fatos que levaram à criação da República florentina, na qual desempenhou papel de grande destaque, influenciando a reforma da constituição republicana numa direção*

"demoteocrática" (1494) e tornando-se seu intérprete, como severo fustigador dos costumes. Sua visão moralizadora levou-o a discordar do papa Alexandre VI, que, em 1495, proibiu-o de continuar com sua atividade de pregador, antes de, dois anos depois, excomungá-lo por heresia. A situação interna de Florença piorara até mesmo politicamente, porque, apesar do apoio dos chorões, via-se no dever de enfrentar como "profeta desarmado" (como o definiu muito apropriadamente Maquiavel) o crescimento do descontentamento, fomentado por seus adversários, entre os quais se distinguiam os bigi (partidários dos Medici), os arrabbiati (partido oligárquico mais intransigente) e os compagnacci (os que não admitiam seu rigor moral). A insurreição popular de 1498 decretou seu fim como político e, depois de muitas torturas e de três processos, dos quais participaram delegados papais, foi condenado a ser pendurado em uma cruz e queimado, como herege e impostor. Depois da execução da sentença, ocorrida em maio do mesmo ano, suas cinzas foram espargidas nas águas do Arno.

Magistrado municipal de algumas repúblicas italianas na Idade Média (*Aulete Digital* - Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa). (N. T.)

Senhoria: domínio, direitos feudais sobre uma terra (*Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*); domínio de um Estado ou senhor sobre uma terra (*Aulete Digital* - Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa). (N. T.)